

ISABELLA
MALDONADO

A
CIFRA





A
CIFRA

**ISABELLA
MALDONADO
A
CIFRA**

Tradução
Monique D'Orazio



Título original: *The cipher*
Copyright do texto: © 2020 Isabella Parra
Todos os direitos reservados.

Publicado por Thomas & Mercer, Seattle
www.apub.com
Amazon, o logotipo da Amazon e Thomas & Mercer são marcas registradas da Amazon.com, Inc., ou de suas afiliada

Copyright desta edição: © 2023
Culturama Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Vico Costa, 54, Cidade Nova
Caxias do Sul - RS - 95112-095
sac@culturama.com.br
www.culturama.com.br
(54) 3027.3827

DIRETOR-GERAL

Fabio Hoffmann

DIRETORA

Juliana Corso Thomaz

GERENTE EDITORIAL

Naihobi Steinmetz Rodrigues

EDITORIA-CHEFE

Sabrina Didoné

TRADUÇÃO

Monique D'Orazio

CAPA

Laywan Kwan

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO:

Rafaela Villela e Livros Design

REVISÃO

Marina Ávila Birriel e Vânia Valente

A ficha catalográfica deste livro encontra-se em poder da Editora.

ISBN (e-book): 978-65-5524-993-4

Grafia atualizada seguindo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem permissão expressa por escrito do editor.

VISITE NOSSAS REDES SOCIAIS:

 fb.com/culturamaeditora  @culturamaeditora 
youtube.com/culturamaeditora

*Para Mike,
a outra metade do meu coração.
Eu te amo.*



SUMÁRIO

[ANTERROSTO](#)
[FOLHA DE ROSTO](#)
[PÁGINA DE DIREITOS AUTORAIS](#)
[DEDICATÓRIA](#)
[SUMÁRIO](#)

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)

[AGRADECIMENTOS](#)



Capítulo 1

Dez anos antes

Tribunal Distrital de Relações Domésticas, da Infância e da Juventude do Condado de Fairfax, Virgínia

NINA ESPERANZA olhava para o homem que tinha seu destino nas mãos. Em silêncio, o juiz Albert McIntyre examinava os documentos apresentados. Ela forçou seu pé a parar de balançar debaixo da longa mesa de carvalho e ajustou suas feições no que ela esperava que fosse uma expressão educada. Os documentos haviam sido protocolados, o testemunho havia chegado ao fim — só restava o veredicto.

O juiz parou de ler e olhou para ela, avaliando-a antes de falar.

— Estou preparado para finalizar sua petição ao tribunal, mas, antes disso, quero ter certeza de que a senhorita tem plena consciência das consequências dessa decisão. Este veredicto não poderá ser revertido. A senhorita terá total responsabilidade por quaisquer ações que tomar ou acordos que celebrar a partir de agora.

O guardião *ad litem* de Nina, Cal Withers, puxou o colarinho da camisa.

— Minha cliente aceita os termos, meritíssimo.

Withers era o advogado nomeado pelo tribunal para representar os interesses de Nina. Aos dezessete anos, ela não poderia peticionar ao tribunal por conta própria. O cabelo prateado de Withers, suas rugas profundas e sua eficiência tranquila exprimiam experiência. Sua expressão preocupada era testemunha dos anos passados litigando no imprevisível sistema judicial na Vara da Infância e da Juventude, que poderia se traduzir em justiça ou injustiça, a depender das circunstâncias.

O juiz lançou um olhar para Withers antes de dirigir suas palavras seguintes para a garota cuja vida ele estava prestes a mudar de maneira irrevogável.

— Eu entendo por que a senhorita está peticionando neste tribunal para sua emancipação. Especialmente dada a sua situação atual.

As poucas pessoas autorizadas a participar da audiência fechada se remexeram nos assentos, mas Nina se recusou a se encolher na cadeira. Depois dos acontecimentos, ela fizera um voto particular de nunca mais voltar ao sistema. Se o juiz não decidisse a seu favor, ela fugiria novamente. E, desta vez, ninguém a encontraria até que ela passasse pelo seu aniversário de dezoito anos.

— A senhorita demonstrou que pode se sustentar — disse o juiz McIntyre. — Mas quais são seus planos daqui por diante? Tem um objetivo para o futuro?

Withers falou antes que ela pudesse se manifestar:

— Meritíssimo, os documentos que protocolamos demonstram uma admissão antecipada na George Mason University. Minha cliente também recebeu uma bolsa de estudos e recursos para ajudar com as taxas escolares.

Ela tem um emprego de meio período e vai morar em um dormitório no campus onde ela...

O juiz levantou uma mão manchada pela idade.

— Gostaria de ouvir a jovem falar por si mesma.

Withers tentou intervir, para poupá-la daquele momento. Ele e a assistente social de Nina a haviam aconselhado antes da audiência. Se o juiz perguntasse sobre seus planos de carreira, eles sugeriram que ela fizesse um discurso comovente sobre como havia pensado em se tornar enfermeira, lecionar no jardim de infância ou ingressar no Corpo da Paz. Para todos os efeitos, não era mentira. Ela *já havia* contemplado essas opções. Por cerca de um nanossegundo. Então ela percebeu o que deveria fazer com o resto de sua vida. Mas o juiz aceitaria sua escolha?

Debaixo da mesa, Withers cutucou o pé dela com o seu. Nina sabia o que ele queria que ela dissesse. Por outro lado, nunca fazia nada só porque alguém dizia que ela deveria. Provavelmente porque havia saltado de um lar adotivo para outro.

Ao tomar sua decisão, ela endireitou os ombros e optou pela verdade:

— Vou entrar no programa de Justiça Criminal da GMU (George Mason University). Depois da formatura, vou me juntar ao departamento de polícia, trabalhar como detetive e passar o resto da minha carreira colocando atrás das grades monstros que atacam crianças.

Withers esfregou o rosto com as mãos. A assistente social do condado balançou a cabeça.

Nina ignorou a reação deles, concentrando sua atenção no juiz.

— O plano atende ao que o senhor entende por futuro, meritíssimo?

O juiz McIntyre estreitou os olhos.

— Vai continuar com o aconselhamento?

— Sim, senhor.

— As circunstâncias a tornaram muito independente em tenra idade, srta. Esperanza — disse o juiz McIntyre.

— Mas permita que os outros a ajudem quando for preciso. Lembre-se disso.

O tribunal ficou em silêncio. Todos os olhos estavam fixos no juiz. À espera.

Nina sentiu seus nervos já em frangalhos serem forçados até o ponto de ruptura. Por acaso havia acabado de fazê-lo duvidar de que conseguia lidar com o que havia acontecido com ela? Sentiu a respiração parar.

Depois de uma eternidade, a voz profunda do juiz quebrou o silêncio.

— Vou deferir a petição.

Ela exalou com um longo suspiro.

— Agora, para o tema restante. — O sorriso morreu nos seus lábios enquanto o juiz continuava em um tom sombrio: — A petição para mudança de nome. — Ele ergueu um documento autenticado. — Você está solicitando mudar seu nome de Nina Esperanza para Nina Guerrera. Os autos indicam que a senhorita deseja escolher um nome em vez de continuar a usar o que lhe foi atribuído. Seria possível fazer a alteração quando completasse dezoito anos, no ano que vem, então, por que a pressa?

Withers encontrou sua voz.

— Meritíssimo, minha cliente recebeu seu atual nome legal da primeira assistente social que se encarregou dela, quando ficou claro que a adoção seria... — Ele lançou a Nina um olhar que parecia um pedido de desculpas — ... improvável.

Ela baixou o olhar para as mãos entrelaçadas. Quando era uma garotinha, não estava entre aquelas que tinham cachinhos loiros saltitantes e olhos azuis brilhantes. Não tinha pele de porcelana ou bochechas

rosadas. Os assistentes sociais nunca se referiam a ela como “doce” ou “tímida”. Em vez disso, ela ouvia fragmentos de conversa entremeados por palavras como “teimosa” e “obstinada”. Podia não entender completamente o significado dessas palavras, mas sabia que esses termos — junto com seus cabelos escuros, olhos castanhos e pele amorenada — a diferenciavam das outras garotas. As meninas que eram adotadas.

Withers apressou-se para preencher o silêncio constrangedor.

— Ela não teve voz no assunto e acredita que a ocasião de sua emancipação da tutela do estado da Virgínia é o momento apropriado para escolher um nome que reflita seu novo percurso.

O juiz levantou uma sobrancelha grisalha para ela.

— Seu novo percurso?

Ela levantou a cabeça para encontrar o olhar do juiz.

— O senhor fala espanhol?

— Não falo.

Ela respirou fundo. A sinceridade total era sua melhor opção.

— Eu localizei minha primeira assistente social, de quando entrei no sistema, dezessete anos atrás.

A expressão do juiz anuviou-se.

— Estou ciente das... circunstâncias.

Circunstâncias. Um termo clínico e neutro destinado a proteger seus sentimentos. O juiz provavelmente achava que estava sendo atencioso, mas era impossível dourar a pílula.

Ela havia sido deixada para morrer em uma lixeira quando tinha um mês de idade.

Nina engoliu o nó na garganta e continuou:

— O nome dela é Myrna Gonzales. Ela me disse que, no começo, eu me chamava Bebê Jane Doe. Ela queria que eu tivesse um nome de acordo com a minha origem

étnica, então me chamou de Nina, derivado de *niña*, que significa “menina” em espanhol. Ela também esperava que eu fosse uma das crianças que teria um final feliz, que seria adotada por uma família amorosa, então me chamou de Esperanza, que significa “esperança”. — O nó em sua garganta se expandiu, sufocando suas últimas palavras. — Eu não tive esse final feliz.

— Não — disse o juiz McIntyre. — A senhorita não teve.

Ele não tentou ser paternal, o que ela apreciou.

— Mas por que Guerrera? — ele queria saber.

— Em espanhol, *guerrera* significa “guerreira” ou “lutadora”.

O juiz levou um momento para digerir suas palavras antes que seus olhos refletissem a compreensão.

— Garota guerreira.

Ela inclinou a cabeça em reconhecimento.

— Eu desisti da esperança — Nina declarou em tom calmo, e então levantou o queixo. — De agora em diante, eu luto.

Capítulo 2

Dias atuais

Parque do Lago Accotink, Springfield, Virgínia

RYAN SCHAEFFER conteve a empolgação que sentia. Precisava manter a cabeça no jogo. Uma grande dose de preparação cuidadosa havia levado àquele momento. O sol do fim da tarde se derramava através da densa copa das árvores, salpicando a trilha de corrida que se via abaixo. Uma brisa quente de primavera sussurrava pela sebe, e o leve aroma de azaleias proporcionava alívio momentâneo ao odor pungente de suor impregnado em seu melhor amigo.

Zippo colocou a cabeça acima dos arbustos para dar uma olhada na corredora.

— Aí vem ela. — Ele segurou os binóculos nos olhos, focando na trilha sinuosa perto da margem do Lago Accotink. — Consigo ver aquela regata rosa-neon que ela está vestindo.

— Me deixe ver. — Ryan arrancou os binóculos das mãos de Zippo, o que deu vazão a uma torrente de palavrões. — Ah, sim. — Seus batimentos dispararam

quando ele conseguiu uma imagem mais clara. — Ela é gostosa.

O cabelo escuro curto da corredora estava úmido de suor e era sexy como a roupa de Lycra que se agarrava ao seu corpo tonificado. Ele estudou o ritmo constante dos passos que a aproximavam do esconderijo em que estavam. Seu sangue aqueceu.

— E ela é pequena — disse Zippo. — Não deve pesar mais do que cinquenta quilos. Quanta luta ela consegue aguentar? — Ele cutucou as costelas de Ryan com um cotovelo ossudo. — Vai ser fácil pra você, cara.

Cursando o último ano do ensino médio na East Springfield High, Ryan já era maior que seu pai. Quatro anos no futebol americano o haviam ensinado a alcançar um corredor. Zippo estava certo, ele poderia pegá-la sem suar a camisa. Eles vinham ao parque todos os dias nas férias de primavera, à caça. Naquele dia, finalmente haviam encontrado a perfeita... como Zippo a tinha chamado? *Presa*. Eles eram os caçadores, e ela era sua presa.

Ele lançou um olhar para Zippo.

— Você não vai amarelar, né?

Zippo agarrou o volume entre as pernas.

— Cara, minha espingarda está carregada.

Ryan fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Você filma?

Zippo ergueu o celular descartável que havia comprado na semana anterior.

— A postos.

Ryan iria primeiro, enquanto Zippo transmitiria tudo ao vivo. Ele jurou que os policiais não podiam rastrear nada que chegasse até eles. Ryan tinha conseguido os dois gorros de esqui que cobriam o rosto, para que pudessem trocar de lugar assim que ele terminasse com ela.

Ryan deu um sinal de positivo. Aquilo seria épico. Ele olhou para trás através das lentes.

— Ela vai estar na posição em uns trinta segundos. Melhor se posicionar.

Os dois colocaram os gorros. Zippo se agachou e enfiou o celular em um buraco na sebe.

Ryan apoiou um joelho e as duas mãos no chão ao lado da parte mais fechada da vegetação. Ela não o veria até que fosse tarde demais. Observou-a se aproximar. Tinham escolhido um lugar perto do final da pista de corrida, imaginando que ela estaria cansada se tivesse corrido o caminho todo, mas isso não importava. Ela era pequena. De perto, seus olhos castanhos pareciam enormes no rosto pequeno. Ele faria aqueles olhos se arregalarem ainda mais. Com o corpo vibrando com a antecipação, ele se concentrou e esperou.

No instante em que ela passou correndo, Ryan se lançou em sua direção, batendo com o ombro nas costas dela com todo o seu peso.

Ela caiu de cara, batendo de bruços na grama ao lado da trilha. Ele a havia deixado sem fôlego, mas imaginou que ela se recuperaria o suficiente para gritar em poucos segundos.

Não podia deixar isso acontecer.

Ela rolou, e ele jogou seu corpo sobre ela novamente, esmagando-a com toda a sua força. Ryan ouviu o ar sair dos pulmões dela em um grunhido e soube que tinha conquistado mais alguns segundos de silêncio.

Antes que ele estivesse preparado, ela começou a lutar. Uma de suas mãos se elevou, empurrando o nariz dele. Ele uivou e afastou a mão dela. Enquanto tentava agarrar seus braços, a corredora elevou o joelho e o acertou na virilha. Apertando os dentes, ele conseguiu evitar rolar sobre ela e se dobrar.

De repente, ele se deu conta: se não recuperasse o controle rapidamente, aquela garota louca quebraria sua

cara. Prendendo as pernas dela com as coxas, ele agarrou seus pulsos. Eram tão finos que ele poderia facilmente segurá-los em uma só mão. Agarrou um e se atrapalhou com o outro, quando sentiu uma dor lancinante na carne macia entre o maxilar e o pescoço, logo abaixo do lóbulo da orelha.

Ryan levantou a cabeça, afastando-se ligeiramente, e vislumbrou algo preto em sua mão livre. Ela o havia esfaqueado? Não havia sangue. Ainda segurando um de seus pulsos, ele moveu o outro braço para trás para socar o rosto da corredora, quando a agonia voltou a acionar cada nervo acima de seus ombros. Ela continuou cravando aquela coisa preta na lateral de seu pescoço.

Todos os pensamentos cessaram com a dor mais excruciante que ele já havia sentido. A sensação era avassaladora, devastadora, imobilizadora.

Onde estava Zippo? Uma pequena parte da sua mente ainda capaz de funcionar entendeu que ele precisava de ajuda para derrubar uma mulher com menos da metade do seu tamanho. No que diabos ele havia se metido? Ao disparar um olhar para a esquerda, viu as costas da camiseta cinza de Zippo esvoaçando enquanto ele fugia. Ia matar aquele rato na primeira chance que tivesse. Os espasmos nos nervos diminuíram um pouco, e ele percebeu que a mulher embaixo dele estava falando.

Seus enormes olhos castanhos se estreitaram em fendas.

— Qual é o seu nome?

A dor intensa havia reduzido seus processos de pensamento ao nível mais primitivo. Suas sinapses disparavam para uma única questão.

— Você está me machucando.

— Estou? — Ela pressionou mais forte, fazendo a sua visão borrar nas bordas. — Nossa, nem acredito... Aqui vai um conselho. Não pule em mulheres no parque.

Ele só conseguiu fazer um protesto débil.

— Eu não... era só uma pegadinha. Não era nada sério.

— Me poupe. — O lábio dela se curvou. — Você está preso.

Tudo desabou sobre ele quando as palavras dela mandaram seu futuro brilhante em uma espiral descendente para dentro da escuridão. Menos de cinco minutos antes, ele ia para a faculdade com uma bolsa integral para jogar futebol americano. Agora ele jogaria basquete no pátio da prisão.

Seus olhos lacrimejantes encontraram o olhar firme dela.

— P-policial?

— Agente Especial Nina Guerrero. — Sua voz tornou-se um sussurro: — FBI.

Capítulo 3

No dia seguinte

FBI, Washington, DC, escritório local

NINA ESTAVA sentada na beirada de uma cadeira de vinil na área de espera do lado de fora da sala do agente especial encarregado, Tom Ingersoll. Ele estava enfurnado lá dentro com o agente especial supervisor Alex Conner, seu chefe imediato, havia meia hora.

Conner havia deixado uma mensagem na recepção solicitando que ela comparecesse ao escritório do supervisor assim que chegasse para o trabalho naquela manhã. Em dois anos de atuação no escritório local de Washington, seu primeiro posto depois de ingressar no FBI, ela nunca havia sido convocada para ver Ingersoll. Certa de que isso tinha algo a ver com sua corrida no parque no dia anterior, Nina repassou os eventos em sua mente pela centésima vez, incapaz de descobrir o que — se é que havia alguma coisa — ela havia feito de errado.

Tocou cuidadosamente a lateral do corpo e estremeceu. Será que o imbecil tinha quebrado uma das suas costelas com a colisão? Cada músculo doía como

consequência do peso esmagador daquele sujeito no choque contra seu pequeno corpo. A delegacia de polícia local havia chamado uma ambulância, mas ela dispensou os paramédicos, que então se certificaram de que seu agressor não havia sofrido ferimentos duradouros. Ela recusou o transporte para o hospital e passou o resto da noite prestando depoimento a seus ex-colegas da polícia do condado de Fairfax. Agora ela se perguntava se um raio X no pronto-socorro poderia ter sido uma atitude mais inteligente.

Conner abriu a porta, interrompendo assim suas elucubrações.

— Estamos prontos para recebê-la agora.

Ela se levantou e entrou no escritório, com o semblante confiante. Uma vez lá dentro, cumprimentou Ingersoll com um breve aceno de cabeça antes de se sentar em um dos dois assentos posicionados na frente de sua mesa.

— Fiquei preocupado ao saber o que aconteceu no parque ontem — começou Ingersoll. — Fico feliz em ver que você está bem.

— Estou bem, senhor. Obrigada.

Conner sentou-se ao lado dela.

— De acordo com o relatório da polícia, você usou uma caneta tática no seu agressor.

Os agentes podiam portar armas fora de serviço, e eram encorajados a fazê-lo, mas correr era algo um pouco mais complicado. Ela não podia correr pelo parque segurando uma arma sem que alguém chamasse a polícia, e não havia lugar para guardá-la no seu traje de corrida. Dadas as suas escolhas limitadas, um pequeno dispositivo era a melhor opção.

Ela deslizou a caneta do bolso interno da jaqueta e a estendeu para ele.

— Sempre carrego algo para defesa pessoal quando vou correr.

Conner pegou o instrumento oferecido, girando o cilindro para estender a ponta de escrita.

— Concordo que uma... pessoa solitária em um parque densamente arborizado deve tomar precauções razoáveis.

Ela tinha certeza de que Conner quase dissera “mulher solitária”, mas conseguiu se conter antes que a ponta dos seus sapatos tamanho 43 acabassem dentro da boca.

Ingersoll pegou a caneta na mão estendida de Conner para inspecioná-la.

— Essa não é a do tipo padrão.

— Eu costumava carregá-la comigo, como quando era policial de patrulha, antes de vir para o Bureau. Uma vez, usei a ponta de carboneto da parte traseira para quebrar uma janela de carro. — Ela deu de ombros. — Uma ferramentinha bem útil.

A estrutura preta de liga de alumínio, um pouco mais grossa que uma caneta esferográfica normal, parecia bastante inocente. Em mãos treinadas, no entanto, o dispositivo poderia ser letal.

— O relatório da polícia diz que você usou a técnica do ângulo mandibular — disse Ingersoll, entregando o objeto de volta para ela.

A manobra dominava o oponente sem força desnecessária. Ela havia pressionado a ponta da caneta em um local específico no pescoço dele, causando uma dor excruciante que se bifurcava como uma corrente elétrica ao longo do nervo alveolar inferior. Depois que fez isso, ela manteve seus comandos curtos e simples. O cérebro do agressor, sobrecarregado por estímulos de receptores de dor, não processava instruções complexas. Quando ele obedeceu, ela usou uma manobra de restrição para detê-lo enquanto um transeunte chamava a polícia. O celular dela havia sido esmagado durante o ataque.

Ingersoll pegou um arquivo de sua mesa e mudou efetivamente de assunto.

— Esta é uma cópia do relatório do incidente da polícia do condado de Fairfax. — Ele abriu a pasta. — Você tem acompanhado a história no noticiário ou pela internet?

Ela olhou de Ingersoll para Conner e vice-versa.

— Meu celular foi pulverizado e não assisti à televisão esta manhã. O que está acontecendo?

Ingersoll olhou para os papéis em sua mão.

— Ryan Schaeffer não estava trabalhando sozinho quando atacou você.

— A polícia local me falou que ele tinha um cúmplice — disse ela. — Eles o localizaram depois que Schaeffer o entregou.

Ingersoll virou para outra página do arquivo.

— Você está ciente de que o cúmplice transmitiu ao vivo todo o incidente antes de fugir?

Ela sentiu seu queixo cair.

— Não.

Ingersoll deu um sorriso forçado.

— Como minha filha diria, você está nos *trending topics*.

Ela teve a estranha sensação de entrar em um teatro depois do intervalo e tentar entender o enredo.

— Espere. O quê?

Foi Conner quem falou:

— Alguém editou o vídeo e o colocou na trilha sonora da “*Mulher Maravilha*”. — Ele sacudiu a cabeça de leve. — Foi quando viralizou.

— Você não viu? — Ingersoll pareceu surpreso.

— Você me mandou direto para cá esta manhã. — Ela abriu as mãos, palmas para cima. — Não tive nem chance de substituir meu celular ou ir ao meu escritório.

— O cara que fez a trilha sonora fez um concurso para ver quem conseguiria identificar a mulher no vídeo — disse Ingersoll. — Demorou até hoje de manhã, mas alguém finalmente acertou. O Departamento de Imprensa tem recebido mensagens de repórteres pedindo uma declaração ao diretor.

A mente de Nina girou. O diretor do FBI, um homem encarregado de mais de 38 mil funcionários federais, estava sendo perseguido para dar uma declaração sobre ela.

— Mãe do céu.

— Mas não foi por isso que pedimos que você viesse aqui... — Ingersoll continuou.

Ela piscou de volta para ele, incapaz de entender o que mais poderia ter acontecido.

— Um assassino deixou um bilhete na cena do crime, em um beco atrás da rua M, ontem à noite. Temos motivos para acreditar que se refere a você.

Um calafrio a percorreu.

— Que cena do crime?

Ingersoll evitou sua pergunta com a mão levantada.

— Eu gostaria de verificar algumas coisas primeiro. — Ele franziu a testa. — Você mudou legalmente seu nome de Nina Esperanza para Nina Guerrero dez anos atrás?

A cabeça dela girou em uma nova direção.

— Foi parte do meu processo de emancipação. Eu tinha dezessete anos.

Ingersoll e Conner trocaram um olhar significativo. Aparentemente, ela acabava de confirmar algo. Mais do que frustrada, ela olhou de um para o outro, suas sobrancelhas arqueadas em uma demanda tácita por respostas.

— Compreendo que isso seja altamente pessoal — disse Ingersoll. — Mas tem relação direta com o que estamos prestes a discutir.

— Os registros da Vara da Infância e da Juventude são confidenciais — acrescentou Conner. — Estamos no processo de obter uma intimação, mas preferimos ouvir a sua história primeiro. Você pediu emancipação ao tribunal depois de fugir de um lar adotivo?

— Pedi. — Ela umedeceu os lábios secos.

— Foi depois de você ter sido... sequestrada? — Ingersoll não conseguia olhá-la nos olhos.

O que significava que ele sabia. Ela apertou as mãos no colo. Ambos sabiam o que havia acontecido com ela.

— Eu tinha dezesseis anos. — Nina manteve a resposta cirúrgica, desprovida de emoção, enquanto recontava os eventos mais angustiantes de sua vida. — Eu tinha fugido de um lar coletivo e estava morando na rua. Um homem passou de carro no meio da noite. Ele parou e... me agarrou. Me amarrou na parte de trás da sua van.

Ela não disse o que aconteceu em seguida. Os detalhes não ditos das horas que havia passado com seu captor pairaram no ar.

— Eu consegui escapar de manhã. — Ela terminou a história abruptamente, então dirigiu uma pergunta a Ingersoll: — Por que isso é importante agora?

— Uma garota de dezesseis anos foi assassinada ontem à noite em Georgetown — disse Ingersoll, em voz baixa. — Ela fugiu da família adotiva. — Suas últimas palavras foram quase inaudíveis. — O corpo dela foi deixado em uma caçamba de lixo.

Conner assumiu:

— O Departamento de Polícia Metropolitana está à frente do caso. Os técnicos da cena do crime encontraram um bilhete enfiado na boca da vítima, lacrado em um saco plástico.

Ela imaginou a cena, e a dor há muito tempo enterrada dentro dela borbulhou perto da superfície.

Uma vida jovem havia se extinguido. Um monstro rondando as ruas, à procura de sua próxima vítima.

Ingersoll tirou uma folha de papel de uma pasta.

— O bilhete continha uma mensagem impressa em folha sulfite. — Ele puxou seus óculos de leitura do bolso da camisa, abriu-os e os colocou no rosto. Olhando para o papel, limpou a garganta.

Com o coração batendo forte, ela o escutou ler a mensagem do assassino:

*Após anos de busca, pensei que nunca
mais fosse ter Esperança. Mas hoje tudo
mudou. Agora ela se chama de Guerreira.
Mas, para mim, ela sempre será... Aquela
que Fugiu.*

Ingersoll ergueu os olhos e finalmente encontrou os dela.

— Ele pula mais três linhas e então adiciona duas palavras, em maiúsculas.

Ela esperou Ingersoll ler o final da mensagem.

ATÉ AGORA.

Capítulo 4

A **TORDOADA, NINA** pegou o papel que Ingersoll lhe estendeu. A página tremia um pouco enquanto seus olhos pousavam sobre o texto, absorvendo a mensagem que ela sabia ser para ela.

Em um instante, Nina estava de volta ao espaço escuro e sufocante dentro da van, sentindo a pressão da fita adesiva cobrindo seus lábios, abafando seus gritos.

Consciente de que seus chefes a observavam de perto, ela mexeu a mandíbula como se a soltasse da fita adesiva e forçou a única pergunta que importava:

— Eles o pegaram ontem à noite?

— Nenhum suspeito sob custódia — disse Conner. — Nenhuma pista também.

Nina vinha temendo esse momento havia anos. Tentara se convencer de que o monstro estava morto. Porém, não podia mais se enganar. Ele tinha deslizado para fora de seus pesadelos e caído em sua vida desperta.

Ainda um pouco zozna, dirigiu-se a Ingersoll:

— Como você descobriu que o bilhete era sobre mim? Não menciona meu nome. Pelo menos não diretamente.

— Se nome veio da UAC Três.

Ela segurou a língua enquanto processava a informação. A Unidade de Análise Comportamental abrigava os perfiladores famosos do FBI. *Mind hunters*. Dentro dessa unidade, a UAC Três era especificamente encarregada de crimes contra crianças.

— Um dos agentes especiais que trabalha lá tem... conhecimento prévio do seu caso — disse Ingersoll, parecendo escolher as palavras com cuidado.

— Como alguém ia ligar os pontos? — indagou ela, tentando descobrir de qual agente eles estavam falando. — É um sequestro não resolvido de onze anos atrás.

Desviando o olhar, Ingersoll esfregou a nuca.

— É o Jeff Wade.

Nina fechou olhos por um momento enquanto tentava bloquear as imagens que se reuniam na sua mente. O agente especial dr. Jeffrey Wade, um nome que ela esperava nunca mais ouvir.

— Eu pensei que ele tinha deixado a UAC para sempre.

Wade havia sido transferido para a academia de treinamento depois de ter errado tanto ao elaborar um perfil que uma garota acabou morrendo — pelo menos era o que o processo movido pela família de Chandra Brown alegava. Chandra havia feito uma denúncia à polícia local a respeito de um homem que a estava perseguindo; a polícia tinha enviado a informação ao FBI, uma vez que as circunstâncias eram semelhantes às de um assassinato não resolvido que ocorrera alguns meses antes em uma jurisdição vizinha. Um assassinato em que Wade estava trabalhando como parte de uma série de assassinatos envolvendo garotas adolescentes. Ele havia examinado a queixa de perseguição de Chandra, decidido que não tinha relação com sua investigação e a devolvido à polícia local. Vinte e quatro horas depois, Chandra estava morta, e seu assassinato foi posteriormente ligado ao caso que Wade estava investigando.

Como Wade tinha muita notoriedade como o principal agente a elaborar perfis no FBI, o Bureau foi achincalhado. A família antes distante de Chandra apareceu em canais de TV — advogado a tiracolo —

inúmeras vezes para colocar a culpa diretamente na polícia. Wade tirou uma licença, entregando suas investigações em andamento a outro membro da UAC, e solicitou uma nova atribuição quando retornasse ao trabalho. Rumores diziam que o lendário dr. Wade finalmente havia sucumbido à tensão de duas décadas perseguindo predadores de crianças. Ao que parecia, os rumores estavam errados, porque ele estava de volta.

— A transferência dele para a academia durou apenas seis meses — disse Conner.

Ingersoll continuou com o caso atual após uma breve pausa, como se ele também estivesse se lembrando da queda pública de Wade.

— Devido ao texto bizarro do bilhete, a divisão de Homicídios do Departamento de Polícia Metropolitana inseriu as informações no Programa de Apreensão de Criminosos Violentos para ver se alguma outra agência havia se deparado com um assassinato semelhante. Foi assim que Wade se deparou com o relatório.

— Como todo mundo no Bureau, ele viu o vídeo que viralizou e, então, pensou em você — acrescentou Conner.

Claro que Wade seria aquele a ligar os pontos. Dizer que ele estava familiarizado com o passado dela era um eufemismo. O homem quase a impedira de se tornar uma agente devido ao que sabia sobre ela.

Até onde Nina tinha conhecimento, ninguém mais havia passado pelo nível de escrutínio que ela passou durante o processo de admissão. Depois que o teste de polígrafo de Nina havia indicado uma possível alteração da verdade em uma pergunta sobre seu passado, a diretora executiva assistente Shawna Jackson interveio, chamando o dr. Wade para realizar uma avaliação. Uma diretora executiva assistente era uma das poucas pessoas que se reportavam diretamente ao diretor do FBI. Alguém em um posto tão elevado normalmente não

se envolvia no processo de seleção de candidatos, mas Shawna tinha um interesse pessoal no resultado desde que recrutara Nina para o Bureau.

Depois de analisar os resultados do teste do polígrafo e o relatório de seu investigador de antecedentes, Wade chamou Nina para uma sala de entrevistas e exigiu saber por que ela havia se emancipado e o significado do novo sobrenome que ela escolhera, e não ficou satisfeito até que tivesse demolido suas barreiras pessoais cuidadosamente construídas.

Wade a forçara a reviver os espancamentos realizados por crianças mais velhas nos orfanatos, que a consideravam uma presa fácil devido à sua pequena estatura. Ele a encarou em um silêncio de pedra, rabiscando em seu bloco de notas, enquanto ela descrevia a sensação de uma ponta de cigarro incandescente contra sua pele. Ele a fez contar sobre a noite de seu sequestro em detalhes excruciantes, arrancando a crosta protetora que se formara nas suas memórias e fazendo que toda a história voltasse a sangrar livremente.

Enquanto ela falava aos espasmos e solavancos, Wade escutava em silêncio extasiado, julgando-a, sem trair nenhuma emoção. Desde que ele havia sido designado para determinar se ela estava tentando esconder algo do examinador de polígrafo, Nina o sentia esperando que ela desmoronasse. Chorasse, gritasse ou o atacasse. Ele abriu sua alma e olhou dentro dela para examinar seus segredos mais íntimos.

No final, Wade concluiu que ela não estava distorcendo a verdade, mas que o polígrafo havia revelado que ela exercia uma repressão intencional de certos detalhes do trauma sofrido. Havia espaços sombrios em suas lembranças que ele acreditava que a tornavam um risco para a instituição, uma bomba que ela certamente detonaria em determinadas circunstâncias.

Foi a intervenção de Shawna Jackson que impediu que o relatório de Wade mantivesse Nina fora da academia. Desde o dia em que Nina havia sido contratada, ela trabalhara mais do que todos os outros, determinada a provar que o dr. Jeffrey Wade havia traçado um perfil errado pela segunda vez na sua carreira. E que ele era um verdadeiro imbecil.

— Estamos informando tudo isso para que você trabalhe diretamente com Wade — disse Ingersoll.

Ela sentiu uma vontade quase incontrollável de sair do escritório, ir para casa dormir e torcer para acordar daquele pesadelo.

— Às escondidas — Conner estava dizendo. — Tão às escondidas que ninguém veja você. Wade dirigiu de Quantico a Georgetown. Ele chegou à cena do crime cerca de meia hora atrás. Você pode encontrá-lo lá.

Esperavam que ela trabalhasse com um homem que a dissecara com a eficiência implacável de um patologista conduzindo uma autópsia. Parte dela queria recusar. Ninguém a culparia se ela o fizesse.

Nina se forçou a manter sua expressão impassível. De jeito nenhum deixaria seus superiores saberem o quanto essa missão lhe custaria.

— Vou pegar uma viatura do Bureau e ir para a cena agora.

Capítulo 5

NINA MOSTROU suas credenciais para o agente uniformizado no perímetro.

Ele fez uma inspeção superficial na identificação de Nina.

— Você está atrasada para a festa.

Só permaneciam no local os restos de uma cena de crime ativa desde o amanhecer.

— Os últimos serão os primeiros. — Ela se abaixou para passar sob a fita amarela esticada para isolar o beco.

Uma das vans dos técnicos forenses do Departamento de Polícia Metropolitana estava parada ao lado de um meio-fio, sua grade dianteira apontava para uma lixeira grafitada. Nina se concentrou em um grupo de homens atrás de uma tela de privacidade portátil de um metro e meio de altura. Alguns usavam uniformes do Departamento de Polícia Metropolitana, alguns usavam macacões brancos de segurança biológica, outros estavam em roupas sociais de trabalho.

Ela não teve problemas para localizar o agente especial Wade. As letras douradas brilhantes do FBI se destacavam na jaqueta azul-escura que vestia seu corpo alto. Quando ele se virou para Nina, seu olhar refletia a desolação de um homem que havia visto demais. Seus olhos da cor do aço a fixaram, realizando uma avaliação que parecia estranhamente semelhante à do seu último encontro, dois anos antes.

Ela caminhou até ele e estendeu a mão em saudação. Wade controlava o seu acesso ao caso, mas ela não o deixaria controlá-la.

— Bom dia, dr. Wade.

Ela imaginava que a maioria das pessoas que se dessem ao trabalho e incorressem nas despesas de obter um PhD queriam o título oficial de “doutor” anexado ao nome.

— Me chame de Wade. — Sua voz grave combinava com seu rosto áspero.

Seu aperto de mão era firme; os calos na palma a surpreenderam. Notou que ele queria que ela usasse seu sobrenome em vez de seu nome, mantendo uma certa distância profissional. Por ela, tudo bem.

— Guerrera — disse ela.

Ele inclinou a cabeça em direção ao homem alguns metros à sua esquerda.

— Detetive Mike Stanton, Departamento de Polícia Metropolitana, Divisão de Homicídios.

Stanton a cumprimentou com um aceno rápido.

Wade baixou a voz.

— Se isso se tornar desconfortável, espero que você me avise.

Nina o olhou diretamente nos olhos e mentiu.

— Eu aviso. — Ela já estava muito desconfortável.

— Não há tempo para ser delicado — disse Wade, mudando para o papel investigativo. — A cena não é mais fresca. Precisamos de qualquer *insight* que você possa fornecer, e precisamos agora.

Ela se virou para a tela de privacidade, tanto para evitar o olhar penetrante de Wade quanto para absorver a cena.

— Então vou começar.

O detetive Stanton se moveu para interceptá-la.

— Antes de dar uma olhada no corpo, você pode descrever o veículo que ele usou... — Ele se mexeu sem sair do lugar, obviamente inquieto. — Com você?

Lógico. Alguém que tivesse equipado uma van especialmente com o propósito de sequestrar vítimas poderia continuar com ela por anos.

— Um Ford Econoline Azul. — Diante do olhar questionador de Wade, ela elaborou. — Descobri a marca e o modelo pelas fotos que a polícia me mostrou depois do incidente.

O *incidente*. Uma palavra banal que ela havia escolhido deliberadamente. Ele fez um leve aceno de cabeça.

— Algo mais?

— Por fora, tudo normal. Nada se destacava. Pelo menos, nada no exterior. — Ela engoliu para umedecer a garganta seca. — Dentro era uma casca vazia, até o carpete havia sido arrancado. Ele colocou um piso de vinil preto para cobrir o metal embaixo de mim. Meus pulsos estavam colados com fita nas minhas costas. Tornozelos também.

Wade e Stanton deixaram o silêncio se estender quando ela terminou. Nina percebeu que eles estavam esperando que ela continuasse.

— Havia umas janelinhas redondas na parte de trás. — Ela fez um gesto aproximado à forma de um prato de jantar. — Ele as tinha pintado com tinta *spray* escura.

Stanton queria mais.

— Como a parte de trás se abria?

— As portas abriam para fora. Quando ele me trancou, fechou a da direita primeiro, depois a da esquerda.

— Isso nunca entrou no relatório — disse Wade.

— Há muitos pequenos detalhes como esse. — Ela deu de ombros. — Coisas que ninguém me perguntou, ou

que ninguém escreveu, mas eu me lembro da maioria delas com muita clareza.

Uma sobrelancelha prateada de Wade se ergueu.

— A maior parte?

Em silêncio, eles trocaram olhares intensos e desafiadores. Era isso que quase a tinha impedido de se tornar uma agente. Ela se recusava a pedir desculpas.

— Tem algumas partes que eu não lembro. Pelo menos, nunca tentei me lembrar.

Ela se virou para Stanton, continuando com sua descrição da van.

— O motor funcionava sem problemas. Nenhuma falha no escapamento, engasgos ou qualquer outra coisa que chamasse a atenção. — Ela mergulhou nas fendas de sua memória e tirou mais fragmentos de informação. — Ele me conduziu por cerca de meia hora antes de parar. Havia uma divisória separando a parte dianteira da parte de trás, então ele tinha que sair e dar a volta para abrir as portas.

— O que você viu? — perguntou Wade.

Um monstro em pele humana.

— Parecia que estávamos estacionados na floresta em algum lugar — disse ela. — O sol ainda não tinha nascido, então eu só via um monte de árvores escuras. Não dava para distinguir mais nada.

O detetive Stanton pegou o celular, virou para o outro lado e começou a falar em um tom rápido. Ela imaginou que ele estava pedindo celeridade para a emissão de um alerta de busca a veículo que correspondesse à sua descrição. Um tiro no escuro, mas valia a pena tentar.

— Certo — disse Wade. — Os técnicos de cena do crime já terminaram. Estávamos segurando o corpo até você chegar.

Ele se moveu de lado ao redor da tela que protegia o corpo. Seguindo-o, ela entendeu por que eles haviam

erguido uma barreira visual. Os longos cabelos escuros da garota se espalhavam pelo chão atrás da sua cabeça, o lado direito emaranhado com sangue seco. Ela estava deitada de costas, o corpo nu, uma exibição obscena na calçada suja.

Nina se inclinou para olhar nos olhos castanhos que a fitavam sem ver. Ela olhou para baixo, verificando vestígios de fita adesiva prateada no lábio superior da garota.

De pé atrás dela, Wade fez um rápido resumo.

— Um dos ajudantes de garçom do restaurante do outro lado do beco a encontrou. Ele estava despejando o lixo da noite depois de fechar, por volta das três da manhã. Ele a viu na lixeira, pensou que ela poderia estar viva, e a puxou para fora. Ele arrancou a fita da sua boca antes de perceber que ela já havia dado seu último suspiro.

O detetive Stanton voltou de seu telefonema.

— O assassino colocou o saquinho de plástico com o bilhete na boca da vítima antes de cobrir com a fita. Provavelmente queria ter certeza de que não cairia.

Ela concordava. Ele não queria se arriscar com o bilhete. Um pensamento lhe ocorreu, trazendo uma sensação de pavor. Ela se dirigiu a Stanton.

— Alguém da sua unidade de cena do crime já a virou?

Stanton deslizou os olhos para Wade antes de responder.

— Cerca de meia hora antes de você chegar. Nós a colocamos de volta do jeito que a encontramos.

Com cuidado para neutralizar sua expressão, ela considerou o que havia observado até então, justapondo a cena com o bilhete enigmático que o assassino havia lhe deixado. Ele tinha que saber que o FBI ia trazê-la para a investigação, e estava enviando uma mensagem para ela.

— “Após anos de busca, pensei que nunca mais fosse ter Esperança” — ela murmurou para si mesma, inclinando a cabeça para estudar o corpo da garota de um ângulo diferente. — “Mas hoje tudo mudou.” — Ela terminou de citar a mensagem e olhou para Wade. — Isso significa que ele tem esperança novamente, mas como? De que forma?

Ele a observou com um olhar especulativo.

— Você que me diz.

Ele não lhe daria o benefício de sua análise; preferia, sem dúvida, ouvi-la falar sobre a situação primeiro. Nina afastou-se de ambos os homens e se abaixou novamente. O que mais ele tinha feito com aquela pobre garota? Um brilho metálico chamou sua atenção. Ela inspirou fundo.

— Você está bem, Guerrera? — perguntou Wade, seu tom mudando para um de preocupação.

— O colar. — Foi tudo o que ela conseguiu dizer. Mais uma vez, o monstro provou que poderia arrancar o controle dela a qualquer hora que quisesse.

Um pingente em forma de diamante em uma corrente de prata estava no chão imundo ao lado do cabelo emaranhado da garota, a longa corrente enrolada em volta do pescoço esguio. O mesmo colar que Nina usava quando ele a levava. Ela olhou para as contas de plástico que formavam um padrão multicolorido de diamantes concêntricos. Sua surpresa foi confirmada.

Ela piscou com força, recusando-se a deixar a umidade acumular em seus olhos.

— Esse colar era meu — ela sussurrou.

— Tem certeza? — disse Stanton.

— Eu o fiz em uma aula de artes quando tinha quinze anos. É um padrão ancestral. Chama-se *ojo de dios*. — Ela se endireitou e apontou para o amuleto. — Olho de Deus.

Stanton fez sinal para um dos técnicos de provas.

— Você poderia tirar mais algumas fotos do colar e enviá-las para o meu celular?

Nina se virou, fingindo interesse na calçada do outro lado do corpo a fim de ganhar tempo para se recompor. Ela não queria olhar para Wade até que tivesse uma aparência de objetividade. Isso era muito mais difícil do que ela pensava que seria.

— Precisa de um pouco de água da cantina? — Wade suavizou seu tom.

— Estou bem. — Outra mentira. Nina tinha certeza de que Wade podia ver através dela, mas não se importava. Em vez disso, concentrou-se nos fatos à sua frente, chegando à única conclusão que colocava tudo em perspectiva. — Ele está recriando o tempo que passou comigo.

Stanton parou de observar o técnico.

— O que você quer dizer?

Ela cruzou os braços.

— Quantas marcas você encontrou nas costas dela?

— Como você...

Wade interrompeu.

— Vinte e sete.

O mesmo número de cicatrizes nas costas da própria Nina. Como o monstro se lembrava do número exato de marcas? Não tinha sido ele quem fizera aquilo, mas ele havia ficado fascinado. Ela reprimiu um estremecimento quando sentiu a sensação da ponta do dedo dele percorrendo o centro de sua espinha, traçando o relevo de suas feridas.

— E três queimaduras nas costas? — ela perguntou em seguida.

Wade não respondeu.

Seu silêncio parecia um teste. Ele ainda estava avaliando a utilidade de Nina para a investigação. Ela o encarou e elaborou:

— Uma queimadura de cigarro para marcar cada vértice em um triângulo. Como as que ele fez em mim.

Virando de costas, ela analisou minuciosamente cada centímetro do chão.

— Tenho que continuar procurando. Pode haver outra coisa. — Ela não estava conscientemente absorvendo nada até que seus olhos recaíram sobre a caçamba de lixo decorada com grafite. No canto inferior esquerdo da face metálica dianteira, marcada e amassada, havia quatro fileiras de números e letras pintadas com *spray* azul-neon. A linha superior dizia “PNG”, seguido por dois pontos. Algo se agitou dentro de Nina, algo a atraía. Ela se agachou, estreitando os olhos.

Os joelhos de Wade estalaram quando ele se agachou ao lado dela.

— A pintura parece fresca.

— Ele usava luvas de látex azul-claro — disse ela. — Exatamente dessa cor.

Ele levantou uma sobrancelha, cético.

— Você acha que ele está comunicando algo em código?

— Ele definitivamente fez isso com o bilhete e com o colar. E ambos foram para mim. — Ela inclinou a cabeça. — E se “PNG:” significar “Para Nina Guerrera:”? Há dois pontos depois da sigla, indicando que o que vem depois é a mensagem.

Ambos se aproximaram. A linha abaixo dizia 8, 15, 16, 5. A linha abaixo tinha os números 9 e 19, e a linha final consistia em 4, 5, 1 e 4.

— Todas as outras comunicações que ele deixou para trás estavam firmemente presas ao corpo. Como se ele quisesse ter certeza de que fôssemos encontrar. — Wade indicou a lixeira. — Isso não combina com o padrão dele. Essa pintura se mistura com as pichações aleatórias que

cobrem tudo neste beco. Ele não poderia ter certeza de que íamos encontrar.

— Para ser honesto, nem demos atenção a isso — disse Stanton, gesticulando novamente para um dos técnicos em cena do crime.

Ela não tinha ouvido o detetive do Departamento de Polícia Metropolitana se aproximar. Seu tom continha uma camada de contrariedade enquanto ordenava ao técnico que fotografasse cada centímetro do beco.

— Droga — murmurou Wade.

Ela se virou para vê-lo pegar o celular do bolso.

— O quê?

Ele a ignorou, digitando com o polegar no dispositivo. Seus olhos cinzentos dispararam para os números pintados novamente, depois voltaram para a tela em sua mão.

— Filho da puta.

Ela estava prestes a agarrá-lo pela gola da jaqueta e sacudi-lo.

— O que foi, Wade?

Ele finalmente respondeu:

— É uma cifra de substituição simples. Muito básico. Mas definitivamente foi ele.

— O que diz?

— Cria as palavras "*hope is dead*": "a esperança está morta".

— Puta merda — disse Stanton. — Eu notei outra coisa quando você chegou aqui, agente Guerrero, mas não quis dizer nada. Achei que estava me excedendo na interpretação da cena.

— Observou o quê? — questionou ela.

— Olhe para ela. — Stanton gesticulou em direção à forma imóvel deitada nas proximidades. — Ela se parece muito com você. — Nina se levantou e tentou ver a

garota com olhos imparciais. Ela era latina, pequena e esbelta.

Como ela. Stanton estava certo. Talvez ela não tivesse percebido antes porque estava olhando para alguém muito mais jovem, uma completa estranha e também um cadáver.

— Mas o cabelo da vítima é comprido — disse Wade. — Ele o teria cortado se quisesse igualar ao da Guerrera.

— Não — disse Nina, em voz baixa. — Ele não cortaria. — Ela refletiu sobre os acontecimentos daquela noite. — Quando ele me agarrou, meu cabelo era comprido como o dela. — Seu olhar permaneceu fixo na garota. — Ele pegou meu rabo de cavalo para me puxar para dentro da van.

Depois de sair do hospital naquela noite, ela voltou para o lar coletivo e ficou no chuveiro até a água esfriar. Então saiu e ficou na frente do espelho do banheiro, as gotas de seu cabelo molhado se misturando com as lágrimas. Ela agarrou punhados de mechas úmidas e os cortou impiedosamente com tesouras de cozinha até sua cabeça parecer tosquiada. Até hoje, ela usava o cabelo bem curtinho.

— Talvez ele tenha encerrado, então — Stanton estava dizendo. — Ele sentiu que não poderia matar uma agente do FBI, então escolheu outra vítima para substituí-la. Ele fechou o círculo.

— Já vi esse tipo de fixação antes — disse Wade, balançando a cabeça. — Não se trata apenas de assassinato. É obsessão. — Ele se virou para encontrar os olhos de Nina. — Ele está apenas começando.

Capítulo 6

Apartamentos Hermosa Vista Springfield, Virgínia

NINA TIROU a caçarola de *enchilada* do forno. Ela parou um instante para verificar o queijo derretido marrom-dourado borbulhando nas bordas antes de lançar um olhar por cima do ombro para Shawna Jackson.

— Você não estava lá. Eu percebi que Wade realmente não queria o meu envolvimento. Ele estava totalmente distante. Depois que vi aquela tinta *spray*, ele não acreditou que tivesse algo a ver com o caso até descobrir o código por si mesmo.

— Você é uma ferramenta de investigação para ele agora. Cabe a você mudar isso. — Shawna estava sentada à pequena mesa com tampo de vidro na cozinha apertada do apartamento de Nina.

Situado no piso superior de um prédio de quatro andares no corredor latino não oficial do distrito de Springfield-Franconia, o apartamento de Nina era o que um corretor de imóveis chamaria de “modesto” ou “aconchegante”. Como os faxineiros, cozinheiros e jardineiros que compunham a maioria de seus vizinhos, Nina estava disposta a morar no prédio decadente de quarenta anos para ter acesso rápido à capital do país.

Ela colocou o refratário em um descanso de panela para esfriar no balcão.

— Sinceramente, como você pode trabalhar com ele todos os dias?

Por um momento fugaz, os olhos castanhos escuros de Shawna mostraram um brilho melancólico.

— Ele nem sempre foi assim. Houve um tempo em que Wade era gentil. Atencioso.

Nina sentou-se do outro lado da mesa.

— Antes do caso Chandra Brown, você quer dizer.

— Antes de o Bureau o ter pendurado para secar.

— Você era uma diretora executiva assistente na época — disse ela. — Você poderia tê-lo ajudado.

— Um diretor assistente não é o diretor. Eu fiz o que pude quando ele... — Shawna hesitou, procurando a palavra certa.

— Implodiu — Nina sugeriu.

Shawna franziu a testa.

— Às vezes, somos mais duros com nós mesmos do que os criminosos. Wade assumiu responsabilidade pessoal quando Chandra morreu. Culpou a si mesmo.

— Pelo que entendi, ele não acreditou quando ela disse que um homem a estava seguindo. Ele poderia ter feito mais. Poderia até ter evitado...

— Você parece a mídia falando.

— Porque eu também fui alvo de um dos erros de julgamento dele — disse Nina. — O que eu não sei é por que você o salvou.

Shawna soltou um longo suspiro.

— Tem muita coisa que você não sabe. Por isso eu vim. Precisamos conversar. — Ela lançou a Nina um olhar significativo. — Longe de olhares indiscretos.

Nina tinha visto sua mentora usar aquela expressão pela última vez naquela mesma mesa há três anos, quando ela a recrutara para se juntar ao FBI. Elas haviam se conhecido muitos anos antes disso, quando

Nina tinha dezesseis anos e o posto de Shawna era na UAC.

A polícia do condado de Fairfax havia chamado o FBI para ajudar a desenvolver o perfil do homem que havia sequestrado Nina. Quantico ficava a apenas meia hora de carro, e Shawna deu o passo incomum de vir falar com ela pessoalmente. Nina nunca tinha conhecido alguém tão impressionante quanto a alta, refinada e confiante agente federal, com quem criou uma conexão quase instantaneamente.

Shawna manteve contato com Nina quando ficou claro que nenhuma prisão seria feita no caso dela. Preocupada com o fato de o sequestrador ainda estar foragido, Shawna trabalhou com o Serviço de Proteção à Criança para garantir que nenhuma menção ao novo sobrenome ou endereço de Nina aparecesse no relatório final enquanto fecharam o arquivo. Como adulta emancipada aos olhos da lei, Nina não teria mais visitas de assistentes sociais ou entradas em um banco de dados que pudesse ser *hackeado*. Em vez disso, sua mudança de nome legal continuaria a fazer parte de uma audiência confidencial na Vara da Infância e da Juventude. Parte de um passado que ela queria deixar para trás.

O exemplo de profissionalismo de Shawna, aliado à sua compaixão, inspirou Nina a buscar uma carreira na aplicação da lei o mais rápido possível. Enquanto a carreira de Nina como policial florescia, Shawna subia nas fileiras dos cargos de supervisão no Bureau. Durante todo o processo, Shawna foi sua mentora e amiga, estimulando sua evolução de vítima a protetora.

— Você não está aqui para provar minha comida incrível, então? — Nina perguntou.

Shawna não mordeu a isca.

— Preciso contar uma coisa sobre Wade. Algo que eu nunca planejei discutir com você, mas agora que você vai...

A campainha tocou.

Ansiosa para dispensar o intruso indesejado, Nina caminhou até a porta e a abriu.

— Olá, *mi hija*. — Sua vizinha de porta, a sra. Gomez, estava parada ali com uma travessa de cerâmica nas mãos e sua filha adotiva de dezessete anos, Bianca, ao seu lado. — Eu não sabia se você tinha comido, então eu trouxe um pouco de bolo *tres leches*.

A sra. G, sempre preocupada que Nina pudesse passar fome, frequentemente trazia pratos caseiros ou guloseimas. Bianca aparecia sempre que um de seus seis irmãos adotivos a irritava, o que era pelo menos três vezes por semana.

Nina executou devidamente sua parte do ritual, aceitando o presente.

— *Gracias*.

— Ah, mas vejo que você tem companhia — disse a sra. Gomez. — Não quero incomodar com meus problemas.

Claro que ela queria.

— O que é, sra. G?

A sra. Gomez deu-lhe um sorriso tímido.

— Eu ia fazer *empanadas*, mas meu fogão está quebrado.

Aparentemente cansada da hesitação de sua mãe adotiva, Bianca se adiantou e foi direto ao ponto.

— Precisamos que você ligue para o Jaime para nós.

— Ela mexeu as sobrancelhas com *piercings*. — Ele nos dispensa, mas vai vir correndo se você chamar.

Nina suspirou, deu um passo para trás e segurou a porta aberta.

— Entrem.

A sra. G foi até a cozinha e colocou o bolo no balcão, então ficou com as mãos entrelaçadas, na expectativa, enquanto Nina pegava o telefone para ligar para o zelador.

Jaime atendeu ao primeiro toque.

— *Qué pasa*, Nina?

— *Hola*, Jaime, há um problema com...

A sra. G acenou freneticamente com os braços e balançou a cabeça.

Nina mudou de direção na mesma hora.

— Com uma coisa que precisa ser consertada. Você pode vir?

— Estarei aí em dois minutos, *bonita*.

Revirando os olhos, Nina desligou e se virou para a vizinha.

— Ele vai ficar bravo quando descobrir que eu liguei por você. Não vou ser capaz de me safar disso uma segunda vez.

— Liguei para ele há dois dias — disse a sra. G. — Estamos cansados de comida de micro-ondas. — Seu lábio se curvou como se ela estivesse descrevendo lixo tóxico. O que, talvez, ela estivesse.

— Oi — disse Bianca, olhando ao redor de Nina pela primeira vez para ter uma visão mais clara de Shawna. — Você não é da TV ou algo assim?

— Shawna Jackson — disse ela, de pé. — Eu estive no noticiário ontem à noite.

Quando Shawna havia deixado o Bureau seis meses antes, Nina sentiu uma perda considerável. Os agentes tinham que se aposentar aos cinquenta e sete anos, com uma possível extensão até os sessenta. Aos cinquenta e dois anos, Shawna tinha visto uma oportunidade para outra carreira e decidiu agarrá-la. Muitos membros do Bureau se aposentavam para trabalhar como consultores e especialistas em segurança, já que sua experiência

conquistada a duras penas era uma mercadoria valiosa. Alguns, no entanto, tinham uma combinação incomum de talento e carisma que os tornava naturais para aparecer em noticiários de alcance nacional como especialistas em aplicação da lei.

Quando uma série de incidentes envolvendo policiais brancos atirando em homens negros desarmados ganhou as manchetes nacionais alguns meses antes, Shawna se viu cercada por pedidos de entrevistas. Sendo a agente afro-americana de mais alto escalão na história do Bureau, com sua posição e experiência investigando esses casos por violações de direitos civis, Shawna detinha o conhecimento técnico para falar com autoridade. Recentemente, ela havia sido contratada por um grande veículo de notícias nacional como consultora sênior.

A sra. G correu para apertar a mão de Shawna.

— Mas você é ainda mais bonita pessoalmente.

Antes que Shawna pudesse responder, uma batida forte soou na porta. Apertando os dentes, Nina a abriu.

— *Hola, bonita* — Jaime disse através de uma nuvem de Old Spice. — Qual é o problema?

Ela piscou para proteger os olhos que começaram a arder com o cheiro forte da colônia.

— É o fogão.

Ele franziu a testa:

— Os quatro queimadores ou apenas um?

— Você terá que perguntar à sra. Gomez.

Ela observou enquanto Jaime examinava a cozinha, e a compreensão foi pouco a pouco transformando suas feições. Bianca fez um aceno com os dedos.

— *Hola, Jaime.*

Ele se virou para Nina, carrancudo.

— Isso não é legal, *bonita*. Não é nada legal.

Bianca partiu para cima:

— Você não queria consertar o nosso fogão. Estamos cozinhando nossa comida no micro-ondas, Jaime. Pense nisso. — Ela baixou a voz para transmitir o verdadeiro horror e a gravidade da situação. — *Burritos* prontos do mercado. No micro-ondas. — Ela levantou dois dedos. — Por dois dias.

Jaime fez uma careta.

— Ah, tudo bem.

Ele as seguiu, murmurando algo como “fogão *pinche*”.

Nina fechou a porta para encontrar Shawna reprimindo uma risada.

— Gostei dos seus vizinhos.

— Você não sabe nem a metade. Eles são como uma grande família disfuncional.

— Foi o que você me disse. Você teria condições de morar em um apartamento chique no centro, sabia? — Os olhos de Shawna se arregalaram e ela acrescentou rapidamente: — Sem ofensa.

Dessa vez, Nina riu.

— Não me ofendi. Eu gosto daqui. Este é o tipo de prédio de apartamentos em que eu passei a infância.

Ela não acrescentou que havia escolhido deliberadamente um lugar no corredor latino para permanecer conectada com sua comunidade. Tendo saltado de uma família para outra durante seus anos de formação, ela às vezes se sentia separada de sua ancestralidade. Para compensar a perda de uma família, havia estudado espanhol na escola e convivido com guatemaltecos, porto-riquenhos, salvadorenhos, peruanos, mexicanos e colombianos que compunham a maior parte da população latina na região de Washington, DC, naquela época.

A sra. Gomez, chilena, ocasionalmente agia como mãe de aluguel, ensinando a Nina muito sobre comida e

culinária, e também sobre vinho chileno, que a sra. G afirmava deixar no chinelo “aquelas coisas francesas”. Nina teria apostado o salário de um mês que a sra. G nunca havia provado vinho francês na vida.

Ao cortar o conteúdo da caçarola, Nina conduziu a conversa de volta ao seu curso anterior.

— Você veio falar sobre Jeffrey Wade?

Shawna ficou séria.

— Quando você passou pelo processo de admissão, ele tinha acabado de sair da UAC.

Uma maneira educada de dizer. Alguns disseram que ele acabou no fundo de uma garrafa; outros, que ele perdeu quinze quilos que nem tinha sobrando; e alguns alegaram que ele havia passado alguns de seus dias de férias em uma instituição. Ela não sabia o quanto era verdade, mas o dano à reputação dele tinha sido profundo e duradouro.

Shawna olhou para o prato, brincando com o garfo, parecendo perdida em pensamentos. Nina sentiu um dique prestes a se romper. Sabendo que não deveria interromper, ela serviu, em silêncio, a comida aromática em dois pratos e os levou para a mesa.

Por fim, Shawna continuou:

— Há outra razão pela qual ele não recomendou sua contratação. Sou uma das poucas pessoas que conhece toda a história.

Nina caiu pesada em sua cadeira, uma sensação de mau presságio tomando conta dela.

— Ele tinha uma irmã caçula — disse Shawna. — Ela foi levada quando tinha catorze anos. A polícia a encontrou depois de alguns dias. Fisicamente, ela estava bem, mas...

Nina olhou para as mãos. Ela sempre se perguntou por que Wade tinha ido para a seção de crimes infantis da UAC, uma posição relativamente nova quando ele

assumiu. Pelo menos agora ela tinha uma resposta para esse questionamento.

— O que aconteceu com a irmã dele?

— Ela tinha vinte anos quando tomou uma overdose letal de seus remédios. — Shawna balançou a cabeça. — Wade disse que ela nunca mais foi a mesma depois do que aconteceu.

Uma peça do quebra-cabeça se encaixou.

— Ele acha que esse vai ser o meu fim. — Era uma afirmação, não uma pergunta. — E que meu trabalho com o Bureau será o gatilho.

Shawna levantou a mão em um gesto apaziguador.

— Olhe para isso da perspectiva dele. Uma candidata vem com um histórico de abuso e violência pior do que algumas das vítimas com quem ele trabalhou. — Ela respirou fundo. — Pior do que o que aconteceu com a irmã dele.

— Então, o que ele tem contra mim é que eu me recompus e me tornei uma policial? — Ela apontou o garfo para Shawna. — Eu já estava na polícia havia quatro anos, sem nenhum problema, quando me candidatei ao FBI.

— Ele pensou que estava cuidando de você. — Shawna cortou as *enchiladas*.

— E ele não queria nenhuma reação negativa se concordasse com a minha aptidão mental e, cinco anos depois, eu enlouquecesse. — Ela soltou um suspiro irônico. — Ele é pior do que eu pensava.

— Não, não é só isso. — Shawna hesitou. — Seu arquivo indica que você pode ser... difícil. Você nem sempre trabalha bem com os outros. Você costumava trabalhar de forma independente, mesmo como policial. Não é isso que fazemos no Bureau.

Nina não podia discutir essa questão, e ela odiava saber que havia arquivos secretos por aí. Arquivos que

detalhavam tudo sobre sua vida desde que ela tinha um mês de idade. Arquivos que eram mantidos longe de seu conhecimento, mas outros podiam vê-los. A maioria das crianças não tinha nenhuma papelada que documentasse todos os aspectos do seu comportamento e situações ao longo da vida. Filhos adotivos, sim. Filhos adotivos descritos como “difíceis” tinham os arquivos mais grossos de todos.

— Você sabe que Wade era meu parceiro quando fui designada para a UAC — disse Shawna, mudando de assunto. — Mas o que você não sabe é que, alguns anos depois que fui promovida da unidade, nós nos... envolvemos.

— Espere, o quê? — Ela não conseguia imaginar Shawna com Wade.

— Como eu disse, ele era um homem diferente naquela época. — Shawna colocou uma garfada na boca, aparentemente considerando o quanto deveria compartilhar. — Nós já tínhamos terminado quando você se inscreveu no Bureau, mas ele sabia que eu tinha encorajado você a enviar uma inscrição. Ele se sentiu obrigado a me dizer que se recusava a apoiar que você tomasse posse do cargo. — Ela ergueu a mão para conter Nina antes que esta pudesse lançar uma objeção. — Então eu fui direto falar com o diretor.

— Eu sei — disse Nina. — E tenho certeza de que há algumas pessoas no Bureau que sabem o que você fez e usam isso contra mim. Sem dúvida, Wade é uma delas.

Shawna largou o garfo e estreitou os olhos para Nina enquanto os aromas misturados de cominho e cebola preenchiam o ar entre elas.

— Eu fiz isso porque o Bureau precisa de você. — Ela bateu no peito com o dedo indicador. — Precisa de nós. — Quando Nina não respondeu, Shawna levantou a voz: — O FBI ainda é principalmente uma agência de homens brancos. Quando fui contratada, eles mal aceitavam

mulheres como agentes plenos. Pense no esforço necessário para que uma mulher negra passasse pela porta naqueles dias. Mas, como você, decidi superar todos os outros para provar que aqueles que tinham duvidado de mim estavam errados. Fiquei com os postos de merda, com os *briefings* de merda e com equipamentos de merda. Engoli em seco e tornei minha missão chegar a uma posição em que pudesse ajudar a pavimentar o caminho para as outras. Foi o que eu fiz por você, e não vou me desculpar por isso. Nem para você. Nem para ninguém. — Sua respiração era laboriosa.

Shawna nunca falava sobre os primeiros dias de sua carreira. A discriminação que havia enfrentado. As barreiras invisíveis de gênero e etnia que havia quebrado continuamente pelo caminho até chegar ao nível superior da aplicação da lei nos Estados Unidos.

— Eu não enxerguei dessa forma — disse Nina, com a voz baixa. — Obrigada.

Shawna fez um aceno de aceitação antes de continuar.

— Eu disse ao diretor que não deveríamos usar contra você o fato de você ser uma sobrevivente. Lembrei a ele que você tinha sido policial por quatro anos com nada além de elogios no seu arquivo pessoal. — Pegando seu garfo, Shawna esfaqueou sua *enchilada* como se, de alguma forma, ela a tivesse ofendido. — Então eu usei a opção nuclear. O diretor sabia que eu tinha sido parceira do Wade anos antes. — Ela baixou o olhar. — Eu questionei o julgamento do Wade. Disse ao diretor do FBI que, como ex-perfiladora, eu achava que os problemas pessoais do Wade haviam distorcido a perspectiva dele em relação a você.

— Caramba, Shawna.

— Eu joguei meu parceiro aos leões... um homem que eu tinha amado e por quem ainda tinha uma profunda consideração... porque eu acreditei em você, Nina. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — E eu faria isso de novo... porque era a coisa certa a fazer.

— Deve ter sido doloroso. — Ela estendeu a mão para apertar a de Shawna, grata e comovida pela fé que sua mentora havia demonstrado nela. — O que o diretor disse?

— O que ele poderia dizer? O histórico recente de Wade estava contra ele. Ele foi forçado a sair da UAC temporariamente porque era visto como instável. Enquanto isso, seu desempenho foi exemplar, Nina, e seus testes ficaram perto do percentil superior em todas as outras categorias. Wade concluiu que seus resultados do teste do polígrafo não mostravam distorção da verdade, apenas falta de clareza em certos pontos devido a traumas passados. Além disso, você tinha um histórico estabelecido de excelência em um departamento de polícia grande e respeitado. — Ela deu de ombros. — Ele fez você passar.

— E Wade está me tratando como se eu não devesse fazer parte dessa investigação, porque é isso o que ele realmente pensa. — O ressentimento se abateu sobre ela. — Que eu não tenho nada que estar no FBI.

— Eu nunca quis contar nada disso a você, mas agora que você é a parceira dele, achei que deveria saber.

— Como posso trabalhar com o Wade se não posso confiar nele?

— Porque é sua única opção — disse Shawna. — A decisão é sua, mas, se você escolher ser parceira dele, pelo menos agora você saberá em que terreno está pisando.

Nina processou as palavras de Shawna, com plena consciência de que ficaria exatamente onde sempre estivera. Sozinha.

O preço da admissão para a investigação mais importante de sua vida era a parceria com um agente que havia tentado impedir sua nomeação para o Bureau. Ela nem se deu ao trabalho de dizer que não era justo. Ambas sabiam.

Nina encontrou o olhar firme de Shawna.

— Se minha escolha for entre ficar parada e assistir ou entrar no ringue, eu vou lutar. Sempre.

Capítulo 7

Clube da Luta Central Gaiola de Aço Washington, DC

A PÓS UMA avaliação cuidadosa do ferimento, o lutador conhecido como Odin levantou a agulha para perfurar a borda do corte irregular no supercílio esquerdo. Uma dor incandescente surgiu para desafiá-lo, acovardá-lo, derrotá-lo. Ele a enfrentou, puxando o fio cirúrgico através da carne inchada.

— Cacete — disse Sorrentino atrás dele. — Você não sente nada, né?

Com os olhos no espelho rachado, Odin empurrou a agulha pelo outro lado da ferida, observando a pele se esticar antes de a ponta da agulha perfurá-la.

— Eu sinto tudo. — Ele puxou, juntando as pontas. — Mas eu estou no comando. Eu decido se reajo ou não. — Ele mergulhou o aço afiado novamente. — Eu sou o meu mestre.

Sorrentino deu uma gargalhada.

— Como você foi mestre do The Raider esta noite.

Odin permitiu que um sorriso satisfeito curvasse seus lábios. Andrew “The Raider” Bennett era o tolo que havia entrado na jaula com ele. Agora Bennett descobriria as alegrias de um baço rompido.

Era assim que as coisas aconteciam naquele esporte sangrento. Os que estavam na plateia extravasavam sua fúria reprimida através do combate alheio, enquanto os gladiadores derramavam seu sangue para entretenimento. Mas Odin tinha um segredo que lhe dava uma vantagem. Ele era diferente dos outros. Diferente de toda a humanidade. Ele havia pego as vantagens genéticas com as quais tinha sido abençoado e se esforçava mais do que as outras pessoas. A combinação de superioridade física e mental o destacava. A visão de suor e ranho voando, o gosto de sangue na sua boca, o cheiro almiscarado de medo — tudo isso o intoxicava.

— Recebi um bom dinheiro apostando em você — disse Sorrentino. — Sempre aposto em Odin.

Ele ignorou a bajulação. Sorrentino havia desembarcado em algum lugar na escala evolucionária entre um sapo e um rato do pântano, mas tinha um instinto para os negócios. Ele sabia o suficiente para apostar em um vencedor.

Odin terminou de dar o último ponto e começou a finalizar a sutura.

Sorrentino aproximou-se, franzindo a sobrancelha preta e espessa enquanto observava.

— Belos pontos retos. Onde você aprendeu isso?

Ele desviou os olhos para Sorrentino, pousando seu olhar frio no homem até que este deu um passo nervoso para trás. Satisfeito por ter encerrado aquela linha de conversa, ele voltou à sua tarefa.

— Você está disponível na sexta à noite? — Sorrentino perguntou, mudando para um tópico mais seguro.

Ele cortou as pontas do fio rente à pele e se endireitou antes de dar uma olhada na fileira de televisões de tela plana penduradas no canto superior da parede.

— Tenho um compromisso na sexta à noite. Vou mandar uma mensagem quando estiver livre para outra luta.

Sorrentino, aparentemente entendendo que havia sido dispensado, saiu do vestiário.

O olhar de Odin retornou aos monitores. Ignorando a programação da ESPN e da Nascar, concentrou-se na tela que estava transmitindo um noticiário local. Enfiou a tesoura no kit médico e cuspiu um fio fino de sangue no chão de cimento. Noticiário local. Ele estaria muito bem nas manchetes nacionais se a mídia soubesse sobre a conexão entre a garota sem-teto no beco e a agente do FBI no vídeo viral. Nina estava em todos os canais. A heroína de todos. E se eles descobrissem que sua nova queridinha tinha sido a responsável pela morte daquela garota?

Ele se lembrou do vídeo da luta dela com aquele idiota que a havia atacado no parque. Assistiu mil vezes. Ela ainda era pequena, como ele se lembrava, mas obviamente andou treinando. Ela havia aprimorado suas habilidades e agora usava uma arma e um distintivo.

Nina Guerrera. A garota guerreira.

Nunca soube da mudança de nome. Quando tentava procurar Nina Esperanza, a trilha terminava no aniversário de dezessete anos dela. Ele imaginava que a mudança de nome havia sido parte de uma audiência confidencial do tribunal juvenil, um dos poucos tipos de registros que ele não podia acessar. Ela o havia despistado por todo aquele tempo. Ela lhe devia onze anos de vingança.

E era isso que ela teria.

Capítulo 8

Unidade de Análise Comportamental, Aquia Commerce Center Aquia, Virgínia

NINA ODIAVA segredos. Esse em particular parecia uma ferida purulenta debaixo da superfície, manchando cada interação que ela tinha com Wade, destinada a explodir em um borrifo tóxico que derramaria seu veneno sobre ambos em algum ponto desconhecido no futuro.

Não importava o que Wade tivesse feito, ou as razões por trás disso, todas as considerações pessoais ficavam em segundo plano para caçar o suspeito não identificado, e foi assim que ela se viu seguindo Wade até a sala de reuniões da UAC na manhã seguinte, como se não tivesse ideia do motivo de ele a ter apunhalado pelas costas dois anos antes.

Ela fez um balanço das pessoas sentadas ao redor da longa mesa de conferências. À sua frente, estava Gerard Buxton, um homem que ela conhecia de reputação.

— Agente Guerrero. — Wade gesticulou na direção de seu olhar. — Este é o agente especial supervisor Buxton, chefe de unidade da UAC Três.

Buxton a cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Reuni algumas pessoas-chaves para o primeiro *briefing* sobre este caso. — Ele se virou para a direita, onde uma mulher pálida com cabelos ruivos espiralados em uma cascata de cachos até a metade das costas estava sentada, seus olhos verde-mar brilhando com curiosidade.

— Kelly Breck — apresentou-se ela. — Emprestada pelo Crimes Cibernéticos, onde caí de paraquedas depois de um período na Análise Forense de Vídeos. — A presença de um leve sotaque sulista suavizou os termos técnicos.

Nina optou por não questionar a inclusão de uma especialista em crimes cibernéticos em um *briefing* da UAC. Buxton tinha a reputação de usar abordagens não convencionais para investigações e obter resultados.

O homem loiro de cabelo bem curto, sentado ao lado de Breck, parecia ter saído da base do Corpo de Fuzileiros Navais, a alguns quilômetros de distância. Os óculos de aro preto davam um toque incongruente às suas feições esculpidas.

— Jake Kent — disse ele. — UAC Três.

Nina e Wade sentaram-se em frente aos outros dois agentes.

— Vamos começar com a vitimologia — disse Buxton, sem preâmbulos.

Todos os olhos se voltaram para Wade, que abriu um caderno com capa de couro. Todos os outros tinham algum tipo de dispositivo eletrônico aberto sobre a mesa. Ninguém parecia surpreso com o estilo antiquado de anotações de Wade.

— O nome da menor é Sofia Garcia-Figueroa — começou Wade. — Sexo feminino, hispânica, dezesseis anos. A mãe está atualmente em processo de reabilitação, tentando se livrar de um vício em

metanfetamina. O pai já cumpriu dois anos de uma sentença de dez por tráfico de entorpecentes. Sofia estava em um orfanato desde os cinco anos de idade. Ela morava em um lar coletivo nos últimos seis meses e fugiu pela terceira vez há duas semanas. A supervisora do lar coletivo relatou o incidente após uma verificação de camas em que ela não estava presente, mas nenhuma outra ação foi tomada para localizá-la. De acordo com os detetives do Departamento de Polícia Metropolitana, ela começou a se sustentar por meio da prostituição. — Ele ergueu os olhos de suas anotações. — Como a mãe dela.

Ouvir a narração da história de Sofia despedaçou Nina. Em poucas frases, Wade havia resumido uma vida inteira de dor, rejeição e trauma. Sofia poderia ter mudado sua vida, mas agora não tinha mais essa chance.

Wade virou para a página seguinte.

— O último lugar em que alguém a viu foi a alguns quarteirões da rua M, às 19h da noite anterior a que ela foi encontrada.

— Ela estava com um homem? — perguntou Kent.

Antes que Wade pudesse responder, Buxton lançou a Breck um olhar significativo.

Ela pegou a deixa.

— Estou trabalhando com a Análise Forense de Vídeos. Nós a avistamos na câmera de vigilância de uma *bodega*, entrando para comprar cigarros — disse Breck.

— Ela estava sozinha.

— Ela usou uma identidade falsa para comprar os cigarros? — perguntou Nina.

— Não precisou — Wade interrompeu. — O balconista que trabalha nesse turno aparentemente não dá muita importância às leis de venda de tabaco. A polícia metropolitana está lidando com ele agora.

— Quem encontrou o corpo? — Kent indagou, ao que parecia, informando-se só agora sobre o caso.

—Joaquin Ochoa — disse Wade, olhando para baixo novamente. — Um ajudante de garçom da boate Triple Threat. Ele passou pela porta de serviço dos fundos para despejar o lixo por volta das 2h30min da manhã, depois do horário de fechamento. Viu o pé dela para cima. Temos sorte de a lixeira estar bastante cheia, ou ela teria caído perto do fundo e ele nunca a teria visto.

Nina não tinha ouvido esse detalhe antes.

— O suspeito não queria se livrar dela. Ele queria ter certeza de que eu iria ao local. Ele devia saber de antemão que a lixeira estaria cheia. Ela se virou para Wade. — Era perto do horário comum de coleta de lixo?

Wade virou mais algumas páginas.

— O lixo é coletado uma vez por semana. Era esperado que acontecesse na manhã seguinte, às seis. — Ele fez um aceno de concordância. — Ele queria que ela fosse encontrada.

— E ele queria que ela fosse encontrada em uma lixeira — disse Nina. Tinha certeza, mas não conseguia articular o porquê.

— Isso está me incomodando — disse Wade. — Por que ele a colocou na lixeira? Se ele só quisesse adiar a descoberta, poderia tê-la escondido na calçada atrás da caçamba. Ela não teria sido descoberta até a hora da coleta de lixo, quando o caminhão com elevador hidráulico levantasse a caçamba para esvaziá-la. Na verdade, isso faria mais sentido se ele quisesse ter certeza de que ela seria vista. Ele olhou para Nina. — Fico me perguntando se ele conhecia a sua história.

Ele fez o comentário com o distanciamento clínico de um investigador experiente, mas suas palavras caíram sobre ela com a força de um golpe físico. Wade estava colocando a ideia de que o suspeito havia posicionado o corpo de Sofia em uma paródia horrível de Nina quando criança, o que significava que ele achava que o suspeito

poderia estar ciente de que alguém a havia jogado no lixo.

Ela se recuperou o mais rápido que pôde, esforçando-se para esconder sua reação.

— Não vejo como ele poderia saber. Eu certamente não contei a ele quando me raptou.

— Mas havia alguém que sabia? — Wade continuou.

— As circunstâncias da minha entrada no sistema de adoção estavam no meu arquivo, mas nunca falei sobre isso com ninguém. — Seus olhos se desviaram dos de Wade. — Nunca.

— O que um assassino faz com sua vítima após a morte diz muito — disse Kent, salvando-a de mais explicações. — Alguém que arruma o corpo com cuidado, ou o cobre, pode conhecer a vítima ou sentir um pouco de remorso por suas ações. Por outro lado, quem trata o corpo com desprezo demonstra total desumanização da vítima. — Ele bateu em seu caderno. — Esse assassino não tinha consideração por Sofia e não acreditava que ela merecesse consideração alguma. Esse poderia ser o seu raciocínio para despejá-la onde a despejou.

— Verdade — disse Wade. — Mas tem mais coisa aqui. E o bilhete que ele deixou na boca da vítima e a mensagem codificada pintada com *spray* no local? Ambos mencionaram “esperança”, deixando claro que ele conhecia o antigo sobrenome da agente Guerrera. Ele se virou para ela. — Como ele saberia isso sobre você?

Ela hesitou um pouco antes de responder.

— Porque eu disse a ele. — A declaração pairou no ar um momento antes de ela elaborar. — Ele arrancou essa informação de mim. No começo, dei a ele um nome falso, mas ele percebeu que eu estava mentindo. — Ela se endireitou na cadeira. Nem ferrando ela deixaria alguém julgar seu eu de dezesseis anos. — Ele continuou me machucando até que eu disse a verdade. — Ele tinha

quebrado seu espírito naquele dia. Uma parte dela permaneceria danificada para sempre.

Sem se deixar intimidar por seu desconforto óbvio, Wade mergulhou mais fundo.

— Na época, ele parecia entender o que “*esperanza*” significava? Fez algum comentário sobre isso?

Ela pensou novamente, forçando sua mente a compartimentar, vasculhando os detritos de fragmentos de memória.

— Não. Ele deve ter descoberto mais tarde.

Todos pareceram refletir sobre isso por um momento, antes de Buxton levar a discussão adiante, desviando-os do rumo estranho que a conversa havia tomado.

— Sofia Garcia-Figueroa foi agredida sexualmente de alguma forma?

— Estuprada — disse Wade, desviando os olhos de Nina para examinar seu caderno novamente. — Há também 27 lacerações horizontais nas costas, bem como três queimaduras do que parece ser um cigarro e marcas de enforcamento ao redor da garganta. Não saberemos em que ordem tudo aconteceu até ouvirmos mais do médico legista.

O estômago de Nina deu uma volta desagradável.

— Quer dizer que a agressão sexual pode ter sido *post-mortem*?

— A autópsia completa nos dará uma ideia melhor — disse Wade. — Também estamos esperando um exame toxicológico e um relatório de DNA.

— Estou acelerando isso — disse Buxton.

— Alguma ideia de onde ocorreu o assassinato? — perguntou Kent.

— Não faço ideia — disse Wade. — A análise forense de vestígios também pode ajudar nisso.

Nina se concentrou na vida da garota em busca de pistas sobre sua morte. Como ela teria conseguido viver na rua? Trabalhar como prostituta era arriscado em muitos níveis. Ela precisaria de proteção, e provavelmente havia sido vítima do comércio de narcóticos que sugava tanta gente.

— Tinha afiliação a alguma gangue? — ela perguntou. Quando Wade ergueu as sobrancelhas, ela elaborou: — Ela tinha um cafetão? Um fornecedor?

— O Departamento de Polícia Metropolitana está trabalhando nesse ângulo — disse ele. — Eles estão fazendo uma varredura no bairro agora. Devo receber notícias de Stanton hoje ou amanhã. Isso é tudo o que eu tenho por ora.

Buxton imediatamente se virou para Breck.

— Vamos ouvir sobre o vídeo.

Aparentemente pega de surpresa, Breck pulou e pegou o laptop na sua frente. Nina a compreendia. Buxton estava conduzindo a reunião muito depressa.

— Analisamos vídeos de várias câmeras e empresas da cidade ao longo da rua M — disse Breck. — Nenhuma delas estava inclinada no ângulo certo para mostrar o beco atrás da boate.

— Aposto que ele também sabia disso — complementou Nina. — Ele havia planejado todo o resto, seria lógico que ele avaliasse o local com antecedência.

— Nós nos concentramos em uma janela de dez horas, começando duas horas antes de ela ser vista viva na *bodega* e terminando no momento em que ela foi encontrada na lixeira — disse Breck. — Mas podemos fazer outra pesquisa com uma janela de tempo estendida.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou Wade.

O rosto de Breck se abriu em um sorriso.

— Dá uma olhada nisto.

Ela girou o laptop, e deixou a tela de frente para eles. Todos se inclinaram, focando em um vídeo da rua M mergulhada no brilho sinistro da iluminação pública e dos letreiros de neon. A região de festas noturnas, beirando uma verdadeira farra, fervilhava com uma mistura de tráfego de veículos e de pedestres, todos em vários estados de embriaguez.

Breck apertou uma tecla e os veículos desapareceram, junto com o carimbo de hora flutuante. Pedestres passeavam pelas calçadas ou corriam pela rua movimentada, serpenteando entre carros agora invisíveis sob os círculos iluminados que desciam dos postes de luz, todos sombreados por uma marca de tempo única.

Breck narrou enquanto eles observavam, seu sotaque sulista cada vez mais pronunciado em compasso com a excitação do momento.

— Usamos um filtro de reconhecimento facial para identificar a vítima, mas ela não apareceu em nenhuma filmagem nesta rua durante a janela de dez horas que verificamos.

— Ela não entrou no beco, então — disse Nina. — Alguém a levou para lá.

— Já sabemos que o lixo não havia sido esvaziado vários dias antes — disse Wade. — Então ela não poderia ter sido transportada para o beco em um caminhão de lixo. De que outra forma ele a teria levado até lá?

Nina considerou as possibilidades.

— Você pode restringir os parâmetros visuais para pessoas carregando caixas ou carrinhos? Qualquer um fazendo entregas.

— Não só posso fazer isso, como posso fazer com que pareça fácil. — Breck digitou um comando. — Dá só uma olhada.

Homens com carrinhos ou caixas desciam pela calçada estranhamente vazia. Um deles parou, agitando os braços e gritando antes de atravessar a rua. Nina riu

enquanto o homem girava para apontar o dedo médio no ar, o comportamento comum agora cômico pela subtração digital do veículo que quase o havia atingido.

Kent se inclinou para a frente, os olhos fixos na tela.

— Você pode eliminar todos, exceto as pessoas que vão para o clube Triple Threat?

Os dedos pálidos de Breck correram nas teclas. Mais imagens vaporizadas. Eles assistiram em silêncio extasiado.

— Ali. — Nina apontou. Um homem corpulento de uniforme escuro, mancando de uma forma pronunciada, levava um carrinho de mão com uma caixa de papelão grande e volumosa para a boate. A aba do boné escondia a metade superior de seu rosto, e uma barba densa borrava a metade inferior. O tempo passou, então diminuiu novamente quando ele empurrou o carrinho vazio para fora, passos sem pressa serpenteando pela rua M até que ele saiu do quadro.

— Onde está o caminhão dele? — disse Nina.

— Deixe-me marcá-lo. — Breck digitou outro comando. — Ok, eu vou buscá-lo aqui.

O homem caminhou em direção a uma van Ford Econoline, abriu as portas traseiras e empurrou o carrinho para dentro.

O sangue de Nina gelou quando viu o veículo.

Ele mancou até a porta do motorista, içou-se para dentro com um esforço visível e partiu.

— Placa do carro? — disse Kent.

Breck deu um zoom.

— A van não tem.

— Câmeras de trânsito — disse Buxton, agitado. — Siga-o.

— Só tiramos o vídeo de um raio de três quilômetros ao redor da cena. — Uma pitada de rosa corou a pele pálida de Breck. — Vou expandir os parâmetros de

pesquisa. Agora que temos um veículo suspeito, posso voltar e rastreá-lo.

Nina se concentrou em sua opção restante.

— Você também pode pesquisar nos bancos de dados para reconhecimento facial do entregador?

— Deixe-me ver se consigo dar uma olhada melhor no rosto dele — disse Breck. — Está escuro, mas provavelmente podemos filtrar a imagem o suficiente para limpá-la.

— Algo não está certo — disse Nina. — O homem que me atacou era fisicamente apto e musculoso. O tipo físico dele. — Ela apontou para Kent. — Já esse cara parece obeso e manca com o pé direito.

— Você não o vê há onze anos. — Wade gesticulou para cima e para baixo apontando o seu corpo. — Acredite em mim, muita coisa pode desandar no físico de um homem nesse intervalo de tempo. Ainda mais se ele machucou a perna e não conseguiu se exercitar.

Breck virou o laptop de volta para si e começou a digitar.

— Vou mapear esse jeito de andar e o inserir no sistema. Se um candidato suspeito aparecer em vídeo, podemos comparar a mancada com esta.

Kent tirou os óculos.

— Se eu quisesse despistar o reconhecimento facial... eu poderia colocar um nariz falso, uma barba ou óculos para confundir o sistema?

Breck balançou a cabeça.

— O reconhecimento facial funciona com base na estrutura óssea facial geral, então coisas assim não importam. Você teria que ir muito mais longe para enganar o tipo de tecnologia que temos agora.

— Mas isso poderia ser feito com implantes cosméticos ou cirurgia?

Ela franziu a testa para ele, em um olhar de dúvida.

— Teoricamente, sim.

— De qualquer forma, agora temos nossa primeira pista viável. — Buxton interrompeu a discussão acessória. — O agente Breck vai acompanhar essa parte. Enquanto isso, vamos ao perfil.

Nina se animou. Isso era o que ela estava mais ansiosa para ouvir. Embora sua reputação tivesse sofrido um baque, o dr. Jeffrey Wade ainda era o *mind hunter* mais experiente do Bureau. Como ele dissecaria mentalmente a psique do monstro?

— Tudo se resume ao motivo — disse Wade. — O comportamento do suspeito reflete sua personalidade, que condiz com certos padrões. Esses padrões fornecem informações sobre o que o motiva. — Ele juntou os dedos, batendo-os no queixo. — Esse assassino é metódico. Ele escolheu Sofia como sua vítima especificamente para atrair Guerrero para a investigação. O recado deixa claro que ele está conectando esse crime ao que ele tentou concluir onze anos atrás. É a realização de desejos. Podemos concluir razoavelmente que ele agiu depois de ver Guerrero no vídeo viral.

Kent franziu as sobrancelhas.

— Você está dizendo que o vídeo foi o estressor precipitante?

— Essa é a suposição mais lógica — disse Wade. Ele olhou para Nina. — Os assassinos podem fantasiar sobre seus crimes por algum tempo antes de tomarem a decisão de agir sobre eles. Normalmente, uma série de circunstâncias ou eventos convergem de uma forma que estimula a ação. Vê-la outra vez, ainda mais quando você está em uma posição de autoridade, derrubando um predador daquela forma, com certeza poderia ser o estopim para ele.

Ela presumia que Wade estava fornecendo mais informações para seu benefício e possivelmente para

Breck. Como as duas pessoas na sala sem experiência em criação de perfis, ambas se beneficiariam de mais informações.

Ela aproveitou a oportunidade.

— Que tipo de predador ataca duas vezes em onze anos?

— Um perseguidor verdadeiramente obcecado que encontrou outra vítima para tomar o seu lugar — disse Wade. — Alguém que reprimiu seus impulsos até que eles fossem desencadeados por um estressor.

Kent empurrou os óculos de volta sobre a ponte do nariz.

— Ou um predador que está sendo discreto, latente, mas que matou outros durante a última década. Não podemos ter certeza de que Guerrera foi a primeira ou a última antes de esse assassinato ocorrer.

— Eu ficaria surpresa se alguém com um padrão tão único e consistente não disparasse o alerta vermelho no sistema — disse Wade.

Buxton balançou a cabeça.

— Não há casos semelhantes no Programa de Apreensão de Criminosos Violentos e não encontramos correspondência no banco de dados forense sobre os vestígios na cena do crime. Isso inclui cabelo, fibra, fluidos, ações. Como mencionei antes, porém, essa foi apenas uma verificação preliminar. Vamos ter um relatório mais completo em breve, assim que processarem tudo no laboratório.

Nina fez a pergunta embaraçosa que todos pareciam estar evitando:

— Alguma evidência da rua M foi comparada com as amostras coletadas no meu caso?

— Estamos em contato com a polícia do condado de Fairfax — disse Wade. — Eles estão retirando a caixa do armazenamento de evidências arquivadas. Nosso laboratório quer que o material original seja testado.

Enquanto isso, eles enviaram o perfil digital. Em breve, saberemos de alguma coisa.

— Segure esse pensamento um instante — disse Buxton, olhando seu celular. — O Departamento de Imprensa acabou de me enviar uma mensagem. Estão falando para ligar o noticiário. — Ele pegou o controle remoto e apontou para a tela plana na parede atrás de Nina.

Ela girou a cadeira para ficar de frente para o monitor.

— O que está acontecendo?

— O suspeito enviou uma mensagem. — Buxton clicou no controle remoto. — Para o público.

Capítulo 9

NINA ASSISTIU a um distinto âncora de cabelos grisalhos em um terno cinza-escuro na televisão pendurada na parede. Um *banner* de notícias brilhava abaixo dele enquanto ele falava para a câmera.

— ... *mensagem através da página do Channel Six News no Facebook. Por respeito aos nossos telespectadores, investigamos antes de publicar esta reportagem. Também entramos em contato com o FBI solicitando uma declaração. Para saber mais sobre essa notícia de última hora, aqui está Jerrod Swift.*

O quadro mudou para dois planos que incluíam um repórter de quase trinta anos sentado ao lado do âncora.

— *Obrigado, Steve.* — Jerrod afastou uma mecha escura de sua testa e olhou para a câmera. — *Cerca de vinte minutos atrás, alguém enviou uma mensagem privada à nossa página do Facebook alegando ser a pessoa que matou Sofia Garcia-Figueroa, de dezesseis anos, em Georgetown, duas noites atrás.*

A narração de Jerrod continuou em segundo plano enquanto a tela mudava para uma imagem da página do Facebook do canal de notícias.

— *A pessoa que nos contatou usou um perfil falso e alegou ter conhecimento do crime que só o assassino teria. Vamos apresentar com exclusividade o conteúdo da mensagem.*

— *O que diz?* — o âncora perguntou conforme a tela cortava de novo para uma cena da bancada do noticiário.

— *Ele está zangado com o que está chamando de “abafamento da polícia”.*

— *De que tipo de abafamento ele estava falando?* — O âncora girou sua cadeira para encarar Jerrod. — *E como nossa equipe de notícias concluiu que a mensagem era legítima?*

— *Entramos em contato com o FBI e fornecemos a imagem que ele nos enviou.* — Uma foto da mensagem enigmática encontrada no saquinho de plástico apareceu. — *Eles não comentaram, mas fontes próximas à investigação confirmaram que correspondia a um recado que o assassino deixou no local.*

— Filho da puta — praguejou Wade, momentaneamente distraído Nina. Ela arrastou os olhos de volta para o pesadelo que se desenrolava diante dos seus olhos, enquanto Jerrod continuava seu relatório.

— *Quem postou na nossa página afirmou que a mensagem se refere à agente especial do FBI Nina Guerrero, que apareceu recentemente nesse vídeo viral. Ele a chamou de “Garota Guerreira”, que diz ser a tradução do nome dela.*

Nina apertou a mandíbula para bloquear o fluxo de obscenidades que ameaçavam saltar de dentro dela, enquanto a voz desencarnada de Jerrod narrava ao fundo e imagens do parque Accotink preenchiam a tela.

— *Percebemos algo interessante quando analisamos o clipe* — continuou Jerrod. — *Aqui está uma imagem destacada do vídeo.*

Desta vez, a tela se dividiu, com um quadro isolado de Nina, capturado do vídeo viral, ao lado de uma foto de Sofia Garcia-Figueroa no ensino médio.

— *Definitivamente, há uma semelhança* — disse o âncora quando a câmera cortou para ele. — *O que o FBI*

está nos dizendo?

— Eles ainda não fizeram uma declaração oficial.

— Então, o que o assassino quer? — o âncora perguntou a Jerrod. — Ele informou por que está falando através da mídia?

— Ele disse que não vai deixar o FBI esconder informações do público — respondeu Jerrod. — Parece que ele quer crédito pelo que fez.

Wade soltou um suspiro exasperado. Nina supôs que ele não estava gostando daquele perfil elaborado por um amador.

— E ele compartilhou uma mensagem cifrada conosco — Jerrod continuou.

Nina prendeu a respiração quando uma imagem de uma série de letras e números piscou na tela. Eram diferentes daqueles que ele havia pintado na lixeira na cena do crime.

O âncora continuou a fazer perguntas ao repórter de campo.

— O que significa, Jerrod?

— Ainda não sabemos, mas estamos trabalhando nisso.

— Então o assassino entrou em contato exclusivamente com o Channel Six News?

— Correto. Ele não disse o porquê.

— Um momento, estou recebendo um recado da produção. — O âncora tocou levemente a orelha. — Temos muitos acessos à nossa página do Facebook. As pessoas estão tentando decifrar a mensagem. — Ele olhou para Jerrod. — Nós nos certificaremos de compartilhar possíveis soluções com as autoridades.

Jerrod assentiu, tentando encobrir sua excitação com uma expressão sombria, sem obter sucesso.

— O que quer que esteja acontecendo, o assassino parece estar focado na agente especial Guerrero — disse

ele. — *Vamos torcer para que o FBI o esteja caçando agora.*

— *Obrigado por este relatório, Jerrod, e, por favor, nos informe sobre quaisquer desenvolvimentos futuros. Esse cara é tão cifrado quanto as pistas que ele deixa para trás.* — O âncora girou para dirigir-se à câmera. — *Depois do intervalo, vamos conversar com uma empresa de controle de pragas em Reston, que usa médiuns e o poder dos cristais para manter os insetos fora da sua casa...*

— Desligue essa maldita coisa — disse Buxton. E, então, olhou ao redor da mesa. — Alguém conseguiu? — Breck leu em seu laptop. — Os números 32, 18, 10 e 36, seguidos por um F e um R.

Wade ergueu os olhos de suas anotações rabiscadas.

— Se o primeiro número é 32, desta vez ele não usou uma simples cifra de substituição.

— Vou encaminhá-lo para a Criptoanálise — disse Buxton. — O jogo mudou. O suspeito está puxando o público diretamente para o meio da nossa investigação.

— Ele quer controlar todos os aspectos do caso — disse Wade. — Incluindo as informações que divulgamos. Ele também está gostando do espetáculo, desde que seja a respeito dele. Narcisista clássico.

— Qual é o nosso melhor palpite sobre o próximo movimento dele? — A expressão tensa de Buxton sugeria a Nina que ele temia a resposta.

— Ele vai dobrar as apostas — disse Wade. — Virá atrás da Guerrero pessoalmente. Quer provar sua superioridade eliminando uma agente federal.

Nina não tinha intenção de deixar isso acontecer. O monstro acreditava que tinha negócios inacabados com ela, mas não fazia ideia do que ela havia se tornado. Seus caminhos pareciam destinados a convergir novamente, mas, desta vez, ela estaria pronta.

— E se ele não conseguir?
Os olhos de Wade se fixaram nela.
— Então outra pessoa vai morrer.

Capítulo 10

NINA SABIA o que aquilo significava. Sofia Garcia-Figueroa havia morrido em seu lugar e, se ela não conseguisse deter o monstro, outra garota também morreria. Nina sentiu uma mortalha de culpa cair sobre ela.

Breck quebrou o silêncio.

— Que tipo de assassino se comunica em código?

— Na minha experiência — disse Wade —, assassinos em série.

— Mas só temos uma vítima. — Lançando um olhar para Nina, Breck acrescentou: — Uma vítima falecida, de qualquer maneira.

— Esse é o principal problema que estou enfrentando com este caso. — Wade passou a mão pelo cabelo grisalho e crespo. — Aqueles que agem dessa maneira já mataram antes, mas a evidência física, ou a falta dela, diz que ele só teve um fracasso anterior nas suas tentativas.

A sala ficou em silêncio novamente.

— *A esperança está morta* — disse Nina, refletindo sobre a primeira mensagem codificada. — Que diabos isso significa?

— Se a vítima foi uma substituta sua, isso significa que ele matou você ritualmente — disse Wade, sem alterar a voz.

— Então por que você disse que outra pessoa vai morrer? — Breck indagou a Wade.

— Boa pergunta — Buxton interrompeu. — Na verdade, você pode atualizar sua avaliação sobre esse suspeito com base no que acabamos de ouvir, agente Wade?

— O caminho mais seguro dentro da mente de um assassino é seu comportamento, principalmente nas cenas dos crimes, quando ele está agindo — começou Wade. — Entre o caso de Guerrero e este novo em DC, ele estabeleceu um padrão definido em vitimologia e metodologia. O fato de ele usar luvas, evitar cometer o crime diante das câmeras, alterar sua aparência e obter um uniforme de entrega me diz que ele é organizado e disciplinado. O episódio com a mídia indica que ele anseia por atenção, o que ressalta ainda mais sua necessidade de controle. Ele quer mostrar ao mundo que *ele* está no comando da investigação, não o FBI. — Wade desviou os olhos para Nina. — E ele tem um fascínio por você.

Nina sentiu os holofotes se virarem para ela. Como se todos pensassem que ela estava escondendo alguma informação importante que os levaria à porta do criminoso.

— Eu não tenho ideia do porquê — disse, tentando mostrar qualquer sinal de defesa em sua resposta.

Wade manteve o olhar fixo sobre ela.

— No caso de reincidência, os casos mais importantes a serem examinados são os mais antigos, que serão próximos ao local de residência do autor e revelarão mais sobre o que motivou os crimes. — Ele fez uma pausa, aparentemente considerando suas palavras. — Se você foi, como diz a nota dele, aquela que escapou, isso poderia indicar que você também foi a primeira vítima. Ele não havia aperfeiçoado suas habilidades, então você pode ter informações críticas a respeito dele. Coisas que você pode nem perceber que sabe.

— Você acredita que ele é um *serial killer*? — Ela colocou as mãos nos quadris. — Não temos três vítimas.

Como todos os outros agentes, ela havia estudado diferentes tipos de assassinos na academia. *Serial killers* eram definidos como criminosos que tinham matado pelo menos três vítimas, com um intervalo entre cada evento. Assassinos em massa eram caracterizados por terem matado pelo menos quatro indivíduos em um único incidente. Por fim, os *spree killers* tinham duas ou mais vítimas em locais diferentes, em um curto período.

Wade deu de ombros.

— Não estou dizendo que ele é um *serial killer*, mas ele com certeza é um reincidente. É possível que algo em você o tenha despertado inicialmente, causado uma reação. Quando você escapou, isso o fez recuar, talvez tenha abalado a confiança dele. Ele pode ter reprimido seus impulsos violentos até ver você no vídeo.

Kent assentiu devagar.

— E agora o suspeito está por aí tentando provar ao mundo, e a si mesmo, que pode riscar você da lista dele.

— Seria essencial para ele — disse Wade.

Buxton puxou o colarinho da camisa e respirou fundo.

— Precisamos de inteligência ao nosso alcance para identificar esse cara. Teremos que repassar o incidente envolvendo a agente Guerrera. — Ele hesitou, depois acrescentou: — Em detalhes...

A expressão sombria indicava que ele estava dando à Nina uma chance de recuar com dignidade. Se ela não estivesse naquela sala, não fosse parte da equipe, Wade a entrevistaria em particular e relataria suas descobertas aos outros. Tudo seria filtrado com o intuito de protegê-la do escrutínio e do julgamento de seus colegas. Se ela permanecesse ali, teria que contar sua história e responder às perguntas que surgissem. O treinamento

básico a ensinara que entrevistas em primeira mão eram sempre a melhor fonte de informação. E ela era a fonte mais valiosa que eles tinham por enquanto.

Esse era o seu momento. Era chegada a hora de falar sobre o que havia acontecido e tudo o que tinha levado àquele desfecho. Falar sobre as horas mais íntimas e humilhantes de sua vida. Ou ela lidaria com isso ou ficaria à margem enquanto outros agentes trabalhavam no caso.

Enquanto Nina olhava para seus colegas ao redor da mesa, ela se lembrou de ter contado sua história para investigadores e assistentes sociais quando tinha apenas dezesseis anos. Se isso fosse ajudar a pegar aquele monstro, ela poderia contar de novo, agora como uma mulher adulta.

Wade falou pelo canto da boca de forma que só ela podia ouvir.

— Você não tem que fazer isso.

O que Wade não entendia era que isso era exatamente o que ela tinha de fazer. Nina endireitou os ombros e dirigiu seu olhar para Buxton.

— O que vocês querem saber?

Buxton trocou um olhar tácito com Wade. Eles deveriam ter planejado aquilo tudo com antecedência, designando o dr. Jeffrey Wade, psicólogo forense, para guiá-la no decorrer do relato. Buxton sabia claramente que Wade já havia repassado o incidente com ela durante o processo de admissão. Ele devia ter decidido que seria mais fácil para Nina se abrir com ele outra vez.

Até parece.

Wade girou a cadeira para encará-la.

— Nina, por que você não começa com o que você lembra sobre o sequestro?

Ele nunca tinha usado o primeiro nome dela antes. E se referia ao corrido como “o sequestro”, de uma forma

que a distanciava do ataque. Ela havia usado as mesmas táticas de entrevista com vítimas de crimes.

— Era tarde da noite — ela começou. — Eu tinha fugido do lar coletivo e estava dormindo junto com algumas mulheres acampadas atrás de um shopping em Alexandria.

Ele assentiu, encorajando-a a continuar.

— A primeira vez que vi a van, ela passou devagar, depois voltou pela segunda vez e parou do outro lado do estacionamento. Uma das mulheres se levantou para ver se ele queria fazer algum negócio.

Ela se lembrava da mulher tão claramente como se tivesse acontecido no dia anterior, seu arrastar de pés sinuoso, fazendo o cabelo loiro oleoso balançar enquanto fingia um andar de prostituta.

— Eu só ficava perto das outras — disse Nina. — Não tinha nenhum vício para alimentar, então não estava na vida. — Ela se viu focando nos olhos cinzentos e frios de Wade enquanto contava sua história. — A mulher voltou para nós. Disse que ele estava interessado em mim, não nela.

Ela ainda podia ouvir a gargalhada da mulher, seus dentes enegrecidos e as gengivas inchadas compondo um vazio cavernoso que contrastava com a pele pálida ao luar.

— O homem pulou e veio correndo na minha direção. — Nina se estabilizou quando o terror daquela noite a invadiu, trazendo lembranças de dor e angústia em seu rastro. — Ele usava um gorro de esqui preto e luvas de látex azul-claro. Estava um pouco frio, mas não muito. Assim que vi que o rosto dele estava coberto, tentei fugir, mas ele já estava correndo. Ele me alcançou em alguns passos, agarrou meu rabo de cavalo e me puxou na sua direção. — Ela distraidamente tocou o cabelo curto. — Ele colocou uma das suas mãos enormes em volta da minha garganta e apertou.

— O que as outras fizeram? — disse Wade.

— Se mandaram.

Ela tinha certeza de que as mulheres iriam correr para ajudá-la. Eram cinco mulheres adultas. Juntas, poderiam tê-lo combatido. Em vez disso, elas a viram sendo arrastadas e não fizeram nada para impedir. Como tantos outros em sua vida, elas a abandonaram. Esse foi o momento em que ela realmente aceitou que estava sozinha. Que só podia contar consigo mesma.

— Ele nem tinha uma arma, mas elas simplesmente se dispersaram. — Ela engoliu em seco, forçando para baixo o nó que se formava em sua garganta. — Me deixaram para trás.

— O que aconteceu depois? — Wade perguntou em tom gentil.

— Ele me pegou e me carregou para a van, depois me sufocou até eu desmaiar.

— E quando você recobrou a consciência? — O tom de Wade não demonstrava nenhuma emoção. Ele estava em modo de entrevista clínica.

— Eu comecei a lutar e ele me batia na cabeça. Me deixava desorientada. — Ela continuou a se concentrar em Wade, que a ancorava no presente enquanto ela mergulhava mais fundo no passado. — Eu estava zonda e lenta. Lembro dele tirando minhas roupas e colando meus pulsos e tornozelos juntos. Ele também passou fita na minha boca.

— Você se lembra de que tipo de fita ele usou?

Ela tentou desenterrar uma imagem mais clara.

— Não.

— De que cor era?

— Estava escuro, não me lembro.

Sem dúvida sentindo sua agitação, Wade seguiu em frente.

— Por favor, não leve a mal essa próxima pergunta, mas eu tenho que perguntar para entender que tipo de

personalidade ele tem. — Ele esperou até que ela o reconhecesse antes de falar. — Você lutou com ele?

— Como se minha vida dependesse disso.

— Como ele respondeu?

— Quanto mais eu lutava contra ele, mais violento ele ficava. Na verdade, acho que isso o excitava.

Wade deu-lhe um breve aceno de cabeça como se estivesse esperando essa resposta.

— Ok. O que aconteceu depois?

— Ele abriu as portas traseiras da van. Havia árvores ao redor. Muitas árvores. Ele me arrastou para fora, me jogou por cima do ombro como um saco de areia e me carregou para um galpão. Parecia pequeno, mas era bem robusto.

Ela parou, preparando-se para a parte seguinte. Wade não a pressionou. Todos esperavam que ela retomasse a história.

— Depois que ele me colocou para dentro, fechou a porta e me deitou em uma mesa de aço. Ele usou uma corda de náilon para prender meu pulso esquerdo a um poste no canto superior esquerdo. Uma vez que eu estava presa, ele cortou a fita, agarrou meu pulso direito e o amarrou no outro canto. Ele fez o mesmo com meus tornozelos.

— Então ele se certificou de que você ficasse presa o tempo todo? — perguntou Wade.

— Eu não conseguia fugir. — Saiu como um sussurro.

— Está tudo bem — disse Wade, sua voz baixa e calmante. — E então?

— Ele desapareceu por alguns minutos. Quando voltou, estava vestindo uma capa preta, mas ainda com o gorro e com as luvas.

— Como era a capa dele?

— Eu estava de bruços, mas pude ver que era comprida e aberta na frente. Ele tinha uma corda amarrada na cintura.

— Bom. Vá em frente.

Nina não sabia se alguém além de Wade havia lido o relatório do caso da polícia do condado de Fairfax e estava exatamente ciente do que havia acontecido com ela. Havia planejado compartimentar, mudar para seu papel investigativo a fim de criar distância emocional. Seu objetivo era relatar os fatos como se tivessem acontecido com outra pessoa e ela estivesse apenas contando, mas as imagens daquela noite a haviam agredido, ameaçando dominá-la. Preparando-se para pensar em Sofia Garcia-Figueroa, ela continuou:

— Ele ficou tocando as marcas nas minhas costas. Disse que... que ele é quem queria ter me marcado daquele jeito. — Ela fez uma pausa, repensando suas palavras. — Na verdade, ele disse “conceder” as marcas a mim, como se estivesse falando sobre um prêmio.

Aparentemente, a memória confusa que Wade achara problemática durante seu processo de admissão estava começando a clarear um pouco.

— Tenho certeza de que deve ser difícil. — O tom de Wade ficou solidário. — O que ele fez depois?

Ela secou as mãos úmidas na calça, preparando-se para a próxima parte.

— Ele pegou um cigarro e acendeu. Eu o observei com o canto do olho. Conversou comigo o tempo todo, me fazendo perguntas sobre as marcas de cinto e se eu chorei na hora. Foi também quando ele me pediu para dizer meu nome.

Breck levou as mãos à boca enquanto ouvia.

— Ele mencionou especificamente marcas de cinto? — perguntou Wade.

Ela fechou os olhos, vasculhando seu subconsciente em busca de detalhes.

— Acredito que sim.

Uma nota de urgência tingiu a voz de Wade.

— Como ele sabia que eram marcas provocadas por um cinto?

Ela sabia aonde Wade estava indo com essa linha de questionamento. Ele estava trabalhando com a suposição de que o suspeito a conhecia antes de tê-la levado. Porém, ela abriu um furo em sua teoria.

— Os vergões estavam frescos. Eu os tinha recebido só dois dias antes. Ele provavelmente ainda podia ver onde a fivela havia cortado a pele. Era bastante óbvio o que tinha causado os ferimentos.

Wade tentou uma abordagem mais direta:

— Você se lembra de vê-lo antes daquela noite?

Uma pergunta que a polícia havia feito mil vezes. Uma que ela havia se perguntado muitas vezes mais.

— Não lembro.

Wade a estudou em silêncio, avaliando-a. O ar-condicionado ligou, seu zumbido encheu o ambiente.

— O que ele fez com o cigarro?

Ele sabia muito bem o que o monstro havia feito com o cigarro.

— Ele usou nas minhas costas três vezes. — Sua pulsação disparou, mas ela se manteve imóvel, inabalável com a resposta. — Ele fez um triângulo. Um buraco de queimadura em cada vértice.

Ela se lembrou do som de seu próprio grito abafando o chiado enquanto a ponta incandescente a queimava. O odor de carne queimada atingindo seu nariz. Seu peito arfava contra o aço frio enquanto ela recuperava o fôlego entre cada contato do cigarro contra sua pele nua, uma vez em cada omoplata e, finalmente, na nuca.

Não queria continuar, mas sabia que precisava. Algo de que ela se lembrava poderia fornecer uma pista para parar o monstro, algum detalhe aparentemente insignificante que nunca havia aparecido antes. Ela devia isso a Sofia. E ela devia a quem ele, sem dúvida, tinha em vista agora.

— Depois que terminou, ele parecia... excitado. Ele desamarrou a corda ao redor da cintura do manto e abriu a frente. — Pulso acelerado, ela começou a descrever todas as três vezes que o monstro a tinha estuprado. Ele a segurou por horas, reposicionando-a entre cada ataque.

Wade ouviu sem interrupção. Quando ela terminou, ele perguntou:

— Ele disse alguma coisa para você naquele momento?

— Ele se deitou em cima de mim. Falou no meu ouvido. — Ela fechou os olhos com força, desejando que as palavras viessem até ela. — Droga, não consigo lembrar o que ele disse.

— Está tudo bem — disse Wade, incapaz de esconder sua decepção.

Depois disso, ela respondeu a cada uma das perguntas feitas. Sim, ele usava um preservativo novo a cada vez. Não, ele não a tinha mordido. Sim, ele havia batido nela várias vezes. Não, ele não quebrou nenhum osso, mas ela torceu o pulso esquerdo tentando fugir.

Ela se sentiu exaurida. Mental e fisicamente esgotada. Mas ainda não havia chegado ao fim.

— Como você escapou? — disse Wade, seguindo em frente com relutância óbvia.

— Depois que ele... terminou comigo, ele foi embora. Eu ainda estava amarrada à mesa e só conseguia me mexer um pouco. Ele havia me machucado. — Ela engoliu um nó na garganta. — Muito. Eu estava encharcada de suor. Minhas mãos estavam tão úmidas que deslizavam na corda de plástico. Fiquei puxando. Minhas mãos são pequenas. Eu estreitei a mão assim. — Ela levantou o braço, colocando o polegar na palma da mão para demonstrar. — Continuei puxando até minha mão esquerda escorregar. Depois disso, consegui me desamarrar.

Uma sobancelha de Wade se ergueu.

— Você não sabia quando ou se ele voltaria, não é?

— Tive que trabalhar rápido. O nó no meu tornozelo direito foi o que levou mais tempo. Eu havia recuperado meu equilíbrio a essa altura, mas estava com uma terrível dor de cabeça. Deslizei para fora da mesa, caminhei na ponta dos pés até a porta e a abri. Ainda estava escuro, mas o sol ia nascer logo. Não vi ninguém por perto. A van não estava mais lá, então eu saí correndo pela floresta.

— Ainda nua? — Breck falou pela primeira vez.

— Não havia roupas no galpão, e ele devia ter deixado as minhas na van. De qualquer forma, minha vida era mais importante do que meu pudor naquele momento.

Wade silenciou Breck com um olhar.

— Vá em frente, Nina.

— Tive que correr muito antes de finalmente chegar perto de algumas casas. Eu não conhecia a área, mas descobri depois que ele havia me levado para Chantilly. Fica na parte oeste do condado de Fairfax, cerca de quarenta minutos de onde ele me pegou.

Ela se lembrou de sua busca frenética por ajuda, seu terror ao bater na porta de um estranho quando estava ferida e vulnerável. Um estranho que poderia ser pior do que o monstro de que ela havia acabado de escapar.

— Vi uma casa com uma luz acesa e toquei a campainha. Um homem atendeu, deu uma olhada em mim e gritou para chamar a esposa. Ela colocou um cobertor em volta de mim enquanto seu marido chamava a polícia.

— O que aconteceu depois que a polícia chegou?

— O habitual. Eles me questionaram enquanto paramédicos verificavam meus ferimentos. Fiquei bastante traumatizada. — Ela havia se valido da mistura de adrenalina e terror que a percorria para se manter

firme em incontáveis entrevistas com detetives e pessoal médico nas horas que se seguiram à sua fuga. Só muito mais tarde, quando finalmente ficou sozinha, ela se permitiu o luxo das lágrimas.

— Eles transportaram você para um hospital?

— Você quer saber se eles administraram um kit de estupro? — ela disse, seu tom mais áspero do que pretendia. — Sim. Eu nunca vi o relatório, então você provavelmente saberia mais do que eu sobre os resultados. — Outro arquivo com informações que ela nunca tinha visto.

— E a cena do crime? — perguntou Wade.

— Consegui dizer a eles onde ficava o galpão, mas, quando chegaram lá, estava totalmente engolido pelas chamas.

Queimado até o chão em menos de trinta minutos.

— Quem era o dono do terreno em que o galpão foi construído? — perguntou Buxton.

— Era herança de um casal de idosos que morreu sem testamento. Eles haviam construído uma casa em um terreno de vinte acres décadas antes. Seus filhos adultos, que haviam se mudado, estavam brigando por causa disso. O imóvel estava em liquidação já tinha mais de um ano. A polícia disse que meu agressor provavelmente havia construído o galpão sem o conhecimento ou o consentimento de ninguém. Eles processaram as poucas evidências que restaram após o incêndio, mas quaisquer impressões, fibras ou DNA que pudessem haver foram destruídas.

Quando terminou o relato, algo que Wade disse anteriormente provocou uma pergunta própria.

— Você estava perguntando sobre o tipo de fita que ele usava. — Nina perguntou a ele: — Por quê?

— Pode ajudar saber se foi algo incomum. O mesmo vale para o que ele usou para cortar a fita dos seus pulsos e tornozelos. Existem algumas facas militares que

podem cortar cordas de paraquedas e tecidos resistentes.

— Não me lembro de ter visto o que ele usou.

— Acho que é o suficiente por ora — disse Buxton um pouco rápido demais. A tensão na sala rompeu quando ele fingiu olhar para o relógio.

Ela não conseguia escapar da sensação de que o chefe a havia resgatado quando sua memória falhara novamente. De que ela, de alguma forma, decepcionou a equipe. Queria desesperadamente desenterrar cada fragmento de informação, mas tinha que admitir que uma pequena parte sua havia se tornado muito hábil em empurrar os detalhes de volta para os cantos escuros de sua mente. A fim de pegar o monstro, ela teria que puxar aqueles fragmentos — e a dor que vinha com eles — de onde os havia guardado com tanto cuidado.

Capítulo 11

T RÊS HORAS depois, Nina pulou na cadeira quando Kent bateu uma jarra de cerveja sobre a mesa redonda toda riscada. Wade colocou quatro canecas transparentes ao lado da jarra enquanto se sentava ao lado de Nina.

Breck pegou uma e serviu.

— A primeira é para a Guerrera.

Nina agarrou a alça gelada da caneca.

— Buxton não vem?

Kent gesticulou ao redor da sala.

— Tenho a sensação de que os superiores fazem questão de não ver o que acontece aqui.

Depois de um dia cansativo nos confins da UAC, eles se amontoaram em um dos Suburbans do Bureau para percorrer a curta distância até as instalações de Quantico, onde a academia do FBI tinha seu próprio bar. Conhecido como Sala de Reuniões, o local era um destino para todos que frequentavam a Academia Nacional do FBI, desde os novos agentes até os altos executivos da polícia de todo o mundo. Dependendo da noite, poderia haver dança, karaokê ou jogo de cartas entre aqueles que queriam desabafar.

Ela olhou ao redor.

— Não tem muita gente aqui esta noite. Ninguém vai perder a linha.

Wade virou a jarra, derramando o líquido âmbar em sua caneca.

— Acho que Buxton queria que tivéssemos a chance de conversarmos entre nós.

Fazia sentido. Eles haviam sido jogados na mesma missão para trabalhar como uma equipe. Wade e Kent eram os únicos permanentemente designados para a unidade. Eles precisavam se consolidar como grupo para serem produtivos. Não faria mal aproveitar a oportunidade.

Ela deslizou uma caneca vazia para Kent.

— Eu vi você estudando o código no computador algumas horas atrás. Alguma sorte?

— Eu estava trabalhando com os criptoanalistas no servidor interno. — Kent pegou a caneca e a encheu com a cerveja da jarra, antes de passá-la a Breck. — Decifrar códigos é o que eles mais fazem, mas eu queria me concentrar na fraseologia anterior do suspeito para ver se poderia esclarecer essa nova mensagem.

— Kent tem treinamento em análise psicolinguística — disse Wade, mexendo em uma cesta de pretzels no centro da mesa. — Cortesia do Tio Sam.

Ela ergueu uma sobrancelha para Kent, convidando-o a dar uma explicação.

— Eu estava nas Forças Especiais antes de ingressar no Bureau — disse ele, simplesmente. — Minha equipe precisava de alguém para ajudar nos interrogatórios. — Ele ergueu a mão. — Não peça detalhes. Todas as minhas missões eram confidenciais. Eu tinha um diploma de graduação em psicologia, então eles me escolheram para o treinamento avançado. Pagaram meu mestrado também.

Breck cutucou o braço de Wade.

— Você está procurando um amendoim no fundo dessa tigela?

Wade parou de empurrar pretzels.

— Um pouco de proteína me faria bem.

— A mim também, mas amendoins não vão resolver no meu caso — disse Breck. — Estou com fome o suficiente para comer um cavalo e ir atrás do cavaleiro.

Nina sorriu.

— Eu amo o jeito como você fala, mas não consigo identificar seu sotaque.

— Geórgia — disse Breck. — Também não é de Atlanta. Eu sou do Low Country, onde o sushi ainda é chamado de isca. — Ela se levantou. — Vou pedir uma pizza para nós.

— O que o levou a estudar linguística? — Nina perguntou a Kent, muito mais interessada em seu passado do que em comida.

— Foi uma progressão lógica — disse ele. — Falo quatro idiomas e gosto de ler. As palavras me interessam.

— O que você pode dizer sobre uma pessoa a partir de sua fala?

— Não apenas a fala, mas também a comunicação escrita. Posso ter uma ideia do nível de educação formal, QI, região onde a pessoa foi criada e sua visão de mundo, entre outras coisas. Às vezes, frases idiossincráticas podem oferecer uma visão, como quando o suspeito disse que gostaria de ter sido aquele que “concedeu” as feridas nas suas costas. — Ele largou a cerveja. — Desculpe, não queria trazer isso à tona novamente.

Ela notou Wade observando-a e apontou o polegar para ele.

— Ele me fez percorrer tudo mais três vezes enquanto você e Breck estavam ocupadas. — Ela fez um gesto para dispensar a preocupação de Kent. — Estou ficando imune a isso já.

O que provavelmente fazia parte do plano de Wade. Inocule-a por meio de exposição repetida enquanto minera dados no seu subconsciente em busca de cada minúsculo detalhe sobre seu sequestro.

— Eu também estive pensando sobre a estranha escolha de palavras do suspeito — disse Wade. — Você sabe quem concede coisas para as pessoas?

— Um rei? — disse Breck. Ela havia acabado de voltar do caixa do outro lado do salão.

— Uma organização? — Kent ofereceu.

Nina respondeu com a primeira coisa que lhe ocorreu:

— Um deus.

Wade ergueu a cerveja em uma saudação simulada.

— Exatamente.

As pontas dos dedos de Nina roçaram sua garganta nua.

— O colar do olho do deus. Ele o guardou durante todos esses anos. O que isso significa? Ele acha que é um deus?

— Não tenho informações suficientes para ter certeza — disse Wade. — Ele definitivamente quer exercer o poder e o controle supremos. Seus comentários à mídia hoje indicaram isso.

— Os predadores são fixados em controle — disse Kent. — Parte de sua personalidade alimenta ideias grandiosas de superioridade, mas outra parte tem que dominar todos ao seu redor para cobrir os sentimentos profundos de inadequação.

— Isso é uma contradição total — disse Nina.

— Uma das muitas razões pelas quais eles não são o que você chamaria de pessoas bem ajustadas. — Kent pegou um pretzel e o examinou. — Acredito que o termo técnico é *maluco*.

— Alguns sofreram abuso dos pais na infância. — A testa de Wade franziu de modo pensativo. — Com a personalidade desse cara, eu suspeitaria de um pai ou figura paterna.

— Você vasculha o que eles têm dentro do crânio e eu vasculho seus discos rígidos — disse Breck. — Eu gosto mais do meu trabalho.

— Falando nisso. — Nina virou-se para ela. — Eu vi você em uma reunião com a equipe do Crimes Cibernéticos esta tarde. Vocês fizeram algum progresso?

— Preciso de outra cerveja para isso. — Breck voltou a encher a caneca. — Aparentemente, o suspeito adorou aquele comentário do âncora. Sabe? Aquele sobre como ele é tão cifrado quanto as pistas que ele deixa? — Quando eles assentiram, ela curvou o lábio. — Agora ele está chamando a si mesmo de Cifra.

— Alimenta o ego dele — disse Wade. — Ele está além da compreensão. Um mistério.

— Mistério. — Breck bufou de um jeito irônico. — Está mais para um doido varrido. — Ela tomou um gole. — Ele configurou contas de redes sociais com uma imagem de um pergaminho antigo cifrado. É como se estivesse fazendo um *branding* de si mesmo.

— O que significa que ele pretende continuar com isso — disse Nina.

— Ele está recebendo uma tonelada de seguidores — disse Breck. — Em geral, são uns *trolls*, mas também há alguns fãs.

Nina quase se engasgou com a cerveja.

— Fãs?

— Ele postou uma imagem da pista na sua página no Facebook e desafiou as pessoas a resolvê-la. — Breck tomou outro gole. — Recebeu um monte de curtidas. Na verdade, as pessoas estão formando equipes e competindo para ver quem consegue decifrar o código primeiro. Há um grupo do MIT que afirma ter encontrado várias respostas possíveis.

Wade balançou a cabeça.

— Então agora ele tem todos os tipos de pessoas jogando seu jogo. Falando dele.

— Não podemos intimar as plataformas de redes sociais a entregar as suas informações? — Nina perguntou.

— Já apresentamos intimações de emergência — disse Breck. — Eles nos darão os dados, mas não estou otimista. Ele parece bastante experiente em tecnologia. De jeito nenhum ele usou seu nome real para configurar o perfil, e provavelmente também encontrou uma maneira de ocultar seu IP e localização.

Kent xingou.

— Então vamos derrubar os perfis dele.

— Não. — A voz de Wade era surpreendentemente firme. — Cada fragmento de informação que obtemos sobre ele, tudo o que ele publica, nos dá uma imagem mais clara de quem ele é.

— Ele está fazendo com que o público interfira na nossa investigação — disse Kent. — E se alguém resolver essa pista antes de nós? Nossa equipe de criptoanalistas ainda está trabalhando no caso.

— As últimas mensagens foram direcionadas à Guerrera — disse Wade. — A próxima provavelmente será mais do mesmo. O comportamento passado é o melhor preditor do comportamento futuro.

A mesa ficou em silêncio. Eles estavam claramente esperando que ela opinasse. Nina era o assunto das mensagens anteriores do Cifra e o alvo de suas ameaças. Como ela se sentia sobre milhares, talvez milhões, de pessoas jogando um jogo com um homem que a queria morta?

Ela bebeu o resto de sua cerveja.

— Se ajudar a pegá-lo, eu voto para deixar os perfis ativos e funcionando.

— Isso vai continuar a direcionar mais atenção do público a você — disse Kent. — E ao Bureau também.

Ela entendeu a mensagem implícita. Dependendo de como o caso caminhasse, poderia não cair bem no nível executivo. Desde sua criação nos dias de J. Edgar, todos os agentes mantinham uma regra sacrossanta.

Não envergonhe o Bureau.

Isso incluía ter seu nome e seu novo apelido espalhados por toda a internet?

— Precisamos apresentar uma frente unida para o Buxton — disse Breck, obviamente pensando na mesma linha. — Passei um *briefing* rápido para ele antes de ele deixar o escritório. Vamos manter tudo como está até ouvirmos sobre as intimações; depois, ele planeja fechar os perfis de redes sociais do Cifra se não tivermos nenhuma pista investigativa a seguir. Temos tudo no lugar para puxar o plugue, mas eu o convenci a esperar. Concordo com o Wade, mas por razões diferentes. Quanto mais tempo o Cifra interagir, maior a chance de desvendar quaisquer proteções que ele tenha instalado para se esconder no ciberespaço.

Kent passou o dedo pela borda de sua caneca.

— Não gosto disso, mas jogo em equipe. Vamos falar com o Buxton juntos amanhã. — Ele fixou seus olhos azuis profundos nos de Nina. — Esse suspeito já machucou muito você. Parece que estamos dando a ele corda demais na esperança de que se enforque. Corda demais, se quer saber minha opinião.

Ela fez um aceno lento com a cabeça. O Cifra era perigoso, e eles estavam escolhendo permitir, de forma deliberada, que ele acessasse uma audiência mundial, o que ele desejava desesperadamente. Valeria a pena arriscar dar uma corda extra, ou ele pegaria a folga e a usaria contra eles? Mais do que qualquer outra pessoa viva, ela sabia o que o monstro podia fazer com um pedaço de corda.

Capítulo 12

DEPOIS DE um sono curto, a rotina matinal de Nina foi interrompida pela visita inesperada da filha adotiva da sua vizinha. Nina abriu a porta de seu apartamento para encontrar Bianca do lado de fora, segurando um enorme gato cinza.

— Acho que você caiu nas redes — disse Bianca como forma de cumprimento.

Ela virou um olhar turvo para a garota.

— Esse gato está começando a ficar um pouco confortável demais por aqui.

— Sério, você tem que ver isso — disse Bianca, deliberadamente ignorando a indireta. Ela marchou para dentro com o Big Tom sobre um ombro e seu celular na mão livre. — Você está explodindo todas as plataformas e está no topo de todos os mecanismos de pesquisa.

Uma adolescente viciada em mídia social, Bianca lançou um fluxo rápido de atualizações sobre o *status* do crescente público fascinado pelo assassino, seus códigos secretos e a Garota Guerreira, como Nina estava ficando conhecida.

Bianca estendeu o celular para ela.

— E você sabia que agora ele está usando um apelido assustador de *serial killer*? — Ela fez uma pausa para efeito. — O Cifra.

Como Nina não reagiu, Bianca soltou um suspiro impaciente.

— E então? O que você achou do nome?

Nina fechou os olhos por um instante.

— Eu já tinha ouvido. — Tomou um gole de seu café.
— Isso não está ajudando nossa investigação. As pessoas que respondem às postagens que ele faz por acaso percebem que estão alimentando o ego dele?

— Tenho certeza de que alguns deles percebem — disse Bianca. — Mas não conseguem evitar, sabe?

Ela sabia.

— Agora que ele tem uma audiência, vai se sentir na obrigação de dar um show para essas pessoas.

— Mas você vai detê-lo antes que ele possa fazer qualquer outra coisa. Quero dizer, o FBI está com todos os seus nerds de computador rastreando esse cara, não?

— Primeiro, eles não são nerds. Eles são agentes e analistas altamente treinados. — Quando Bianca levantou uma sobrancelha, Nina acrescentou: — Ok, alguns deles podem registrar muitas horas de tela, mas são bons no que fazem. É por isso que é tão frustrante.

— O quê? Que o FBI esteja sendo enganado por um psicopata ou enganado por estudantes universitários?

Ela sabia que Bianca escondia sua preocupação sob uma espessa camada de sarcasmo. Como muitas crianças adotivas, Bianca aprendera a esconder suas emoções com humor ácido, hostilidade externa ou indiferença fingida. Nina havia agido da mesma forma quando estava no sistema. Entendia que Bianca estava preocupada com ela.

— Tenho uma coisa para dizer — Bianca declarou, sem encontrar os olhos de Nina.

As antenas policiais dela ficaram em pé.

— O quê?

— Eu montei uma equipe. Um grupo seleta de gente formado em ciências como eu. — Ela olhou para baixo. — Jogadores, programadores e *hackers* que poderiam envergonhar os fracos.

Bianca havia se formado precocemente no ensino médio aos catorze anos e ganhado uma bolsa presidencial integral para a George Washington University. Com o objetivo de receber um diploma de bacharel em ciências no final do semestre, ela estava de olho em um mestrado em seguida.

Nina não estava gostando do rumo dessa conversa. Após pousar a xícara na mesa, ela se inclinou para a frente e deu à Bianca sua melhor cara feia de agente-federal-exige-respostas.

— Desembucha. Agora.

Bianca ergueu o queixo.

— Vamos pegar ele. — Quando Nina simplesmente esperou, ela aconchegou o gato mais junto do corpo antes de continuar. — Ele disse que vai postar um link para um novo canal do YouTube assim que o configurar.

Breck não havia mencionado a transmissão de vídeo na Sala de Reuniões na noite anterior. O Cifra poderia atrair um público ainda maior com mais conteúdo visual. Nina também não queria considerar o que mais ele poderia decidir mostrar ao público.

Falaria com Breck mais tarde. Agora, tinha outras preocupações.

— Como você planeja desligá-lo?

— Alô? Lembra que eu mencionei que somos da ciência da computação? — Bianca disse como se a resposta fosse óbvia. — Nós o *hackeamos* e o colocamos *offline*. Mostramos que ele não pode se safar postando qualquer besteira que queira. — Seus olhos se estreitaram. — Nós vamos lutar e revidar.

Ela considerou a melhor forma de acabar com essa ideia, mas sabia que Bianca era muito parecida com ela mesma para desistir sem uma boa razão. Parecia que Bianca já havia colocado o plano em ação. Não havia tempo para um debate político em Quantico.

Nina chegou a uma decisão.

— Vou compartilhar algumas coisas com você, mas se postar na internet uma única palavra desta conversa, ou repeti-la para qualquer outra pessoa, vou passar em cima desse seu celular com meu carro. — Ela observou Bianca acariciar o pelo curto e grosso do gato enquanto a ameaça era assimilada.

— Não há necessidade de bancar a agente durona comigo — disse Bianca. — Eu não vou falar merda nenhuma pra ninguém.

Nina soltou um suspiro. A mensagem enviada por Breck para a equipe, trinta minutos antes, havia feito o dia começar com o pé esquerdo. Todas as principais plataformas de redes sociais haviam respondido às suas intimações de emergência, mas os perfis do suspeito eram todos tão falsos e não rastreáveis quanto Breck havia previsto.

— A verdade é que não estamos fazendo nenhum progresso rastreando esse cara — disse ela a Bianca. — Ele sabe o que está fazendo.

— Ele deve ter configurado suas contas de algum lugar. Você não pode pegá-lo através dos servidores?

— Ele é um ciberfantasma.

— Então, derrubá-lo vai colocar um freio.

Isso de novo não.

— Você não pode, Bi.

— Claro que podemos. É fácil, nós apenas...

— Eu quis dizer, nós não queremos que você faça isso. — Ela passou os dedos pelos cabelos. — A razão pela qual estou compartilhando tanto é para convencer você e seus amigos a recuar. Porque, se eu não fizer esse alerta, você vai em frente e vai fazer de qualquer jeito, não vai?

As duas se encararam até que o gato se contorceu nos braços de Bianca. Ela se inclinou para colocá-lo no chão.

— Por que você quer esse cara postando as porcarias dele? É loucura.

— Discutimos isso em Quântico ontem à tarde — disse Nina. — Decidimos que, por enquanto, é melhor deixá-lo continuar postando. — Ela mostrou as palmas das mãos. — Ele pode se entregar.

Bianca inclinou a cabeça em pensamento, o rabo de cavalo preto caindo para um lado.

— Você também está apostando que seus caras vão conseguir localizá-lo de alguma forma, né?

A garota era inteligente para um diabo. Ênfase no *diabo*. Nina apontou um dedo para ela.

— Você e seus amigos: deixem isso com a gente. Não interfiram em uma investigação federal.

Bianca apoiou a mão em seu quadril.

— Notícias fresquinhas, agente Guerrera, todo o país está interferindo. Não foi isso que você literalmente acabou de me contar que vocês estavam falando ontem?

Nina ignorou a arrogância.

— Não posso proteger o país inteiro, mas posso muito bem proteger uma garota de dezessete anos que está mexendo com algo que ela não entende. — Ela ficou séria. — Algo... perverso.

— Oh, eu entendo a perversidade — Bianca disse calmamente. — Eu entendo muito bem.

Ela havia conhecido Bianca quatro anos antes, quando era uma policial do condado de Fairfax, e Bianca era uma problemática fugitiva de treze anos de idade. Quando Bianca desapareceu pela enésima vez, Nina partiu para encontrá-la, vasculhando todos os pontos de encontro de adolescentes conhecidos na sua zona de patrulhamento, até localizar a garota. Com hambúrgueres, Nina fez Bianca se abrir, compartilhando seu próprio passado. Depois de saber que Bianca havia fugido, prendeu seus pais adotivos na época,

providenciando que Bianca ficasse com ela por alguns dias até que o Serviço de Proteção à Criança pudesse encontrar uma nova situação apropriada para a menina. No instante em que a sra. Gomez viu Bianca, encontrou um novo propósito. Os filhos dos Gomez estavam todas crescidos, e a sra. G rapidamente convenceu o marido a encher seu ninho vazio com filhos adotivos. Começando com uma adolescente precoce com o intelecto de um adulto. Um ambiente familiar amoroso havia suavizado as arestas ásperas de Bianca.

Nina não queria que ela jogasse o jogo do Cifra e encontrasse trevas depois de chegar tão longe. Aproximou-se para agarrar os ombros esbeltos da garota.

— Não o subestime, *mi hija*. Eu olhei nos olhos dele.
— Ela reprimiu um estremecimento. — Ele não tem alma.

Aparentemente admitindo a razão de Nina, Bianca tentou outra abordagem.

— Talvez vocês devam postar em alguns dos perfis dele.

— Porque queremos encorajá-lo, é isso?

— Se vocês querem que ele se entregue, então façam ele falar — disse Bianca.

A mente de Nina percorreu diferentes resultados possíveis.

— Não é uma má ideia. — Ela andou pela sala, pensando. — Eu teria que convencer o Buxton primeiro. Ele está achando que a interação direta vai introduzir outra variável que não podemos controlar.

Nina considerou contar com o apoio de Wade e descartou a ideia. Ele parecia estar recalibrando sua opinião sobre ela durante a discussão depois do expediente, e retendo o julgamento final para si.

— Eu digo que é melhor você do que alguém qualquer da internet — disse Bianca. — As pessoas estão zombando dele, chamando de aberração ou idiota. Ele

fica bravo e revida. — Ela balançou a cabeça. — Idiotice por todos os lados.

Breck havia mencionado os *trolls*. Eles deviam estar fazendo o Cifra perder a paciência. Considerou o que aconteceria se ele recebesse uma mensagem direta do FBI. Ele se envolveria? Repostaria para o mundo ver? Um suspiro alto chamou sua atenção de volta para Bianca, que estava olhando para o celular.

— Eles decifraram o código. — Seus olhos brilharam quando ela olhou para Nina. — A equipe do MIT. Eles descobriram a mensagem e postaram.

Nina correu para o lado dela.

— O que você disse? Como eles resolveram?

Bianca rolou a tela para baixo com o dedo.

— Eles dividiram os números 32, 18, 10 e 36 por 2 para obter 16, 9, 5 e 18. Trocaram esses números por letras do alfabeto, que formam P-I-E-R. Os números foram seguidos pelas letras *F* e *R*. Eles calcularam que as letras representavam 6 e 18. Usando a mesma lógica, eles dividiram esses números por 2, chegando a *C* e *I*. Se você fizer o inverso da primeira parte da mensagem e trocar as letras por números, dá 3 e 9. Juntando tudo, você terá o Píer 39.

Nina atravessou a sala para pegar seu celular na mesa de centro.

— Será que os analistas resolveram isso também? Onde esses alunos do MIT postaram a resposta?

— Eles postaram no Twitter do Cifra em resposta a um dos tuítes dele. — A mão de Bianca voou para sua boca. — Ah, não, ah, não, não, não.

— O quê? — Nina retrocedeu para espiar por cima do ombro trêmulo de Bianca, que respondeu entre os dedos:

— O Cifra postou uma foto depois da mensagem.

Nina estendeu a mão para tocar na imagem, expandindo-a. A pequena tela mostrava o corpo de uma

garota flutuando de barriga para baixo na água turva, cabelos loiros ondulando como um leque dourado. Uma legenda abaixo da foto dizia

“TARDE DEMAIS, GAROTA GUERREIRA”.

O celular de Nina tocou. Em estado de choque, ela o levou ao ouvido.

— Agente Guerrera.

As palavras de Wade saíram em um barítono conciso.

— Faz as malas. Estamos indo para San Francisco.

Capítulo 13

NINA VIROU as costas para a multidão aglomerada atrás da fita amarela. Sentiu o suspeito vigiando-a, sua presença quase palpável através do ar pesado impregnado com o almíscar dos leões-marinhos que tomavam sol nas proximidades.

— Devemos ir ao necrotério onde o corpo está — disse Wade. — Posso obter muito mais informações observando o que ele fez com a vítima do que sendo olhado por um bando de turistas boquiabertos.

Ela se sentiu aberta e exposta depois de contar sua história para Wade em frente à equipe no dia anterior. Um voo comercial de seis horas, com todos amontoados nos fundos do avião não havia ajudado. Não havia tempo sozinha com seu novo parceiro para estabelecer os parâmetros de sua relação de trabalho no campo, e, agora, uma vaga sensação de tensão permeava suas interações.

Ela deveria estar lá para oferecer sua visão sobre as ações do Cifra. Em vez disso, sentia-se como uma das muitas ferramentas à disposição de Wade. Um recurso útil. Mas ela era mais do que isso: era uma agente federal. Ele tinha o seu jeito de investigar, e Nina tinha o dela. Wade claramente havia assimilado tudo o que precisava na cena do crime, mas ela ainda não havia terminado sua avaliação.

— Tenho certeza de que um dos agentes de San Francisco ficaria feliz em levá-lo ao escritório do legista

— ela disse. — Eu encontro você mais tarde.

A boca de Wade achatou-se em uma linha fina.

— Tudo o que estou dizendo é que passamos tempo suficiente aqui.

— Eu sou uma agente de campo. — Sem a menor preocupação de que alguém pudesse ouvir, ela se plantou diretamente na frente dele e estendeu o braço em um amplo arco que englobava a baía e o píer. — Tipo, dentro, no maldito campo.

— Você sabe que isso é bobagem, Guerrera. Os agentes da UAC também saem durante os casos. Eu fui para a cena do crime em Washington, se você se lembra. Nós terminamos aqui. Se algo mais aparecer, podemos obter informações sobre isso pelo Departamento de Polícia de San Francisco, sem continuar a dar um show em público e alimentar o ego do suspeito.

Ele podia ser o agente sênior, mas era suscetível a cometer erros como qualquer outra pessoa.

— Você deixou de notar o colar e a tinta *spray* na lixeira em Georgetown. Não quero deixar passar nada aqui. — Mensagem transmitida, ela se virou e caminhou até a beira do píer, onde a água azul-esverdeada batia suavemente contra as tábuas desbotadas pelo sol.

O corpo da garota estava amarrado a uma das correntes que mantinham o conjunto de plataformas flutuantes levemente unidas. Nina analisou as grossas tábuas cobertas de guano que formavam uma ilha na baía de San Francisco. Ela não conseguia ver uma maneira fácil de chegar ao píer em si, que estava separado das rampas que restringiam os barcos nas proximidades para preservar um refúgio para os enormes leões-marinhos que tomavam banho de sol. Como o Cifra havia feito aquilo?

Ela virou e voltou passando por Wade até o tenente do Departamento de Polícia de San Francisco, que tinha

lhe passado as informações quando ela chegara, vinte minutos antes.

— Tenente Spangler, a que horas você disse que a vítima foi encontrada?

— Por volta das cinco da manhã.

— Nenhuma das lojas turísticas ou restaurantes estavam abertos então?

Ele balançou a cabeça careca.

— As únicas pessoas na área eram velejadores se preparando para sair e algumas das pessoas que vendem comida na feira livre no Fisherman's Wharf. Eles montam as barracas cedo. — Ele enxotou uma gaivota persistente com um aceno de mão. — Estamos investigando, mas duvido que iremos conseguir alguma coisa. Nossa melhor aposta são os velejadores.

— É assim que ele chegaria às docas flutuantes? — ela perguntou. — Não há acesso direto do cais.

— Este é o cais mais fotografado do país. Imagens dele são transmitidas ao vivo por vídeo o tempo todo. Ele deveria saber disso. — Spangler apontou o queixo para uma fileira de iates ancorados em um cais próximo. — Achamos que ele deve ter pegado um bote de uma rampa e transportado aquela pobre garota para cá enquanto ainda estava escuro. — Ele enganchou um polegar no cinto de utilidades. — Ele teria que ser louco para trazê-la nadando, com a correnteza, os leões-marinhos e tudo mais.

Ela seguiu seu olhar.

— A água é sempre tão agitada?

— Normalmente, sim.

Ela agradeceu ao tenente e retornou caminhando devagar, examinando as docas, a multidão que se amontoava no píer e a rampa. O que ele estava pensando? Por que havia escolhido um lugar tão público? Exposição arriscada? Infelizmente, o homem que provavelmente tinha a melhor chance de ler as intenções

do Cifra estava parado a alguns metros de distância com as mãos nos quadris, lançando um olhar fulminante para ela.

Sem se deixar abater pelo ressentimento evidente na postura tensa de Wade, Nina se aproximou dele com sua pergunta seguinte.

— Na fotografia que o suspeito postou, a vítima parecia loira. O relatório diz que ela tem por volta de um metro e setenta. Bem mais alta que eu.

Wade olhou para ela.

— Pelo que nos disseram, ela não é nada parecida com você fisicamente. É por isso que quero dar uma olhada nela pessoalmente e ouvir o que descobriram sobre o passado dela. A vítima deve ter algo em comum com você. Qualquer que seja esse ponto de convergência, vai nos dizer muito sobre o suspeito.

Ela sinalizou para o tenente Spangler.

— Você poderia nos levar de volta ao cais? Gostaria de ver o... — Ela parou antes de dizer “corpo”. Cada vítima merecia ser chamada pelo nome. — Já temos uma identidade?

— A menina estava nua — disse ele. — Sem documentos de identidade. Algumas famílias de adolescentes desaparecidas se apresentaram para ver se era sua filha, mas até agora, sem sorte. Alguns dos caras que trabalham na área acham que ela pode ser moradora de rua. — Ele apontou para o centro da cidade. — Temos muito disso aqui. São chamados de “campistas urbanos”.

Ela olhou para Wade.

— Algo mais?

— O perfil geográfico desse cara ficou muito mais difícil.

Eles subiram a bordo da embarcação da polícia de San Francisco amarrada ao grosso poste de madeira e sentaram-se nas almofadas de vinil branco na parte de trás. Em cinco minutos, estavam no cais, onde um agente

do FBI do escritório local estava ao lado de um sargento da polícia, ambos com expressão impaciente no rosto.

Wade os alcançou primeiro.

— E então?

O agente apontou para o sargento da patrulha, que ergueu um saco plástico de provas.

— Um dos meus oficiais que trabalhava no perímetro recuperou isso de algumas pessoas da multidão de curiosos — disse o sargento. — Nós as colocamos em dois carros-patrulha separados, prontas para a entrevista.

Tinta azul brilhante chamou a atenção de Nina, e ela fez sinal para o saco plástico do sargento. Virando-o, ela viu um envelope com as palavras “GAROTA GUERREIRA” escritas no centro.

Uma sensação quente e espinhosa percorreu sua coluna.

— De onde veio isso?

— As pessoas que encontraram o envelope disseram que estava colado em uma lixeira. Eles já abriram. Disseram que havia uma mensagem escrita em algum tipo de código. Ele encolheu os ombros. — Não conseguiram entender.

Ela e Wade trocaram olhares. Outro corpo. Outra lixeira. Outra mensagem codificada.

Para ela.

Capítulo 14

Parque Municipal de Laramie Condado de Sweetwater, Wyoming

O CIFRA JOGOU o hambúrguer de *fast food* no painel, baixou a janela e cuspiu um pedaço de cartilagem no chão. Repugnante.

Limpou a gordura dos dedos e girou o celular no suporte preso à ventilação do carro, virando-o na horizontal. Imagem muito mais ampla. Pesquisou no Google “*pista encontrada no lixo*” e clicou no primeiro link que apareceu. O vídeo do YouTube começava com uma cena de uma multidão no Fisherman’s Wharf. Ele sorriu. Seria divertido. Valia a pena sair da autoestrada para apreciar a cena que ele tinha ouvido no rádio. Pelo menos ele tinha adaptador de som, então não precisava se atrapalhar nos canais de notícias enquanto dirigia de um estado a outro, voltando para o leste.

Seu pulso acelerou quando viu o Suburban preto entrar no quadro. Ele lambeu um pouco de ketchup do canto da boca e se inclinou para aumentar o volume.

— *Não entendo por que eles ainda não deixam a gente chegar perto do cais.* — Uma voz feminina estridente falou ao fundo enquanto a cena se

desenrolava. Parecia estar narrando enquanto filmava, em vez de falar com um companheiro. — *Eles levaram o corpo horas atrás* — continuou ela.

Ela parecia com raiva e amedrontada. O sorriso dele se alargou.

— *Ah, espera. O FBI está aqui* — disse ela ao fundo.

Um pouco de empurrões, como se ela tivesse acotovelado a multidão para ter uma visão melhor.

— *Ei, aí está a agente daquele vídeo. Nina alguma coisa... a Garota Guerreira.*

Ele já a tinha visto, a volumosa jaqueta de operações do FBI engolindo seu corpo pequeno. Seus óculos escuros escondiam muito de sua reação. Droga. Ele queria ver aqueles grandes olhos castanhos se encherem de pavor. Em vez disso, notou o corpo dela se enrijecer momentaneamente. Naquele hora, teve certeza de que ela estava pensando nele. Eles estavam conectados.

A excitação esticou seu jeans, fazendo-o se ajeitar no assento enquanto recordava seu tempo com ela. Ele reprimira seus impulsos mais sombrios ao longo de sua adolescência e juventude, negando as próprias vontades. Tudo isso havia mudado no momento em que ele colocou os olhos em Nina pela primeira vez. Era ela.

Havia juntado o equipamento e montado o galpão naquela mesma noite, mas, quando estava pronto, Nina tinha desaparecido. Ele passou três dias à caça. Ficou furioso na época, mas a perseguição aumentava a emoção. E lhe dava uma razão para puni-la. Havia concedido a ela uma marca para cada dia que ela o tinha feito esperar. Então ele a possuiu três vezes, completando assim o triângulo de vingança.

Ele a teria novamente. E a puniria muito mais por escapar. Tomaria tudo o que ela tinha, incluindo sua vida. À medida que sua excitação aumentava, sentiu-se grato por ter entrado em um parque comunitário

deserto. Um homem solitário sentado em seu carro em uma parada de descanso movimentada na rodovia poderia ter atraído atenção indesejada.

Desejou que seu sangue aquecido esfriasse enquanto a narradora invisível no vídeo continuava o relato.

— *Espero que ela pegue aquele tal de Cifra.*

Ele gostou de seu novo nome. O Cifra. Ele era um enigma. Continuaría deixando pistas e convidando o mundo para jogar seu jogo. Sob suas regras. Em sua arena.

A imagem oscilou.

— *Pare de empurrar!*

O Cifra arrastou um dedo pela parte inferior do vídeo, avançando rapidamente para a parte crucial.

— ... *diz Garota Guerreira no envelope* — a voz feminina estava dizendo. — *Só pode ser para aquela moça do FBI.*

A imagem da câmera mirou para baixo quando uma mão feminina manchada de nicotina puxou o envelope do lado da lixeira e tirou a grossa fita adesiva prateada.

Ele avançou novamente enquanto a mulher se atrapalhava com o selo, levando um tempo enlouquecedor para abri-lo em primeira mão para a câmera. Ninguém parecia estar prestando atenção nela quando ela deslizou o cartão para fora e o ergueu.

Ela leu a mensagem em voz alta.

— *Essa festa não terá chá. Você tem 48 horas para resolver.*

Ela foi empurrada novamente e parou de ler, mas manteve o cartão na frente do celular.

Ele estudou a série de números no cartão:

75, 73, 3, 9, 101, 8, 75.

Que os nerds do MIT mastigassem isso.

Conforme o vídeo continuava, alguém parecia ter finalmente notado o que a mulher estava fazendo. Um

cara alto e magro, que parecia ter vinte e poucos anos, deu uma cotovelada nela.

— *Ei, o que você tem aí?*

— *Estava colado ao lado daquela lata de lixo.* — Ela puxou o bilhete, possessiva. — *Acho que é uma pista do Cifra.*

— *Ah, tá bom...* — O tom do homem era puro escárnio. — *Diz aí que o professor Pardal está esperando a resposta?*

— *Ouça, imbecil, parece com a outra mensagem que ele deixou.*

— *Deixa eu ver.* — A mão do cara disparou em direção a ela.

— *Fui eu que encontrei.* — Ela arrancou o cartão. — *É meu.*

— *Dá aqui.* — Ele se aproximou, a camiseta vermelha momentaneamente bloqueando a tela.

Seguiram-se muitos empurrões, xingamentos e grunhidos.

— *É meu.* — O homem deu um passo para trás, acenando com o cartão esfarrapado.

— *Vou contar pra polícia.* — A esse pronunciamento, a mulher seguiu com uma série de palavrões que questionavam a inteligência, a masculinidade e a ascendência do rapaz.

— *Se esta é uma pista legítima, o FBI vai vir atrás de você por zoar com as provas, de uma forma ou de outra.*

— *E você, Einstein? Agora suas impressões estão por toda parte também.*

O homem se endireitou.

— *Eu estava apenas me certificando de que fosse entregue às autoridades competentes.*

— *O que está acontecendo aqui?* — Um policial apareceu.

Ajustando o celular para eliminar o brilho do sol que se punha atrás dele, o Cifra riu quando cada um dos dois idiotas correu para explicar ao policial como o outro havia adulterado provas importantes. Era melhor do que ele esperava.

Uma pancada forte no para-brisa o sacudiu no assento. Ele virou a cabeça para olhar um policial apontando a lanterna para o carro.

Ele baixou o vidro da janela.

— O parque fecha ao escurecer, amigo.

Ele deveria apontar que ainda estava escurecendo? Alegar alguma condição médica? Atirar no policial onde ele estava? Tantas opções.

A voz rouca do policial o interrompeu. Aquele tom acusatório afiado — junto com o peito abaulado do homem, a barba por fazer e um tufo de cabelo escuro — trouxe de volta uma memória de 25 anos antes. Ele tinha onze anos quando seu pai invadiu seu quarto e o pegou com aquela revista.

“Que bom que as suas calças já estão abaixadas, garoto”, disse o velho, desafivelando o cinto. “Porque eu vou bronzear seu traseiro.”

Ele nunca mais teve uma porta no quarto depois disso. Também aprendeu a ser muito mais sorrateiro. As mudanças de humor de seu pai davam voltas imprevisíveis e, muitas vezes, violentas. Ajustarse a elas tornou-se instintivo. Ele aprendeu a ler as expressões das pessoas e se adaptar depressa.

Sentado em seu carro no parque, ele avaliou a linguagem corporal do policial e tomou uma decisão rápida. Deixando a boca aberta e adotando um olhar vago, fingiu o comportamento de um idiota inofensivo.

— Desculpe, perdi a noção do tempo.

O policial falava como se estivesse no automático.

— Licença e registro.

Ele puxou o registro de um clipe preso no visor antes de pegar sua carteira de motorista.

— Aqui está, senhor. — Ele imaginou que o “senhor” era um toque agradável. Muito respeitoso.

O policial examinou os documentos sob o facho da lanterna, depois a virou para o interior do carro em uma varredura deliberada.

— Está muito longe de Charlottesville, sr. Stevenson. Ele piscou com o clarão da lanterna.

— Chego lá amanhã de manhã.

— Não deixe a febre da carreira branca te pegar.

— Oi?

O policial soltou um suspiro cansado.

— Isso significa ficar acordado, sr. Stevenson.

— Ah.

O policial foi embora, balançando a cabeça.

O Cifra havia planejado aquilo, mas ainda estava irritado que um carro perfeitamente bom e uma identidade falsa tivessem que ser destruídos graças àquele policial idiota.

Jogou o hambúrguer meio comido no banco ao lado e deu marcha à ré no carro, já pensando em seu próximo movimento. Ele recuou do local e mudou para a direção enquanto contemplava sua situação. O vídeo daquela mulher estava recebendo mais acessos do que ele acreditava ser possível. Estava acontecendo. Todos queriam se juntar à caça, resolver seus quebra-cabeças, entrar em seu mundo.

Aqueles idiotas do MIT provavelmente já estavam colocando o novo código em algoritmos e criando permutações viáveis. Isso só funcionaria para metade da mensagem. A metade que ele queria que descobrissem. O resto exigiria um tipo diferente de *insight*. Os babacas arrogantes estavam prestes a descobrir com quem estavam mexendo.

Capítulo 15

Newhall Street, 1, Gabinete do Médico Legista Chefe de San Francisco

NINA OLHOU para a mesa de operação em forma de L na sala de autópsia enquanto observava o corpo de ossos finos na sua superfície, uma testemunha silenciosa da brutalidade do Cifra. Banhada pela luz cirúrgica que brilhava do alto, Olivia Burch, de dezesseis anos, estava deitada em uma folha de aço frio. O detetive Ralph Colton, da repartição de Homicídios do Departamento de Polícia de San Francisco, que fornecera o nome da garota assassinada, estava à sua direita. Da esquerda, Wade desviou os olhos para ela.

— Você precisa sair? — ele perguntou, quando um segundo estremecimento a percorreu.

De jeito nenhum ela admitiria que a jovem na mesa havia resgatado memórias do metal prateado sob seu próprio corpo anos atrás.

— Está um pouco frio aqui. — Ela esfregou as mãos de uma maneira um tanto exagerada e repeliu mais perguntas com um toque de sarcasmo. — Até parece que estamos em um necrotério ou algo assim.

Eles foram conduzidos para a sala de autópsia depois que o procedimento já estava em andamento, um fato que Wade havia pontuado para ela com uma quantidade nada pequena de resmungos. Ele queria estar presente desde o início, o que foi acelerado devido à natureza do caso. Colton os havia atualizado, mas Wade não parecia satisfeito ainda, especialmente quando teve que ver as três marcas de queimadura encontradas nas costas da vítima pelas fotos no celular do detetive.

O dr. Donald Fong olhou para cima.

— Não posso fazer muito sobre a temperatura do ambiente.

O médico legista assistente era baixo e atarracado, seu cabelo preto escondido sob uma touca descartável branca, da mesma cor de seu jaleco. A metade inferior de seu rosto estava coberta com uma máscara cirúrgica, e seus olhos escuros espiavam por trás de um escudo de plástico transparente que se estendia da testa até o queixo.

Nina imediatamente se arrependeu de seu estratagema.

— Vou ficar bem.

Fong fez um breve aceno de cabeça para ela e voltou ao trabalho.

— Dei uma olhada geral na autópsia feita em Washington antes de começar, e não há nenhum sinal de qualquer recado deixado no corpo desta vítima.

— Conteúdo do estômago? — disse Wade. — Talvez ela tenha engolido.

— Vazio — respondeu Fong. — Ela não comia havia muito tempo.

— A vida na rua — disse Colton. — É difícil dizer quando sua próxima refeição vai acontecer. O policial que a identificou disse que a tem visto por mais de um ano. Ele a encaminhava para o Serviço de Proteção à

Criança toda vez que a encontrava, mas ela estava de volta à rua em pouco tempo.

Seus olhos encontraram os de Wade. Eles haviam encontrado a conexão.

— Cada uma das vítimas era uma adolescente que vivia longe de sua família biológica — disse Wade. — Ele procura os desgarrados do rebanho. Garotas vulneráveis sem ninguém para protegê-las.

Era assim que Wade a enxergava também? Era por isso que ele não queria recomendar sua admissão? Ela mudou o rumo da discussão.

— Você localizou os pais de Olivia?

— O parente mais próximo é uma avó em Oakland. — Colton balançou a cabeça. — A vovó não sabia como se comunicar com os pais, mas tenho certeza de que em breve teremos notícias deles, com toda essa cobertura da mídia.

— Olhe para isso — disse Fong, chamando a atenção de volta para a autópsia. — Esse dente parece ter sido quebrado recentemente.

Ele pisou em uma barra de elevação hidráulica, levantando a mesa alguns centímetros para permitir uma visão mais próxima. Estendendo as mãos com luvas nitrílicas, ele abriu a boca de Olivia com uma pinça de metal brilhante e apontou para um incisivo com a ponta lascada, expondo uma borda irregular.

— Talvez ele tenha dado um soco nela — disse Colton.

Fong balançou a cabeça.

— Não há dano tecidual correlacionado no interior do lábio superior. Esse dente foi fraturado com algum tipo de instrumento dentro da boca.

Um lampejo de hipótese pegou Nina desprevenida. Ela se virou para Wade.

— Posso conversar a sós com você um instante?

Depois de lançar a ela um olhar avaliador, virou-se e saiu da sala sem comentários.

Assim que a porta se fechou atrás deles, Nina falou em um tom urgente.

— O Cifra usou algo para abrir minha boca. Era como uma tesoura, mas sem uma ponta afiada. Ele abriu minha mandíbula e, então, forçou uma mordaca pelos meus dentes.

Outro elemento do crime havia deslizado para dentro de uma fenda escura da sua mente, para ser desenterrado por um vislumbre de uma cena não relacionada. Talvez a mesa de aço, a jovem e o instrumento de metal que o dr. Fong usara tivessem sido suficientes para desenterrar o detalhe há muito esquecido. Quantos outros fragmentos mentais minúsculos haviam desaparecido?

Ela se concentrou na revelação e no que isso poderia significar.

— Quem teria algo assim?

— Um dentista. — Wade tocou a mandíbula, considerando. — Ou um otorrinolaringologista. — Diante da sobancelha levantada de Nina, ele elaborou. — Médico de ouvido, nariz e garganta.

— Obviamente, um médico legista os usa. — Sua mente disparou. — Estamos falando de alguém com uma profissão médica, mas isso também pode incluir um enfermeiro ou um veterinário.

Wade tirou o celular do bolso.

— É Buxton. — Olhando para trás para ter certeza de que estavam sozinhos, ele bateu o dedo na tela para colocá-lo no viva-voz.

Buxton parecia atormentado.

— Temos um grande incêndio aqui. Qual é o seu *status*, agente Wade?

— Estou na autópsia com a agente Guerrero e o detetive Colton com a divisão de Homicídios do Departamento de Polícia de San Francisco. — Ele resumiu as descobertas do dr. Fong e explicou o que Nina havia lembrado, junto com suas implicações. — O que está acontecendo em Quantico?

Buxton resmungou.

— Uma foto da pista deixada pelo suspeito está se espalhando pela internet como um vírus de computador.

— Quem postou? — perguntou Wade.

— De acordo com o nosso escritório local em San Francisco, a mulher que encontrou o envelope colado na lixeira não mencionou que ela subiu um vídeo de tudo no YouTube, incluindo uma foto da mensagem. — Ele deu um suspiro. — E o policial do Departamento de Polícia de San Francisco com quem ela falou também não pensou em perguntar. Ele anotou as informações dela, embalou o envelope no saco de provas e o levou direto para o sargento.

Nina não culpava o oficial. Esse caso mudaria o procedimento padrão no trabalho policial dali em diante. Isso incluía o tamanho do perímetro que eles delimitariam em torno de uma cena de crime. A lixeira estava no cais, bem longe de onde o corpo havia sido encontrado.

Wade parecia estar na mesma linha de pensamento.

— Na cena de DC, o suspeito queria ter certeza de que encontraríamos as mensagens — disse ele. — Desta vez, ele deixou alguém do público tropeçar na mensagem, e também é provável que várias câmeras a tenham filmado no lixo.

— Estamos coletando todos os vídeos relevantes. — A voz de Buxton ecoou pelo corredor vazio pelo minúsculo alto-falante do telefone. — Já configuramos os parâmetros de pesquisa de dados, e nossa equipe está analisando os vídeos à medida que os detetives os

trazem. Continuaremos revisando à medida que novos materiais chegarem.

— É arte performática — disse Wade. — Ele está alimentando seu público cada vez maior.

— Se esse é o plano dele, ele conseguiu — disse Buxton. — Julian Zarran acaba de se inserir no meio dessa confusão.

Nina tinha visto vários filmes de Zarran. O herói de ação era responsável por uma das maiores bilheterias de Hollywood.

Buxton continuou em uma torrente frustrada:

— As pessoas comentaram e compartilharam o vídeo da mulher até atingir a massa crítica, quando Zarran o retuitou para seus vinte milhões de seguidores com uma oferta de meio milhão de dólares para a primeira pessoa ou grupo que decifrasse o código.

Wade praguejou baixinho.

— Zarran cresceu em San Francisco. Tenho certeza de que ele pensou que estava ajudando.

— Quaisquer que fossem suas intenções, ele provocou um frenesi — disse Buxton. — Como se não tivéssemos o suficiente para fazer, cada detetive de poltrona com uma calculadora apresentou soluções potenciais para o código, cada uma mais improvável que a outra. Há tantas respostas sugeridas que não podemos examinar todas. A resposta certa pode estar em algum lugar na mistura delas, mas não está em uma única alternativa.

— E os nossos analistas? — disse Nina. — Os caras da criptografia estão atrás disso?

— É claro que sim. — Buxton parecia irritado. — Eles vão me avisar quando estiverem razoavelmente certos de que têm a resposta correta. Eles apresentaram várias possibilidades neste momento, cada uma levando a conclusões diferentes. Não podemos nos dar ao luxo de

tomar um rumo errado saltando sobre a primeira solução possível que surgir.

— Esse cara é altamente estratégico ou muito sortudo — disse Wade. — A quantidade de caos que isso está causando dificulta tudo o que estamos fazendo.

— Nos últimos quarenta minutos desde o anúncio de Zarran, mais equipes se formaram para reivindicar o prêmio — disse Buxton. — Aqueles estudantes do MIT que descobriram a última pista estão em todas as redes sociais do suspeito. Eles estão se chamando de Turma da Cerveja agora. Posso adivinhar no que eles vão gastar o prêmio em dinheiro se vencerem.

— O que eles estão dizendo para o Cifra nos posts? — ela perguntou.

— Que eles vão quebrar o código infantil dele antes do café da manhã.

Wade fez uma careta.

— Droga, eles estão desafiando a inteligência dele. A necessidade de domínio desse cara vai levá-lo a retaliar. Ele pode adiantar o prazo.

Essa era a abertura que Nina estava esperando. Ela agiu como se uma ideia acabasse de lhe ocorrer.

— Talvez haja uma maneira de ganhar algum tempo.

Wade lançou a ela um olhar cauteloso, mas Buxton parecia curioso.

— O que você tem em mente, agente Guerrero?

— Vamos responder a ele diretamente. — Ela falou depressa, querendo delinear seu plano antes que Wade pudesse interromper. — Na página dele no Facebook ou no *feed* do Twitter, ou onde quer que seja. Se ele estiver falando com a gente, podemos convencê-lo a adiar seus planos. No mínimo, poderíamos fazê-lo dizer algo revelador ou dar ao Crimes Cibernéticos uma melhor chance de seguir qualquer migalha de pão virtual que nos leve até ele.

Wade não perdeu tempo contestando.

— Envolvê-lo diretamente nas mídias sociais vai elevar o narcisismo dele. — Wade olhou para Nina enquanto falava com seu chefe. — Além disso, ainda não sabemos o suficiente sobre ele. Qualquer comentário inadvertido nosso pode provocá-lo ainda mais se dissermos a coisa errada.

— Falando nisso — Buxton interrompeu —, a agente Breck está de prontidão para encerrar todas as contas dele nas redes sociais. Nós já teríamos feito isso, mas o Crimes Cibernéticos está desenvolvendo um novo componente para um programa a fim de conseguir rastrear a localização dele. Infelizmente, o Cifra está fazendo jus ao seu nome. Ele nos levou a muitos becos sem saída até agora.

— Então este é o momento perfeito para mantê-lo ativo online — disse Nina. — Ignorá-lo não funcionou. Derrubá-lo também não vai resolver. Ele vai configurar novos perfis tão rápido quanto pudermos derrubá-los. Outra garota está morta. Se essa pista for como a última, ela vai nos levar a outro corpo em 48... — Ela olhou para o relógio. — Vamos considerar 46 horas. Temos muito a ganhar e nada a perder tentando uma abordagem diferente.

Wade olhou para ela. Nina tomou como um positivo. Sua abordagem fazia sentido, e ambos sabiam disso.

A resposta de Buxton crepitou no ar entre eles.

— Concordo com a agente Guerrera. Precisamos tentar algo diferente. Vou pedir para alguém da equipe aqui de Quantico enviar uma mensagem privada para ele em vez de postar algo na página. Vamos enviar da nossa conta oficial, para que ele saiba que realmente somos nós.

Nina havia enfiado o pé pelo cantinho da porta. Era hora de chutá-la de uma vez.

— Senhor, eu preciso ser a pessoa a se comunicar com ele.

— Explique — Buxton rosnou a palavra depois de uma breve pausa.

— Se ele está com ideia fixa em mim, não vai ser capaz de resistir. Diabos...

— Ele vai entrar na sua cabeça — disse Wade, interrompendo-a. — Ele vai aproveitar a oportunidade para atormentar você, e precisamos de você focada no caso.

Nina se eriçou.

— Está dizendo que ele vai me abalar tanto que eu não vou conseguir pensar direito? Porque se estiver, significa que você pode ter lido os meus arquivos, mas ainda não me conhece. — Ela deu um passo em direção a ele, invadindo seu espaço pessoal. — As pessoas tentaram me intimidar a vida toda, mas eu consegui lidar com isso muito bem.

Wade se virou, escondendo a expressão e possivelmente entendendo a mensagem implícita.

— Quero vocês dois de volta aqui o mais rápido possível — disse Buxton quebrando o silêncio. — Consegui autorização para uma força-tarefa em tempo integral dedicada a esta investigação. Vamos instalá-la em uma das grandes salas de conferência da academia em Quantico por razões logísticas e de segurança. Discutiremos a ideia da mensagem quando vocês chegarem. O escritório local do FBI de San Francisco pode continuar a trabalhar com o departamento de polícia no assassinato de lá, mas nosso trabalho é evitar o próximo.

— Estaremos no próximo voo direto — disse Wade, ainda sem encontrar os olhos de Nina.

Buxton parecia cansado.

— Falando em viagens aéreas, tenho equipes coordenando a análise forense de ambas as cenas e

verificando as relações de voos. Estamos coletando os nomes de todos os passageiros que voaram de Reagan, BWI ou Dulles para San Francisco nos últimos três dias.

Nina captou a sugestão — assim como o cansaço — por trás de suas palavras. Não havia nada com o que comparar as listas de passageiros, exceto os bancos de dados criminais usuais, que ela duvidava que contivessem o nome do suspeito. Buxton queria a informação pronta para que tivessem outra série de passageiros para comparação quando ele atacasse novamente.

Quando outra garota morresse.

Capítulo 16

Dia seguinte

Força-Tarefa Cifra Academia do FBI, Quantico

U M LEVE TOQUE no seu braço chamou a atenção de Nina do quadro na parede à sua frente. Então, virou-se para ver um dos especialistas em informática forense olhando para ela.

— O Cifra acabou de responder à sua DM no Twitter — disse ele.

No intervalo de uma hora desde que a reunião de *briefing* da manhã havia terminado, Nina aguardava para ver se o Cifra iria morder a isca. Nesse ínterim, ela se juntou ao resto da equipe e a uma série de outros agentes, analistas e equipe de suporte para converter uma das maiores salas de reuniões em Quantico em central de comando para a crescente força-tarefa que Buxton havia estabelecido na academia durante a estadia na Califórnia.

Enormes quadros cheios de fotografias da cena do crime, cópias das mensagens codificadas e mapas cobriam as paredes. As estações de trabalho agrupadas por atribuição ficavam em diferentes pontos, ocupando o

espaço do piso. Um zumbido baixo de atividade percorria a sala, criando uma sensação de impulso à medida que cada equipe analisava os componentes das informações que havia coletado até o momento.

Nina largou o café e atravessou a extensa área de reuniões até o terminal de computador designado como centro de comunicações de redes sociais. Ela se empoleirou em uma cadeira na frente da tela iluminada, com Wade e Kent, um de cada lado.

— Interaja com ele o máximo que puder — Breck sugeriu de sua estação de trabalho a poucos metros de distância, onde estava com dois outros especialistas cibernéticos. — O cretino fugidio fica roteando o sinal de várias direções, mas podemos conseguir alcançá-lo se tivermos tempo suficiente.

Ela assentiu com a cabeça em compreensão. Breck havia ajudado a convencer Buxton a deixá-la entrar em contato com o Cifra diretamente, apontando que Nina tinha uma chance melhor do que qualquer um de prender a atenção do suspeito.

Kent também havia endossado o plano de má vontade, desde que Nina permitisse que ele orientasse suas respostas, sem dúvida planejando usar suas habilidades de análise psicolinguística.

O único contrário à estratégia, Wade finalmente admitiu que poderia usar a oportunidade para detalhar seu perfil do Cifra, observando em tempo real as respostas que ele daria à Nina. Ele se postou à sua direita, bloco de notas e caneta na mão, óculos de leitura de meia-lua descansando perto da ponta do nariz.

Breck enviou mensagens diretas ao Cifra a partir das contas oficiais do FBI no Facebook, Instagram e Twitter na noite anterior, mas ele havia demorado até aquele momento para responder. Ele escolhera o Twitter.

Nina releu a mensagem de abertura com a qual todos concordaram. Projetada para despertar seu interesse, a

salva de abertura era breve e direta.

FBI: *NINA GUERRERA QUER FALAR COM VOCÊ.*

A resposta foi igualmente concisa.

CIFRA: *É A GAROTA GUERREIRA
QUEM ESTÁ FALANDO?*

— Ele mordeu — disse Kent. — Não dê a ele nada com que trabalhar. Quero ver com que rapidez ele acredita em você.

FBI: *SOU EU.*

CIFRA: *PROVE. ME DIGA UMA COISA QUE SÓ A GAROTA
GUERREIRA SABERIA. VC TEM 10 SEGUNDOS.*

— Ele não quer que você tenha tempo para pesquisar — disse Wade. — É um teste.

A voz profunda de Kent veio por cima do ombro esquerdo.

— Ele também está estabelecendo controle sobre os parâmetros da comunicação. Quer se sentir no comando. Dê a ele um detalhe que reflita como ele controlou você.

FBI: *VOCÊ ME AGARROU PELO RABO DE CAVALO.*

CIFRA: *ME DIGA UMA COISA
QUE NÃO ESTARIA EM NENHUM RELATÓRIO POLICIAL.
FAÇA DIREITO OU ENCERRAMOS POR AQUI.*

Descansando os dedos no teclado, Nina vasculhou seu cérebro em busca de algo pequeno e específico. Ela estava deitada de bruços na mesa, a cabeça virada para um lado, a superfície metálica dura contra sua bochecha manchada de lágrimas. O Cifra saiu de sua linha de visão por alguns momentos. Seus olhos vasculharam a área em busca de uma saída, localizando uma porta na parede oposta. À direita do batente da porta estava...

FBI: *UM PÔSTER DO MINNESOTA VIKINGS.
NA PAREDE DENTRO DO GALPÃO.*

CIFRA: *MUITO BOM, GAROTA GUERREIRA.*

VOU TE CONCEDER UMA PERGUNTA.

— Conceder? — O lábio de Kent se curvou. — O Todo-Poderoso dignou-se a nos dar uma audiência. Um exemplo puro do complexo de deus. — Ele se aproximou de Nina. — Faça-lhe uma pergunta aberta. Uma pergunta do tipo “por que”.

FBI: *POR QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO ISSO?*

CIFRA: *VC ME DIZ.*

— Ele quer ver o que pensamos dele — disse Kent. — Tem que achar que estamos analisando tudo o que ele diz. Bajule o seu intelecto. Arranque a informação.

FBI: *NÃO CONSIGO TE ENTENDER.
PODE ME EXPLICAR?*

CIFRA: *ESTOU DECEPCIONADO.*

Breck levantou-se, chamando-os por cima do monitor.

— Mantenha esse peixe no anzol. — Sua cabeça desapareceu quando ela se sentou novamente.

— Fale sobre as façanhas dele — disse Wade. — Ele nunca teve a chance de se gabar para ninguém. Dê a ele uma oportunidade.

Nina percebeu que teria que cavar mais fundo. Ela se enganou acreditando que poderia interagir em um nível superficial, isso não funcionaria. O Cifra exigia seu quilo de carne para dar acesso a seus pensamentos. Ela mudou de tática e seguiu seu instinto.

FBI: *VOCÊ GOSTA DE VER SOFRIMENTO.*

CIFRA: *ERRADO. TENTE OUTRA VEZ.*

— Você não o perdeu — disse Kent. — Mas outra avaliação que ele considera fora da base pode encerrar a comunicação.

Ela se virou para Wade.

— Me dê algo.

Wade olhou para os gráficos de parede.

— As vítimas que ele escolheu eram todas jovens em risco. Garotas que...

— Garotas que ninguém queria. — Ela terminou o pensamento e se inclinou sobre o teclado.

FBI: *VOCÊ PEGA O QUE OS OUTROS NÃO QUEREM.*

CIFRA: *COMO VC.*

Ataque direto. Ela reprimiu qualquer sinal de reação, mantendo os olhos fixos na tela, e sentiu a mão calorosa de Kent em seu antebraço.

— Você está indo muito bem — disse ele calmamente.

— Lembrese de que a mente dele é desviada. Ele é um filho da puta doente.

Ela forçou um sorriso.

— Eu consigo, obrigada.

FBI: *COMO VOCÊ SABE?*

CIFRA: *EU VEJO TUDO.*

— Frase de efeito interessante — disse Kent. — Ele pode estar se referindo ao seu planejamento pré-crime.

— Veja se você consegue fazê-lo falar sobre o processo — disse Wade. — Como ele escolhe as vítimas.

FBI: *ENTÃO VOCÊ VÊ PRIMEIRO?*

CIFRA: *ESTOU SEMPRE DE OLHO.*

— Comportamento de perseguição — Wade murmurou, rabiscando furiosamente no seu bloco de notas. — A seleção da vítima é importante para ele. Na cabeça dele, é parte do jogo.

— Vá mais fundo — disse Kent. — Mais sobre sua metodologia.

FBI: *COMO VOCÊ ESCOLHE?*

CIFRA: *ELAS DEVEM SER PUNIDAS.*

Sentindo que essa frase era importante, ela parou. De fato, Kent e Wade começaram a debater os possíveis significados implícitos da frase.

Kent estudou a tela como se estivesse lendo literal e figurativamente nas entrelinhas.

— A linguagem dele se distancia um pouco. Ele não diz “eu as castigo”, mas “elas devem ser punidas”. Ou ele está desconfortável com o que faz ou se sente desconectado e acima de tudo.

— Ele se sente desconectado — disse Wade, decisivamente. — Como um deus condenando os pecadores, aqueles que são indignos.

Um pensamento ocorreu a ela.

— Um deus também vê tudo. — Ela apontou para as mensagens anteriores. — E pune.

— Vai nessa — disse Wade —, mas torne isso pessoal para você.

FBI: *E EU? O QUE EU FIZ
PARA MERECER PUNIÇÃO?*

CIFRA: *VC FOI UM CASO ESPECIAL.*

— Temos que saber como ele escolheu você — disse Kent. — Isso, mais do que qualquer outra coisa, pode nos apontar a identidade dele.

FBI: *COMO ASSIM?*

CIFRA: *MINHA VEZ DE FAZER UMA PERGUNTA.*

Ela esperou por um breve período, então uma nova mensagem apareceu.

CIFRA: *TEM ALGUÉM TE COMENDO?*

— Redirecionamento — disse Wade. — Chegamos perto demais.

O tom frio de Kent aumentou um pouco.

— Ele mudou para obscenidades, tentando chocar você. A próxima comunicação vai ser um ataque

altamente pessoal.

Ela não tinha intenção de jogar os jogos mentais dele.

FBI: *NÃO É DA SUA CONTA.*

CIFRA: *VOU TOMAR COMO UM “NÃO”.
É POR MINHA CAUSA?*

— Ele se sente possessivo em relação a você — disse Wade. — Quer ser o único homem em quem você pensa.

— Eu concordo — disse Kent. — Ele está com ciúmes. O pensamento a deixou nauseada.

— Eu não vou falar com ele sobre a minha vida sexual. — Ela parou antes de acrescentar: *ou falta dela.*

Wade e Kent estavam dando sugestões sobre como retomar a conversa quando outra mensagem apareceu na tela.

CIFRA: *VC TÁ DEMORANDO MUITO TEMPO
PRA RESPONDER, GAROTA GUERREIRA.
EU TE PERTURBEI OU É AQUELE SEU PARCEIRO
MIND HUNTER FRACASSADO Q TÁ TENTANDO
ENCONTRAR 1 RESPOSTA?*

Wade ficou vermelho.

— Ele me viu no noticiário e deve ter pesquisado meu nome no Google.

Não teria sido necessário pesquisar muito sobre os antecedentes do dr. Jeffrey Wade. Ele já era bem conhecido antes mesmo da extensa cobertura da mídia sobre o caso Chandra Brown.

— Nós podemos usar isso — disse Kent.

A mão de Breck apareceu acima da tela fazendo um movimento giratório, incentivando-os a continuar. Nina digitou algo para manter a conversa.

FBI: *EU FALO POR MIM.*

CIFRA: *QUANTOS OUTROS ESTÃO NA SALA COM VC
AGORA, NINA? QUERO VC SOZINHA.*

— Agora ele está usando seu primeiro nome — disse Kent. — Ficando íntimo. Segue em frente.

Ela tinha uma ideia sobre o que dizer em seguida. Provavelmente deixaria todos ao seu redor, especialmente Wade, furiosos. Mas poderia salvar a vida de uma garota.

FBI: *ENTÃO VEM ME PEGAR.*

Kent xingou.

A mandíbula de Wade se apertou.

— Que diabos você está fazendo, Guerrera?

CIFRA: *EU VOU, GAROTA GUERREIRA,
MAS NA HORA E LOCAL DA MINHA ESCOLHA.*

Ela ignorou os dois homens latindo instruções em seus ouvidos e enviou uma resposta rápida.

FBI: *PODE SER AGORA.*

CIFRA: *SE SENTINDO CORAJOSA, PEQUENA?
VOU FAZER VC IMPLORAR COMO ANTES.
SEUS AMIGOS DO FBI SABEM O QUANTO
VOCÊ CHOROU, IMPLOROU E BERROU?
ELES VÃO VER A VERDADEIRA VC EM BREVE.*

Wade ficou em silêncio. Nina teve a sensação de que ele não estava apenas analisando as respostas do Cifra, mas também as dela. Então, deliberadamente se afastou dele para se dirigir a Kent.

— Do que ele está falando?

— A linguagem dele é indicativa de manipulação — disse Kent. — Ele quer você de volta ao estado de medo em que colocou você antes. Na mente dele, isso os conecta. Isso permite que ele exerça controle sobre você sem sequer tocá-la. Ele não precisa estar perto de você para fazer você pensar nele, o que é essencial, porque ele pensa em você o tempo todo.

Nina deu-lhe um sorriso sem humor antes de voltar para a tela.

FBI: OK, DEIXE OS OUTROS EM PAZ.
ISSO É ENTRE NÓS.

CIFRA: SEMPRE FOI.
COMEÇA E TERMINA C/ VC, NINA.

FBI: ENTÃO VAMOS ACABAR COM
ISSO AGORA. SÓ NÓS DOIS.
NINGUÉM MAIS PRECISA SE MACHUCAR.

Todos pararam de falar. Ela sabia que dezenas de monitores estavam acompanhando sua troca por todo o prédio. Os de Buxton inclusive.

CIFRA: ADEUS, GAROTA GUERREIRA...
POR ENQUANTO.

Ele não respondeu mais a nenhum de seus comentários.

Buxton havia saído de sua sala. Foi direto para a estação de trabalho de Breck.

— Você o localizou?

Ela balançou a cabeça, baixando os olhos.

— Ele está saltando por muitos servidores... Não vi nada parecido fora das comunicações de células terroristas, e a maioria delas não tem tantas redundâncias. Esse cara tem formação em tecnologia, ou ele fez uma tonelada de pesquisas.

— Você ainda está preparada para detê-lo? — perguntou Buxton.

Breck levantou a cabeça, suas feições delicadas definidas em linhas determinadas.

— Vai levar alguns minutos, mas, sim. Já obtivemos acordos da maioria das plataformas de redes sociais. Eles vão fechar os perfis dele a nosso pedido, já que ele os está usando para divulgar assassinatos. Dissemos para adiarem por razões investigativas, mas posso pedir que derrubem a qualquer momento.

— Vamos manter essa opção aberta por enquanto — disse Buxton. — No momento, é a nossa única maneira

de nos comunicarmos diretamente com ele. — Virou-se para Nina. — Falando nisso, o que diabos foi que acabou de acontecer?

A conversa dele com Breck deu a ela tempo para encontrar uma maneira de mitigar os danos. Ela lhe deu a resposta mais honesta que podia.

— Minha tentativa de impedi-lo de matar outra garota nas próximas 24 horas.

A lembrança do cronograma que tinham e do que estava em jogo amaciou as farpas de seu tom.

— Você deveria seguir o treinamento, agente Guerrero.

Kent limpou a garganta.

— As respostas do Cifra forneceram novos *insights*, senhor.

Ela lançou-lhe um olhar agradecido, mas a reprovação na expressão de Kent lhe disse que ele não estava satisfeito com suas táticas tanto quanto o chefe deles.

Buxton olhou para Kent.

— O que você inventou?

— Vou revisar uma cópia do diálogo novamente e procurar em nosso banco de dados qualquer correspondência para alguns dos padrões de fala mais distintos. Por enquanto, posso dizer que ele é altamente inteligente, educado e idiossincrático com sua linguagem. Ele pode ter algumas tendências de TOC na sua vida profissional ou pessoal. É extremamente estruturado e metódico. — Kent parou por um instante e então continuou: — E tem um complexo de Deus dos diabos.

— Eu gostaria da sua análise completa o mais rápido possível. — Buxton voltou sua atenção para Wade. — O que acha?

— Se Guerrera estava tentando fazê-lo desistir de seus outros planos e ir atrás dela, não funcionou — disse Wade. — Ela desafiou a masculinidade dele, que acredito ser frágil ao extremo. Ele vai sentir a necessidade de buscar retaliação. — Wade lançou um olhar para Nina. — Eu prevejo que ele vai adiantar o prazo da última mensagem. Ele vai matar outra vítima e nos insultar publicamente. E pode repetir seu crime mais algumas vezes apenas para provar que pode. Por fim, ele vai ter Guerrera como o alvo final de qualquer plano que tenha em mente.

— E o pôster dos Vikings? — perguntou Buxton. — Estou procurando qualquer coisa que possa nos apontar para a identidade desse suspeito.

— Pode significar muitas coisas — disse Wade. — Ele pode ser de Minnesota, pode ser um fã de futebol americano, ou talvez pense que é Erik, o Vermelho, reencarnado. — Ele soltou um suspiro. — Não há dados suficientes para ter certeza.

Pensar no pôster trouxe o galpão de volta à mente de Nina.

— Ele ficou fascinado pelas cicatrizes nas minhas costas — disse ela. — Acrescentou suas próprias marcas em cima delas. E deu às outras duas garotas queimaduras iguais. Todas em forma de triângulo. — Ela olhou para Wade, desesperada por uma resposta para a pergunta que ela havia carregado em silêncio por onze anos. — Por quê?

Wade fez uma careta.

— Em um sentido muito literal, ele estava marcando você, marcando você como propriedade dele. Ele cobriu o selo de posse de outro homem com o dele. — Wade passou a mão pelo cabelo. — Quanto às outras vítimas, ou ele fez disso a sua assinatura ou queria torná-las substitutas a você.

— Ele concedeu a marca dele a você — Kent corrigiu. — Como quando disse que lhe concederia uma pergunta. Essas são escolhas de palavras específicas que podem nos ajudar a identificá-lo quando desenvolvermos um grupo de suspeitos.

Ela considerou as observações de Kent sobre como o Cifra expressava as coisas.

— E o comentário dele de que começou e vai terminar comigo? Significa que eu fui a primeira dele?

Wade respondeu sem hesitação:

— Ele pode ter tido ideias durante anos antes disso, mas tenho quase certeza de que você foi a primeira em que ele agiu. Precisamos descobrir o que havia em você que o levou da fantasia para a realidade. — Wade fez uma pausa, passando a mão no queixo. — Ele agora também removeu todas as dúvidas de que conhecia você de algum lugar antes de sequestrá-la. Ele admitiu que estava observando você.

— Eu concordo — disse Kent. — Todos os sinais apontam para uma obsessão contínua que se fortaleceu desde que ele a encontrou novamente.

Ela imaginou o Cifra vendo-a pela primeira vez depois de anos quando assistiu ao vídeo viral da Garota Guerreira derrubando um estuprador no parque. Ele havia ficado com raiva? Excitado? Com ciúmes? Ele achava que ela estava “pedindo” aquilo quando foi correr sozinha em um parque arborizado?

— Com base no que sabemos sobre suas vítimas, ele ataca adolescentes com uma vida familiar instável e que estão por conta própria — disse ela, tentando criar perfis. — Meninas que devem ser punidas.

— Ele está fazendo julgamentos. — As sobrancelhas loiras de Kent se juntaram. — Proferindo veredictos e dando sentenças.

— Como um juiz — disse Wade. — Ou um deus irado.

Breck saiu de sua estação de trabalho para se juntar a eles.

— Vocês acham que ele é algum tipo de maluco religioso?

— Talvez — disse Wade, parecendo ponderar a ideia em sua mente. — Mas não em qualquer sentido tradicional. Ele não indica que está cumprindo as ordens de seu senhor. Esse cara não responde a um poder superior. Na mente dele, *ele* é o poder superior.

— Isso se relaciona com o comportamento dele — disse Kent. — Tudo o que ele faz é carregado de significado. Ele escolheu a garota em DC para fazermos, sem dúvida, a conexão com Guerrera. Ele queria que ela entrasse no caso, então orquestrou a cena para que isso acontecesse.

— Ele abriu mão de algo de grande valor para executar seu plano. — Wade fez um gesto para Nina. — Ele deixou o colar dela para trás, um prêmio que ele guarda há mais de uma década.

— Um troféu — disse ela.

Wade deu-lhe um breve aceno de cabeça.

— Ele nunca abriria mão de um item tão estimado, a menos que ainda possuía algo de significado maior ou planeje substituí-lo por algo de valor ainda maior.

Nina sentiu a boca ficar seca. O Cifra a queria à sua mercê novamente. Ele havia deixado isso bem claro. Ela não havia considerado que a sua disposição em desistir de seu troféu demonstrava o quanto ele estava confiante do sucesso.

— Eu. — Nina ofereceu a única conclusão lógica. — Ele planeja substituir o colar por mim.

Capítulo 17

Apartamentos Hermosa Vista Springfield, Virgínia

NINA SUBIU o último lance de escadas para encontrar Bianca sentada no degrau mais alto, roendo as unhas.

— O que foi, Bi?

— Vi aquele vídeo no YouTube — disse Bianca. — Nós decidimos assumir.

Ela suspirou.

— Quem é “nós” e o que “nós” estamos assumindo?

— Eu e minha equipe da faculdade — disse Bianca. — Vamos resolver a pista do Cifra.

Ela deveria ter previsto isso. O Cifra não estava apenas atormentando Nina — ele estava fazendo o mesmo com todos que sugava para dentro de seu jogo mortal. Agora sua jovem vizinha e amiga sentia a necessidade de agir.

— Obrigada — disse Nina, oferecendo-lhe um sorriso cansado —, mas temos esse assunto sob controle.

Bianca parecia menos do que impressionada.

— Seja lá o que seus idiotas fracos estejam fazendo, podemos fazer melhor.

Não era a primeira vez que Nina ouvia o desdém de Bianca por todas as coisas que ela considerava

burocráticas e governamentais.

— Estou pedindo para você ficar fora disso, Bi. — Nina girou sua chave na maçaneta e destravou o trinco duplo. Ultrapassando a soleira, ela desativou o alarme antes de passar pelo pequeno *hall* de entrada. Foi direto para a geladeira, tirou duas garrafas de água gelada e deu uma para Bianca. — Eu não quero que você tire nenhum tempo dos seus estudos.

— Eu dou conta de multitarefas, sem problemas. Além do mais, isso é importante.

— É por isso que o FBI está dedicando uma quantidade enorme de recursos à resolução do problema. Você pode ser incrível com computadores, mas nossa equipe de informática forense e especialistas cibernéticos não é um bando de “idiotas fracos”. Deixe que façam o trabalho.

Bianca mostrou todos os sinais de querer se lançar em um debate, mas a campainha da porta a interrompeu antes que ela pudesse começar.

Nina caminhou até o *hall* e espiou pelo olho-mágico. Soltou um gemido antes de abrir a porta para Jaime, o zelador do prédio.

— *Hola, bonita* — Jaime disse como forma de saudação.

Ela vinha se defendendo dos avanços do zelador desde que se mudara, mas Jaime não havia entendido a mensagem. Provavelmente nunca entenderia.

— Tudo bem?

— Preciso verificar as vedações nas suas janelas. Tenho um monte de reclamações de inquilinos sobre as contas de luz. Talvez eu precise recauchutar o prédio todo, mas preciso mostrar ao proprietário que pelo menos metade das janelas está vazando ar.

Nina tinha que lhe dar crédito. Seus pretextos estavam ficando mais criativos. Pelo menos não estava

sozinha desta vez. Ela virou de lado para dar passagem.

— Entre.

Ele passou por ela, desanimando quando viu Bianca, que lhe deu um aceno com os dedos.

— Veio consertar o anel de vedação no fogão? — disse Bianca. — Ou é o capacitador de fluxo desta vez?

Nina abafou uma risada enquanto Jaime corava profundamente. Ele parecia querer discutir, mas pensou melhor e ignorou a indireta, virando-se para Nina.

— Andei assistindo ao noticiário, *bonita* — disse ele. — Estão dizendo que esse tal de Cifra matou aquela garota em Georgetown porque ela se parecia com você.

Nina não tinha vontade de iniciar uma discussão sobre o caso com ele.

— Essa é a teoria.

— Eu poderia ficar aqui enquanto você está fora, se você tiver que sair da cidade outra vez — disse ele. — Ficar de olho no local.

Bianca bufou.

— E cheirar todas as calcinhas dela.

O zelador virou-se para ela.

— Isso é tão errado, *mi hijita*. Você tem uma mente suja demais para uma jovem. Acho que você passa muito tempo na internet.

Nina lhe deu uma resposta firme:

— Obrigada pela oferta, mas não.

Jaime não estava pronto para desistir. Ele se aproximou de Nina.

— Eu sei que você tem uma arma e outras coisas, mas aquele cara pode entrar aqui enquanto você estiver fora e se esconder. Então, quando você voltar, ele...

— Posso cuidar muito bem de mim.

Bianca colocou a mão no quadril.

— Se ele entrar aqui, ela vai chutar a bunda dele.

— E se ele surpreender você? — Jaime de repente correu para trás de Nina e passou os braços ao redor de seu torso, prendendo os braços dela ao lado do corpo. — Assim.

Instintivamente, ela jogou o pescoço para trás, dando uma cabeçada no queixo dele antes de girar para fora de seu alcance.

— Caramba. — Jaime esfregou o queixo.

Nina olhou para ele.

— Se você não quer se machucar, não me agarre assim.

— Que tal assim? — Jaime estendeu a mão e rodeou o pescoço dela com as mãos.

A sensação de dedos grossos em torno de sua garganta fez o coração de Nina disparar. Ela estava na parte de trás da van do Cifra. Mãos enluvadas apertavam sua traqueia, aumentando gradualmente a pressão implacável. Impedindo seus gritos. Sufocando-a. Ela lutava contra as amarras que prendiam seus pulsos e tornozelos. O monstro se inclinou para perto, ofegante com a antecipação. O mundo escureceu a seu redor, então seus ouvidos zumbiram com a risada que se derramou dos lábios cruéis do Cifra.

Ela passou a ponta do sapato na canela de Jaime e pisou em seu pé, simultaneamente levantando os braços em um arco rápido para se livrar dele. Mal conseguiu se conter antes de bater com a palma da mão na ponte do nariz dele.

— Pare com isso, Jaime! — O medo na voz de Bianca trouxe Nina de volta ao presente.

Jaime estava pulando em um pé só, xingando em duas línguas.

— Acho melhor você ir embora — disse Nina para ele, enquanto sua respiração desacelerava e retornava ao normal.

— Sim. Estou vendo que você tem tudo sob controle.
— Ele se endireitou. — Ainda bem que pude ajudar a... uh... praticar seus movimentos. — Sem fazer menção aos parapeitos das janelas com vazamento de ar, que haviam sido sua suposta razão para vir, arrastou-se rigidamente, tentando esconder o andar manco enquanto saía.

Assim que a porta se fechou atrás dele, Bianca começou a rir.

Nina levantou uma sobrancelha.

— Não é engraçado quando as pessoas se machucam, Bi.

— Eu sei, mas é o Jaime. — Ela deu uma pequena sacudida na cabeça. — Quero dizer, ele vem aqui todo macho, tentando ser o grande protetor, e você simplesmente acabou com ele.

— Ele tem boas intenções.

— Ele quer tirar sua calcinha.

— Não vai acontecer.

— Eu sei que não. Você sabe disso. O resto do edifício sabe disso. Mas ele continua tentando mesmo assim. — Bianca soltou um suspiro exagerado. — A negação é uma coisa poderosa.

— Palavras de sabedoria da garota que nunca namora.

— Eu não vejo você saindo nas noites de sábado. Ou recebendo qualquer homem aqui.

Bianca apontou o polegar para o peito.

— Eu estou ajudando meu professor a criar a próxima geração de nanotecnologia implantável. Qual é a sua desculpa?

Nina não tinha desculpa. Pelo menos nenhuma que ela pudesse admitir. Tentando ganhar tempo para dar uma resposta eloquente, olhou para as cores brilhantes da camiseta de Bianca. Inclinando a cabeça, chegou mais perto para ver o desenho pela primeira vez.

— Nina? — O tom de Bianca continha preocupação.

— Estou bem. Eu só estava... Gostei da sua camiseta. Onde você comprou?

Bianca olhou para baixo.

— É da competição do clube de ciências no final do semestre passado. Engraçado, né?

A camisa de algodão preta apresentava uma representação codificada por cores de toda a tabela periódica com a frase **ESTAMOS NO NOSSO ELEMENTO** abaixo dela.

Nina tentou uma risada que saiu vazia.

— O humor da ciência é demais...

— Por onde você andou? Os nerds estão na moda hoje em dia.

Nina piscou.

— Bom saber, porque eu sou pelo menos vinte por cento nerd.

— Desculpe, mas você é noventa por cento foda — disse Bianca. — O que compõe os outros dez por cento não importa.

Ela devia ser melhor em fingir do que pensava. A distração momentânea estava lhe dando espaço para respirar enquanto ela dissipava a adrenalina induzida por Jaime. O *jet lag* diminuía seu tempo normal de recuperação.

— Preciso de outra garrafa de água. Estou desidratada.

— Isso é porque o ar dos aviões é reciclado. — Bianca pegou uma segunda garrafa da geladeira e passou para ela. — Você provavelmente não bebeu o suficiente para compensar dois voos que cruzaram o país.

— Ouvi dizer que eles também reciclam a água do banheiro — disse Nina, desrosqueando a tampa. — Acha que é por isso que o café de avião tem um gosto esquisito?

Bianca riu no meio do gole.

— Você fez minha água entrar pelo nariz.

Nina colocou a garrafa sobre o balcão.

— Vou pegar uma toalha de papel.

Ela esperou enquanto Bianca secava a frente de sua camisa, a umidade escurecendo o desenho neon. Ela apertou os olhos para as fileiras organizadas de quadradinhos, cada um com letras no centro e números no canto.

Letras e números.

Ela agarrou o pulso de Bianca e puxou seu braço para longe.

— Que diabos, Nina? — Bianca deu um passo para trás.

Ela soltou a menina e virou, procurando seu laptop. Depois de uma busca infrutífera pela sala de estar, lembrou-se de que ainda estava na mala. Ignorando as perguntas de Bianca, correu para seu quarto para pegar o computador e o trouxe de volta, abrindo-o na mesa da cozinha.

Bianca olhou para ela.

— Pode me dizer o que você está fazendo?

— Sua camiseta me deu uma ideia — ela disse enquanto o laptop era inicializado. — Pode ser um tiro no escuro, mas preciso verificar.

— Isso tem a ver com a pista do Cifra? — Bianca ficou empolgada. — Me deixe ajudar você. Eu poderia realmente ganhar os quinhentos mil dólares. — Ela puxou uma cadeira ao lado. — E o direito de me gabar.

Nina pesquisou a tabela periódica no Google.

— Me dê uma folha de papel e um lápis daquela gaveta ali. — Ela indicou com o queixo a gaveta de tralhas no canto mais distante do balcão da cozinha.

Bianca vasculhou o conteúdo e voltou para a mesa instantes depois.

— Vou pegar uma imagem da pista no cartão que ele deixou em San Francisco. Você anota os elementos

correspondentes.

Nina deu um sorriso rápido para Bianca enquanto pegava o papel e o lápis. Ela foi rápida. Em momentos como esses, Nina lembrava que Bianca tinha um QI acima de 160.

Bianca leu os números, pausando entre cada um para que Nina pudesse procurar os números atômicos e anotar os nomes químicos correspondentes e os símbolos dos elementos.

— Setenta e cinco — disse Bianca.

Nina arrastou o dedo pela tela para ampliar a pequena impressão no gráfico.

— Rênio, símbolo Re.

Bianca continuou para o próximo número da série.

— Setenta e três.

— Tântalo. Ta — Nina disse, rabiscando as letras.

— Três.

— Lítio. Li.

Elas continuaram até que Nina escreveu todos os sete números do código junto com seus nomes químicos e símbolos dos elementos.

Bianca olhou por cima do ombro enquanto observava a confusão de letras.

Re, Ta, Li, F, Md, O, Re.

— Você está pensando o mesmo que eu? — Bianca sussurrou.

— Provavelmente não.

— E se isso for um anagrama? — Bianca praticamente vibrou de excitação. — Você sabe, uma mistura de palavras. Eu faço anagramas para relaxar depois da lição de casa às vezes.

Nina sentiu um revirar de olhos chegando e mal conseguiu suprimi-lo.

— Você sabe que outros adolescentes rabiscam desenhos obscenos nos cadernos para relaxar?

Bianca estendeu a mão.

— Deixe-me dar uma olhada nisso. — Ela deslizou a página na sua frente e observou. — Existem milhares de possibilidades. — Olhou para Nina. — E isso é apenas em inglês. E se ele mudasse para um idioma diferente?

Nina deu de ombros.

— Foi um tiro no escuro.

— Ainda não vou desistir. Me empresta seu laptop?

— Fique à vontade.

Os dedos de Bianca deslizaram pelo teclado.

— Putz. Acabei de digitar essas letras em um gerador de palavras aleatórias e o algoritmo parou depois de mais de dez mil combinações possíveis.

— Não é de se admirar que os criptoanalistas do Bureau ainda não tenham descoberto. — Ela esfregou a testa. — E esses números podem não ter nada a ver com a tabela periódica, mas não consigo afastar a sensação de que tem algo nisso. Quando olho para as letras que criamos, as palavras ficam saltando sem parar para mim.

— Trabalhe com isso — disse Bianca. — Uma das minhas citações favoritas de Einstein é “A mente intuitiva é um dom sagrado, e a mente racional é um servo fiel”. Ele colocava a intuição acima da lógica, e eu também. — Ela inclinou o papel para que ambas pudessem ver. — Que palavras você vê?

Nina olhou para baixo.

— Reta. Medo. Tarefa. *Free*. Trilha.

Bianca seguiu o olhar dela. Ficaram em silêncio por um minuto inteiro. Então a coluna de Bianca enrijeceu. Lentamente, ela virou os olhos para Nina, um sorriso lento se espalhando por seu rosto.

Nina captou o entusiasmo.

— O quê?

— A última palavra que você disse foi “Trilha”. Isso me deu uma ideia. E *Free*. Se eu mexer um pouco com as letras, encontramos *Freedom*, “liberdade”...

— Freedom Trail, a Trilha da Liberdade, em Boston — disse Nina, batendo a palma na mesa. — “Freedom Trail” usa todas as letras?

Bianca assentiu.

— Mas como sabemos que essa é a resposta certa? É apenas uma das muitas possibilidades.

— Por um lado, ele acabou de deixar um corpo em um local icônico na Califórnia. Os alunos do MIT o estão provocando, então ele pode querer ir para Massachusetts. Onde melhor do que um dos marcos mais importantes do estado? — Ela olhou de volta para a tela do computador com a imagem do quebra-cabeça do Cifra. — Só que a gente precisa de mais. Talvez ele tenha deixado outra pista escondida na mensagem.

Bianca bateu o dedo na tela e abriu outra aba. Ela digitou *Freedom Trail* e leu em voz alta.

— O passeio a pé pela trilha, pavimentada com tijolos vermelhos envelhecidos, apresenta dezesseis locais históricos que começam no parque Boston Common e terminam no USS *Constitution*, no porto de Boston. — Ela voltou para a tela com as pistas. — Olhe as frases no topo. Você vê alguma coisa que indique Massachusetts ou alguma outra coisa que possa se referir à Freedom Trail?

— Aquela primeira linha — disse Nina. — Sempre achei estranho. “*Essa festa não terá chá.*” É uma maneira estranha de expressar, e não combina com o padrão da segunda frase, que parece normal.

Bianca assentiu.

— “Festa” e “chá” não são palavras que ele escolheria.

— Exatamente. E ele não parece o tipo de pessoa que usaria metáforas como enigmas.

— Festa e chá... — repetiu Bianca. — É alguma coisa mais literal. — Ela virou os grandes olhos azuis para

Nina. — Você vê?

— Festa e chá — disse Nina. De repente, a palavra que estava faltando surgiu na sua mente. — A Festa do Chá de Boston. O local onde aconteceu esse protesto já não existe mais, mas é um evento histórico como os outros que pertencem à Freedom Trail. — Ela se inclinou para dar um abraço rápido em Bianca. — Você é um gênio, Bi.

— Eu sei. — Bianca pegou o celular. — Me deixe ver se eu venci a Turma da Cerveja do MIT. Isso significaria sérios direitos de me gabar. — Ela riu. — E eu posso ganhar a recompensa do Julian Zarran. Eu só tenho que... — O sorriso desapareceu de seu rosto quando ela olhou para Nina. Ela ficou quieta por um momento, então olhou para baixo. — Não posso postar a resposta e receber o dinheiro, né?

Nina estendeu a mão para levantar suavemente o queixo de Bianca, encontrando seus olhos.

— Bi, esta é a primeira vez que estamos à frente desse cara. Esta é a nossa chance de pegá-lo. Se conseguirmos chegar a Boston rápido o suficiente, podemos salvar a vida de uma garota.

Bianca empalideceu.

— É claro. Eu não vou dizer uma palavra sobre isso. — Ela desligou o celular. — Que merda.

— Vou ser sua testemunha oficial se você quiser entrar em contato com o Julian Zarran após a prisão.

— Na verdade, agora que estou pensando melhor, foi você quem descobriu a tabela periódica, que era a parte mais difícil do enigma. Você deveria pegar o dinheiro.

— Sou uma agente federal. Não posso pegar o dinheiro da recompensa.

— Bem, isso também é uma merda.

— O dinheiro nunca me motivou. Estou prestes a tirar predadores das ruas.

— Você está na profissão certa, então. Você nunca vai ficar sem bandidos e nunca vai ficar rica.

Nina tirou o celular do bolso e hesitou por um instante. Deveria ligar para Buxton? Poderia reforçar sua posição com o chefe, provar que era valiosa para além de apenas revelar suas memórias.

Ela nunca havia sido uma promessa na corporação. Progredir com esforço excessivo não era maneira de fazer carreira. Ela poderia ser alguém que não se integrava muito em Quantico, poderia preferir trabalhar sozinha, mas precisava ser uma integrante da equipe nessa investigação. Ao chegar a uma decisão, respirou fundo e apertou o botão de discagem rápida para um número predefinido.

— O que foi, Guerrera? — Wade respondeu em seu barítono rouco característico.

— Faça as malas — disse ela, repetindo as palavras dele do dia anterior. — Estamos indo para Boston.

Capítulo 18

T RÊS HORAS depois, em algum lugar no ar entre os aeroportos Reagan National e Logan International, Nina afastou a mão que a cutucou.

— Estou acordada. — Ela ouviu o tom arrastado em sua própria voz.

— Eu sou a favor da união da equipe — disse Kent —, mas você está babando no meu ombro.

Mortificada, ela se sentou para inspecionar a camisa dele.

— Não estou vendo nada. — A camisa polo bordada com o símbolo do FBI parecia levemente amarrotada ao longo da costura do ombro, mas estava seca.

Ele sorriu.

— Pelo menos você está acordada agora.

Ela fez cara feia para ele.

— Hilário.

— Pedi para ele acordar você — disse Buxton. — Deixei você e o agente Wade tirarem um cochilo rápido, mas temos coisas para discutir antes de pousarmos.

Sentado em frente a ela, perto de Buxton, Wade estava esfregando os olhos com as palmas das mãos. Depois de duas viagens cruzando o país quase sem tempo de inatividade, a ressaca do *jet lag* havia batido em Nina quando ela embarcou em um dos jatos Gulfstream alugados pelo FBI no Reagan National. O diretor havia autorizado pessoalmente o uso de um jato dedicado para sua equipe durante a investigação. A

partir daquele ponto, eles iriam a cada local como uma unidade e transmitiriam informações para a força-tarefa em Quantico.

Kent entregou a cada um uma caneca fumegante de café puro. Nina nunca estivera a bordo de um Gulfstream, mas, dado o que tinha ouvido sobre esses jatos, não ficou surpresa ao ver uma garrafa de aço na superfície polida da mesa que se estendia do lado da cabine principal.

— Quero atualizar vocês sobre as descobertas mais recentes da força-tarefa — começou Buxton. — Comparamos os manifestos de voos para Logan de todos os principais aeroportos de San Francisco ou da área de Washington, caso ele voltasse para lá primeiro. Não houve nomes correspondentes.

Nina tomou um gole, o amargo calor da bebida penetrando em seu sistema.

— Então ele usou um pseudônimo, ou ele não foi de avião.

— É improvável que ele tenha usado transporte terrestre devido ao curto intervalo de tempo entre os assassinatos, mas é possível dirigir de Washington, DC, a San Francisco em 42 horas sem excesso de velocidade — disse Buxton.

— Dirigir seria quase tão arriscado quanto voar — disse Breck. — Muita coisa pode dar errado em uma viagem de uma ponta a outra do país.

Wade se espreguiçou e reprimiu um bocejo.

— Um suspeito com os traços de caráter do Cifra pode considerar isso uma tarefa excitante. Pode gostar de demonstrar sua capacidade. Mesmo que apenas para si mesmo.

— Ele é confiante em suas habilidades — disse Kent. — Ele pode ter feito isso, o que significaria que é autônomo ou tem um emprego em que pode ficar quatro ou cinco dias seguidos sem dar notícias.

Nina não tinha pensado muito na escolha de carreira do Cifra. Ele poderia trabalhar em um mar de cubículos em um ambiente corporativo padrão? Outros assassinos poderiam.

— Dadas as habilidades dele com o computador, ele provavelmente tem um emprego em tecnologia — disse Nina. — Talvez um com horário flexível, no qual ele faça consultoria online ou algo assim, sem precisar de escritório.

— Uma ocupação de rotina menos estruturada parece provável — disse Buxton. Mantendo os relatórios em andamento como de costume, virou-se para Kent. — Tem notícias da análise forense?

— A autópsia da vítima de DC está completa — disse Kent. — Em termos leigos, o suspeito esfregou um agente químico no corpo da garota antes de jogá-la na lixeira. — Ele estendeu as mãos. — Basicamente, temos uma infinidade de vestígios de materiais. É como uma agulha no palheiro. E com toda essa contaminação cruzada, qualquer evidência que encontrarmos estará comprometida.

— Que tipo de agente químico ele usou? — questionou Nina. — Foi algo incomum ou difícil de obter?

— Um detergente de uso médico que esteriliza, desinfeta e destrói o DNA — disse Kent.

— Que tipo de limpador faz isso? — Nina tinha visto técnicos de cena do crime usarem luminol para localizar DNA em pisos limpos com alvejante puro.

— Um que incorpora oxigênio na mistura — disse Kent. — Degrada as amostras.

— Eles poderiam identificar a marca específica? — perguntou Buxton. — Há um número limitado de fabricantes?

— Os compostos químicos do detergente estão presentes em diversas marcas comuns utilizadas em hospitais de todo o país. — Kent suspirou enquanto tirava

os óculos escuros e beliscava a ponta do nariz. — Assim não é possível rastreá-lo.

— Hospitais? — Nina se endireitou, lembrando-se da memória reativada na autópsia em San Francisco. — Aquele instrumento que o suspeito usou para forçar minha boca a abrir era como o que o legista tinha. Agora ele usa um agente de limpeza hospitalar. O Cifra poderia ser um médico ou um cirurgião?

— Um cirurgião com complexo de deus — disse Wade. — Nunca ouvi falar disso antes.

Kent sorriu com o sarcasmo.

— Isso corresponderia a alguns dos comportamentos que estamos vendo.

— Vamos manter isso em segundo plano — disse Buxton. — Podemos usar para restringir nossa pesquisa daqui para a frente.

— Bem, ele pode ser um médico. — Breck, que estava digitando em seu laptop, parou bruscamente. — Ou ele pode ser um ajudante de garçom que sabe fazer uma busca no Google. Não é difícil, vejam. — Ela virou o laptop sobre a mesa dobrável presa ao braço de seu assento. Uma lista de agentes químicos de limpeza oxigenados preenchia a tela.

— Ele obviamente se sente à vontade com computadores — disse Nina. — Que nível de inteligência ele teria que ter para descobrir uma maneira de confundir a análise forense?

— Seus padrões de fala indicam que ele tem nível elevado de educação formal ou tem grande bagagem de leitura. — Kent empurrou os óculos sobre o nariz. — De qualquer forma, um QI acima da média é provável.

Wade pousou seu copo sobre a mesa.

— Essa última pista nos diz que ele é inteligente. Ele usou duas formas de criptografia, ambas requerendo extrapolação secundária.

Nina estava grata por Bianca ter passado em seu apartamento. A camiseta da garota e seu substancial cérebro poderoso tinham sido as chaves para desvendar o código do suspeito. Jaime, por outro lado, provavelmente pensaria duas vezes antes de aparecer com outro pretexto. Boas notícias no horizonte, então.

— Concordo que o suspeito dá a impressão de ter uma capacidade intelectual avançada, mas Breck tem razão — disse Buxton. — Ele poderia simplesmente ter afinidade com computadores. — Ele se virou para ela. — Alguma atualização da Análise Forense de Vídeos sobre os dois casos?

Breck puxou o laptop de volta e bateu os dedos nas teclas.

— Conseguimos seguir o rastro da van que ele usou no caso de DC até a Dulles Toll Road. Ele saiu na Rota 28 e continuou para o oeste até que não houvesse mais câmeras.

— Ele me levou para o oeste, de Alexandria a Chantilly, quando me sequestrou — disse Nina. — Na mesma van ou em uma igual.

Buxton abriu uma pasta de couro com o selo do FBI e fez uma anotação.

— Vou enviar uma equipe para verificar o mesmo terreno para onde ele levou você antes, mas duvido que ele seja descuidado o suficiente para construir um novo galpão lá.

— Poderíamos obter fotos de satélite de toda a área — acrescentou Breck. — Usar o olho no céu para identificar quaisquer estruturas não autorizadas na propriedade.

— Vou fazer o pedido — disse Buxton, ainda anotando.

Breck assentiu.

— Enquanto isso, acabei de receber um arquivo da equipe de vídeo da força-tarefa. Estamos trabalhando

com dados visuais de ambos os casos para criar uma melhor composição do suspeito.

Nina se animou. Eles não tinham o suficiente para tentar um esboço antes. Esse era o tipo de informação que poderia desvendar o caso. Ela largou o café e escutou com atenção.

— Nós limpamos as imagens dele do beco em DC da melhor maneira possível, considerando o boné e os pelos faciais. Nada corresponde a qualquer banco de dados de reconhecimento facial, mas, quando sobrepusemos as imagens com as de San Francisco, conseguimos definição suficiente para obter um retrato composto gerado por computador.

Nina se levantou.

— Posso ver? — Ela entrou no corredor e caminhou em direção a Breck.

— Como ele era em San Francisco? — perguntou Wade.

— Ele não estava mancando na Califórnia, então deve ter alterado sua marcha de alguma forma em Washington — disse Breck. Em seguida, acrescentou: — Ele também não era corpulento na Califórnia.

Nina se lembrou das filmagens de vigilância em DC, do entregador gorducho com um andar manco característico, empurrando o carrinho de mão com a caixa enorme em direção à boate. Ela nunca o teria relacionado ao homem musculoso e atlético que facilmente a havia dominado. Agora ela sabia por quê. A barriga e o jeito manco de andar eram falsos.

— Há toneladas de vídeos dele no Píer 39. — O comentário de Breck a trouxe de volta de sua reflexão. — Ele roubou um bote, jogou um tanque enorme de iscas na parte de trás e foi até o cais flutuante. Abriu a tampa, puxou o corpo da vítima, escondida em um saco de lixo preto, e o amarrou a um dos postes nas primeiras horas antes do amanhecer. Você pode vê-lo descer na água

com uma faca para cortar o saco. Ninguém pensou em nada disso na época. — Breck colocou uma mecha ruiva encaracolada atrás da orelha. — O lugar estava deserto, e ele estava vestindo um moletom cinza com um capuz cobrindo a cabeça. Tinha uma gola alta por baixo do nariz e óculos de aviador cobrindo os olhos.

— Como ele transportou o corpo para o cais? — Nina perguntou, sentando-se ao lado dela.

— Estacionou uma picape perto do cais mais próximo do bote, descarregou o tanque de iscas, que tinha rodas em uma extremidade e uma alça na outra, e o levou pela passarela.

— Droga — disse Kent. — A céu aberto.

— É parte da emoção para ele — disse Wade. — Parte do jogo. Prova que ele é muito melhor do que nós.

— Algum vídeo do suspeito colando o envelope naquela lixeira ou andando pelos terminais nos aeroportos ao redor? — perguntou Buxton.

— Nada até agora. — Breck inclinou a tela na direção de Nina. — Dê uma olhada e veja se você pode acrescentar alguma coisa. Ainda há tempo para eu ajustar a imagem se estiver longe.

— Minhas memórias estão desatualizadas em comparação ao que você tem — disse ela, dando a Wade um olhar de soslaio. — E aparentemente irregulares também.

Ela estudou a imagem no laptop. O homem tinha um maxilar bem definido e feições pronunciadas, todas harmônicas. Breck havia deixado os óculos de sol no lugar. Não havia nada de impressionante nele. Nada para distingui-lo, exceto uma sensação indefinível que fez a sua pele arrepiar.

— Lembro que os olhos dele eram azuis — disse Nina após uma inspeção cuidadosa.

Breck pegou o mouse.

— Algum tom em particular?

Por mais que tentasse, ela não conseguia oferecer mais.

— Desculpe.

— Bastante fácil. — Breck puxou o computador de volta. — Vou dar a ele um formato de olho neutro e adicionar um azul-médio às íris. Vai ficar pronto em dois segundinhos.

— Vamos distribuí-lo para a força policial — disse Buxton.

— Entregamos ao público? — Nina perguntou.

Buxton franziu a testa.

— Não quero circular o retrato até que tenhamos uma imagem mais clara. Com aquela barba cerrada e boné escuro, ele se parece com cinquenta por cento de todos os homens brancos entre vinte e cinquenta anos nos Estados Unidos.

Kent assentiu.

— Dada a publicidade que este caso já tem, teríamos dezenas de milhares de pistas falsas.

— Por enquanto, vamos apenas divulgá-lo aos oficiais brifados para comparecer à Freedom Trail esta manhã — disse Breck.

Temendo a resposta, ela fez a pergunta que a atormentava desde que Kent a havia despertado.

— Alguém já postou uma solução para a pista do Cifra?

— Negativo — disse Buxton. — Ainda temos vantagem. Se tivermos sorte, pegaremos esse cara sem um circo público.

— Há mais equipes se formando em todo o país — disse Breck. — Alguns deles querem ganhar os quinhentos mil, outros querem pegar o infame Cifra e alguns estão tentando fazer as duas coisas.

Nina pegou o celular.

— Andei entrando nas redes sociais dele. Ele configurou uma tabela de classificação em sua página do

Facebook com os nomes de pessoas ou equipes que estão atrás dele, listando o Turma da Cerveja na posição número dois, atrás do Julian Zarran. Ele também está se certificando de que todos saibam sobre a recompensa.

— Ele está alimentando a rivalidade — disse Wade. — A atenção do público está elevando toda a dinâmica de poder para ele. Agora ele está conduzindo a conversa nacional.

— Todo mundo correndo atrás do próprio rabo. — Breck assentiu. — O terceiro da lista é um grupo de sobreviventes de violência sexual que se autodenominam Onda Rosa. O quarto é um bando de ex-Rangers do Exército. Não posso dizer muito sobre as chances de sobrevivência do Cifra se eles chegarem antes de nós. Na quinta posição, está um grupo de alunos. Ele lista apenas as cinco melhores equipes.

Nina revirou os olhos.

— Então não estamos apenas caçando esse cara, estamos em competição direta com um monte de caça-fantasmas de todo o país que o estão perseguindo também?

— Eu sei que estamos de olho nas postagens do Cifra, mas alguém está monitorando os caça-fantasmas? — questionou Wade. — O Cifra é do tipo que pode tentar se inserir na investigação se passando por alguém de uma equipe e propondo soluções para seus quebra-cabeças para nos despistar ou nos manipular de alguma outra maneira.

— O segmento da força-tarefa que monitora o engajamento nas mídias sociais está analisando os antecedentes de cada equipe envolvida — disse Buxton. — Eles me enviam atualizações regulares.

Nina olhou pela janelinha da cabine para as luzes da cidade lá embaixo. Centenas, talvez milhares, de civis estavam entrando na investigação. Não havia como controlar o que acontecia quando eles interagiam com o

psicopata que se intitulava Cifra. Ele estava se divertindo com o caos. Alimentando-o.

— O suspeito está usando o público para interferir — disse Kent, ecoando os pensamentos dela. — Até agora, está funcionando. Isso só vai piorar.

— Concordo — disse Buxton, trazendo a conversa de volta para a logística. — Temos que finalizar nosso plano para Boston antes de pousarmos. Entrei em contato com o escritório local do FBI e com o comissário de polícia de Boston. Eles fizeram uma ativação discreta de seu COE.

Nina não gostou. Uma ativação do Centro de Operações de Emergência geralmente envolvia autorização da prefeitura da cidade e atraía várias agências locais.

— Isso não vai chamar a atenção para...

Buxton ergueu a mão.

— Enfatizei que precisamos que esta operação seja o mais secreta possível e que, se o suspeito souber que estamos atrás dele, vai mudar os planos. — Ele olhou para a folha pautada dentro de sua pasta. — Eles redistribuíram todo o pessoal à paisana disponível em postos ao longo da Freedom Trail. O contingente vai ser reforçado por policiais uniformizados de bicicletas, motocicletas e a pé, mas eles estarão espalhados para que não pareça um reforço do policiamento. — Ele virou uma página. — Isso é um total de cerca de duzentos policiais para cobrir a extensão da trilha, que tem cerca de quatro quilômetros.

— Cobertura de parede a parede. — Kent deu a Buxton um aceno apreciativo. — O babaca não vai ser capaz de soltar um peido sem que a gente sinta o cheiro.

— Onde começa a trilha? — perguntou Breck.

— A primeira parada é no Boston Common — disse Buxton. — Termina no porto de Boston.

Kent soltou um suspiro.

— Outro porto. Esse cara gosta de água. O que o DP de Boston está fazendo a respeito?

— Eles têm uma unidade portuária — disse Buxton. — O capitão do porto está implantando tudo o que flutua. Eles também coordenaram com a Autoridade Portuária de Massachusetts. A Massport tem sua própria polícia, que trabalha em conjunto com a patrulha estadual. Eles foram trazidos para o COE, a fim de ficarem de olho nos terminais marítimos e em tudo o que houver perto da água.

— E quanto ao apoio aéreo? — disse Nina.

Buxton deu uma olhada em suas anotações.

— O Departamento de Polícia de Boston não tem helicópteros. Eles contam com a frota aérea da Polícia do Estado de Massachusetts. — Ele olhou de volta para Nina. — Outra razão para o COE. Estamos coordenando o apoio aéreo lá.

— O DP de Boston tem drones? — perguntou Breck.

— Vão circular pela área 24 horas por dia, e também há uma rede substancial de câmeras por todo o centro, especialmente em pontos históricos ao longo da Trilha. — Ele se permitiu um sorriso raro. — Boston está mais fechada do que o cu de um sapo. Nós vamos pegar esse cara.

O entusiasmo de seu supervisor era contagiante. Pela primeira vez desde o início do caso, Nina sentiu-se esperançosa.

— Quais são as nossas ordens quando pousarmos?

— Vamos nos encontrar com nossos agentes de campo locais no COE.

Ela não tinha a intenção de se sentar em uma sala cheia de monitores de vídeo assistindo à operação.

— Quero sair com os policiais de Boston à paisana na trilha.

— Graças a esse vídeo viral, você é famosa, agente Guerrera — disse Buxton, balançando a cabeça. — Você

estragaria toda a operação.

Ela tinha vindo preparada.

— Eu trouxe na mala um moletom grande. Vou usar meus óculos de sol grandões. Ninguém vai saber quem eu sou.

Ela notou Wade lançando-lhe um olhar avaliador e devolveu com um olhar duro. Era melhor ele não tentar afastá-la.

— Na verdade — Wade disse lentamente —, acho que a Guerrera poderia ser útil em campo. Ela pode se juntar a um detetive à paisana local, e eles pareceriam totalmente naturais passeando pela trilha como um casal de turistas.

— Eu quero sair também — disse Kent. — Ninguém sabe quem eu sou. Eu poderia pegar um lugar diferente na trilha.

— Está bem. — Buxton ergueu as mãos em falsa rendição. — Todos vocês podem se juntar a um policial local e assumir uma posição.

A porta da cabine se abriu, e o copiloto entrou na área principal.

— Com licença, o senhor tem uma ligação urgente do Departamento de Imprensa. — Ele estendeu um telefone via satélite para Buxton.

O silêncio se formou ao redor deles enquanto ele segurava o aparelho próximo ao ouvido.

— Buxton.

Seu rosto ficou tenso.

— Há quanto tempo? — Ele assentiu. — Informe o COE em Boston sobre isso. Diga a eles que vamos pousar em dez minutos.

Buxton devolveu o telefone ao copiloto e virou-se para eles.

— A equipe do MIT acabou de postar a solução na internet — disse ele. — Todo maldito caça-fantasma a

leste do Mississippi e ao norte da linha Mason-Dixon está a caminho da Freedom Trail.

Capítulo 19

Três horas depois

Freedom Trail, Boston, Massachusetts

NINA TEVE que esticar o pescoço para encontrar os olhos do detetive Joe Delaney.

— Há quanto tempo você está em Narcóticos?

— Cerca de quatro anos — ele respondeu com um sotaque de Boston tão marcante quanto sua barba ruiva.

Ela teve dificuldade de imaginar o grande policial irlandês de uniforme. Seu cabelo ruivo caía sobre os ombros em um rabo de cavalo desgrenhado, e sua barba atingia o meio do peito largo.

— Você deve ter jogado seu barbeador no lixo no dia em que recebeu seu posto.

Ele pode ter sorriso: era difícil dizer através da floresta de pelos faciais.

— Não gosto de fazer a barba — disse ele. — Isso é verdade.

Eles vinham caminhando juntos pela trilha pelas últimas duas horas, fingindo ser um casal que apreciava os pontos turísticos. O capuz comprometia um pouco a

visão periférica de Nina, mas ela tinha certeza de que ninguém havia escapado da sua atenção.

Eles começaram a conversar enquanto passeavam. Delaney era falador e contou a ela sobre os segredos da cidade como apenas um policial poderia fazer. Eles caminharam em direção ao Faneuil Hall, famoso por suas lojas e restaurantes movimentados.

Era cedo, mas os restaurantes já estavam nos preparativos para o almoço.

— Algo cheira bem por aqui — disse ela.

Delaney farejou o ar como um cão de caça.

— Esse deve ser o famoso feijão cozido de Boston. Eles começam cedo e cozinham lentamente o dia todo. — Ele olhou para ela. — Mas você precisa ter cuidado se não estiver acostumada a comer esse prato. Pode fazer você engordar.

Ela passou a mão sobre seu abdome liso.

— Com a corrida e os treinos, fico bem magra.

— Não — disse Delaney. — A barriga estufa. *Peido*.

Ela sorriu.

— É isso que vocês chamam de humor em Boston?

— De qualquer modo, é verdade — disse ele, rindo. — Feijão é *carboidrato* puro.

O sotaque de Boston engolia os “R” e deixava as palavras estranhas.

— Lembra quando fomos apresentados e perguntei sobre sua atribuição atual? Você me disse que era um “naco”. Eu pensei que talvez fosse jargão da polícia de Boston para alguma unidade especializada que eu desconhecia. Levei alguns segundos para perceber que você queria dizer que você era do Narco, Narcóticos.

Ele deu um sorriso irônico.

— É isso que vocês chamam de humor no FBI?

Touché.

Caminharam entre um bistrô e um café em direção aos arredores que cercavam o Faneuil Hall. As ruas estavam ficando lotadas, e Nina viu pessoas correndo entre os pedestres e os turistas se acotovelando, girando a cabeça em todas as direções.

— Caça-fantasmas — ela murmurou.

— Como é que é?

Ela soltou um suspiro exasperado.

— A internet trouxe aspirantes a detetives. Todo mundo está atrás do dinheiro da recompensa ou do direito de se gabar.

— Ah, a turma dos caça-fantasmas. — Ele fez um aceno compreensivo. — Eles vão acabar se machucando ou estragando a investigação.

Ela examinou os pontos turísticos ao seu redor novamente. O Cifra estava por ali? Ele já tinha vindo e ido? Outra garota estava lutando por sua vida naquele exato momento? Suas mãos se fecharam em punhos. Ela sabia muito bem o que ele estaria fazendo se não encontrassem uma maneira de detê-lo.

Delaney bateu na lateral de sua cabeça, onde seu microfone estava escondido sob uma massa de cabelo.

— Não estou conseguindo nada. Você?

— Nada do nosso lado também. Tenho certeza de que o COE terá notícias primeiro se algo acontecer.

Eles se viraram para voltar para o final da trilha.

— Geralmente gosto de ver um funcionário da cidade dedicado ao trabalho, mas não hoje — disse Delaney.

Ela seguiu seu olhar. Um homem latino com um colete amarelo neon das Obras Públicas estava segurando uma lata de lixo da cidade a um quarteirão de distância da trilha. Ela franziu a testa.

— Pensei que vocês haviam dispensado todas as coletas de lixo hoje.

— Nós dispensamos. — Delaney foi em direção ao funcionário. — Esse cara obviamente não recebeu o

memorando.

Buxton havia pedido ao comissário de polícia para garantir que todos os recipientes de lixo dentro de três quarteirões da Freedom Trail permanecessem intocados. O suspeito havia estabelecido um padrão de usar lixeiras para entregar pistas ou descartar corpos. Se fizesse isso hoje, ele estaria na câmara e sob vigilância.

Ela teve que correr para acompanhar os passos de Delaney enquanto eles atravessavam a rua.

— Ei — Delaney chamou o homem. — Solte essa lata de lixo.

Nina permaneceu quieta. Delaney estava na posição embaraçosa de tentar intervir enquanto mantinha seu disfarce. Ela o deixou assumir a liderança.

O homem se endireitou e virou-se para eles, afastando uma espessa mecha de cabelo preto encaracolado de seu rosto escuro.

— Eu limpo — disse ele em inglês com forte sotaque. — Eu recolhe lixo. — Ele apontou para a lata.

— Você não deveria pegar o lixo hoje — Delaney disse, pronunciando cada palavra lentamente. — Seu chefe não informou você?

O homem deu a ele um olhar perplexo. Ele provavelmente se perguntava por que um gigante ruivo estava lhe dizendo para não fazer seu trabalho.

— Estava na casa minha irmã. Meu carro não vindo, venho eu mesmo. — Ele sorriu.

— Não — disse Delaney. — Você não vem hoje. Entender?

Ela viu um lampejo branco na mão enluvada do homem e se dirigiu a ele em espanhol.

— *Qué tiene usted?*

Os olhos castanhos viraram-se bruscamente para ela, arregalando-se.

— Eu encontra — ele não respondeu em espanhol e levantou um envelope comercial branco lacrado com um pedaço de fita pendurado na borda. — Agora mesmo. Em cima da lata de lixo. — Ele apontou novamente.

Delaney arrancou o envelope das mãos dele e o virou. Ele ficou de costas para o trabalhador para encarar Nina. Sem dizer uma palavra, ergueu o envelope para mostrar a ela o que estava impresso.

GAROTA GUERREIRA

Com o pulso acelerado, ela se jogou para a frente para pegá-lo de Delaney. Eles se olharam por um longo momento.

— Devemos abrir? — Delaney disse em voz baixa.

— Claro que sim.

Os técnicos de provas não ficariam felizes, mas poderia haver algo sensível ao tempo lá dentro. Ela tomaria a bronca mais tarde. Agora eles precisavam de informações. Ela deslizou um dedo sob a aba e tirou um cartão branco. Delaney espiou por cima do ombro enquanto lia.

UM SE POR TERRA, DOIS SE POR MAR

Nina se lembrou da famosa frase das aulas de história.

— Isso foi da noite do passeio de Paul Revere, não foi?

Delaney assentiu.

— Eles deveriam acender uma lanterna se os britânicos estivessem atacando por terra, duas lanternas se estivessem atravessando o rio Charles. — Ele franziu a testa. — Por que o Cifra traria isso à tona?

— Paul Revere — disse Nina. — A casa dele é uma das paradas da Freedom Trail. Temos que notificar o

COE.

— Espere um segundo. — Delaney parou com a mão a meio caminho do fone de ouvido. — As lanternas foram acesas no campanário da Old North Church. Mais uma parada na Trilha.

Nada como um nativo de Boston.

— Bem observado — disse ela. — Vá em frente e avise o COE; vou tentar obter mais informações do cara das Obras Públicas. Ele pode falar mais se for em espanhol.

Delaney se afastou para usar seu comunicador sem chamar a atenção. Assim que se distanciou, Nina viu que o funcionário das Obras Públicas havia desaparecido. Ela estava tão concentrada no envelope que não o viu ir embora. Eles precisariam de suas informações e uma declaração formal.

Amaldiçoando-se por não lhe dizer para ficar, ela correu pela calçada, examinando a área. Ela viu o colete brilhante do homem limpando lixo em um beco dois quarteirões abaixo e aumentou a velocidade. Ele não devia ter entendido o que Delaney falou sobre não pegar lixo naquele dia. Ou talvez não acreditasse nele.

— *Disculpe* — ela gritou para o homem.

Ele pareceu não ouvir e continuou se movendo, desaparecendo entre dois prédios.

Ela correu atrás dele, dobrando a esquina onde ela o vira pela última vez.

Um punho surgiu de sua esquerda, desferindo um golpe impressionante no lado de sua cabeça. Ela tropeçou, tentando recuperar o equilíbrio. Enxergou o colete amarelo das Obras Públicas apenas como um borrão antes que o homem a circundasse e parasse atrás dela para envolvê-la com os braços, cobrindo sua boca com a mão enluvada.

Quando ele abaixou a cabeça para sussurrar em seu ouvido, sua fala não tinha sotaque.

— Você não vai escapar desta vez, Nina.

Mesmo depois de onze anos, ela conhecia aquela voz.

Capítulo 20

O CIFRA RESPIROU fundo, inalando seu perfume único. O medo de Nina o embriagava. Despertava-o. Preparava-o. Ele aconchegou o corpo minúsculo de Nina contra seu peito e sentiu seu coração disparar como as asas de um beija-flor. A solução para o quebra-cabeça havia sido postada online apenas três horas antes. Ele não esperava que ela chegasse a Boston tão depressa.

Não era assim que ele havia planejado o reencontro. Ela estava criando o hábito de desagradá-lo. Ele teria que lhe ensinar outra lição. Fazê-la aprender obediência antes de morrer.

Ele apertou a mão sobre os lábios exuberantes dela, silenciando-a e imobilizando sua cabeça ao mesmo tempo. Ele apertou a parte superior de seu corpo com o outro braço, esmagando-a com mais força contra ele. Ela afundou os dentes em seu dedo indicador. Felizmente, o protetor de junta de borracha termoplástica impediu que a mordida dela penetrasse sua luva táctica. Ele sentiu a mandíbula dela trabalhar, tentando abrir caminho através do tecido reforçado. Uma risada escapou de seus lábios. Ela lutou, o que o excitou novamente. Sua garotinha guerreira queria lutar. Que bom.

Seus braços deslizaram atrás dela, avançando entre seus corpos. Antes que percebesse o que ela estava fazendo, a mão dela encontrou sua virilha. Ela agarrou-lhe as bolas por cima da calça, apertou com força

surpreendente e torceu com um puxão violento de seu pulso.

A respiração voou dos pulmões dele em uma explosão. Ele tentou dominar a si mesmo, mas seus joelhos fraquejaram. Ela não soltou, girando bruscamente na outra direção. Cedendo à dor, ele a empurrou, finalmente soltando seu aperto. Dobrando-se, ele respirou fundo, suas mãos involuntariamente segurando o volume entre as pernas. Ela pagaria caro por isso.

Ela cuspiu um pedaço de fio de náilon arrancado da luva.

— De joelhos.

Ele levantou a cabeça para ver o cano da semiautomática apontada diretamente para ele. A arma não vacilava.

Ela estreitou os olhos.

— Mãos atrás das costas.

A cadela não tinha como saber como era ter suas bolas reorganizadas e claramente não entendia que ele não poderia colocar as mãos atrás das costas nem se quisesse. E ele não queria. Não se ajoelharia ao seu comando. No final, Nina é quem se ajoelharia diante dele. Ela rezaria para ele, mas ele não lhe concederia salvação.

Ele reprimiu uma onda de náusea quando a dor ameaçou dominá-lo.

— Não consigo.

Ela manteve a arma apontada com uma das mãos e levou a outra ao ouvido, sem dúvida se preparando para chamar a cavalaria. Ele estava sem opções. Ela havia se tornado mais uma adversária na jaula. Prestes a derrotá-lo.

Ele não permitiria.

Apesar da agonia nas suas partes baixas, ele plantou seus pés e se lançou para ela. O tempo diminuiu. No

instante em que ele explodiu para a frente, ela apertou o gatilho. Em uma fração de segundo, ele sentiu o golpe devastador de uma bala de ponta oca batendo no centro de seu peito.

Ele caiu.

Ela correu em direção a ele, os olhos percorrendo o comprimento de seu corpo.

— Fique abaixado. Vou chamar o resgate. — Ela fez menção de acionar o fone de ouvido.

Quer ela se comunicasse ou não com eles, a polícia localizaria a fonte do tiro em menos de um minuto. Ele havia estudado as capacidades do Departamento de Polícia de Boston antes de fazer seus planos. E tinha uma cartada final. Nina não tinha como saber que ele usava colete à prova de balas.

Ele jogou o pé para a frente, executando uma rasteira perfeita. Seus pés voaram no ar, e ela caiu no chão duro ao lado dele, sem fôlego. A arma deslizou pelo beco para bater contra a parede de tijolos bem fora de alcance.

Antes que ela pudesse se recuperar, ele rolou em cima dela, seu volume impedindo-a de conseguir ar suficiente para gritar ou lutar. Ele trouxe seu rosto tão perto do dela que seus lábios quase se tocaram.

— Ainda não, garotinha guerreira, mas em breve. Muito em breve.

Naquele momento, ele a queria mais do que qualquer outra coisa em sua vida. Ela era exatamente como ele se lembrava, mas muito mais. Cifra colocou as mãos ao redor de seu pescoço esguio — o terror refletido em seus olhos arregalados era de uma beleza sublime.

— Você vai ser minha de novo — ele sussurrou.

No instante em que seu movimento permitiu algum espaço, as mãos dela dispararam para agarrar suas mãos enluvadas. As unhas curtas arranharam seu pulso direito.

Praguejando, ele apertou mais forte. Não queria matá-la ainda, apenas fazê-la desmaiar. Uma manobra delicada.

Quando a agitação dela cessou, segundos depois, ele pulou e mancou em direção à rua pelo outro lado do beco. Policiais uniformizados estavam vindo de todas as direções. Ele acenou para chamar a atenção e apontou para o beco onde Nina estava, sem dúvida, cuspidando e tossindo agora.

— Homem com arma — disse ele, colocando-se no papel, fazendo um carregado sotaque mexicano e certificando-se de que parecesse nervoso. — Ele atirou na moça.

Os policiais passaram trovejando por ele na direção que ele havia indicado, armas em punho. Não estavam procurando por um funcionário latino de pele escura das Obras Públicas. Estavam procurando um homem branco de olhos azuis. Nina tinha visto seus olhos e a pele ao redor deles anos atrás. Ela levaria essa informação para o túmulo, mas sem dúvida a tinha compartilhado com a polícia, dando a eles uma ideia aproximada de sua aparência. Naquele dia, porém, ele havia encontrado uma maneira de transformar o que havia sido um revés em uma vantagem.

Aos poucos, recuperando sua amplitude de movimento, ele deu a volta em uma esquina, preparado para desaparecer. Uma vez que verificou a área imediata e notou que estava limpa, registrou uma nova dor. Olhou para o sangue em seu pulso. O pânico brotou dentro dele.

Capítulo 21

NINA PISCOU várias vezes em rápida sucessão, focando no gigante ruivo que pairava sobre ela.

— Ela está voltando — disse Delaney para os outros.

Ainda deitada na calçada, ela olhou para cima e viu um grupo de policiais à paisana e uniformizados do DP de Boston olhando para ela. As teias de aranha se dissiparam.

— Era ele — disse Nina, sua voz áspera e dolorida. — Disfarçado. — Ela deu uma breve descrição do suspeito em seu traje de Obras Públicas.

— Belo disfarce — disse Delaney. — Vamos lançar um alerta para localização dele.

— Outra coisa — disse ela, lembrando-se. — Eu arranhei o pulso dele. — Ela se sentou. — Peguei o DNA.

— Você diz que agora ele parece um homem latino? — um dos uniformizados perguntou. — Eu passei direto por esse cara. Lembro do colete amarelo. O filho da puta me indicou onde você estava. — Ele apertou seu rádio para transmitir o alerta atualizado sobre o suspeito, então sinalizou para os outros se juntarem à busca.

Ela passou a mão na cintura.

— Ai, merda, onde está minha arma? — A ideia de que o Cifra havia levado sua arma de serviço fez a cabeça dela girar novamente.

Delaney deslizou a Glock de trás de seu cós e entregou a ela, com o cabo virado.

— Apenas um tiro foi disparado.

Ela foi inundada pelo alívio.

— Obrigada. Tenho certeza de que a Balística vai querer dar uma olhada.

— Você o acertou?

— Acertei. Abdome. Ele também caiu. — Ela esfregou o rosto com a mão. — Deve estar usando Kevlar, porque ele me pegou assim que cheguei perto o suficiente para verificar seus sinais vitais. — Ela se virou para o oficial com o rádio, que havia permanecido com eles. — Acrescente essa informação à busca.

Ele assentiu e pegou o transmissor novamente.

— Falando em tiros, por que vocês demoraram tanto?

— ela perguntou a Delaney. — O ShotSpotter captou o tiro?

O *briefing* no Centro de Operações de Emergência antes de tomarem posições ao longo da trilha incluía detalhes sobre o sistema de detecção de disparos de arma de fogo em Boston, que enviava um alerta em tempo real e girava as câmeras de vigilância na direção do som dos disparos dentro do perímetro coberto.

— O COE recebeu a notificação sobre o disparo da arma, mas todos estavam indo na direção oposta nesse momento. Aparentemente, enquanto você e eu estávamos lendo o bilhete da lata de lixo, o corpo de uma garota apareceu.

Ela ficou de pé.

— Onde? O que aconteceu?

— Um restaurante de frutos do mar na Salem Street, perto da Old North Church — disse ele. — Eles encontraram um daqueles grandes baús de gelo perto da porta de serviço traseira, hoje de manhã. Um dos auxiliares de cozinha achou que alguém deve ter esquecido de levá-lo para dentro depois de assinar o

recebimento. Eles recebem entregas de peixe fresco todos os dias, então ele não estranhou.

Imagens perturbadoras se formaram na mente dela, alimentando sua raiva.

— Ele arrastou o baú para a cozinha — Delaney continuou. — Abriram para tirar o peixe e encontraram uma adolescente morta dentro, enfiada ali em posição fetal.

Nina queria bater em alguma coisa.

— Alguma ideia de quem ela é?

— Sem identificação. Nua como as outras. Estamos circulando uma foto agora para ver se algum de nossos oficiais a viu por aí. Não podemos divulgar a imagem para a mídia. É coisa feia.

Nina andava de um lado para o outro, passando a mão pelo cabelo curto.

— O que mais eu perdi?

Delaney puxou a barba.

— A mídia está enlouquecendo. Um dos garçons do restaurante tuitou sobre o corpo. O lugar está isolado agora, mas a rua inteira está abarrotada de equipes de reportagem e curiosos.

O caos tinha servido ao seu propósito.

— Tenho certeza de que era isso que ele queria.

— Os paramédicos estão aqui — disse Delaney. — Eles vão dar uma olhada em você.

Ela deu um passo para trás.

— Não quero que ninguém toque na minha mão até que tenhamos um técnico forense aqui para tirar uma raspagem das minhas unhas.

Delaney fez um breve aceno com a cabeça.

— Já a caminho.

— Essa é uma contusão importante — disse um dos médicos, olhando sua têmpora. — Vamos verificar suas pupilas.

Ela ficou parada enquanto ele segurava suas pálpebras, acendendo uma lanterninha sobre elas. Aparentemente satisfeito, ele pressionou dois dedos ao longo de seu pulso.

Enquanto o paramédico cuidava de seus procedimentos, ela continuou sua conversa com Delaney.

— Eu quase o peguei. — Ela inclinou a cabeça para cada lado, conforme instruído. — Droga, eu deveria ter percebido que algo estava acontecendo quando falei com ele em espanhol e ele me respondeu em inglês.

— Vá com calma — disse Delaney. — Também não pensei nisso. Nós dois estávamos meio ocupados com aquele envelope.

O disfarce de funcionário de Obras Públicas que ela acabara de ver não se parecia em nada com o monstro que a tinha atormentado anos antes.

— Eu estava esperando um homem caucasiano. Droga, devo ter automaticamente descartado porque eu estava focada demais em salvar qualquer pobre garota que ele pudesse ter em vista.

— Ele certamente não correspondia à descrição que tínhamos — disse Delaney. — Deve ter usado maquiagem para escurecer a pele ou algo assim.

Ela já havia passado para outro pensamento que a incomodava.

— Depois que eu desmaiei, ele poderia facilmente ter quebrado meu pescoço. Por que ele não me matou?

Delaney deu de ombros, palmas para cima.

— Ele disse alguma coisa?

Ela se lembrou da sensação de seu grande corpo sobre ela, esmagando-a, seus lábios perto dos dela.

Ainda não, garotinha guerreira, mas em breve. Muito em breve.

Seu pulso acelerou quando ela se lembrou das mãos dele apertando sua garganta, a sensação de seu hálito

quente no rosto enquanto ele sussurrava as palavras de despedida.

Você vai ser minha de novo.

Ele havia feito uma promessa. Uma ameaça.

As palavras do Cifra não revelariam nada sobre a investigação, não criariam novas pistas, não ofereceriam novos *insights*. Mas poderiam muito bem fazer com que ela fosse expulsa do caso se viessem a público. Ela se tornaria objeto de ainda mais fofocas e especulações, o que dificultaria sua capacidade de trabalho e a capacidade da equipe de se concentrar em pistas a seguir. Ela confidenciaria essa informação à sua própria equipe quando estivessem sozinhos; a mais ninguém.

— Não. — Ela desviou o olhar. — Ele não disse nada.

Capítulo 22

NINA EXAMINOU os rostos comprimidos no Centro de Operações de Emergência de Boston. A frustração inundou a sala. Depois de ser tratada no local por paramédicos enquanto um técnico de provas coletava a raspagem de suas unhas, ela preencheu a papelada para descarregar a arma enquanto a busca pelo Cifra prosseguia sem ela.

Relegada à margem enquanto a polícia de Boston, soldados estaduais de Massachusetts e agentes federais se espalhavam em uma rede de arrasto por toda a cidade, ela estava mais do que disposta a se reportar ao COE com Delaney depois de concluir um depoimento preliminar.

O vasto espaço estava repleto de tecnologia de ponta. Telas gigantes cobriam uma parede inteira; terminais de vídeo em mosaicos, justapostos em uma colcha de retalhos com diferentes ângulos de câmera, ofereciam vistas simultâneas de diferentes partes da cidade. Oficiais e civis ocupavam uma fileira de terminais, recebendo uma variedade de informações de várias fontes.

O zumbido geral naquela colmeia em plena atividade foi interrompido por uma voz estridente de um dos civis sentados em frente a uma tela iluminada ao longo da parede lateral.

— Tenho alguma coisa aqui.

Nina se virou para ver uma mulher escultural com longos cabelos castanhos presos em um coque.

— Nós tiramos o vídeo do ShotSpotter — ela disse, pulando em sua cadeira. Ela deslizou o mouse em um bloco ao lado do teclado, clicou, então apontou para a enorme tela de parede. — Veja isso.

Várias fontes consolidadas em uma única visão mostravam a corrida do Cifra no quadro e direcionando uma debandada de policiais em direção ao beco onde Nina estava semiconsciente.

— Observe o que ele faz a seguir. — A excitação tingiu a voz da técnica de vídeo do Departamento de Polícia de Boston.

O Cifra correu pela rua e virou uma esquina, onde outra câmera o pegou. A técnica havia consolidado as filmagens antes de apresentá-la, criando uma linha do tempo da fuga do suspeito. Nina observou com os outros enquanto ele desviava do tráfego cruzando a rua, depois descia a passarela do outro lado em um ritmo mais calmo, presumivelmente para evitar chamar a atenção. Ele diminuiu a velocidade e parou em frente a uma tampa de bueiro no meio da calçada. Em seguida, subiu a bainha de sua jaqueta, de modo a expor o cócs.

Nina apertou os olhos para ver as mãos dele, que estavam soltando algo às pressas. A princípio, ela pensou que ele estivesse se atrapalhando com uma fivela de cinto volumosa, então percebeu que uma corrente pesada envolvia sua cintura, presa por um grande gancho de aço. Um momento depois, ele soltou o elo e puxou a corrente pelas presilhas do cinto.

— O que diabos ele está fazendo? — Kent fez a pergunta para a sala em geral.

O Cifra se curvou e deslizou o gancho por um buraco perto da borda da tampa do bueiro. Ele se endireitou e enrolou a corrente em volta da mão direita duas vezes, então usou a esquerda para agarrar os elos com as duas

mãos. Em um movimento rápido, dobrou os joelhos e puxou a tampa para o lado, expondo a abertura redonda escura que levava ao sistema de esgoto.

— De jeito nenhum — disse um tenente da polícia de Boston. — Essas tampas são feitas de ferro fundido. Pesam mais de duzentos quilos.

Nina não ficou surpresa. Ela sabia que aquilo estava dentro do repertório de habilidades do Cifra.

Os transeuntes pareciam não prestar atenção a um funcionário das Obras Públicas de colete amarelo descendo em um esgoto. Segundos depois de sua cabeça desaparecer, a corrente serpenteou para dentro do buraco enquanto ele a puxava para dentro. Com uma série de movimentos bruscos, a tampa de metal se fechou para completar efetivamente o ato de fuga do Cifra.

— Filho da puta inteligente — Wade murmurou. — Toda essa manobra levou talvez vinte segundos.

— Ele veio preparado — disse o tenente da polícia de Boston; em seguida, virou-se para seu técnico. — Vamos ver se conseguimos pegá-lo em vídeo explorando a rota de fuga e aquela tampa de bueiro antes. Também quero saber de onde ele sai.

Ela assentiu e sentou-se na frente do seu terminal.

— Ele é metódico e estratégico — disse Kent. — Aposto que tinha várias rotas de fuga planejadas com antecedência.

Wade falou alto o suficiente para toda a sala ouvir.

— É importante ter isso em mente daqui para a frente. Se chegarmos perto de encurralar esse cara, devemos esperar que ele tenha vários escapes. Alguns deles podem até ser armadilhas. — Ele dirigiu seu olhar para o chefe do DP de Boston na sala. — Na verdade, quem entrar naquele esgoto deve ter cuidado. O suspeito pode ter definido uma surpresa desagradável para retardar qualquer perseguidor.

O vice-superintendente Tyson, que havia sido apresentado como o membro de alto escalão do Departamento de Polícia de Boston presente no recinto, endossou o comentário com um rápido aceno de cabeça.

— Vou avisar meus oficiais e os funcionários de manutenção da cidade.

— Até onde ele pode ir no sistema de esgoto? — Buxton lhe perguntou.

— O sistema combinado de água e esgoto tem mais de mil bueiros e percorre toda a cidade. — Tyson deu de ombros. — Não há como dizer onde ele apareceu, mas vamos começar a fazer uma varredura do sistema de câmeras do centro.

Buxton continuou a se dirigir a Tyson.

— Enquanto isso, você recebeu a confirmação da identidade da última vítima?

Tyson sinalizou para um sargento, que foi ao painel de controle de vídeo enquanto respondia.

— Encaminhamos uma foto da cena do crime para nossa Unidade de Crimes Contra a Criança. Um dos detetives da UCCC reconheceu a vítima. O nome dela é Denise Glover. Atendia por Neecy. Quinze anos de idade.

Uma imagem apareceu na tela quando Tyson terminou. A foto, obviamente de um anuário do ensino médio, mostrava uma garota esbelta que parecia jovem para sua idade. Ou talvez os óculos enormes fizessem seus olhos castanhos parecerem de coruja, e as fitas cor-de-rosa no cabelo escuro e crespo provocassem esse efeito.

Buxton virou-se para Wade.

— Temos três vítimas agora: primeiro hispânicas, depois brancas, agora negra. O que isso diz sobre o Cifra?

Antes de responder ao chefe, Wade olhou para Tyson.

— O que sabemos sobre Neecy?

— Vem de um lar desajustado. Fugitiva crônica. — Tyson verificou suas anotações. — A última vez que sua mãe adotiva a viu foi há mais de uma semana.

— Essa é a mensagem dele — disse Wade a Buxton, como se a informação de Tyson confirmasse algo que ele já suspeitava. — O Cifra não se importa com a aparência delas ou de onde elas vêm. Ele não as vê como indivíduos, como seres humanos... apenas como um tipo.

— E esse tipo é?

— Alguns dos indivíduos mais vulneráveis da sociedade. Adolescentes que estão temporária ou permanentemente sem família.

Recordando as mensagens que ela havia trocado com o Cifra pela internet, Nina baixou a voz para que apenas Wade pudesse ouvir.

— Como eu quando ele me encontrou.

Ele fez um aceno afirmativo quase imperceptível para ela. Nina decidiu mudar de assunto, canalizar sua raiva crescente na caçada ao Cifra.

— E a pista no envelope? — ela perguntou a Tyson. — O que ouvimos dos detetives que verificaram a Paul Revere House e a Old North Church?

A referência ao sinal usado pelos patriotas a incomodava. *Um se por terra, dois se por mar*. Um código da vida real. Era isso que tinha feito o Cifra usar essa frase?

— Não temos ideia — disse Tyson. — Os investigadores recrutaram a ajuda dos universitários e passaram cada centímetro quadrado de ambos os pontos de referência. Não estava faltando nada de lá; não havia nada deixado para trás, nenhum sinal de qualquer perturbação.

— Ele está nos jogando para fora da trilha? — disse ela, e então se conteve. — Sem trocadilhos.

— Espere um segundo — disse Tyson, de repente animado. — O restaurante onde o corpo foi encontrado se chama Silversmith's, ou seja, "artesão de prata".

Nina considerou a informação. Paul Revere tinha sido um famoso prateiro.

— Então a pista era para nos levar ao corpo? Ele já tinha feito isso antes.

Wade coçou o queixo.

— É realmente uma informação importante, e pode ter um significado especial para ele, mas plantar essa informação também pode servir como uma pista falsa ou uma distração, no caso de resolvermos o enigma e chegarmos a Boston antes que ele tivesse chance de sair de cena.

— Que foi exatamente o que aconteceu — disse Kent.
— Você acha que ele sabia que estávamos lá? Que ele tem informações privilegiadas?

— Você quer dizer, se eu acho que ele é um policial?
— A sala ficou em silêncio quando Wade fez a pergunta.
— Possivelmente, mas acho mais provável que ele seja um fã da polícia e está monitorando a investigação de qualquer maneira que puder.

— Por que não um policial? — disse Nina. Ela nunca havia considerado a ideia, mas não conseguia ver como Wade a descartaria com tanta certeza.

Wade pareceu pesar suas palavras antes de responder, sem dúvida ciente de que estava falando com todos os presentes. A opinião de um criador de perfil afetaria a investigação dali em diante.

— Ele se sentiria atraído por um cargo com aura de autoridade, como policial, militar, médico ou piloto. Ele é tão maníaco por controle e tão narcisista, no entanto, que teria problemas para receber ordens e, se conseguisse obter tal posição, seria rapidamente dispensado ou demitido.

— Então você está dizendo que ele teria que ser o chefe? — perguntou ela.

— Quando você estava naquele beco, seu contra-ataque não o deteve, não é? Ele não estava nem um pouco com medo, mesmo quando você o manteve sob a mira de uma arma.

Ela balançou a cabeça.

— Acho que isso o excitou. — Ela hesitou um momento antes de fazer sua pergunta seguinte em um fórum aberto. — Falando em armas, o suspeito poderia ter pegado a minha quando eu estava inconsciente, mas não o fez.

— Isso porque ele queria a emoção da luta. Ele preferiria o combate corpo a corpo seguido pela intimidade do estrangulamento. Ele é um assassino, mas também é um estuprador com poder de decisão.

Ela precisava de esclarecimentos e imaginava que vários outros na sala também não falavam jargão de psicólogo fluente.

— O que você quer dizer?

— Cada vítima foi torturada antes da morte. Os ferimentos não foram infligidos após a morte. — Wade gostava do assunto, claramente em sua área do conhecimento. — Ele gosta de manipular os outros. A violência o excita. Ele gosta de ver suas vítimas chorarem e sofrerem.

— Em outras palavras — ela disse —, ele é um sádico.

— Mais do que isso. Ele se alimenta do poder supremo. Faz suas vítimas implorarem. Oferece a elas misericórdia, apenas para recusá-la depois que cumprem suas exigências. Ele quer controlar tudo o que elas fazem, incluindo quando e como elas morrem.

O suor escorria por seu couro cabeludo enquanto ela ouvia Wade. Tudo o que ele descrevia estava correto. Até o último detalhe. Essas outras garotas haviam sido obrigadas a implorar? Chorar? Sofrer? Apenas para

finalmente perceber que tudo tinha sido em vão? Nina tinha certeza de que isso havia ocorrido. Uma mistura tóxica de raiva e humilhação a queimava por dentro.

O vice-superintendente Tyson quebrou o silêncio.

— O que mais podemos fazer agora?

Pela primeira vez, ela viu o quanto a experiência acumulada em décadas investigando assassinos depravados e seus crimes horríveis havia preparado Wade para responder a esse tipo de pergunta. Ele balbuciou sua resposta sem hesitação.

— Apelar ao ego dele. Informar à mídia que temos uma enorme força-tarefa no caso. Dar a ele um nome que reproduza seu apelido escolhido. Chamar isso aqui de Operação Cifra ou algo assim.

Ele se virou para Breck, sentada com um grupo de técnicos de vídeo.

— Ele está seguindo o desenrolar disso nas redes sociais e na mídia tradicional, mas isso pode não ser mais estímulo suficiente para ele. Tire fotos da multidão em cada cena e cruze-as com o que temos no nosso banco de dados. Veja se podemos melhorar nossa imagem.

As bochechas de Breck fizeram covinhas.

— Agora que temos uma amostra do DNA, podemos gerar uma foto dele usando análise preditiva de DNA: isso, se não encontrarmos uma correspondência no banco de dados de DNA criminal.

Wade respondeu com absoluta certeza.

— Nós não vamos encontrar. — Ele se virou para Buxton. — E precisamos verificar as reservas de voos de última hora com retornos rápidos.

— Já está sendo feito — disse Buxton. — Falando em voos, quero voltar para Quantico, onde temos todos os nossos recursos. Podemos coordenar por meio da força-tarefa à medida que acompanhamos as pistas. — Ele olhou no seu relógio. — Todos nós vamos ter um longo dia.

Nina tinha certeza de que ele estava certo. Ela olhou para suas mãos, avermelhadas por sua agressiva lavagem em água quente e sabão depois que o técnico da cena do crime havia raspado sob suas unhas. Ela ansiava por um banho e pela chance de lavar cada partícula microscópica do monstro que ainda pudesse estar em seu corpo. Apenas pensar nele tocando sua pele já a repugnava.

A viagem para Boston havia começado com muito otimismo. Uma sensação de vitória iminente os animara quando embarcaram no jato. Ela havia sido tomada pelo sentimento de confiança de que fariam uma prisão e salvariam uma jovem vida. Apesar de seus melhores esforços, sua vantagem, sua preparação antecipada, não tiveram nenhum desses desfechos. Em vez disso, outra garota estava morta, e o Cifra havia escapado.

Livre para matar novamente.

Capítulo 23

NINA SEPAROU o papel-alumínio e respirou fundo. — Deus abençoe a polícia de Boston. — Ela rasgou um pacote de mostarda e esguichou o conteúdo sobre as camadas de pimentão, cebola e linguiça italiana antes de levar o pão com reverência à boca cheia d'água.

O tenente Delaney deu a eles um saco de papel cheio de hambúrgueres depois de levá-los ao aeroporto. Buxton jogou o saco de papel na mesinha entre os assentos deles depois que o Gulfstream decolou.

Breck arqueou uma sobrancelha para Nina.

— Amiga do céu. — Saiu como uma coisa só. *Migaducéu.*

Nina apontou o queixo para Wade, que já estava na metade de seu sanduíche.

— Não comemos comida tão boa desde San Francisco.

A tigela de ensopado de mariscos da Boudin Bakery era uma lembrança distante.

Kent riu.

— Gosto de mulher com um apetite saudável. Odeio quando alguém que está comigo pede uma salada com molho à parte. Eu me sinto um neandertal comendo uma costela.

— Dê algum crédito a si mesmo — disse Wade com a boca cheia. — Você pelo menos evoluiu para o estágio de Cro-Magnon.

Buxton vasculhou o embrulho.

— Alguma maionese?

Breck entregou dois sachês.

— Já ouvimos alguma coisa da Perícia?

— Temos pressa no DNA — disse Buxton. — Se houver uma correspondência em qualquer um dos bancos de dados, vou ficar sabendo em breve. — Ele tentou rasgar um dos sachês de plástico. — Enquanto isso, o DP de Boston deu a você um vídeo da entrega da caixa de gelo?

Breck largou o sanduíche.

— Eles me deram um *pendrive*. O suspeito é esperto. Entregamos uma foto de um cara branco de olhos azuis e dissemos aos policiais que o vigiassem na Freedom Trail, e ele passou por nós para deixar o corpo da vítima fantasiado de entregador latino dirigindo uma van na Salem Street. — Ela abriu uma lata de refrigerante. — Ele se misturou com os outros veículos de serviço de alimentação fazendo paradas atrás dos restaurantes e cafés.

— Um maldito camaleão — disse Buxton, abandonando sua tentativa de torcer o sachê de maionese para rasgá-lo com os dentes.

Nina engoliu um pedaço de seu sanduíche.

— E a fuga dele do sistema de esgoto? As câmeras da cidade o pegaram em algum lugar?

— Sem sorte nessa frente ainda — disse Buxton. — Mas o DP de Boston rastreou a van de entrega que ele estava dirigindo. Foi abandonada em uma rua lateral a oitocentos metros do restaurante.

— Alugada? — sugeriu Nina.

— Ele tirou o carro de uma locadora no aeroporto de Logan — disse Buxton depois de mutilar um canto do sachê com os dentes. — Os agentes do escritório local de Boston acabaram de enviar uma cópia do contrato de

aluguel digitalizado para o banco de dados da força-tarefa.

— Posso acessar o arquivo através do nosso servidor — disse Breck, abrindo o laptop. Ela digitou por alguns segundos, então virou a tela na direção deles. — Parece que ele alugou a van com o nome de Guillermo Valdez. Usava uma carteira de motorista da Flórida.

Todos se inclinaram para examinar uma imagem ampliada da habilitação que o suspeito havia usado para alugar a van.

Nina quase se engasgou com um pedaço de cebola salteada.

— Essa é uma foto de Julian Zarran. O pessoal da locadora não o reconheceu? Ele só esteve em todos os grandes filmes de ação nos últimos cinco anos.

— É um aeroporto movimentado — disse Kent. — As locadoras têm muito movimento. Provavelmente tinham uma longa fila de viajantes irritados e cansados e queriam passar o mais rápido possível.

— Não é por acaso que o suspeito escolheu usar a imagem de Zarran na habilitação falsa — disse Wade. — Ele está nos mostrando o dedo do meio.

Kent franziu os lábios.

— Quando a notícia for divulgada, e será, Zarran vai aumentar a recompensa para um milhão.

— Provavelmente o que o suspeito quer — disse Wade. — Mais caça-fantasmas. Mais caos. — Ele praguejou baixinho. — Talvez devêssemos ligar para Zarran.

Nina manteve o foco no que eles tinham que decifrar.

— Acho que a residência em Miami indicada na habilitação também é falsa, né?

— Enviamos uma solicitação oficial da força-tarefa para que o Departamento de Polícia de Miami-Dade passe por lá e verifique — disse Buxton. — Fim da linha.

É provável que ele tenha escolhido o endereço aleatoriamente.

— Ele deve ter alguma maneira de obter identidades falsas de qualidade — disse Kent. — Ele é engenhoso.

Todos olharam para cima quando a porta da cabine se abriu.

— Ligação para o senhor. — O copiloto entregou a Buxton um telefone via satélite. — É o chefe da unidade de DNA.

Buxton levou o aparelho ao ouvido enquanto o copiloto recuava.

— Na escuta. Estou colocando você no viva-voz.

Ele colocou o telefone na mesa e tocou em um dos ícones na tela.

— Estou com a equipe de Quantico. Vá em frente.

— Aqui é Dom Fanning — disse uma voz masculina rouca. — Rodamos no sistema a amostra obtida pela agente Guerrera.

Nina prendeu a respiração enquanto esperava para saber se o suspeito finalmente teria um nome ou se continuaria sendo uma cifra.

— Não temos nada — disse Fanning. — Ele não está em nenhum banco de dados criminal. Já iniciamos um pedido de comparação aos serviços comerciais de DNA genealógico que cooperam com as nossas agências. Expliquei a situação pessoalmente e eles concordaram em apressar o processamento. Saberemos dentro de 48 horas se houver uma correspondência familiar.

Buxton soltou um gemido frustrado.

— Pelo menos agora temos o perfil genético dele.

— Vocês têm mais do que isso — disse Fanning. — Recebi uma ligação da Unidade de Análise de Vestígios há alguns minutos. Eles estão coordenando com nossa Equipe de Resposta a Evidências em Boston e queriam ver se havia um nexos com o DNA que analisamos, porque

o que eles verificaram é... inesperado, para dizer o mínimo.

— O que eles encontraram? — perguntou Buxton.

— Emmeline Baker, a chefe da unidade, está solicitando uma ligação imediata para que ela possa explicar diretamente.

Buxton agradeceu a Fanning e desligou. Enquanto ele percorria sua lista de telefones e fazia a ligação, Nina considerou o que Fanning havia relatado. Não havia correspondência de DNA, mas aparentemente a Equipe de Recuperação de Evidências do escritório local de Boston havia localizado evidências de vestígios que eram promissoras.

Uma voz feminina entrecortada soou no alto-falante do telefone via satélite.

— Emmeline Baker.

Buxton se anunciou e foi direto ao ponto.

— Entendo que você tem algo a relatar do caso de Boston.

— As descobertas são significativas. Eu queria alertá-lo o mais rápido possível.

Todos trocaram olhares animados, cientes de que a Unidade de Análise de Vestígios mantinha uma coleção de referência de pelos humanos e animais, fibras e tecidos têxteis naturais e artificiais, além de madeira e outros itens para comparação com amostras encontradas em cenas de crime. Uma pista significativa poderia ter vindo de qualquer lugar da cena de Boston.

Buxton colocou as mãos sobre a mesa.

— Você conseguiu um vestígio que possa ser usado como evidência?

Nina olhou para o telefone, desesperada para saber de uma novidade no caso.

— A agente Guerrero mordeu a luva do suspeito, arrancando com isso algumas fibras. Nossos técnicos de provas as coletaram da calçada onde ela indicou que as

cuspiu. Essas fibras vêm de um tecido fabricado que corresponde exatamente a uma amostra existente em nosso banco de dados; caso contrário não teríamos conseguido uma resposta tão rápida.

Buxton pigarreou.

— Você verificou seus resultados por meio de exames redundantes?

Não houve hesitação quando Baker respondeu.

— Afirmativo.

— Quantos casos podemos vincular? — perguntou Buxton.

Baker respondeu depois de um longo momento.

— Um total de 36 assassinatos.

Capítulo 24

A **EXCITAÇÃO SE** transformou em choque enquanto todos absorviam a informação.

Nina foi a primeira a falar.

— Trinta e seis assassinatos?

Wade estreitou os olhos.

— Será que o tecido na sua base de dados foi usado pelo Red Zone Fight Gear?

— Correto — disse Baker. — É uma fórmula patenteada. Ninguém mais usa. É como uma impressão digital.

— De jeito nenhum — disse Kent, olhando para Wade. — Não é possível.

Nina olhou de um para o outro. Por que ambos estavam visivelmente aborrecidos com o que deveria ser uma boa notícia?

A atenção total de Buxton estava no telefone.

— Dos assassinatos que você conectou, o caso Megan Summers é um deles?

Nina se lembrou do nome da garota de seus dias como policial de rua antes de se juntar ao Bureau. Todos os policiais na área metropolitana de Washington, DC, estavam em busca do chamado Maníaco da Beltway. Parecia que toda a região deu um suspiro coletivo de alívio quando seu reinado de terror terminou. Ela tentou montar o quebra-cabeça, mas não conseguiu: faltavam várias peças.

— É sim. — A voz de Emmeline Baker ecoou pelo alto-falante do telefone, interrompendo seus pensamentos. — Vamos revisar os casos em DC e San Francisco, reexaminar cada molécula de evidência que possa ser rastreada por meio dos nossos processos. Agora que sabemos exatamente qual agulha procurar nesses palheiros, podemos encontrar a mesma fibra. Se bem que não podemos prometer nada, com tanta contaminação cruzada em todas as cenas.

— E a vítima de Boston? — perguntou Buxton.

— Ela tem fibras microscópicas correspondentes na pele ao redor do pescoço, onde foi estrangulada. Ele pode não ter tido a oportunidade de esfregar o corpo antes de descartá-lo desta vez.

— Me mantenha informado — disse Buxton. — Envie o relatório completo quando estiver pronto. Obrigado pela atenção. — Ele desligou e virou-se para o grupo. — Quais são as possibilidades?

— As possibilidades de quê? — disse Nina, incapaz de se conter.

A tensão cortou as palavras de Kent.

— De dois *serial killers* com o mesmo *modus operandi*, usando a mesma marca obscura de equipamentos de luta de MMA, operando ao mesmo tempo.

— A menos que fossem parceiros — disse Wade. — Já aconteceu antes, assassinos em série trabalhando juntos. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Mas tinha todas as características de um perpetrador que agia sozinho. Estou certo disso.

— Eu também estava — disse Kent. — Até agora.

— Estou perdendo alguma coisa aqui — disse Nina. — Alguém pode me atualizar?

Buxton virou-se para ela.

— O que você sabe sobre o Maníaco da Beltway?

Ela fez uma pausa, lembrando como a comunidade havia sido aterrorizada por um assassino brutal que atacava adolescentes.

— Ele era ativo quando eu era patrulheira no condado de Fairfax. Como ele atingiu várias jurisdições em Maryland, DC e Virgínia, não percebemos que seus assassinatos estavam relacionados até que o Programa de Apreensão de Criminosos Violentos correspondesse a algumas características comuns em seu MO.

Ela não acrescentou que as garotas em risco que ele escolhia como vítimas inicialmente não chamavam muita atenção.

— Acho que ele fez cerca de vinte vítimas seis ou sete anos antes de juntarmos as peças, então a mídia enlouqueceu. As dez vítimas seguintes, depois disso, causaram uma tempestade de pânico.

— Você lembra como o caso terminou? — perguntou Buxton.

Ela fez uma pausa quando mais detalhes voltaram à memória.

— O Maníaco da Beltway cometeu suicídio. O corpo dele foi encontrado ao lado da última vítima, que foi... — Seus olhos se voltaram para Wade.

Toda a cor havia sumido de seu rosto.

— Chandra Brown — ele concluiu por ela.

Eles sustentaram o olhar um do outro por um longo momento. Ela lutou para imaginar o que estava passando pela cabeça dele. Chandra Brown havia sido o caso que o colocara em evidência negativa por quase um ano. Agora ela entendia o que Buxton queria dizer quando perguntou sobre as probabilidades. Ela se voltou para seu supervisor.

— Então, se não houver dois assassinos com o mesmo MO, isso só pode significar uma de duas coisas. — Ela levantou um dedo. — Um: não tomamos conhecimento de um parceiro que estava trabalhando com ele. — Ela

levantou um segundo dedo. — Dois: pegamos o cara errado, e o verdadeiro assassino está foragido pelos últimos dois anos.

— Há mais — Buxton disse calmamente. — O agente Wade e o Bureau foram processados pela família Brown.

— Eu me lembro disso — disse Breck, franzindo as sobrancelhas louro-avermelhadas. — O Serviço de Proteção à Criança havia tirado Chandra de seus pais e a entregado a um orfanato devido a abuso e negligência. Seus pais biológicos não falavam com ela ou sequer perguntavam sobre seu bem-estar havia sete anos.

— Eles certamente saíram da toca depois que ela morreu — disse Buxton. — O advogado deles culpou o sistema e todos que faziam parte dele. Eles também processaram o Estado por não fornecer uma supervisão melhor.

— E Wade acabou na mira deles — disse Nina.

— Eu fiz a ligação errada — disse Wade. — A morte de Chandra é por minha conta. A descrição do perseguidor não combinava com a descrita no caso Summers, e seu padrão de comportamento era diferente a ponto de eu não achar que estivesse relacionado ao Maníaco da Beltway, então entreguei o caso de volta à polícia do condado de Montgomery.

Ninguém falou, dando-lhe um momento antes de continuar em um tom monótono.

— Em algum lugar ao longo do percurso, alguém deixou a peteca cair. Ninguém nunca prosseguiu com o caso Chandra. Ela foi assassinada dois dias depois.

Buxton tirou os óculos e beliscou a ponta do nariz.

— A reputação do FBI sofria um grande abalo toda vez que o advogado da família Brown dava uma entrevista coletiva. O que o laboratório acabou de descobrir lança toda a investigação em dúvida novamente. — Ele xingou baixinho.

— Se isso acontecer, eu também sou responsável — disse Kent. — Wade foi transferido da UAC, e eu assumi seus casos, incluindo a análise final e o encerramento da investigação do Maníaco da Beltway. — Sua mandíbula endureceu. — Se houvesse uma anomalia, caberia a mim identificá-la.

Então Kent era quem havia entrado para fechar o jogo. Ela havia acabado de começar seu processo de admissão para se tornar uma agente do FBI quando Chandra foi morta e nunca ficou sabendo quem tinha assumido a investigação após a queda pública de Wade.

— Não — disse Wade. — Você chegou tarde porque eu me transferi. Eu estava trabalhando no caso havia anos. Eu era o melhor para identificar um problema e não estava lá para fazê-lo. — O suor escorria na testa de Wade. — Com licença. — Ele se levantou e caminhou pelo corredor em direção ao banheiro.

— Os casos abrangeram um período de dez anos — disse Kent, depois que Wade estava fora do alcance da voz. — O assassino usou uma grande variedade de métodos. Estrangulamento, trauma contuso, fratura da coluna cervical. Algumas vítimas foram espancadas, outras cortadas, mas ele não usou opções que chamassem atenção demais, como tiros e esfaqueamento para matá-las. Demorou muito para verificar se tínhamos uma série. Ele foi cuidadoso. Nunca obtivemos nenhum DNA.

— Como você conectou os casos? — Nina perguntou a ele.

— Por meio de vestígios. Havia fibras únicas recuperadas em várias cenas. Pode haver mais vítimas por aí. O que temos é baseado em como as unidades forenses da polícia local coletaram, processaram e preservaram evidências em cada caso.

Nina tentou acompanhar. O FBI não havia compartilhado todas as suas pistas com a polícia local na

época, então ela não tinha ouvido esses detalhes antes.

— Como as fibras eram únicas?

— Depois que o Programa de Apreensão de Criminosos Violentos nos deu nossa primeira correspondência nas fibras, enviamos uma solicitação às polícias locais para recebermos amostras de homicídios não resolvidos com vítimas que se enquadravam na descrição geral. — Kent se inclinou para a frente, enfatizando seu argumento. — Os assassinos em série podem mudar seu MO, mas não podem mudar seu motivo.

— Como assim?

— O *modus operandi* de um assassino é como ele comete seus crimes, sua metodologia, que pode mudar à medida que aprende com a experiência. Seu motivo, no entanto, é o porquê eles matam. A compulsão implícita que é única para cada assassino. Eu chamo de sua “coceira”, e isso nunca muda.

— “Coceira”?

— Quando o cérebro envia um sinal ao longo de um nervo que causa a coceira, esse impulso pode ser satisfeito de várias maneiras. Você pode beliscar a pele, bater, tocar ou arranhá-la. Você pode até ser capaz de se livrar dela com força de vontade. Mas, como você provavelmente descobriu, uma vez que começa a coçar, é muito difícil parar. A coceira continua voltando.

— Então, o que diferencia os *serial killers* de outros assassinos é que eles precisam continuar se coçando depois da primeira vez?

— Exatamente. É por isso que é fundamental analisar cuidadosamente o primeiro assassinato. O assassino não aperfeiçoou seu crime ou refinou seu MO, então seu motivo, a coceira que ele estava tentando coçar, é mais fácil de identificar. Depois de entender isso, você tem uma chance muito maior de identificar o suspeito.

— O que isso tem a ver com o caso do Maníaco da Beltway? — disse Nina.

— É por isso que Wade estava tão bravo consigo mesmo. Ele me disse que se concentrava demais no MO e não o suficiente no motivo ou na vitimologia. O Maníaco da Beltway atacava adolescentes em risco, mas os métodos dos assassinatos variavam muito. É por isso que foram necessários mais de vinte assassinatos em DC, Maryland e Virgínia para perceber que tínhamos uma série nas nossas mãos.

Kent havia lhe dado uma nova visão. Ela considerou o que Wade estava enfrentando.

— Wade considerou que as vítimas eram semelhantes porque eram presas fáceis para o Maníaco da Beltway e eram menos propensas a serem denunciadas ou notadas como desaparecidas até que tivessem sumido por vários dias.

— Levou muito tempo para a polícia juntar as peças e perceber que a coceira do suspeito era o tipo de vítima que ele escolhia e a necessidade de atormentá-las e menosprezá-las. Wade se culpa. Diz que deveria ter descoberto antes.

— Como as fibras levaram a um suspeito?

— A Unidade de Análise de Vestígios processou todas as fibras coletadas dos vários laboratórios criminais onde havia amostras. Eles rastrearam os produtos químicos usados na fabricação até chegarem a uma fábrica têxtil na Filadélfia. Um agente do escritório local da Filadélfia foi até a fábrica e entrevistou o proprietário, que disse que o processo havia sido desenvolvido a pedido de um fabricante de roupas em Washington, DC. O fabricante tinha especificações para flexibilidade, cor e durabilidade. Ele estava criando uma linha de roupas e equipamentos especiais para lutadores de MMA. Ele o chamou de Red Zone Fight Gear. Seu tio era dono de um local no distrito chamado Clube de Luta Central Gaiola

de Aço, então ele imaginou que poderia comercializar lá para iniciar seu novo negócio.

Ela lembrou que o Maníaco da Beltway era bastante conhecido na comunidade do MMA. Houve um breve alvoroço sobre tais lutas terem causado extrema agressividade nos participantes. As objeções diminuíram com o tempo, quando cientistas e pesquisadores não conseguiram vincular conclusivamente esportes de combate e violência.

Kent continuou com sua recitação.

— Wade e o agente principal do caso foram entrevistar o fabricante. O cara disse a eles que seus produtos nunca pegaram. Ele não podia competir com as coisas feitas no exterior por uma fração do custo, e suas despesas gerais eram muito altas. Ele saiu do negócio têxtil mais de dez anos antes. Disse que seu tio se ofereceu para comprar o estoque restante: comprou a preço de banana.

— Então foi assim que você chegou até aquele clube de luta específico — disse Nina.

— Fui com Wade e o agente do caso para entrevistar o tio no clube. Ainda me lembro do cara. O nome é Sorrentino. Acontece que ele vendeu a maior parte do estoque que comprou de seu sobrinho para os lutadores do clube... a preço cheio.

— Cara legal.

— Uma bela de uma tranqueira. De qualquer forma, ele afirma que nunca manteve nenhum registro de vendas ou recibos e não tinha memória de quem comprava as coisas dele.

— Ele não conseguiu nem fornecer um nome?

— Nós o ameaçamos com uma auditoria dos nossos amigos da Receita Federal e ele quase se mijou. Ele estava vendendo as coisas havia anos. Cada venda era um negócio em dinheiro, e ele nunca pagava impostos sobre os lucros. Ele também pagou em espécie pelo

equipamento que comprou do sobrinho, então não havia rastro de dinheiro. Tenho certeza de que isso fazia parte do esquema. Ele nos disse que vendeu vários itens para mais de cem pessoas ao longo de mais de uma década.

Nina revirou os olhos.

— Nenhuma ajuda.

— Pior do que isso — disse Kent. — Chandra Brown foi assassinada logo após a nossa visita. Estou convencido de que Sorrentino mencionou que estávamos fazendo perguntas por aí ou o Maníaco da Beltway nos viu lá, e sabia que estávamos nos aproximando. Então decidiu executar uma última morte antes de concluir nos termos dele. Pelo menos, é o que seu recado dizia.

Ela sempre teve curiosidade sobre o conteúdo da nota, que nunca havia sido divulgada.

— O que mais ele disse?

Ela prendeu a respiração enquanto Kent a observava com cautela. Ele poderia pensar que ela queria criticar sua investigação. E ele estaria correto.

Ele soltou um suspiro.

— Nunca gostei do fato de ter sido digitado, mas ele confessou todos os 36 assassinatos e deu detalhes que só o assassino saberia, coisas que mantivemos fora da mídia. Tínhamos evidências físicas ligando tudo, uma confissão e, o mais importante, as mortes pararam. — Ele cruzou os braços. — Caso encerrado. Por que iríamos mais longe?

— Você não iriam — disse Nina. Ela podia ver a dor na expressão dele quando a inevitável autorrecriação se instalou.

— Eu fiz a análise comportamental usual após a ação para o nosso banco de perfis — disse Kent. — Ele tinha muitos problemas com agressividade. Teve algumas prisões por violência contra a mulher. Parecia não gostar de autoridade. Encaixava bem.

— Mas como você disse, não houve mais mortes depois de Chandra Brown, certo?

Kent deu um suspiro.

— Nesse ponto, eu teria que dizer que ela foi o último caso conhecido.

— Tudo faz sentido agora. — Wade voltou silenciosamente pelo corredor para se juntar a eles. — Ele é um camaleão. Ele muda de aparência, de veículos, de padrões. — Wade cerrou as mãos em punhos apertados. — E nos deu um bode expiatório há dois anos.

O rosto abatido de Wade tinha a expressão desesperada de um pecador em busca de absolvição. Ele falou como se compelido a explicar seus erros.

— A maioria dos *serial killers* é movida pelo tipo de compulsão que os faz repetir comportamentos. É isso que forma o padrão deles. — Wade levantou mais a voz. — Se podemos dizer alguma coisa, o padrão do Maníaco da Beltway parecia ser que ele mudava constantemente. Se não fosse pela perícia, nunca teríamos ligado os assassinatos. São muito diferentes um do outro.

— Se o Maníaco da Beltway e o Cifra são a mesma pessoa, ele mudou o padrão outra vez — disse Kent. — Ele foi de andar por aí sem ninguém detectar para atrair o máximo de atenção possível.

— Ainda não estou pronto para admitir que estamos lidando com o mesmo assassino — disse Buxton. — Como a agente Guerrera observou, eles poderiam ter sido parceiros e agora a parte sobrevivente está trabalhando por conta própria. Isso explicaria a mudança do sigilo total para o envolvimento público máximo. Precisamos de mais dados antes de podermos tirar uma conclusão sólida.

A cabine ficou em silêncio. Nina notou Wade estudando Buxton.

Wade estreitou os olhos para seu supervisor.

— Você vai me tirar do caso. — Era uma declaração, não uma pergunta.

Buxton olhou para Wade por um momento antes de responder.

— Eu preferiria ter essa conversa em particular, agente Wade.

— Eu não dou a mínima para quem esteja ouvindo — retrucou Wade. — Eu preciso trabalhar neste caso. Eu *preciso* encontrá-lo.

— A questão não é o que você precisa — disse Buxton. — É o que vai beneficiar a investigação.

Enquanto os dois homens se encaravam, Nina avaliou a situação. Buxton estava pronto para arrancar Wade do caso porque ele havia comprometido a operação. Em algum momento, Buxton poderia decidir que ninguém seria um comprometimento maior do que ela. Se ele via Wade como um risco, poderia vê-la dessa forma também.

Seus olhos traçaram o perfil de Wade. Anos estudando loucos e as coisas horríveis que eles faziam claramente cobravam seu preço. Gravada nas linhas profundas de seu rosto estava a dor de saber que ele não poderia salvar a todos. Que alguns podiam escapar da justiça. E que, para Wade, o Cifra era o cara.

Aquele que tinha escapado.

O pensamento a lembrou do bilhete que o Cifra havia escrito e colocado na boca de Sofia Garcia-Figueroa. De repente, ela sabia que o dr. Jeffrey Wade tinha que ficar no caso. Assim como ela.

Ela se virou para Buxton.

— Wade estudou esse suspeito por anos. Ele o entende melhor do que qualquer outra pessoa no Bureau.

— Ela lançou um olhar para Kent. — Sem ofensa.

— Não me ofendo — disse Kent.

Ela se virou para Buxton.

— Agora que entendemos o que estamos enfrentando, Wade pode voltar às suas anotações e atualizar o perfil.

Buxton ergueu uma sobrancelha cética.

— Precisamos de um perfil completamente novo. Do princípio. O que o agente Kent poderia fazer.

Consciente de que estava sendo atrevida, ela pressionou:

— Todos nós podemos trabalhar juntos para criar uma imagem completa. — Ela bateu no peito. — Eu sou a única vítima sobrevivente. — Ela moveu a mão para apontar Wade. — Ele fez o perfil inicial. — Ela terminou com Kent. — E ele fez a autópsia.

— Você está dizendo que cada um tem algo a oferecer — resumiu Buxton.

Todos esperaram enquanto Buxton parecia ponderar sobre o argumento de Nina. Ela notou os olhos de Wade desviados para ela, as sobrancelhas levantadas em aparente perplexidade, mas ele não disse nada.

Buxton soltou um suspiro.

— Tudo bem. Vocês trabalharão em um novo perfil como uma equipe. E vocês responderão à cena de cada caso daqui para a frente. — Sua expressão ficou severa. — Mas, se eu detectar qualquer sinal de problema, ou se algum de vocês comprometer as coisas ainda mais, ou se eu decidir que seu envolvimento continuado prejudicará a investigação, não vou hesitar em banir qualquer um de vocês.

Eles assentiram com a cabeça.

Wade virou-se para ela. Um entendimento foi transmitido entre eles. O mesmo homem fizera um mal irrevogável a ambos. O Cifra, que tinha escapado de ambos para atormentar e matar mais vítimas inocentes. Tanto Wade quanto ela se sentiam responsáveis por cada vida perdida e, por causa disso, agora compartilhavam um objetivo comum.

O monstro dela era o monstro dele também.

Capítulo 25

N AQUELA NOITE, o Cifra estava na gaiola, pronto para o que viria. Ele teve o cuidado de estender a bandagem de luta que havia enrolado nos dedos e punhos um pouco mais para baixo do que o normal. Não o suficiente para chamar a atenção, mas o suficiente para cobrir os arranhões que Nina lhe fizera. Ele certamente concederia muito mais a ela em retaliação. Enquanto isso, ele tinha que pagar o preço pela fraqueza que havia demonstrado anteriormente em Boston.

Ele se manteve perfeitamente imóvel, preparado para um gancho violento que vinha certo para ele. O punho de seu oponente, coberto por uma luva de luta sem dedos, acertou-o. A força do golpe jogou sua cabeça para trás. Ele cambaleou e, em seguida, bateu no tatame.

O árbitro lançou-lhe um olhar conhecedor. A multidão prendeu a respiração de uma só vez. Ele lutava naquela arena havia tempo suficiente para ter se tornado uma lenda. Nenhum outro lutador tinha feito o que ele fez. Ninguém mais poderia. Lentamente, começando como uma batida distante, depois aumentando em força e ritmo, a multidão começou a repetir.

— Odin! Odin! Odin!

Tinha sido audacioso tomar para si o nome de um deus nórdico como seu apelido de lutador, mas ninguém riu. Ninguém sequer sorriu. Todos o temiam, como deveriam.

Ainda no chão, ele tomou sua decisão. Havia recebido sua punição por permitir que Nina Guerrera levasse a melhor sobre ele. Aquela que se chamava Garota Guerreira não tinha ideia do que era um guerreiro de verdade. Ele iria ensiná-la.

Ele permitiu que a raiva crescesse dentro de si enquanto se levantava e caminhava para o seu *corner*. Abrindo-se ao seu poder sombrio, ele o trouxe para si, alimentando a vingança que infligiria naquela noite. Virou-se e encarou os olhos calculistas de seu oponente. Olhos que o lembravam os de seu pai. Enquanto o árbitro andava de um lado para o outro, o Cifra recordou o castigo final que seu pai lhe dera. Ele tinha dezessete anos quando o querido papai o mandara entrar em um galpão na extremidade de sua extensa propriedade no norte da Virgínia.

“Tire a camisa, garoto”, seu pai disse.

Ele obedeceu, puxando a camiseta sobre a cabeça.

Os pequenos olhos escuros o fitaram com desprezo.

“Por que você perdeu o torneio?”

Ele sabia que não deveria dar desculpas.

“Ele me enganou.”

“Pode ter certeza de que sim.” A ponta brilhante do cigarro balançava para cima e para baixo enquanto seu pai falava. “Sabia que aquele garoto foi adotado nas ruas de Calcutá quando tinha quatro anos?”

Ele não respondeu.

“Eu gasto as economias da minha vida para um puro-sangue que perde para uma mula.” Seu pai cuspiu em seus pés. “Genes superiores, nos disseram.” Ele balançou a cabeça em desgosto. “Você não era um vira-lata feito na traseira de uma caminhonete. Você deveria ser excepcional em todos os sentidos.” Seu pai apontou um dedo grosso para ele. “Então, a única conclusão a que

posso chegar é que você não se esforçou o suficiente. Não queria tanto a vitória.”

Totalmente ciente do rumo da conversa, ele olhou para a frente.

“Nada a dizer em seu nome?” O pai soprou uma nuvem de fumaça em seu rosto. “Vamos ver do que você realmente é feito.” Ele tirou o cigarro dos lábios. “Você fica quieto. Você domina a si mesmo. Domina a dor.”

Seu pai caminhava atrás dele.

O primeiro toque da ponta incandescente arrancou-lhe um grito. A dor lancinante doía mais do que qualquer coisa que seu pai tivesse feito com um cinto. Ou com os punhos. Ou com um fio elétrico. Ele se desconectou da agonia.

“Cacete, garoto, vou continuar assim até você aprender a ficar parado e aguentar.”

O cigarro tocou sua outra omoplata e queimou a carne. O suor escorria de seu couro cabeludo, descia pelo rosto enquanto ele lutava para se manter firme. Cerrou os dentes com tanta força que seus molares doeram, mas não gritou. Não que isso importasse. Ninguém podia ouvi-lo nos confins da propriedade.

Seu pai deu um passo para trás. Ele podia ouvir o velho atrás dele dando uma tragada profunda no cigarro, imaginou a brasa brilhando quente e luminosa.

“Assim está melhor, mas você mexeu os ombros. Eu não quero nem ver você vacilar.”

No silêncio, ele ouviu o chiar de sua própria pele, sentiu o cheiro de carne queimada quando seu pai pressionou a ponta em chamas no centro de suas costas.

Desta vez, ele ficou perfeitamente imóvel. Uma única lágrima deslizou por sua bochecha enquanto ele forçava sua mente a se desconectar. A encontrar consolo no futuro que criaria para si mesmo. Ele suportou. Resistiu. E planejou, detalhadamente, a morte de seu pai.

O rugido da multidão o puxou de volta ao presente quando o árbitro levantou o braço em um arco, sinalizando aos lutadores para retornarem.

O Cifra diminuiu a distância em duas passadas rápidas. O rugido da plateia batendo palmas, gritando e batendo os pés acelerou seu pulso. Eletrizou-o. Eles sabiam o que Odin estava prestes a fazer. E sentiu que o homem diante de si também. Absorveu o medo que emanava de seu oponente como vapor. Deixou-o alimentar sua sede de sangue.

O homem agora receberia seu acerto de contas, assim como Nina Guerrera receberia. Ele operava em dois níveis, considerando a melhor forma de destruir os dois oponentes. O que causaria mais danos? O que tornaria cada um incapaz de lutar?

A resposta veio em um instante. Ao usar o pé para desferir um golpe veloz no plexo solar do homem, percebeu como destruiria o espírito de Nina. Como a plateia sedenta de sangue na arena naquela noite, o mundo assistia à sua luta na gaiola com a Garota Guerreira.

Seu público queria um show, e ele lhes daria um que seria inesquecível.

Capítulo 26

Dia seguinte

Força-tarefa Cifra, Academia do FBI, Quantico

NINA SENTOU-SE ao lado de Wade na mesa de conferência circular dentro do escritório temporário de Buxton, adjacente à área da força-tarefa. Ela olhou para o grupo e, pela primeira vez, sentiu que pertencia. Kent tomou um gole de café preto de uma caneca da Marinha dos Estados Unidos, embaçando os óculos. Breck fechou o laptop sempre presente e levantou os olhos com expectativa. Wade colocou seu bloco de notas sobre a mesa. Todos os olhos se voltaram para o supervisor, que parecia não ter dormido.

Buxton esfregou a nuca, depois virou a cabeça de um lado para o outro.

— A força-tarefa tem trabalhado durante a noite — disse, assim que estavam todos arrumados e prontos. — Eu queria falar com vocês quatro diretamente antes de irmos para o primeiro *briefing* do dia. O diretor-assistente responsável recebeu as notícias ontem à noite e está pedindo relatórios diários. — Ele deu um suspiro.

— Vou ter que gastar muito mais tempo em reuniões e teleconferências, então quero garantir que todos saibam.

Seu dedo indicador desceu sobre a mesa na frente dele.

— *Esta* equipe tem a liderança. Tudo vai entrar e sair da autoridade de vocês quatro.

As sobrancelhas de Breck se ergueram.

— Mas eu estou no Crimes Cibernéticos — disse ela.
— Não na UAC.

— Ainda temos muitas imagens para analisar, e a agente Guerrera pode enviar mensagens mais diretas ao suspeito — disse Buxton. — Não quero esperar enquanto passamos pelos canais. Falei com sua supervisora ontem à noite. Com a sua dupla experiência em análise forense de vídeos e investigações cibernéticas, você é perfeita para esta tarefa. Ela aprovou um trabalho temporário para a Força-tarefa Cifra para você.

As bochechas de Breck formaram covinhas.

— Farei o que puder para ajudar a pegar esse idiota. Alguém precisa cancelar a certidão de nascimento dele.
— Seu sorriso se alargou. — Senhor.

— Andei verificando as contas de redes sociais do Cifra — disse Nina. — Ele não postou nada desde Boston.

Ela havia consultado as plataformas dele várias vezes desde que havia despertado, temendo o que ele diria ao mundo depois de outro assassinato e uma fuga bem-sucedida.

— O Departamento de Imprensa está coordenando com a equipe de redes sociais — disse Buxton. — Os canais de notícias estão divulgando esses casos com força total. Acho que eles esperam que o Cifra entre em contato diretamente com um deles outra vez.

— Talvez ele esteja viajando — disse Breck.

Wade lançou a ela um olhar sombrio.

— Talvez ele esteja tramando.

Kent pegou a caneca outra vez.

— Seu padrão passado era deixar uma pista e um prazo em cada cena. — Pensativo, ele olhou para o líquido escuro no copo. — A cena em Boston tinha uma rima que agora acredito foi projetada para desviar a atenção de onde ele jogou o corpo. Nenhuma pista foi deixada para trás.

— Tenho certeza de que todos na cidade o procuraram. — Nina revirou os olhos. — Zarran acaba de anunciar que está dobrando o dinheiro da recompensa, então ainda mais pessoas vão se juntar à caçada.

Wade concordou balançando a cabeça.

— Quando há um milhão de dólares em jogo, as pessoas agem irracionalmente.

Kent olhou para Buxton.

— Entramos em contato com Zarran?

— O escritório local de Los Angeles está na residência dele neste exato momento tentando falar com ele — disse Buxton, abrindo a pasta de couro. — Vamos debater nossos próximos passos na investigação antes de apresentá-los ao grupo.

Wade se manifestou primeiro:

— Gostaria de falar com Sorrentino mais uma vez. Nunca tivemos que nos apoiar muito nele porque o caso foi encerrado logo depois que conversamos, mas sempre acreditei que ele sabia mais do que deixava transparecer.

— Devemos pegá-lo na residência dele — disse Kent. — Na última vez que fomos ao clube, uma garota morreu logo depois. Eu não quero mostrar nossos rostos por lá. O Cifra pode ficar sabendo e agir de novo.

Nina passou um bom tempo acordada na noite anterior, considerando o que havia descoberto durante o voo de Boston.

— Nossa teoria de trabalho é que o Cifra estava no clube e viu vocês dois entrevistando Sorrentino, então

ele incriminou outro lutador por todos os seus assassinatos?

— Ou eles estavam cometendo os crimes juntos — disse Breck. — E ele incriminou o parceiro por tudo.

— Não. — O tom de Wade era afiado o suficiente para cortar. — Eu revisei meus arquivos de caso novamente ontem à noite. Estou mais convencido do que nunca de que o Maníaco da Beltway era um lobo solitário.

Wade estava apostando o que restava de sua reputação danificada naquela análise. Se ele estivesse errado sobre isso também, o Bureau acabaria com ele.

— Vamos manter a mente aberta — disse Buxton a Wade. — Concordo que não devemos ir ao clube de luta para entrevistar Sorrentino. Serpentear pela casa dele. — Ele inclinou a cabeça para Nina. — Leve a agente Guerrero com você.

Ela notou Wade deslizando-lhe um olhar pelo canto do olho. Sua primeira entrevista como parte da equipe. Deveria ser interessante.

Buxton mudou o alvo para Kent.

— Reveja a nota de suicídio deixada com o corpo do Maníaco da Beltway. Faça uma análise linguística comparando com as comunicações que recebemos do Cifra. Eu gostaria de mais evidências de que eles são uma única pessoa.

— Entendido — disse Kent.

— Eu gostaria de ver o arquivo desse caso também — disse Nina.

— Vou providenciar um *pendrive* com tudo nele — disse Buxton antes de se virar para Breck. — Encontre o pessoal da Análise Forense de Vídeo... e revise...

Uma batida na porta da sala de conferências o interrompeu.

— Entre.

— Com licença, senhor. — Uma mulher alta e esbelta em uma blusa rosa-pálida enfiou a cabeça para dentro. — O Departamento de Imprensa está entrando em contato com o senhor. Eles disseram que é urgente. — Ela desapareceu, fechando discretamente a porta atrás dela.

Buxton esfregou os olhos vermelhos.

— Meu celular tocou a noite toda. Eu tiro o som por dez minutos para realizar um *briefing* e olha só o que acontece. — Ele tirou o celular do bolso e soltou um longo e lento suspiro. — Quatro chamadas perdidas.

Em seguida, colocou o aparelho sobre a mesa e bateu na tela.

— Aqui é Buxton. Você está no viva-voz.

— Overmeyer, do Departamento de Imprensa — respondeu uma voz de barítono. — Temos atividade em todas as plataformas monitoradas do suspeito. Acreditamos que é legítimo.

— O que estão dizendo?

— Ele está chamando a atenção para um vídeo que está se preparando para lançar. O Crimes Cibernéticos está tentando definir sua localização, mas parece que ele está redirecionando através de uma série de servidores diferentes.

— O que seria esse vídeo? — perguntou Buxton.

— Ele não fala muito, exceto que todo mundo vai querer assistir e que é sobre a agente Guerrera.

Todos os olhos se voltaram para ela. Sua boca ficou seca e as palmas ficaram úmidas. Que novo inferno o Cifra estava planejando para ela agora?

— Tentamos entrar em contato com o senhor mais cedo — continuou Overmeyer. — O senhor pode querer assistir ao vídeo em tempo real quando ele for ao ar. Ele deve postar na página do Facebook a qualquer momento.

— Obrigado. — Buxton desligou.

Breck abriu o laptop, acessou o Facebook e verificou a página do suspeito. Uma postagem de vídeo apareceu. Breck maximizou a tela. Quatro palavras em uma fonte branca em negrito se destacavam em alto-relevo contra um fundo preto.

ASSISTA PARA SEU PRAZER.

As letras na tela se dissolveram, substituídas por um vídeo momentos depois. Com o coração batendo forte, Nina se inclinou para mais perto do monitor. Um brilho fluorescente do alto derramava-se sobre a forma nua de uma jovem. Ela estava de bruços em uma mesa de aço, seus pulsos e tornozelos presos a quatro postes de metal, um em cada canto da superfície retangular.

O horror caiu sobre Nina em ondas nauseantes enquanto ela olhava para a tela, paralisada. A repulsa tomou conta dela com um som que ela desesperadamente tentou afastar da mente. Um som que tinha ouvido ainda no dia anterior.

A voz do Cifra.

— *Sabe quem está vindo para resgatar você?* — ele perguntou à garota amarrada à mesa.

Nina observou seu eu de dezesseis anos, corpo estendido diante da câmera. Nua, trêmula, vulnerável. A garota que ela costumava ser.

O monstro apareceu fora de vista, sua sombra tocando as panturrilhas dela enquanto ele se inclinava para sussurrar:

— *Ninguém.*

A garota puxou suas amarras; o atrito deixando seus pulsos em carne viva.

O monstro recuou, levantando a voz.

— *Sabe quem se importa que você tenha fugido?* — Ele fez uma pausa. — *Ninguém.*

Um uivo cheio de fúria impotente veio da garota enquanto ela se debatia com mais força.

— *Sabe quem vai chorar sobre o seu túmulo?* — ele continuou seu tormento implacável. — *Ninguém.*

A garota virou a cabeça para olhar para ele, os olhos em chamas.

— *E sabe por que isso acontece?* — Desta vez, ele não esperou por uma resposta. — *Porque você é um lixo.*

Ele deu uma risada profunda; uma lágrima deslizou pela bochecha da garota.

Nina engoliu uma rajada quente de bile que vinha subindo pelo fundo de sua garganta. Ela não fazia ideia de que o Cifra havia gravado o que fez. Nina não lembrava de nenhuma câmera em sua linha de visão. Agora milhões de pessoas estavam prestes a assistir ao seu tormento. Pior do que uma execução pública, era o vilipêndio público. A angústia íntima que ela havia escondido por anos estava prestes a ser exposta para o mundo ver.

E todos certamente veriam.

Assim como sua equipe estava vidrada na tela agora. Assim como ela estava. Ninguém conseguia desviar o olhar do horror que se desenrolava à sua frente.

O monstro entrou na tela pela esquerda. Alto e de ombros largos, ele ofuscava a menina magra deitada na mesa como uma borboleta presa a uma tábua. De costas para a câmera, ele usava uma capa preta, um capuz puxado sobre a cabeça.

Quando ele levantou o braço, uma grande mão envolta em uma luva de látex azul se estendia da manga larga. Ele se abaixou para tocar as costas nuas da garota.

— *São lindas* — disse ele. — *Ainda frescas.*

Ele traçou um dedo ao longo de fileiras de vergões vermelhos inflamados e lacerações abertas.

— *Fale como você se sentiu quando o cinto atingiu suas costas.* — Sua voz caiu para um sussurro acusatório. — *Você chorou?*

A garota não disse nada, tentando se afastar de seu toque.

— *Gostaria que tivesse sido eu a conceder essas marcas a você.* — Ele lentamente arrastou a ponta do dedo ao longo da espinha dela enquanto falava, parando para acariciar uma cicatriz branca pálida mais antiga que atravessava as marcas recentes. — *Mas eu tenho meus próprios planos para você. Para o resto da sua vida... mesmo que sejam apenas algumas horas... você será minha.*

Nina queria desesperadamente desligar o laptop. Fechá-lo. Mas seria como fechar os olhos na cara de uma arma apontada diretamente para ela. A bala não pararia de penetrar só porque ela parou de olhar. Ela continuaria, se enterraria no seu coração, a dilaceraria.

— *Você quer misericórdia?* — A voz era suave, uma carícia de veludo. — *Implore. Talvez eu tenha pena de você. Afinal, você é de dar pena mesmo.*

A memória daquele momento inundou Nina, liberando lágrimas nos cantos de seus olhos. Ela sabia o que viria a seguir.

O monstro recuou, o clique de um isqueiro audível no silêncio. Então sua outra mão apareceu, um cigarro aceso casualmente entre seus dedos.

— *P-p-por favor* — disse a garota.

— *Ah, não, pequeno lixo descartável. Não é o suficiente. Talvez você não entenda sua situação. Você precisa se esforçar mais. Talvez isso ajude.*

O homem tocou a ponta brilhante no centro de sua omoplata esquerda. A garota se debateu e gritou.

A tela ficou preta.

As palavras apareceram em branco brilhante, contrastando com o fundo escuro como antes.

SE QUIZER VER O QUE ACONTECE A SEGUIR, DÊ UM LIKE
NESTE VÍDEO. QUANDO RECEBER 1.000 CURTIDAS, VOU
MOSTRAR OS PRÓXIMOS 60 SEGUNDOS DESTA VÍDEO.

Todos os olhos na sala giraram da tela para Nina. A repulsa estava estampada em seus rostos chocados. Ela já tinha visto esse olhar antes, quando policiais e assistentes sociais inspecionaram seus ferimentos, e ela sabia o que veria a seguir.

Pena.

Correntes alternadas de raiva e humilhação a varreram. As paredes se fecharam ao redor dela. Sufocando-a. Ela tinha que sair. Fugir.

Breck estendeu a mão trêmula para ela, olhos brilhantes com lágrimas não derramadas. Ela abriu a boca para falar, mas nenhuma palavra saiu.

Nina a deteve com a palma da mão levantada.

— Fique longe mim. — Ela olhou para os outros, levantando-se rapidamente. — Todos vocês, só fiquem longe de mim.

Ninguém se mexeu. Ninguém falou.

Ela abriu a porta e saiu correndo da sala.

Ninguém tentou impedi-la.

Capítulo 27

DOZE MINUTOS depois, Nina deixou o vestiário correndo, desesperada para escapar dos limites claustrofóbicos do prédio. Seus pés se voltaram para a trilha por vontade própria, dando-lhe direção e propósito.

A infame pista de obstáculos do FBI — apelidada de Estrada de Tijolinhos Amarelos — consistia em dez quilômetros de terreno arborizado no sopé da Virgínia, em Quantico. Qualquer um que completasse o percurso com sucesso tinha que vencer desafios físicos e mentais ao longo do caminho.

Ela saltou sobre uma raiz de árvore que se projetava do chão e continuou, seus passos oscilando no terreno irregular. Ao longo do caminho, ela pulou por uma janela simulada, manobrou através de uma rede de carga e mergulhou na água parada. Então ela chegou à escalada de corda e olhou para o penhasco de pedra irregular bem acima dela, calculando. Envolvendo as mãos ao redor da corda grossa, ergueu-se até encontrar um ponto de apoio nas rochas escarpadas. Subiu, puxando com os braços e empurrando com as pernas contra a rocha até que seus ombros e quadríceps queimassem. Quando chegou perto da borda saliente no alto, ouviu um barulho. Ela inclinou a cabeça para trás e viu de soslaio uma silhueta olhando para ela.

Wade agachou-se.

— Você vai subir aqui ou não?

Ela não queria e não precisava de companhia.

— Como você me achou?

— É para onde eu teria vindo — disse ele. — Comecei no final da trilha e fui avançando até o início. Achei que encontraria você mais cedo ou mais tarde.

— Vá embora.

— Venha aqui e vamos conversar.

Ela colocou o pé contra a face da rocha e empurrou, usando os braços para arrastar-se para mais alto.

— Eu não sei que tipo de besteira você está tentando fazer, Wade, mas não estou a fim. — Ela grunhiu enquanto se levantava novamente. — Não preciso de ajuda e não quero companhia.

Wade não se mexeu.

Amaldiçoando, ela empurrou com os pés e puxou com as mãos até cada fibra muscular em seus braços se contrair. Quando o cume estava a apenas alguns centímetros acima, Nina olhou nos olhos de Wade outra vez. Ele poderia facilmente se abaixar e arrastá-la pelo resto do caminho até o topo do afloramento rochoso, mas ele apenas a observou.

Talvez ele tivesse entendido.

Ela jogou um braço para cima para agarrar a saliência acima dela. Cerrou os dentes e flexionou os bíceps relutantes até seu peito cair na superfície dura. Depois de um momento de respiração, rolou as pernas para cima.

Ainda de cócoras, Wade olhou para ela, uma expressão impassível em seu rosto enrugado.

— Não estou aqui para carregar você, Guerrera.

— Vá embora — disse ela, ofegante. — Vai. Porra. Se manda.

Ele apontou para o edifício principal.

— Eu vou embora se você voltar lá comigo.

Ela se sentou.

— Por que você se importa com o que eu faço?

— Porque eu sou a única outra pessoa que quer esse cara tanto quanto você.

Ela soltou um suspiro irônico.

— Então o foco é você. — Ela se levantou e limpou a terra das mãos. — Você está prestes a ser arrastado pela lama novamente por causa do caso Chandra Brown e quer ter certeza de que desta vez vai pegar o cara certo.

Quando ele se encolheu, ela sabia que suas palavras ofensivas haviam encontrado o alvo. Em sua angústia, ela atacou o único alvo que se apresentou. Sabia que não era certo, sabia que não era justo, mas ela o havia avisado para ficar longe.

— Se é nisso que você precisa acreditar. — Ele se levantou para encará-la, uma expressão de dor no rosto.

Ela cedeu.

— Quero um tempo para mim agora. Com certeza, alguém com doutorado em psicologia consegue entender isso.

Ele a considerou por um longo momento antes de falar.

— Eu sei que o que eu vou fazer agora vai me fazer parecer um completo idiota, mas eu não posso lhe dar isso. Precisamos de você no time. Agora. Buxton acha que você é um comprometimento para a missão. Nenhum agente foi mostrado sendo torturado e depois saiu para investigar seu torturador. — Ele passou a mão pelo cabelo, um gesto que ela estava começando a entender como seu sinal característico de frustração. — Merda, Nina, estou no Bureau há mais tempo que Buxton e nunca vi nada assim. Não posso culpá-lo por deixar você de lado, mas acredito que ele esteja errado.

— O que ele disse?

— Que você não está mais em posição de entrevistar testemunhas, suspeitos ou qualquer outra pessoa. — Ele cruzou os braços. — Você vai ajudar na investigação a

partir da sua mesa no escritório de Washington. Não há mais trabalho de campo para você.

Buxton cumpriu sua ameaça de colocar no banco qualquer um na equipe que provasse ser mais um risco do que um trunfo para a investigação. Eles continuaram ali no meio da floresta, olhares fixos. Ela se lembrou da conversa deles no voo de volta de Boston para DC. Wade tinha sido o alvo de Buxton no dia anterior, e ela argumentou para mantê-lo no time porque ele era a única outra pessoa no Bureau que queria ir atrás do suspeito tanto quanto ela.

Agora Wade tinha usado o mesmo raciocínio com ela. E era verdade. Ele havia suportado a vergonha pública e a humilhação que ela estava prestes a enfrentar. O suspeito havia danificado irrevogavelmente os dois.

Wade não era o inimigo, mas sua explosão havia danificado a tênue aliança formada entre eles a bordo do jato. Ela continuou a avaliá-lo. Ele não havia ido embora quando ela o insultou. Não havia retaliado com outra agressão verbal. Nina tinha feito o possível para se livrar dele, mas ali estava ele, olhando para ela com aqueles olhos cinzentos inescrutáveis.

— Chandra Brown não foi a única decisão ruim que eu tomei há dois anos — disse ele com uma voz suave. — Eu também estava errado sobre você, e Buxton está cometendo o mesmo erro agora.

Ela fez a pergunta que ardia em sua mente desde o dia em que Shawna lhe contara a verdade sobre sua contratação.

— Por que você não queria aprovar minha avaliação psicológica?

Ele fechou os olhos e esfregou a nuca.

— Vi traumas demais na minha carreira. Atrocidades cometidas pelo pior que a humanidade tem a oferecer. Eu mergulhei nas mentes dos predadores mais depravados. Pessoas que caçam crianças. — Sua voz

baixou para um sussurro. — Você faz isso por tempo suficiente, e a escuridão da alma deles contamina toda a sua.

Agora que ele tinha começado, parecia querer colocar tudo para fora. Ela não interrompeu, absorvendo suas palavras, tentando se ver da perspectiva dele.

— Eu li seu arquivo em preparação para sua avaliação psiquiátrica — disse ele. — O investigador requerente incluiu o relatório do caso do seu sequestro, além de fotografias tiradas pela polícia e relatórios do serviço de emergência documentando o abuso que você sofreu como menor sob tutela do sistema antes de ser sequestrada. — Os olhos dele perfuravam os dela. — E como você conseguiu essas cicatrizes nas costas. — Ele estendeu a mão como se fosse tocar o ombro dela, pareceu pensar melhor, e deixou o braço cair de lado. — E as circunstâncias que forçaram você a fugir do lar coletivo. — Ele balançou a cabeça. — Eu não conseguia conciliar isso com a pessoa que vi diante de mim na sala de entrevistas. Eu fui duro com você. Tentei cavar para ver o que havia por baixo daquele exterior profissional.

— Você pensou que eu era uma bomba-relógio que poderia explodir sob o tipo certo de pressão?

— Sinto muito, Nina — disse ele. — Percebo agora que havia algo que deixei de considerar. Uma característica que nós psicólogos não temos o luxo de estudar tanto quanto os distúrbios, as neuroses e os mecanismos de enfrentamento. Você tem mais disso do que qualquer pessoa que eu já examinei pessoalmente. — Ele olhou para ela como se ela fosse um espécime raro. — Resiliência.

— Resiliência — disse ela, saboreando a palavra.

— Os seres humanos são capazes de uma crueldade insondável e de uma força imensa. Você não apenas sobreviveu... você prosperou. — O tom da voz de Wade se aprofundou. — Eu acompanho sua carreira desde que

você chegou. Admito que eu estava esperando você explodir. Sair dos eixos. Não estou orgulhoso de que uma pequena parte de mim quisesse vingança. Em vez disso, você provou que eu estava errado. Você tem sido um trunfo para o Bureau.

Ela olhou para baixo, desconfortável com os elogios. Wade ainda não havia terminado, ao que parecia.

— E você foi inestimável para esta investigação — ele continuou. — Foi você quem viu a primeira mensagem na lixeira naquele beco em Washington. Você descobriu a pista de Boston antes de qualquer outra pessoa e poderia ter ligado para Buxton para receber o crédito, mas ligou para mim primeiro. Isso é o que um parceiro faz. Você me defendeu quando Buxton quis me tirar do caso, no avião, ontem. Agora é minha vez de fazer o mesmo por você.

Nina levantou a cabeça para encontrar seu olhar. Ele a havia confrontado com um desafio. Ela poderia enfrentar o monstro enquanto o mundo assistia, sabendo que todos tinham visto sua humilhação e dor? Mais importante, poderia enfrentar a si mesma se não o fizesse?

Capítulo 28

NINA EMPURROU a porta para a área da força-tarefa, Wade em seus calcanhares, enquanto ela caminhava para dentro da sala ampla. Uma colmeia em atividade a recebeu. Agentes agrupados em núcleos, curvando-se sobre planilhas, virando páginas em pastas de arquivos e digitando em teclados. Ela olhou para cima e respirou fundo. O monitor enorme na tela da parede oposta foi dividido em quatro quadrantes, cada um com um quadro congelado do vídeo. Um era uma imagem do Cifra, sua grande figura encapuzada, exceto por uma mão enluvada segurando um cigarro aceso. Outro era um *close* do pulso esquerdo da garota, preso ao poste de metal com corda de náilon.

Ela parou, petrificada. Primeiro, um agente a notou e deu uma cotovelada na pessoa ao lado dele. Esse agente cutucou outro. Gradualmente, o silêncio se espalhou pela sala como um vírus, até silenciar toda a discussão, interrompendo todo o trabalho.

Buxton estava em seu celular no canto. Assim que a viu, murmurou algo no telefone e desligou. Guardou o dispositivo em um clipe em seu cinto e deu um passo em direção a ela.

— Minha sala.

Ela o seguiu pelo corredor, os passos firmes de Wade atrás.

Buxton passou pela assistente administrativa, que rapidamente olhou para o teclado enquanto Nina

passava.

Era melhor ela se acostumar com esse tipo de reação.

— Entre e feche a porta — disse Buxton, então franziu a testa enquanto olhava por cima do ombro dela. — Quero falar a sós com a agente Guerrera.

Ela se virou para ver não apenas Wade, mas também Breck e Kent seguindo-a até o escritório executivo temporário.

— Estamos com ela — disse Kent.

Breck assentiu.

Buxton levantou uma sobrancelha questionadora para Nina.

— Eu gostaria que eles ficassem — disse ela.

— Certo. — Buxton foi até a mesma mesa onde eles assistiram ao vídeo. Todos se sentaram.

Ele se dirigiu à Nina:

— Agente Guerrera, como você provavelmente adivinhou, eu li o arquivo do seu caso antes de levá-la para um trabalho temporário na UAC. Eu tinha que estar ciente de tudo o que aconteceu em seu passado em relação ao Cifra. — Ele respirou fundo. — O que eu li nesse arquivo foi... perturbador, para dizer o mínimo. O que você passou, o que você sofreu, ninguém deveria ter que lidar com essas coisas, muito menos uma garota de dezesseis anos.

Nina simplesmente assentiu. O que ela poderia dizer?

— Como seu supervisor, estou preocupado com a sua saúde e o seu bem-estar, tanto emocional quanto físico. Agora que o público viu o vídeo, eu seria negligente se também não reconhecesse o impacto que isso terá na investigação. Como você vai conseguir conduzir entrevistas e lidar com a mídia em cenas de crime?

Ela se moveu para afastá-lo.

— Senhor, eu...

Ele ergueu a mão.

— Enquanto você e o agente Wade estavam do lado de fora, passei a última hora lidando com as consequências daquele vídeo, que se tornou viral. — Seu lábio se curvou em desgosto. — O Departamento de Imprensa foi bombardeado com as solicitações da mídia. Aconselhei o Crimes Cibernéticos a entrar em contato com todas as principais plataformas de redes sociais com um pedido para encerrar as contas do Cifra. O vídeo já não está mais acessível em nenhum dos perfis dele, mas foi baixado e repostado tantas vezes que ainda está disponível para quem quiser assistir. — Suas feições endureceram. — Pelo menos conseguimos parar o imbecil antes que ele chegasse às mil curtidas que ele exigia para mostrar os próximos sessenta segundos.

Uma sensação de alívio desabrochou e então murchou no peito de Nina. Ela havia escapado do Cifra duas vezes. Claramente empenhado em vingança, ele provavelmente compartilharia o resto do vídeo de uma forma ou de outra.

Buxton continuou em um tom grave.

— O diretor me ligou pessoalmente. Ele deixou claro que temos seu total apoio, incluindo acesso irrestrito a todos os recursos.

Ela ficou igualmente tocada pelo interesse do diretor por ela e mortificada ao perceber que ele também tinha visto o vídeo.

— Eu assegurei a ele que você só continuaria neste caso como consultora — disse Buxton. — E que você não estaria mais no campo.

A raiva, que vinha fervilhando perto da superfície desde o vídeo, borbulhou em uma torrente incandescente.

— Você decidiu me colocar no banco por preocupação com meu bem-estar ou porque eu me tornei uma vergonha?

Ela se lembrou do mantra martelado nela desde o dia em havia se juntado ao FBI. Não envergonhe o Bureau. Algumas transgressões menores poderiam ser negligenciadas, mas não isso.

Os olhos de Buxton se arregalaram.

— Agente Guerrero, suponho que você esteja compreensivelmente angustiada, caso contrário, eu poderia concluir que você está sendo desrespeitosa.

Não adiantaria irritar o agente especial supervisor. Nina respirou fundo, o que serviu para diminuir sua frustração.

— Senhor, o que eu mais preciso agora é continuar trabalhando com a minha equipe para capturar o Cifra.
— Ela deliberadamente optou por não dizer *o homem que fez aquilo comigo*, na esperança de criar a impressão de distanciamento profissional onde não havia.

Buxton não parecia apaziguado.

— Em toda entrevista que você conduzir, as pessoas terão aquela imagem sua na mente. O público vai se concentrar na sua pessoa, em vez de responder às suas perguntas. Os agentes devem ser percebidos como objetivos. Isso não é possível para você.

Ela tentou retratar seu envolvimento pessoal no caso como um ativo, não um risco em potencial.

— Temos uma equipe inteira de pessoas que podem ser objetivas. Precisamos de alguém que possa ser completamente *subjetivo*. Alguém que teve experiência direta com o Cifra.

Wade pigarreou antes de falar.

— Senhor, se me permite? — Ao aceno positivo de Buxton, ele defendeu seu caso. — O vídeo prova que há certas coisas que a agente Guerrero reprimiu. Não por culpa dela, há detalhes dos quais ela não consegue se lembrar, mas estou confiante de que eles vão voltar à

superfície se ela estiver envolvida diretamente na investigação. Eu recomendo que ela fique na equipe.

Ela não tinha certeza se apreciava a forma como ele a havia defendido. Por que ele estava trazendo à tona as lacunas de sua memória? Ele estava tentando ajudá-la ou prejudicá-la?

— O que eu supostamente reprimi?

— Você nunca mencionou que ele chamou você de lixo descartável — disse ele. — Essa é uma informação importante.

O que havia sido uma série distorcida de lembranças ela agora via através dos olhos do Cifra por causa do vídeo. Fragmentos de imagens a inundaram de volta, uma onda gigantesca que a oprimia, forçando seu olhar para baixo.

Nina se lembrou do policial que havia lhe pedido detalhes depois que ela fugiu. Seu corpo inteiro tremeu quando ela revelou a cadeia de eventos doentios. Mas estava envergonhada demais para repetir as palavras de que ele a chamara.

Lixo descartável.

Depois de um tempo, a memória havia se desvanecido, ajudada por seu desejo obstinado de empurrá-la para o poço escuro e sem fundo que continha seus piores momentos.

— Esse termo tem significado para ele — disse Wade.

— Ele usou várias vezes no vídeo. Ninguém que investigou seu caso naquela época sabia que ele chamou você assim. Você percebe o significado dessas palavras?

Ela olhou para ele.

— Na cena do primeiro assassinato, em DC, você achava que o suspeito sabia sobre os meus antecedentes antes de me levar naquela noite. — Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Sofia Garcia-Figueroa foi encontrada em uma lixeira — disse ele. — Avaliei os fatos em mãos e cheguei a uma conclusão lógica.

E ela argumentou contra essa conclusão porque não queria acreditar. Se o Cifra sabia que Nina havia sido deixada em uma lixeira quando criança, significava que ele havia obtido uma grande quantidade de informações confidenciais; tanto que possivelmente desempenhara um papel na sua vida. Ela procurou outra explicação.

— Talvez ele acredite que as meninas são descartáveis. Ele as usa e as descarta como lixo. — Ela bateu de leve no peito. — Não eu pessoalmente, mas todas as meninas.

— Então todo o resto sobre o assassinato de Sofia foi orquestrado especificamente para você, mas o local que ele escolheu para o corpo foi uma coincidência?

Nina tinha que aceitar a possibilidade de que Wade estivesse certo o tempo todo. Sua mente mudou para o modo analítico.

— Como ele saberia sobre o meu passado?

— Exatamente. — Wade tocou seu queixo. — Eles investigaram tudo errado, procurando por algum estranho aleatório que agarrou você onze anos atrás. E se ele não fosse um estranho ou aleatório? E se ele conhecesse você? Estivesse atrás de você?

— Eu nem sabia que ia fugir até que eu fugi — ela murmurou, perdida em contemplação. — Como ele saberia?

— De acordo com sua declaração na época, você estava na rua havia vários dias quando ele a levou — disse Wade. — Talvez ele estivesse caçando você. Ele era obcecado e, aparentemente, ainda é.

Ela não se sentia como uma guerreira agora. Um profundo sentimento de vergonha reteve as palavras que poderiam ter feito a diferença. Aos dezesseis anos, ela não entendia como a polícia trabalhava em um caso, não

sabia como detalhes aparentemente insignificantes podiam fornecer um tesouro de informações úteis para um detetive perspicaz. E se essa única pista pudesse ter enviado a investigação em uma direção diferente onze anos antes? Quatro dias antes? Trinta e seis garotas inocentes ainda estariam vivas agora?

E o pior de tudo: ela suspeitava que não havia contado à polícia de que forma ele havia se referido a ela porque parte sua acreditava que ele estava certo. Ninguém a queria. Isso havia sido provado mais de uma vez. Ela era descartável, tão inútil quanto o lixo em que tinha sido jogada.

Como os outros a veriam de agora em diante? Eles só veriam as cicatrizes que ela não podia mais esconder?

O Cifra a queria de volta naquele lugar. A garota aterrorizada do vídeo. Sozinha, humilhada, indefesa. Escolhia vítimas que julgava indignas de viver. Ele havia roubado uma parte dela, mudando-a para sempre, mas não tiraria mais nada dela. Ou de qualquer outra pessoa. Seria ela quem colocaria um fim no seu avanço.

Lentamente, ela ergueu o queixo e dirigiu seu olhar a Buxton.

— Senhor, eu tenho a melhor chance de encontrar esse suspeito. E eu tenho que estar em campo para fazer isso. — Ela estendeu as mãos. — Me deixar de lado não vai funcionar. O Cifra continuará me arrastando de volta para a operação.

— Ele é obcecado pela agente Guerrera — disse Kent, falando pela primeira vez. — Ele não vai simplesmente esquecê-la.

— Não vou me esconder atrás da minha mesa esperando que ele não me encontre.

— Ela está certa — disse Wade. — Mais cedo ou mais tarde, ele virá atrás dela diretamente. É por isso que ela tem que ficar no caso.

Ela esperou, permitindo que Buxton reconsiderasse sua posição.

— Você passou por mais do que qualquer agente de quem eu já ouvi falar — disse Buxton finalmente. — Eu tenho que saber se você pode lidar com o que está por vir. Porque as coisas estão prestes a ficar exponencialmente mais feias.

Ela se aprumou.

— Eu posso lidar com qualquer coisa que ele jogue sobre mim.

— Não é apenas o Cifra. — Buxton parecia cético. — São os outros agentes e o público. Esse tipo de escrutínio é... sem precedentes no Bureau.

Wade limpou a garganta.

— Eu já lidei com a minha parcela de escrutínio público e interno — disse ele. — Ela é minha parceira. — Ele inclinou a cabeça em direção a Nina. — Ela tem meu total apoio.

Ela havia se preparado para enfrentar a reação ao vídeo sozinha, do jeito que havia lidado com a maioria das coisas em sua vida. Agora ela tinha o dr. Jeffrey Wade — psicólogo, agente especial e autoproclamado idiota — ao seu lado.

— Eu também — disse Kent.

— Eu também — acrescentou Breck.

O silêncio encheu a sala. Nina teve que parar de balançar o pé debaixo da mesa enquanto esperava que seu supervisor chegasse à uma decisão.

Buxton soltou um longo suspiro.

— Vou ter que fazer outra rodada de telefonemas. — Ele lançou a ela um olhar avaliador. — Você pode ficar no time. — Seu olhar se moveu ao redor da mesa. — Vocês estão dispensados.

Eles se levantaram para sair. Quando estavam saindo pela porta, Nina se virou para ver Buxton pegar o

telefone em sua mesa. Por um momento fugaz, ela captou o fantasma de um sorriso em seu rosto enrugado.

Capítulo 29

NINA ACELEROU o elegante Tahoe preto, contornando uma caminhonete lenta antes que a estrada se transformasse em uma única pista.

— Não posso acreditar que Sorrentino mora tão longe do centro. O deslocamento para o trabalho deve ser terrível.

— Ele é uma criatura da noite — disse Wade do banco do passageiro, ao lado dela. — Trabalha em horários incomuns. Principalmente no final da tarde até às duas da manhã. A hora do *rush* não é uma preocupação para ele.

Ela olhou para o relógio no painel.

— Ele provavelmente não sai antes do meio-dia, então ainda deve estar em casa.

Wade resmungou sua concordância quando ela virou em uma rua lateral.

Eles optaram por não ligar para Sorrentino para marcar uma conversa, preferindo pegá-lo desprevenido e longe de seu clube. Uma aposta calculada.

Ela agradeceu a Wade por apoiá-la com Buxton, incluindo seu pedido para prosseguir com o plano de entrevistar o dono do clube de luta com ela. Eles haviam passado a hora seguinte, antes de sair, pesquisando um tal de Joseph Thomas Sorrentino, que dava todas as indicações de ser mais torto que a Torre de Pisa.

Nina conhecia o tipo. Sempre procurando um dinheirinho rápido, sempre cortando custos e, o mais

importante, sempre disposto a vender um amigo se fosse necessário.

Ela diminuiu a velocidade, examinando os endereços, até parar em frente a um sobrado modesto em estilo colonial, atrás de uma fileira de azaleias sofridas no meio de um gramado irregular. Virou na entrada de cimento rachada da garagem e estacionou o SUV.

— Vou seguir sua dianteira — disse ela. — Você o entrevistou antes.

— Não estou muito otimista — disse Wade. — Ele sabe muito mais do que admitiu da última vez.

Ela soltou o cinto de segurança e abriu a porta do motorista.

— O quanto vamos dizer a ele? Ele vai querer fazer perguntas.

— O mínimo possível.

Os dois andaram sobre lajotas quebradas, que terminavam em um patamar de concreto manchado que fazia as vezes de varanda da frente. Nina tocou a campainha, o que desencadeou uma cacofonia de latidos agudos lá dentro.

A porta se abriu por cerca de cinco centímetros. Uma mulher na casa dos sessenta anos, vestindo um roupão de chenille rosa e chinelos marrons, olhou para eles.

— Não quero nada.

Ela começou a fechar a porta, mas Nina enfiou o pé no vão e levantou suas credenciais.

— Agente especial Nina Guerrero, FBI. Precisamos falar com Joseph Sorrentino, ele está em casa?

Os olhos úmidos da mulher se estreitaram enquanto ela estudava a identificação, então ela abriu um sorriso largo e soltou uma gargalhada alta o suficiente para assustar seus três cachorrinhos, a ponto de eles ficarem em silêncio.

— Eu sabia! — Ela virou a cabeça para chamar atrás dela: — Joe, mova seu traseiro pra cá. É o FBI. O que

diabos você fez desta vez?

Nina e Wade trocaram um olhar. Aparentemente, a esposa de Joe não era do tipo que o encobria.

— Deixa só eu prender os cachorros — ela disse abruptamente e bateu a porta na cara deles.

Nina virou-se para Wade.

— Você não acha que ele está saindo pela porta dos fundos, acha?

Ele mostrou um sorriso irônico.

— A esposa o denunciaria se ele tentasse.

Sons de cães latindo e pés arrastando se ouviam de trás da porta fechada, até que esta finalmente se abriu. Ela reconheceu Sorrentino pela foto da carteira de motorista. Pesado, com um nariz bulboso encaixado em um rosto rechonchudo, ele os examinou por baixo de espessas sobrancelhas grisalhas.

— Você — disse ele como forma de saudação, dirigindo-se a Wade. — Não tenho mais nada a dizer.

Aparentemente, Wade causara uma boa impressão. Ou talvez uma visita do FBI tenha ficado gravada na mente de Sorrentino.

— Podemos entrar, sr. Sorrentino? — perguntou Wade.

O homem parecia querer muito bater a porta na cara deles, mas talvez tenha pensado melhor. Ele deu um passo para trás.

— Tanto faz.

Eles o seguiram até uma cozinha desordenada e ficaram parados enquanto ele empurrava uma pilha de papéis e uma planta murcha para abrir espaço na mesa da cozinha. Uma aranha morta deslizou para o lado e caiu em uma tigela de água no chão.

Sorrentino fez sinal com o braço musculoso para que se sentassem, mas não chegou a oferecer um copo d'água. Sem problemas. De jeito nenhum Nina beberia qualquer coisa que ele lhe desse.

— Você se lembra da nossa conversa no seu clube há dois anos? — perguntou Wade, sentando-se em uma cadeira dilapidada com encosto de barras horizontais de madeira.

Sorrentino fez uma careta.

— Como eu me lembro da minha última hemorroida.

— Gostaríamos de discutir os itens que o senhor vendeu.

— Não, isso de novo... — Sorrentino se inclinou para a frente, a cadeira rangendo ameaçadoramente sob sua cintura. — Eu já disse, não vendi mais nada desde que o senhor e o resto da polícia federal vieram me ver, e não sei mais nada sobre isso. — Ele ergueu a mão direita como se estivesse fazendo um juramento, o gesto universal de mentirosos em todos os lugares. — Eu juro.

— Ainda assim, vamos recapitular. — Wade pegou seu caderno e o abriu. — A última vez que conversamos, o senhor mencionou que adquiriu luvas de combate do seu sobrinho.

— Isso mesmo, o filho do meu irmão, Sammy Sorrentino, ele faliu há muito tempo, então fiz um favor a ele e comprei a mercadoria restante.

Wade abriu seus óculos de leitura de meia-lua e os colocou antes de consultar suas anotações.

— O senhor pagou a ele cinco centavos de dólar para cada item e depois revendeu os produtos no seu clube. — Ele espiou por cima dos óculos. — A preço cheio.

Sorrentino pigarreou.

— Bem, não há nada de errado em ganhar um pouco de dinheiro, estou certo?

— Desde que pague impostos.

— Olha, nós já passamos por isso. — Sorrentino ergueu os cantos da boca no que parecia ser sua melhor aproximação de um sorriso desarmante. — Vocês me deram um passe. Você está realmente aqui para pegar minhas bolas por vender alguns equipamentos esportivos

no meu próprio estabelecimento? Era um material de qualidade, todo mundo adorava. Não era como se eu estivesse roubando alguém ou algo assim.

— Exceto seu sobrinho — disse Nina, incapaz de resistir a alfinetá-lo. Sorrentino poderia ter sido mais útil para sua própria família. — Como você conseguia vender as luvas quando ele mesmo não conseguia?

Ela deve tê-lo surpreendido com a pergunta, porque seus olhos se arregalaram quando ele pareceu notá-la pela primeira vez.

— Eeeiiiiii, você não é a famosa garota do FBI? — Ele estalou os dedos. — A Garota Guerreira, é isso. — Ele a percorreu com uma leitura especulativa. — Quer fazer uma luta na gaiola? Poderíamos considerar um evento especial. Venda garantida... diabos, poderíamos cobrar o dobro pela entrada.

Ela estreitou os olhos.

— Sr. Sorrentino, posso garantir que não tenho nenhum interesse em uma luta na gaiola.

— Tem certeza disso? Você é pequena, mas eu vi aquele vídeo em que você deu uma lição naquele cara no parque. Aposto que você poderia enfrentar a maioria das lutadoras do circuito.

Ela também imaginou que ele tinha visto o outro vídeo que o Cifra havia soltado e sabia que poderia obter publicidade gratuita da cobertura da mídia e fazer uma fortuna com a venda de ingressos. Ele era um oportunista, mas não muito brilhante.

— Acho que o senhor não está me ouvindo. — Ela teve um forte desejo de limpar os ouvidos dele com o cano de sua Glock. — Eu não vou lutar no seu clube. Ou no de qualquer outra pessoa. Nunca.

Sorrentino deu de ombros.

— Quem perde é você. — Ele parecia se esforçar para retomar o fio da conversa. — De qualquer forma, todos os caras me conhecem. Estou nessa cena há muito

tempo. Eles confiam em mim. Uma vez que alguns deles experimentaram as luvas, a notícia se espalhou, e o resto veio perguntando. O que eu deveria fazer? Recusar negócios?

— Quantas o senhor vendeu? — perguntou Wade.

— Algumas.

Wade olhou para suas anotações novamente.

— Da última vez o senhor disse que eram mais de cinquenta pares.

— Bem, se incluir as luvas de luta e as luvas táticas, sim, está certo.

— Luvas táticas?

— As luvas de luta de MMA não têm dedos — disse Sorrentino. — Meu sobrinho usou o mesmo material para fazer luvas inteiras também. Ele esperava vender para os militares ou policiais como um plano reserva, mas também não deu certo.

— E o senhor nunca contou ao seu sobrinho sobre todas as vendas que fez?

— Ei, ele já havia declarado a perda no imposto de renda. Se eu dividisse com ele, só atrapalharia a vida dele com a Receita, e ninguém quer essas coisas.

Nina revirou os olhos.

— O senhor é um verdadeiro humanitário.

— Precisamos dos nomes das pessoas para quem o senhor as vendeu — disse Wade. — E não nos diga que não sabe. Um sujeito como o senhor mantém registros.

Sorrentino abriu as mãos com as palmas para cima.

— Olhem em volta. Eu pareço organizado para vocês?

Ele tinha razão.

Wade persistiu.

— O senhor é um homem de negócios e sabe como rastrear dinheiro. Talvez um mandado de busca revelasse mais informações nos seus arquivos e computadores.

— Eu não preciso de outro exame retal dos federais. Vocês não encontraram nada da última vez, e desta vez também não encontrarão.

Wade fez uma careta.

— Porque o senhor se certifica de que tudo esteja fora dos livros.

— Porque não há nada lá para encontrar — disse Sorrentino, sua voz se elevando com a justa indignação dos verdadeiramente corruptos. — Olha, eu acompanho meus negócios, mas isso não era da minha conta. Era do meu sobrinho. Acho que qualquer coisa que eu tenha vendido estava compensando meu investimento original.

Aparentemente admitindo a derrota nessa frente, Wade prosseguiu.

— Tem uma cópia da programação do clube? Uma que mostre quais lutadores estavam lutando em qual noite?

— Claro. Até que data você precisa ir?

— Até onde você pode ir?

Sorrentino abriu os braços num gesto magnânimo, a imagem da honestidade.

— Até quando converti o clube do boxe para o MMA há uns doze anos, quando comecei a vender luvas para os lutadores.

Wade se inclinou para a frente, ansioso.

— Tem essa agenda aqui?

— Eu guardo no computador do meu clube. Posso enviar por e-mail.

— Veja o que pode fazer — disse Wade. — Hoje.

— Qual é a pressa? — Todo o comportamento de Sorrentino mudou quando ele passou de defensivo para calculista. — Ei, vocês estão investigando aquele *serial killer*, o Cifra. Isso não tem nada a ver com ele, tem? — Seus olhos redondos corriam de um lado para o outro. — Se eu fornecer informações, devo receber uma

recompensa, certo? Quero dizer, aquele cara de Hollywood está oferecendo um milhão agora, então o que os federais estão pagando?

— Estamos oferecendo a você a oportunidade de continuar a operar seu clube — disse Wade —, em vez de dividir uma cela com um cara com metade da sua idade que quer mostrar suas habilidades de luta em uma gaiola de verdade na prisão.

— Não há necessidade de ameaças. — Sorrentino ergueu as mãos em um gesto apaziguador. — Basta pedir.

— Agora o senhor tem sua resposta. — Wade entregou-lhe um cartão de visita. — Estarei esperando um e-mail seu dentro de duas horas. — Ele se levantou. — O mesmo da última vez. Você não deve falar sobre o assunto desta conversa com ninguém, entendeu?

— Para quem eu vou contar? — Sorrentino se levantou com alguma dificuldade. — Eu nunca disse uma palavra a ninguém da última vez e não vou dizer agora. Isso só me faz ficar mal na fita.

— Isso vale para sua esposa também.

Sorrentino descartou a ideia.

— Eu não digo merda nenhuma a ela. Ela só vai ficar desapontada por vocês dois não me levarem algemado.

Enquanto deixavam Sorrentino com sua felicidade na vida doméstica e seguiam para o SUV, Nina refletiu sobre a situação. Eles haviam descoberto muito pouco com o dono do clube de luta, mas talvez seu banco de dados fornecesse informações úteis. Pelo menos eles poderiam eliminar os lutadores que estavam na prisão durante os tempos em que sabiam que o Cifra estava ativo.

Não era muito para continuar, e ela estava ficando frustrada. O suspeito continuava a desferir golpes sólidos, prejudicando sua reputação, frustrando a

investigação e humilhando-a no processo. Ela, por outro lado, estava lutando boxe sombra.

Apesar de dias de intensa investigação, ele permanecia mais uma cifra do que nunca.

Capítulo 30

DEPOIS DE um longo dia examinando antigos arquivos de casos da investigação do Maníaco da Beltway, Nina ansiava por um banho longo e quente. O banho que tomou no vestiário em Quantico depois de sua corrida estava um pouco mais para morno. Ela conseguiu se lavar antes de sair para a entrevista com Sorrentino, mas não foi uma experiência agradável.

Voltou então para seu apartamento naquela noite e foi direto para o banheiro, para logo ser interrompida pela campainha. Cabelo pingando, Nina apertou o cinto de cetim em torno do robe curto e pegou a arma. Apalpando o cabo, ela caminhou até a porta e ficou na ponta dos pés para espiar pelo olho mágico. Uma pilha desarrumada de cabelo preto azeviche com uma mecha artística cor de cobalto ocupava a maior parte do pequeno vão da porta.

Suspirando, Nina entrou na cozinha para guardar sua Glock em um armário superior. Ela correu de volta para a porta e a abriu, chamando Bianca para dentro.

— Você não tem lição de casa ou algo assim?

Ela deliberadamente manteve seu tom alegre e brincalhão, como se não tivesse sido submetida à pior humilhação pública da sua vida algumas horas antes.

— Já fiz — disse Bianca, fazendo sua parte sem perder o ritmo. — Vi seu carro lá fora. Vim ver como você estava.

— Eu não preciso que uma garota de dezessete anos venha verificar se eu estou bem.

Bianca a seguiu até a cozinha.

— Todo mundo no prédio está falando sobre isso.

Não adiantava fingir que não havia entendido.

— Aposto que sim.

— Estava em todo o campus também — disse Bianca.

— As pessoas ficaram assustadas assistindo ao vídeo pelo celular. Quando meu professor de psicologia percebeu que ninguém estava prestando atenção, ele decidiu incluí-lo na aula anormal de psicologia de hoje.

Excelente. Um professor da Universidade George Washington a havia incorporado ao plano de aulas. Ela imaginou uma sala de aula cheia de alunos fazendo anotações enquanto analisavam a mente do suspeito, então decidiu que poderia ser interessante ouvir a opinião de um acadêmico.

— O que ele disse?

— Basicamente, ele roubou uma hora das nossas vidas que nunca vamos recuperar para nos dizer que o Cifra é um completo maluco. — Bianca balançou a cabeça. — Capitão Óbvio no pódio.

Ela enxergou através do sarcasmo. Bianca estava preocupada. Nina pousou a mão no ombro magro da garota.

— Nós vamos pegá-lo, *mi hija*.

Bianca não era do tipo que se consolava com chavões.

— Você falou como uma verdadeira super-heroína. O fã-clube ficaria orgulhoso.

Nina estreitou os olhos.

— Fã-clube?

Bianca passou por ela, abrindo a porta da geladeira.

— Você sabe, um grupo de pessoas que admiram alguém ou o que elas fazem.

— Eu sei o que é um fã-clube. — Ela caminhou até a geladeira, colocou um braço em volta de Bianca e bateu a porta. — O que você não está me dizendo, Bi?

Bianca se endireitou.

— Não use essa porcaria de interrogatório em mim. Não vai funcionar.

Nina continuou a encará-la.

— E não me olhe assim também. — Bianca apoiou a mão no quadril. — Eu sei o que você está fazendo.

Nina não se mexeu.

— Desembucha.

Bianca ficou olhando para os próprios sapatos.

— Cara, se eles pudessem ver você agora, metade deles largaria você pelo cara gostoso.

— Espere, que cara gostoso?

Bianca soltou um suspiro impregnado de toda a frustração de um gênio adolescente forçado a se explicar. De novo.

— Me dê seu laptop.

Nina pegou o computador da mesa de centro onde o havia deixado ao lado do sofá da sala e o colocou na mão estendida de Bianca.

— Olhe — disse Bianca, digitando no teclado. — Alguém criou uma página de fãs e postou uma lista para o Time FBI. — Ela virou o laptop de frente para Nina. — As pessoas estão votando nos agentes favoritos.

Chocada, Nina passou o dedo pela tela. Fotos de agentes federais em várias cenas de crime passavam diante de seus olhos.

— O que diabos é isso?

— As pessoas tiraram fotos suas e daquele velho, o agente Wade, trabalhando nos casos em Washington, San Francisco e Boston, então todo mundo sabe que vocês dois são os investigadores principais.

— Aquele velho?

— Mas, em Boston, de repente, temos dois outros agentes. — Bianca continuou como se Nina não tivesse falado. — Uma moça ruiva e um cara gato com cabelo de soldado e óculos escuros.

— E vocês se referem a eles como “a Ruiva” e “o Soldado Gato”?

— Eu não — disse Bianca, excessivamente inocente. — Não fui eu que inventei esses apelidos.

— Não acredito que isso esteja acontecendo — disse Nina. — Mais um picadeiro acrescentado ao circo.

Bianca bateu na tela.

— Ninguém sabe também quem é o negro alto de terno escuro.

— Esse seria o agente especial supervisor Buxton. Nosso chefe.

— Entendi. — Bianca entregou-lhe o computador e puxou um celular do bolso de trás.

— Espere. É melhor você não mandar mensagens.

— Eu? Não.

Observar Bianca digitando com o polegar deu a Nina uma suspeita.

— Quem criou essa página de fãs do FBI?

— Nem faço ideia.

Bianca estava dando bandeira. Uma negação reflexiva instintiva com zero contato visual.

— Foi você. — Nina apontou um dedo para ela. — Você e seus amigos.

— Olha, aquele assassino psicopata tem uma página de fãs — disse Bianca, arrogante. — Ele recebe um apelido legal. Todos o chamam de Cifra. Os mocinhos deveriam ter tudo isso também.

Ela sabia que alguns *serial killers* atraíam fãs, mas não tinha ouvido falar sobre essa nova reviravolta na investigação atual.

— Onde está a página de fãs do Cifra? — Ela empurrou o laptop de volta para Bianca. — Me mostre.

Bianca guardou o celular e abriu um site enquanto Nina segurava o computador. Surgiram imagens das pistas e dos vídeos. Ela encaminharia a página para o departamento de Crimes Cibernéticos. Eles poderiam já estar monitorando, mas ela precisava ter certeza.

Nina fechou o laptop e olhou para Bianca.

— Algumas pessoas são fascinadas por criminosos violentos. Assassinos notórios recebem cartas de amor e pedidos de casamento na prisão, enviados por completos estranhos.

— Meu professor de psicologia chamou isso de *hibristofilia*. — Bianca curvou o lábio. — Pessoas com grandes problemas que se apaixonam por assassinos psicopatas. Eu não entendo.

— Você poderia me fazer um favor e encerrar sua página de fãs do FBI?

Bianca voltou a olhar alguma coisa no celular, evitando tanto o olhar de Nina quanto a pergunta.

Nina cruzou os braços.

— Você poderia pelo menos ficar longe da investigação?

— Caso você não tenha notado, todos no planeta estão envolvidos nesta investigação. Achei que você fosse apreciar se alguém fizesse isso pelas razões certas. — Sua voz falhou. — Eu simplesmente não posso suportar... o que ele fez com você...

Nina deu um passo em direção a ela.

— Bi, está tudo bem, eu...

— Não está tudo bem — disse Bianca. — Não está nada bem. Eu não me importo com o que você diz: de jeito nenhum eu vou ficar parada e deixar aquele idiota postar mais imagens dele torturando você. Não se eu puder fazer algo para ajudar vocês a encontrá-lo.

Depois de um longo silêncio, Nina colocou o laptop na mesa da cozinha e se sentou. Ao tomar uma decisão calculada sobre quanto compartilhar, ela fez sinal para Bianca se sentar na cadeira à sua frente.

— Nossa equipe está dissecando o vídeo. Já descobrimos algumas coisas que não sabíamos antes. Nós vamos detê-lo.

— Antes que ele cumpra a promessa de mostrar mais desse vídeo?

Nina engoliu o nó que se formou em sua garganta enquanto imaginava Bianca assistindo aos sessenta segundos seguintes.

— Por favor, deixa pra lá, Bi. Não quero que você veja os vídeos dele, leia as postagens ou faça qualquer outra coisa que coloque o veneno dele na sua cabeça. Deixe esse cara com a gente. Nós vamos localizá-lo.

— Você tem muito mais fé nesses técnicos fracos do que eu.

— Eles são muito bons no que fazem.

— São? — Bianca estendeu a mão sobre a mesa para abrir o laptop. — Então como eles deixaram isso passar?

— Ela girou a tela para si, bateu nas teclas várias vezes, então a inclinou em direção à Nina. — Estou supondo que você não saiba, já que não tocou nesse assunto.

Ela olhou para a imagem.

— Só pode ser algum tipo de piada de mau gosto.

— É real — disse Bianca, tocando em um ícone para reproduzir um pequeno clipe. — Aí está a prova.

Nina se levantou e caminhou até a mesa de centro na pequena sala de estar. Ela pegou o celular e apertou o primeiro número de discagem rápida.

— Venha para cá.

Ela não perdeu tempo com gentilezas.

— Estou enviando um link.

— O que está acontecendo?

— Sabe como a gente estava se perguntando por que não tinha encontrado uma pista do suspeito em Boston com um quebra-cabeça que nos levasse a outra cidade?

— Estou ouvindo. — A cautela acrescentou um tom diferente na fala de Wade.

— Algum idiota fez um vídeo mostrando que encontrou um envelope debaixo de uma lata de lixo a cerca de quatrocentos metros da Freedom Trail. Ele o colocou em leilão no eBay. O lance inicial era 25 mil dólares. Já passou dos 60 mil.

Capítulo 31

O TRÂNSITO ESTAVA um pesadelo na manhã seguinte, e Nina mal conseguiu passar pela segurança nos postos de controle do Corpo de Fuzileiros Navais e do FBI em Quantico antes do horário marcado para o início da reunião. Ela havia corrido para o maior espaço de reunião da ampla instalação, o sistema nervoso central da crescente força-tarefa.

Assim que deslizou em uma cadeira entre Wade e Kent, enviou um breve sorriso a Breck por cima da longa mesa retangular. Deliberadamente dirigiu seu olhar para a cabeceira, fingindo não ter notado os olhares furtivos em sua direção provenientes de agentes e analistas que ela não conhecia. Seus colegas, como milhões de outros, obviamente tinham visto o vídeo.

— Tudo bem, pessoal — disse Buxton, reprimindo abruptamente todas as conversas paralelas. — Temos muito terreno a percorrer. Eu quero fazer isso rápido para que possamos voltar para nossas respectivas atribuições. Vamos começar com o fiasco do eBay de ontem à noite.

— Ele se virou para Nina. — Agente Guerrero, você pode começar nos contando como ficou sabendo do leilão.

— Minha vizinha cuida de uma menina de dezessete anos que está terminando a graduação na George Mason University (GMU). — Um sorriso irônico levantou o canto de sua boca. — Ela tem um QI assustadoramente alto e

um sério vício em redes sociais. Foi ela quem me mostrou o link de um leilão do eBay que alguém postou.

Breck falou:

— Nossa equipe o encontrou ao mesmo tempo que sua vizinha. — Ela sacudiu a cabeça, desnorteada. — Essa garota deveria trabalhar para o Bureau quando se formar.

Nina sorriu.

— Ela acabaria administrando o lugar.

Aparentemente satisfeita com a explicação, Buxton gesticulou em direção a um homem esbelto em um terno levemente amarrotado sentado alguns assentos depois dele.

— Aqui está o agente especial supervisor Jay Yakamura, do escritório de Boston. A equipe dele seguiu a pista que estava à venda no eBay.

Nina ficou surpresa ao vê-lo na reunião em vez de em uma videochamada. Sua presença pessoal dizia muito sobre a ênfase que o FBI havia colocado na investigação.

Yakamura pousou sobre a mesa um copo de isopor cheio de café preto e esfregou os olhos.

— Entramos em contato com o eBay assim que recebemos a notificação da força-tarefa sobre o envelope em leilão. Eles têm uma política rígida contra a venda de mercadorias ilegais ou quaisquer itens que possam incentivar as pessoas a cometer crimes. Assim que explicamos que o envelope era uma prova material em uma investigação de assassinato, eles imediatamente removeram o item da listagem e forneceram as informações de contato do vendedor.

— Legal — disse Breck.

— Acontece que o vendedor mora em Lynn, não muito longe de Boston — disse Yakamura. — Fizemos uma visita à casa dele ontem à noite.

Kent ergueu a caneca de cerâmica da Marinha dos Estados Unidos em um brinde simulado.

— Aposto que ele deixou um presentinho na cueca quando abriu a porta para dois agentes federais.

Yakamura tentou esconder seu sorriso sem sucesso.

— Qual é a história dele, afinal? — perguntou Kent.

— Diz que acompanhou o caso nas redes sociais a semana toda. Quando viu a Turma da Cerveja postar a solução, ele dirigiu até a parada do T mais próximo.

Nina tinha ouvido o detetive Delaney se referir ao sistema de trânsito rápido da Autoridade de Transportes da Baía de Massachusetts como “o T” quando ele lhe disse que uma das paradas ficava a uma curta caminhada do início da Freedom Trail.

— Ele desceu na estação de Park Street — Yakamura continuou. — Então ele decide parar para comprar um muffin de mirtilo em uma das confeitarias locais a caminho da trilha. Ele come seu muffin e caminha até a lata de lixo mais próxima para jogar a embalagem. Ele a deixa cair no chão porque é um otário, mas se abaixa para pegar porque é um otário com consciência ambiental. É quando ele vê o envelope colado no fundo do latão de lixo. Diz que estava pendurado, então as letras azuis brilhantes saltaram para ele.

Junto com todos os outros na sala, Nina estava fascinada. Ouvir essa história era como presenciar um acidente de trem.

— Ele conclui que é uma das pistas do Cifra — disse Yakamura. — Então, naturalmente, ele o pega e o guarda no bolso, tomando cuidado para que ninguém veja. Aí ele acompanha a matéria no noticiário. Uma vez que ele ouve que o Cifra escapou, corre de volta para sua casa em Lynn em vez de entrar em contato com a polícia.

Alguns gemidos podiam ser ouvidos ao redor da mesa.

— Ele abre o envelope e passa as 24 horas seguintes tentando fazer seus poucos neurônios funcionarem. E

finalmente percebe que não tem esperança de resolver a pista, e surge o plano B.

Nina olhou de relance para Buxton, que parecia ainda mais exausto que Yakamura. Ele estava pressionando um dedo contra o olho esquerdo para impedir o nervo de se contrair.

— Nosso cara acha que não pode ganhar o milhão de dólares que Zarran está oferecendo para resolver as pistas — disse Yakamura. — Mas ele ainda pode lucrar vendendo para alguém que acha que pode.

Wade sacudiu a cabeça com repugnância.

— Então ele lista o envelope no eBay. — Ele desviou os olhos para Nina. — Acho que não há risco de a filha adotiva da sua vizinha esbarrar nele na próxima reunião de superdotados da Mensa.

— Qual foi o comportamento dele durante a entrevista? — Buxton queria saber.

— Ele fez o que seria de se esperar — disse Yakamura. — Ele se fez de bobo. Quando isso não funcionou, começou a perguntar sobre uma gratificação.

Nina fez uma careta.

— Ele não é o dardo mais afiado do tiro ao alvo, né?

Yakamura lançou a ela um olhar de soslaio.

— Ele é o dardo que erra completamente o quadro de cortiça e fica preso no *drywall*. — Tomou outro gole de café. — Depois de discutir as comodidades disponíveis na prisão federal, nosso cara decidiu entregar o envelope... sem recompensa.

— O que havia no envelope? — perguntou Kent.

— A mensagem dentro era outro desvio do padrão anterior do suspeito. — Yakamura apontou para a tela enorme na parede, que piscou brevemente antes de um *close* de um cartão branco aparecer. — Desta vez, ele quer que as pessoas resolvam um enigma para localizar a pista real.

ENCONTRE A PISTA.

Isso era seguido por quatro linhas impressas em negrito.

EM SILÊNCIO, ELA ESPERA, NOITE E DIA. VIVENDO COM O GUARDIÃO DA LUZ. ELA OS VÊ CHEGAR, ELA OS VÊ IR. O QUE TEM NO CORAÇÃO NINGUÉM PODE SABER.

As palavras na parte inferior do cartão mostravam seu cronograma.

A PRÓXIMA MORRE EM QUATRO DIAS.

Uma nuvem desceu sobre a sala enquanto todos se concentravam na mensagem. Os punhos de Nina se apertaram. Outro prazo. Outra garota em perigo iminente. E eles não estavam mais perto de parar o Cifra.

O tom estranhamente áspero de Buxton refletia exasperação.

— Precisamos de respostas, caramba.

— Estamos trabalhando nisso, senhor — disse uma mulher que Nina tinha visto na equipe de criptoanalistas.

— Algum progresso?

Ela se contorceu desconfortavelmente sob seu olhar fulminante.

— Nada definitivo ainda. Acreditamos que “o guardião da luz” possa se referir a um faroleiro, e ele esteve recentemente ativo em Boston, então estamos verificando as cidades costeiras da Nova Inglaterra para ver quais outros fatores no poema combinam com as estruturas existentes. Vamos mantê-lo informado de qualquer progresso.

Buxton girou para fixar o olhar em outro agente sentado mais adiante na mesa.

— E os manifestos de voo?

— Não havia nomes duplicados listados como tendo viajado entre qualquer uma das três cidades nas datas afetadas — disse ele. — Mas agora sabemos que ele tem acesso a documentos falsos e disfarces, então ele poderia voar com nomes diferentes e ter aparências diferentes para corresponder a cada identidade.

— Ou ele pode não ter voado — disse Nina.

— Não podemos pedir às autoridades locais em todo o país que verifiquem dados ou paradas de trânsito sem dar a eles um nome ou mesmo uma descrição — disse Kent.

Uma mulher loira baixa e atarracada, sentada ao lado de Breck, levantou a mão.

— Talvez eu possa ajudar com isso.

Buxton fez um aceno para ela.

— Para aqueles de vocês que não a conheceram, esta é Emmeline Baker. Ela está encarregada da Unidade de Análise de Vestígios.

Uma chefe de unidade foi outra adição inesperada à reunião, novamente marcando a gravidade da situação, a natureza altamente pública da operação e como estavam correndo contra o tempo.

— Descobrimos como ele disfarçou sua etnia em Boston — disse Baker. — Bronzeado. Muito escuro. — Ela inclinou a cabeça para Nina. — O resíduo foi encontrado na amostra coletada das unhas da agente Guerrera.

— Peruca preta, lentes de contato marrons, pele escura — disse Wade. — Basta colocar um uniforme de Obras Públicas e ele ficará irreconhecível.

Baker assentiu.

— O Cifra provou que pode operar em uma área lotada onde todos estão procurando por ele. Isso significa que ele pode se movimentar impunemente. —

Ela deixou os presentes assimilarem essa informação antes de continuar. — Eu tenho uma atualização sobre a pista da fibra também. Como discutimos durante a nossa última ligação, reexaminamos amostras encontradas nas cenas de DC e San Francisco, bem como do caso de sequestro da agente Guerrera, desta vez comparando-as especificamente com o conjunto único de fibras encontrado na série do Maníaco da Beltway.

— As fibras das luvas? — Nina perguntou.

— É a única evidência consistente que temos — disse Baker. — Uma vez que sabíamos o que procurar, conseguimos encontrar filamentos quase microscópicos com detalhes suficientes para fornecer uma correspondência conclusiva para todas as três cenas de crime atribuídas ao Cifra. O caso de Boston nos deu o respiro de que precisávamos. Houve muito menos contaminação cruzada e nem de longe tanta lavagem do corpo como nos dois assassinatos anteriores.

— Então o Cifra e o Maníaco da Beltway são definitivamente a mesma pessoa? — Nina indagou, ansiosa para compreender Baker. Eles haviam debatido se o Cifra tinha sido o parceiro do Maníaco da Beltway que havia se escondido por alguns anos antes de atacar por conta própria. — Está dizendo que podemos apresentar acusações contra o suspeito por 39 assassinatos e um sequestro?

Baker ergueu a mão.

— Eu posso ir tão longe a ponto de dizer que fibras idênticas, que vêm de uma fonte única, foram encontradas em todas as cenas. É até onde a ciência nos levará. Eu não poderia testemunhar que o mesmo perpetrador foi responsável por todos os crimes com base nas evidências que temos neste momento.

Não importava o que Baker dissesse, quão precisamente ela redigisse seu resumo das descobertas, ela acabara de confirmar o que Nina já havia aceitado

como fato. Primeiro, o homem que agora chamava a si mesmo de Cifra também era o Maníaco da Beltway. Segundo, o FBI havia identificado erroneamente um homem que morrera dois anos antes como o Maníaco da Beltway. Terceiro, o mesmo homem a havia raptado onze anos antes.

Os músculos da mandíbula de Buxton se contraíram.

— Nada sobre isso sai desta sala, entendido?

Ela apreciava que essa fosse a atitude adotada. Apesar de sua recusa anterior em dar o salto, Buxton claramente chegara às mesmas conclusões. Ele era o agente especial supervisor da UAC Três. O chefe da unidade que supervisionava os perfiladores que haviam trabalhado com os agentes de campo e policiais locais durante a investigação do Maníaco da Beltway. A reputação da UAC foi atingida quando Chandra Brown morreu, e logo o público saberia que seu assassino ainda estava foragido, perpetuando assim sua fúria assassina em um palco maior. Buxton estaria na frente e no centro da reação inevitável.

Seus olhos escuros percorreram o comprimento da mesa antes de parar em Wade.

— Alguma coisa para adicionar ao seu 302?

Wade teria enviado um 302, o formulário oficial do FBI para documentar investigações, após a entrevista com Sorrentino.

— Nada — disse Wade. — Você conseguiu o anexo com a agenda de lutas do clube?

Buxton assentiu.

— Enviei para Breck ontem à noite.

Todos os olhos se voltaram para Breck, que parecia estar esperando sua deixa.

— Eu tenho um gráfico. — As teclas do computador estalaram sob seus dedos quando a imagem projetada de um gráfico apareceu na parede em frente a ela. —

Geramos um programa e preenchemos os pontos de dados para encontrar um nexos entre lutadores e vítimas.

Um ponto vermelho de luz percorria de cima a baixo o lado esquerdo do gráfico com uma lista de lutadores no eixo vertical. Os nomes das vítimas corriam ao longo de uma linha do tempo horizontal na parte inferior. Pontos verdes marcavam as caixas em que algumas se cruzavam. Nina podia ver que Breck havia comparado os momentos em que os combatentes não estavam presentes encontrando os momentos de morte das vítimas do Maníaco da Beltway.

— Tentamos cruzar os nomes com os horários de cada assassinato — disse Breck. — Os em verde representam as vítimas do Maníaco da Beltway. — Ela clicou em outra tecla, e um novo gráfico apareceu. — Aqui estão os horários dos mesmos lutadores combinados com os tempos de desaparecimento das vítimas do Cifra. — Desta vez, os pontos eram azuis. Mesmo sem sobrepor os dois gráficos, Nina concluía que haveria centenas de pontos de dados contendo os dois pontos coloridos.

— Eu vou combiná-los em um novo gráfico. — Breck hesitou antes de acrescentar: — Usando apenas pontos azuis.

Breck deixou claro que qualquer um que achasse que os casos deveriam ser mantidos separados deveria falar agora. A equipe trocou olhares, mas ninguém se opôs. Nesse momento, a investigação deu uma guinada. Nina sabia que Kent tinha dúvidas, mas todos concordaram tacitamente em seguir em frente com a premissa de que o Maníaco da Beltway e o Cifra eram a mesma pessoa.

Nina olhou para o gráfico. As vidas das meninas, vidas que tinham tantas promessas e tanto sofrimento, foram reduzidas a pontos em um gráfico. A raiva a percorreu quando ela testemunhou o rastro de destruição deixado por um monstro que pensou que poderia usar seres humanos e jogá-los fora como lixo.

— Alguns dos assassinatos mais antigos têm uma janela possível de hora da morte que se estende por alguns dias ou semanas — disse Breck. — Portanto, só poderíamos usar aquelas com uma janela mais precisa para restringir a lista. — Ela moveu o ponto para a parte inferior da tela. — Dadas essas restrições, podemos eliminar definitivamente dezessete homens da lista. Isso deixa mais de duzentos suspeitos em potencial. E isso se considerarmos apenas os lutadores em oposição a outras pessoas que trabalham no clube.

— Ele é um lutador — disse Nina. Ela não tinha certeza de como sabia, mas o pressentimento era forte. — A maneira como ele se movia. Ele tinha uma experiência enorme por trás daqueles movimentos.

— Concordo — disse Wade. — Alguns assassinos em série são sexualmente inadequados, do tipo bunda-mole, em suas vidas normais. Eles buscam poder sobre suas vítimas porque sentem que não têm poder em outras áreas. — Ele passou a mão em seu queixo. — Não esse cara. Ele não usa arma, porque prefere o contato direto. Seu tipo de personalidade aprecia o combate físico, especialmente se ele tiver habilidade suficiente para dominar e punir seus oponentes. Ele se alimenta do poder bruto e da violência do esporte sangrento. Provavelmente também extrai estímulo do público. Com certeza parece gostar de um espetáculo.

— Mas esse é um padrão de comportamento radicalmente diferente — disse Kent, juntando-se à discussão. — Ele já agiu sem ser detectado antes. Não queria chamar a atenção para si mesmo. Nunca insultou as autoridades. — Sua testa franziu em consideração. — Estamos fazendo um julgamento apressado aqui? Podemos ter certeza de que o Cifra também é o Maníaco da Beltway? Que eles não eram parceiros?

— Ele mudou. — Wade ficou animado, inclinando-se para a frente na cadeira. — Essa é outra parte do perfil

dele. Ele parece ter uma capacidade incomum de se adaptar.

— Qual foi o impulso para a mudança, então? — perguntou Kent. — Teria que ser algo forte.

— Eu — disse Nina, antes de parar para considerar a reação que tal declaração teria. Em uma sala cheia de expressões confusas, ela começou a explicar algo que estava no fundo de sua mente desde o caso de DC.

— Acabamos de obter a confirmação de uma ligação de evidências entre meu sequestro e todos os assassinatos. — Ela olhou ao redor da mesa enquanto falava. — O Cifra começou a se envolver com a gente depois que o vídeo do ataque no parque viralizou. Ele deve ter visto e me reconhecido. Se ele não é o Maníaco da Beltway, então algo sobre me ver novamente o levou a atacar depois de adiar por onze anos. Se ele é o Maníaco, então esse vídeo o provocou a mudar seu MO drasticamente. De qualquer forma, eu sou o denominador comum.

Ninguém discutiu o argumento. O silêncio deles era um reconhecimento tácito de que Nina estava no centro de tudo.

— Como podemos usar isso a nosso favor? — Buxton dirigiu a pergunta a Wade. — Deve haver uma maneira de tirá-lo do jogo, ou pelo menos atrasar o próximo prazo dele.

Pensativo, Wade avaliou Nina antes de responder.

— A obsessão dele por Guerrera é evidente, mas ele abriu mão de lembranças valiosas do tempo que passou com ela. — Ele levantou dois dedos para indicar os itens. — O colar do olho de deus e o vídeo. Ele pode ter imagens digitais de todos os assassinatos que cometeu, o que não seria incomum. Muitos *serial killers* guardam troféus, fotografias ou vídeos de suas vítimas em arquivos para... aproveitar mais tarde.

Ele não precisava desenhar. Nina reprimiu um estremecimento ao pensar no Cifra se masturbando enquanto a observava em agonia. Ele usava o colar dela quando satisfazia suas fantasias? A própria ideia a enchia de asco. Ela manteve o rosto como uma máscara de interesse profissional distante enquanto Wade continuava sua análise.

— Concordo com a avaliação da agente Guerrera de que ela é um gatilho para o Cifra, e não mudei minha opinião de que ele e o Maníaco da Beltway são a mesma pessoa e de que ele nos deu um bode expiatório conveniente há dois anos, quando estávamos nos aproximando do clube de luta.

Kent mostrou sinais de querer discutir, mas Buxton o silenciou com a mão levantada.

— Vá em frente, agente Wade.

— Ele começou direcionando suas ameaças a Nina com o bilhete e a pista no local da cena do crime em DC. Então ele foi ao noticiário e teve uma reação extrema da mídia regular e social, então ele mudou seu MO novamente e foi direto ao público. Cada vez mais ele expande seu público. Tivemos Guerrera interagindo diretamente com ele via DM, mas ele voltou para sua plataforma pública. O Cifra agora tem milhões de pessoas ao redor do mundo falando sobre ele, tentando resolver seus enigmas arcanos, prestando atenção nele. É uma experiência inebriante para qualquer um. — Wade respirou fundo. — Eu quero puxá-lo de volta para perto. Desviar a atenção dele do frenesi público que alimenta seu ego.

— Como vamos fazer isso? — disse Breck. — Ele é objeto de muita atenção nas mídias sociais, mesmo que seus perfis estejam inativos. As pessoas ainda estão postando sobre ele, e tenho certeza de que ele está lendo os comentários.

Em vez de responder diretamente, Wade dirigiu-se a Buxton.

— A única coisa que poderia seduzi-lo a desistir de tudo isso seria oferecer o que ele quer mais. — Ele desviou os olhos para Nina. — Acredito que Guerrera deveria tentar se comunicar diretamente com ele mais uma vez. Se ela estiver de acordo.

— É um pedido grande a se fazer — disse Buxton. — E um grande risco.

— É meu risco para correr — disse Nina. — Sei o tipo de coisa que ele vai dizer e estou disposta a fazê-lo falar. Farei o que for preciso.

— Precisamos liberar o bloqueio nos perfis das redes — disse Breck em tom calmo e baixo. — Todas elas cooperaram totalmente para derrubá-los, mas podem não querer colocá-los no ar de volta sabendo que ele está se preparando para lançar mais vídeos.

— Se não liberarmos o bloqueio em breve, ele vai encontrar outra saída que não podemos controlar — disse Wade. — Ele precisa de atenção. Está se tornando viciado no seu próprio jogo.

Buxton olhou para o celular vibrando na superfície lisa da mesa.

— Vamos manter essa opção na manga por enquanto. Eu tenho que atender. É Dom Fanning da Unidade de Análise de DNA.

Nina achava que seus nervos não poderiam ficar mais tensos, mas uma ligação recebida do chefe da UAD mudou a situação. O fato de ele ter procurado Buxton indicava que tinha notícias sobre a busca no banco de dados genealógico comercial.

— Estou colocando você no viva-voz — disse Buxton depois de trocar cumprimentos. — Estou com os líderes da força-tarefa.

A voz de Fanning ecoou pelo alto-falante do celular.

— Tivemos um resultado antecipado das duas empresas. A boa notícia é que obtivemos vários *matches* de familiares próximos. Vários parecem ser meios-irmãos, e um é um irmão completo. Uma irmã, na verdade.

Todos trocaram olhares animados. Todos, isto é, exceto Buxton.

— Qual é a má notícia? — perguntou Ele.

— Ambas as empresas de genealogia têm formulários de consentimento para compartilhar DNA que incluem informações de contato para fins investigativos. Isso nos levou a uma conclusão inesperada.

Nina não ficou surpresa com o fato de as empresas exigirem permissão dos participantes para entregar seus dados. Muitas questões foram levantadas quando a polícia obteve correspondências familiares de um banco de dados comercial de DNA para identificar um suspeito no caso do Assassino do Estado Dourado. Após as manchetes, algumas empresas optaram por fazer com que os participantes assinassem acordos declarando sua disposição ou recusa em compartilhar seus perfis de DNA com as autoridades.

— Há 27 meios-irmãos espalhados por todo o país — disse Fanning. — Sem incluir a irmã de mesmo pai e mãe, que mora em Maryland. — Ele fez uma pausa. — E esses são apenas os que enviaram seu DNA para as duas empresas. Estatisticamente, deve haver muito mais por aí que não enviaram.

Buxton parecia perplexo.

— Vinte e oito irmãos no total?

— As únicas vezes que vi resultados como esse foram quando um doador de esperma estava envolvido. Mas, neste caso, muitos dos meios-irmãos estão relacionados através do DNA mitocondrial, o que significa que eles têm uma mãe comum.

— Doação de óvulos? — disse Buxton.

— Para obter esse resultado, teria que haver doação de óvulos e espermatozoides, o que significa...

— Uma clínica de fertilidade — Buxton concluiu para ele.

— Esse seria o meu palpite — disse Fanning. — Pelo menos você deve ser capaz de rastrear os pais biológicos por meio dos registros de implantação da clínica e estudar a identidade de seus filhos. Eu recomendo começar com a irmã de mesmo pai e mãe.

— Vamos direto ao assunto — disse Buxton.

— Eu tenho outra coisa para sua equipe também. — A ansiedade na voz de Fanning prometia outra pista suculenta.

— Qual é? — pediu Buxton, permitindo ao chefe da UAD seu momento de destaque.

— Enquanto aguardávamos os resultados, usamos fenotipagem de DNA para gerar uma imagem composta do suspeito. Vou enviar por e-mail com o resto do nosso relatório.

Aquilo estava ficando cada vez melhor. Nina sabia que o processo de fenotipagem não criava uma imagem perfeita da pessoa em questão, mas já tinha visto chegarem perto em vários casos. Um *software* especial poderia analisar o DNA de uma pessoa para prever características como cor do cabelo, cor dos olhos, formato do rosto, tom de pele, sardas e estatura, entre outras coisas. Finalmente, eles teriam uma ideia de qual era a verdadeira aparência do Cifra.

Buxton agradeceu e desligou. Pela primeira vez em dias, ele sorriu.

— Senhoras e senhores, finalmente temos uma novidade nesta investigação.

Capítulo 32

— **O SENHOR PRECISA** de ajuda com a sua bolsa? — o taxista perguntou.

O Cifra sempre se surpreendia com o quanto as pessoas eram cordiais com os idosos. Uma falha humana útil. Ele se apoiou pesadamente na bengala.

— Obrigado, filho.

O homem corpulento colocou a mochila no portamalas espaçoso do táxi.

— Para onde?

— Centro da cidade. — O Cifra desacelerou seus movimentos, entrando desajeitadamente na parte de trás do sedã amarelo.

O motorista ficou ao lado da porta aberta enquanto o Cifra se atrapalhava com o cinto de segurança.

— Qual hotel, senhor?

Ele pensou em como aproveitar essa oportunidade.

— Existe um abrigo para sem-teto no centro?

O motorista olhou para ele com evidente cautela.

— Precisa de um lugar para ficar?

— Não, não. Não para mim. — Ele descartou a ideia com um aceno indiferente. — Eu faço doações para abrigos de sem-teto.

O taxista pareceu aliviado. Afinal, o dinheiro da corrida não estava em perigo.

— Há alguns abrigos. Alguns bancos de alimentos e cozinhas de sopa também. — Ele suspirou. — Parece que sempre há pessoas que precisam de ajuda.

— Especialmente mulheres e crianças — disse o Cifra. — Algum abrigo só para mulheres e meninas sem-teto?

— Claro, há um bem no coração da cidade.

— Então me leve para o hotel mais próximo, por favor.

O taxista fechou a porta e deu a volta para encaixar seu corpo rechonchudo no banco do motorista. Ele olhou para o passageiro pelo espelho retrovisor.

— O senhor é uma daquelas pessoas que dá dinheiro para causas e outras coisas?

— Um filantropo — disse o Cifra, deliberadamente áspero em sua voz. — Sim, é isso que eu sou.

— É muito gentil. O senhor é um bom homem.

O Cifra sorriu. As pessoas acreditavam no que queriam acreditar. Viam o que queriam ver.

Enquanto o táxi se afastava do movimentado terminal do aeroporto, ele se sentou no banco de trás, repassando seus planos. Havia outra informação que ele precisava, mas não tinha certeza se deveria arriscar a pergunta ao taxista. Não queria ser memorável de forma alguma. Por outro lado, o homem era uma fonte de informação.

— Você mora aqui há muito tempo? — ele perguntou, decidindo arriscar.

— Nascido e criado.

Perfeito. Ele limpou a garganta.

— Posso decidir ficar aqui por um tempo — disse ele.

— Existe uma parte da cidade que ainda tenha terrenos baldios?

— Tudo perto do centro está lotado. Se o senhor quer espaço, deve procurar no norte ou no sul.

— Obrigado, filho.

Ele não tinha intenção de se hospedar em nenhum hotel. Depois que o taxista o deixasse, ele pegaria o ônibus até a loja de ferragens mais próxima para comprar suprimentos. Em seguida, alugaria um trailer e

o levaria até os arredores da cidade para prepará-lo para suas necessidades. O velho que havia descido do avião no aeroporto se transformaria em outra pessoa e voltaria à cidade naquela noite para começar a caçar.

Seu pulso acelerou com o pensamento. Todo mundo no país estava procurando por ele. Tinham a distração perfeita. Como havia feito tantas vezes em suas lutas na gaiola: fintava para a esquerda e dava um soco pela direita.

E ninguém veria seu próximo soco chegando.

Capítulo 33

UMA CRIPTOANALISTA esbarrou em Nina quando passou correndo, fazendo-a derramar o café do copo de isopor na manga de Kent.

Ela usou o pequeno guardanapo debaixo da xícara para enxugar o antebraço dele e deu-lhe um sorriso tímido.

— Todo mundo está correndo como louco aqui.

— Não se preocupe — disse Kent, dando uma piscadinha com um sorriso. — Estou feliz que todos nós tenhamos algum trabalho a fazer, para variar. Um pouco de caos é um preço que eu não me importo de pagar.

No momento em que Buxton terminou a reunião, cada equipe correu para áreas separadas na sala da força-tarefa a fim de processar vários aspectos das novas pistas que acabavam de receber. O espaço de trabalho cavernoso havia sido seccionado em áreas de especialidades. Agentes e analistas agrupavam-se em torno de mesas, gráficos e computadores enquanto investigavam suas respectivas atribuições dentro da investigação. Recursos substanciais do FBI estavam sendo aplicados para cada um dos indivíduos mencionados no documento que Fanning lhes enviara. No final do dia, eles saberiam tudo sobre cada um de seus antecedentes, até os nomes de seus professores do jardim de infância, suas notas nos exames escolares nacionais e todos os lugares em que já tinham vivido ou trabalhado.

Em uma estação montada em um canto da sala, os criptoanalistas estavam debruçados sobre o poema do Cifra, determinados a resolver seu significado antes que ele o postasse para um dos caça-fantasmas descobrir e pegar a pista antes deles. Nina leu os versos várias vezes, mas não conseguiu fazer nenhum progresso. Por fim, decidiu que preferiria gastar seu tempo caçando proativamente o Cifra em vez de jogar seus jogos. Caminhou em direção ao canto oposto, onde um grupo de agentes percorria o gráfico de Breck com os nomes dos lutadores de MMA da lista de Sorrentino. Wade e Kent ficaram com eles, usando suas habilidades de criação de perfis para ajudar a reduzir a lista a um número gerenciável para acompanhamento.

É claro que, uma vez que entrevistassem os irmãos do Cifra e soubessem o nome da clínica de fertilidade em que haviam sido concebidos, nada disso seria necessário. Tudo estaria no banco de dados da clínica.

Breck acenou para Nina, chamando-a para sua mesa.

— Venha ver isso. — Ela apontou para seu monitor. — Peguei a imagem que recebemos de Fanning e eu a ajustei para incluir alguns dos dados faciais que recebemos das imagens de vigilância.

Nina se aproximou, ansiosa para finalmente colocar um rosto no monstro de seu passado. Breck insistiu que Nina esperasse até que ela brincasse um pouco com aquilo, querendo que sua primeira impressão fosse a mais precisa possível.

— A maior parte do rosto dele estava coberta em todas as fotos que conseguimos capturar — continuou Breck. — Consegui capturar um pouco da sua mandíbula em um quadro e uma ideia da altura da maçã do rosto, em outro. Junte tudo com as características previstas e *voilà*. — Ela clicou o mouse com um floreio, e um *close* do rosto de um homem se materializou.

Nina se inclinou para examinar a tela de perto. Um homem loiro musculoso com olhos de um tom indeterminado de azul e um rosto esculpido olhava para ela. Seu sangue gelou. Ela havia imaginado aquela regularidade de feições, ou era um artefato do processo de geração de imagens por computador? De qualquer forma, o efeito era uma representação precisa dos olhos sem alma que a olhavam através dos buracos da máscara.

Por um momento que durou uma eternidade, ela caiu nas profundezas daqueles olhos impiedosos. Seu pulso acelerado batia nos seus ouvidos. Rachaduras se propagavam como teias de aranha nos seus muros internos de proteção cuidadosamente construídos enquanto ela lutava para esconder sua reação. Paralisada, Nina olhou para o Cifra. Seu monstro. O homem que quase a destruía. A besta que a havia destroçado e exposto seu tormento ao mundo.

Kent pousou a mão no ombro dela.

— Você está bem?

Ela se virou para encará-lo.

— Ótima.

Ela deu um passo para trás, criando uma distância emocional e física. Seu penetrante olhar cobalto a perfurou. Kent tinha uma vasta experiência no campo. Ele sabia ler a linguagem corporal. Ela não podia permitir que ele a analisasse. Se suspeitasse o quanto ver o rosto do Cifra a havia perturbado, poderia dizer algo a Buxton ou — pior ainda — tentar confortá-la. Ao longo de sua vida, Nina havia enfrentado abuso, negligência e rejeição. Com isso, ela conseguia lidar, mas o calor e a compaixão a fariam desmoronar.

Ela deliberadamente se afastou de Kent para se dirigir a Breck.

— Pelo pouco que vi dele, parece certo.

Nina sentiu o peso do escrutínio de Kent enquanto ele mantinha a atenção focada nela, sem fazer mais comentários.

Breck se inclinou para mais perto do monitor e estudou a imagem do Cifra.

— É difícil capturar o mal em uma foto, mas esse cara chega mais perto do que qualquer um que eu já tenha visto. Você pode dizer que ele é perverso como uma cobra só de olhar para ele.

Nina não queria passar mais um momento olhando para aqueles olhos frios e cruéis.

— Estou ficando inquieta. Ele está aí fora planejando seu próximo passo. Precisamos agir primeiro.

— Acabei de ler o relatório sobre a irmã. — Wade se aproximou para se juntar a eles. — O nome dela é Anna Grable, e ela é um pouco enigmática. Tem um Ph.D. em física e outro em astronomia, ambos da Johns Hopkins University, em Baltimore.

Inesperado. A irmã de um assassino psicopata tinha paixão por estudar o espaço sideral.

— Onde Anna trabalha?

— Isso é parte do mistério. Ela não tem um emprego há quinze anos. Nunca foi casada nem teve filhos e mora sozinha em um terreno de dez acres nos subúrbios de Baltimore, que herdou dos pais.

— O que você descobriu sobre os pais?

— Pelo que apuramos, a mãe não tem registro de ter gerado filhos. É possível que a irmã seja resultado de uma fertilização *in vitro* de uma barriga de aluguel, mas não podemos ter certeza neste momento.

Nina ficou perplexa.

— Uma adoção legal?

— Nenhuma que possamos acessar até agora. Os agentes de campo locais de Buxton informaram os agentes dos escritórios locais do FBI em todas as cidades

em que há um sujeito com uma correspondência de DNA familiar para realizar entrevistas — disse ele. — Tenho certeza de que descobriremos mais quando eles terminarem de falar com Anna.

Nina se irritou com a ideia de alguém além dela entrevistar a única irmã conhecida do Cifra, filha do mesmo pai e da mesma mãe biológicos. Seria difícil para ela ir, ao invés dos agentes de campo locais, mas cada instinto policial que ela tinha lhe dizia que esse era o caminho mais rápido para a verdade sobre sua presa.

— Quero entrevistar Anna Grable pessoalmente. Se eu a vir, algo nela pode desencadear uma memória. Baltimore fica a cerca de duas horas de carro daqui, então vai nos custar o resto do dia, mas acho que vale a pena pôr os olhos nela.

— Eu quero ir com você — disse Breck. — Posso tirar fotos da cabeça dela de todos os ângulos. Como ela é uma irmã do mesmo pai e da mesma mãe, sua estrutura facial básica pode ajudar a refinar o processo de imagem.

— Ela é a melhor pista que temos. — Nina mirou Wade com um olhar determinado. — Vou pedir a Buxton que nos deixe conduzir a entrevista. — Ela enfatizou a palavra “nos”. — Vou solicitar um motorista da força policial do FBI e uma das nossas vans da frota para que a gente possa continuar trabalhando na estrada. Você me dá cobertura?

A unidade da Polícia do FBI estacionada em Quantico normalmente era encarregada da proteção das instalações, mas poderia ser designada para outras atribuições, conforme necessário. Ela estava pedindo a Wade que confiasse em seus instintos. Pedindo a ele como parceira em vez de como um auxiliar à sua investigação. Sua resposta diria a ela mais sobre a relação de trabalho que formavam do que qualquer outra coisa que ele tivesse dito até aquele ponto.

Ele a olhou por um longo momento, então se virou para a sala de Buxton enquanto respondia à pergunta dela por cima do ombro.

— Pegue sua pasta.

Capítulo 34

NINA VACILOU entre a antecipação nervosa e o tédio absoluto durante a viagem de duas horas até Towson, Maryland. Buxton, optando por manter o forte em Quantico, providenciou que a equipe viajassem em uma van Mercedes-Benz Sprinter equipada com aparatos técnicos suficientes para trazer um sorriso aos lábios de Breck. O motorista deles, um policial do FBI que Nina reconheceu por meio de verificações de identidade no portão de entrada para o terreno em Quantico, estava escondido no compartimento do motorista, dividido na frente. Ele estacionou a van diante de uma caminhonete dos anos 1950 e ficou esperando no veículo enquanto a equipe atravessava o caminho de cascalho até a varanda.

Nina levantou a mão para bater quando a porta se abriu. Uma mulher esbelta com olhos claros e cabelos loiros pegajosos estava na soleira. Ela usava um gorro de tricô, uma blusa de algodão grande que caía até os joelhos, meias-calças coloridas e sandálias de couro nos pés.

Nina ergueu suas credenciais.

— Agente especial Nina Guerrero, FBI. — Ela gesticulou para o grupo que estava atrás dela. — Agentes especiais Wade, Kent e Breck. A senhora é Anna Grable?

A equipe concordou que Nina iniciaria o contato daquela vez. A julgar pela reação de medo da mulher, foi

uma boa decisão. A visão de Kent parado bem na frente dela poderia tê-la feito desmaiar.

Seus olhos arregalados e ansiosos percorreram cada um deles.

— Eu sou Anna, e sei por que vocês estão aqui. — Ela ficou de lado e fez sinal para eles entrarem.

Depois de trocar olhares perplexos, eles marcharam pelo *hall* até a sala de estar. Um sofá amarelo-mostarda com o encosto decorado com uma manta de crochê e duas poltronas descombinadas cercavam uma mesa de centro de madeira maciça que era o cúmulo do bom gosto e estilo. Em 1967.

Nina se colocou entre Kent e Wade no sofá enquanto Breck se empoleirava em uma das poltronas altas.

— A senhora diz que sabe por que estamos aqui? — Nina perguntou. Se um entrevistado oferecia informações voluntariamente, ela fazia questão de deixá-los falar.

Anna pegou a poltrona restante.

— Não precisa fingir. Eu estava esperando por vocês. — Ela lançou mais um olhar a eles, desta vez muito mais lento. — Tenho que admitir que todos vocês fizeram um bom trabalho. Os trajes escuros denunciavam vocês, no entanto, se não se importam que eu diga.

— Trajes? — perguntou Wade.

Anna deu-lhe uma piscadela.

— Você deveria tentar jeans azul e uma camisa de botão da próxima vez. Quem sabe xadrez ou paisley. Combinaria direitinho.

Nina teve a sensação de que eles estavam falando de assuntos diferentes.

— Sra. Grable, exatamente quem a senhora acredita que nós somos?

— Você também pode me chamar de Anna. Não faz sentido fingir que não sabem tudo sobre mim.

— Anna — Nina tentou novamente —, por que você não vai em frente e coloca às claras para nós? Finja que não sabemos o que você quer dizer.

Anna soltou um longo suspiro.

— Entendo. Isso é algum tipo de teste. Você quer saber se eu descobri. — Ela se inclinou para a frente, enunciando cuidadosamente suas palavras. — Você é das Plêiades. Já nos encontramos antes em pelo menos doze ocasiões, mas esta é a primeira vez que você me visita enquanto estou acordada. Ela se recostou na cadeira e deu a cada um deles um sorriso satisfeito.

Nina lançou um olhar para Wade. Ele e Kent eram os especialistas na mente dos loucos, não ela.

Wade entendeu o que estava acontecendo e adotou um tom paciente.

— Anna, nós somos agentes do FBI. Não viemos das Plêiades, somos da Terra. Precisamos fazer algumas perguntas importantes.

Anna franziu a testa.

— Só há uma maneira de ter certeza. — Ela se levantou. — Sigam-me até a cozinha. Posso esterilizar uma faca e...

— Não — disse Wade com firmeza. — Você não pode nos cortar. Precisamos da sua cooperação para uma investigação.

— Uma investigação — disse Anna, sentando-se outra vez. — É assim que vocês chamam hoje em dia? — Ela soltou um suspiro impaciente. — Não vou acreditar em você, a menos que eu possa realizar alguns experimentos meus. Vamos ver como vocês gostam de ser sondados.

Anna tinha conseguido obter dois doutorados, mas havia perdido o rumo e ficado à deriva em algum lugar ao longo do caminho. Nina se perguntou sobre o Cifra. A loucura era coisa de família?

Wade tentou novamente.

— Anna, precisamos saber sobre o seu passado. Você foi adotada?

A gargalhada de Anna era irônica.

— Como se você não soubesse.

Kent, que estava sentado mais próximo, inclinou-se para ela.

— Por favor, Anna, isso é muito importante. Conte-nos o que você sabe sobre seus pais e onde você nasceu.

Ela se virou para ele com um sorriso conspiratório.

— Você está aqui porque está na minha linhagem. Eu sou descendente dos nórdicos, sabe? — Ela juntou as mãos cuidadosamente no colo. — Os Greys não tiveram nada a ver com isso.

Nina estava perdida.

— Anna, do que você está falando?

Ela apontou para Kent.

— Ele pode dizer a você.

Se Anna pensou que isso esclareceria as coisas, ela estava muito enganada. Nina tinha ficado animada para entrevistar o único parente de sangue direto conhecido do Cifra, certa de que conseguiria exatamente o que precisava para rastreá-lo. Em vez disso, estava ouvindo uma louca tagarelar enquanto o relógio tiquetaqueava. Ela lançou a Kent um olhar interrogativo.

Ele parecia estar reprimindo um enorme revirar de olhos.

— Eu já passei por isso antes devido à minha... aparência. — Ele apertou a ponte do nariz debaixo da armação preta e grossa de seus óculos. — Há pessoas que acreditam em uma raça de extraterrestres humanoides do aglomerado estelar das Plêiades, que se assemelham aos escandinavos. Eles são referidos pelos ufólogos como “nórdicos”. — Ele fez uma careta. — Isso é diferente dos “Greys”, que são pequenos e de pele cinzenta, com grandes olhos escuros.

Nina teria dado risada se a situação não fosse tão séria. Como eles conseguiriam informações úteis de Anna? Ela havia sido treinada na academia para não ceder às ilusões das pessoas, que era o que Wade e Kent haviam feito. Então decidiu por uma abordagem um pouco diferente.

Adotando uma expressão de extrema sinceridade, ela encarou Anna.

— Pode haver algo no seu DNA que seja muito útil para nós. Para obter essa informação, precisamos saber sobre as suas origens. Todos os arquivos que temos sumiram.

— Bem, por que diabos você não disse logo? — disse Anna. — Meus pais... não biológicos, obviamente... foram à Clínica Borr quando descobriram que não podiam ter filhos. Eles não queriam adotar e ouviram falar do laboratório do dr. Borr por meio de amigos de Washington, DC. — Ela olhou para o teto, tentando se lembrar. — Não me lembro dos nomes deles, mas tenho certeza de que trabalhavam para o governo.

Surpresa por ter feito Anna falar, Nina se ateve aos detalhes relevantes.

— Quem é o dr. Borr?

— Você sabe, o famoso geneticista. Ele foi pioneiro na prole geneticamente modificada. Disse aos meus pais que eu seria especial. — Ela baixou a voz para um sussurro conspiratório: — Mas é claro que ele não disse que o bebê seria meio extraterrestre. — Seus olhos voaram para Kent.

— Você sabe onde fica a clínica dele? — Nina perguntou, tentando mantê-la no caminho certo.

— Cerca de uma hora daqui, bem ao lado — Ela apontou um dedo para Breck. — Ei, o que diabos você está fazendo?

Breck rapidamente guardou o celular.

— Nada.

— Você estava tirando fotos minhas. Eu vi você.

— Eu só queria, você sabe, tirar algumas fotos de sua cabeça e características faciais.

Nina gemeu por dentro. Breck nunca deveria, sob nenhuma circunstância, trabalhar sob disfarce. Ela seria a pior mentirosa de todas.

Anna ficou de pé, apontando para a porta da frente, bem reforçada.

— Saiam. Todos vocês.

Apesar das repetidas garantias de que não havia nada a temer, Anna permaneceu inflexível. Em sua mente, eles haviam cruzado o limite ao fazerem medições secretas de seu corpo sem sua permissão. Ela disse que havia sido abduzida muitas vezes, sofria de síndrome do estresse pós-traumático por causa disso e não toleraria mais nenhuma sondagem, exames ou perda de tempo.

Uma enxurrada de acusações salpicadas de obscenidades os seguiu enquanto subiam na elegante van preta e instruíam o motorista a voltar para Quantico. Nina olhou pela janela lateral escura para ver Anna de pé na varanda da frente, ambos os dedos do meio no ar.

A van manobrou para a estrada principal quando ela olhou para Kent, que estava sentado no banco à sua frente.

— Eu não sabia que você tinha parentes nas Plêiades. Wade riu.

— Isso certamente explica algumas coisas.

— Eu vou ter que relatar isso para a nave-mãe — disse Kent, inexpressivo. — E infelizmente também vou ter que apagar a memória de vocês.

— Eu não sei sobre bebês híbridos alienígenas — disse Breck, digitando no celular. — Mas o dr. Borr administrava uma clínica de fertilidade em Bethesda.

— Acho que sabemos para onde vamos em seguida — disse Wade. — É exatamente disso que Fanning estava

falando. Devemos conseguir um mandado de busca para registros médicos se eles não nos concederem acesso.

Breck franziu a testa para sua tela.

— Isso se a clínica não tivesse sido incendiada cerca de trinta anos atrás.

— O que aconteceu? — Nina perguntou.

— De acordo com essa notícia, a clínica foi fundada pelo dr. Wayland Borr, que anunciava seus serviços para casais que quisessem criar “descendentes superiores”. — Breck fez aspas no ar em torno das duas últimas palavras. — Ele chamou de Projeto Borr.

Um calafrio percorreu a espinha de Nina.

— Descendentes superiores?

Breck apertou os lábios.

— Ele coletou óvulos e esperma exclusivamente de doadores caucasianos selecionados de acordo com uma ótima saúde genética e um QI de nível genial.

— Inacreditável — disse Kent.

— A mídia local fez uma reportagem sobre a clínica. — Breck continuou lendo enquanto a van manobrava na rodovia. — Descreveu o Projeto Borr como um experimento de eugenia moderno. No dia seguinte à divulgação da história, alguém incendiou todo o prédio.

— A clínica reabriu? — Nina perguntou.

— De acordo com esta reportagem, o dr. Borr cometeu suicídio pouco tempo depois. A clínica nunca reabriu.

— Precisamos de acesso aos arquivos dele, quaisquer registros que ele manteve — disse Wade.

— Espere um segundo. — Breck passou o dedo pela tela. — O obituário menciona um filho sobrevivente. Ele provavelmente estaria na casa dos quarenta anos agora. Se ele herdou a propriedade da família, estaria a uma distância de uma hora de carro daqui, em Potomac, Maryland. Fica no nosso caminho de volta para a

Virgínia. Poderíamos passar lá e conversar com ele, ver se ele tem alguma documentação do pai.

— Vou ligar para o Buxton — Wade afirmou. — Diga ao motorista para seguir em direção a Potomac.

Capítulo 35

E NQUANTO NINA estava sentada no banco ao lado de Wade, o motorista estacionou a van em uma calçada circular de paralelepípedos. Breck fechou o laptop e Kent soltou o cinto de segurança enquanto eles paravam. Um homem de cabelos escuros com uma camisa polo preta e calças cargo estava nos degraus da frente de uma mansão, aparentemente pronto para recebê-los.

— Parece que o sr. Borr não recebe muitos visitantes — disse Wade. — E não os quer.

Eles tiveram acesso ao portão da frente pelo interfone, onde lhes foi negada a oportunidade de uma visita não anunciada, mas confirmado que Gavin Borr estava em casa.

Jovem demais para ser o filho de 45 anos do dr. Borr, o brutamontes parado sob o pórtico tinha que ser um segurança particular.

— Por que Borr acha que precisa de um soldado tático para guardar a propriedade? — Nina perguntou. — Aqui é Potomac. O que ele acha que vai acontecer com ele em um dos subúrbios mais ricos da área metropolitana?

Kent olhou pela janela, estreitando os olhos para o homem.

— Ele não é um soldado tático, ele é um cara fingindo ser.

Ela imaginou que o histórico de Kent nas Forças Especiais lhe dava a capacidade de distinguir os verdadeiros dos fingidos.

— Ainda assim — disse ela, abrindo a porta —, Gavin Borr deve se sentir ameaçado.

Eles saíram e permitiram que o funcionário inspecionasse suas credenciais antes de o seguirem para dentro, deixando novamente o motorista à espera deles na van. Depois de conduzir Nina e sua equipe para o que ela supôs ser o escritório, ele fechou as pesadas portas duplas de madeira atrás de si.

Um homem magro e pálido com cabelos platinados com entradas de calvície os cumprimentou.

— Por favor, sentem-se. Gostariam de beber alguma coisa?

Eles recusaram, olhando ao redor da sala bem equipada. Nina olhou para as prateleiras altas de madeira repletas de livros. Mesmo para seus olhos destreinados, alguns pareciam muito velhos e muito caros. Um globo terrestre do tamanho de uma bola de praia repousava em uma moldura de madeira no canto mais distante. As pessoas ainda tinham globos? Com guerras constantes em todo o mundo, parecia-lhe que seriam obsoletos antes mesmo de serem concluídos, ainda mais depois de ficarem anos nas prateleiras da biblioteca particular de alguém.

A voz áspera de Borr a tirou de seu devaneio.

— A que devo o prazer de uma visita do FBI?

Sentado em uma poltrona estofada, ele não se levantou para cumprimentá-los. Suas palavras eram casuais, mas suas repetidas lambidas nos lábios e o torcer das mãos no colo entregavam a ansiedade. A aparição de quatro agentes federais em sua porta tendia a ter esse efeito, mas Nina teve a impressão de que o homem sofria de nervosismo na maior parte do tempo. Suas feições estranhamente pálidas, os olhos

avermelhados e os ombros ligeiramente curvados davam-lhe o comportamento geral de um rato de laboratório encolhendo-se no canto de uma gaiola quando o cientista se aproximava.

— Estamos aqui para falar sobre seu pai, o dr. Wayland Borr, e o trabalho dele — Nina começou. — Pode nos contar sobre a clínica?

Os lábios finos de Borr se curvaram para baixo.

— Aquela maldita clínica. — Ele gesticulou para que eles se sentassem no sofá macio e nas cadeiras ao redor da mesa de centro ornamentada no meio da sala. — É como se eu nunca pudesse me livrar daquilo.

A reação foi inesperada. E intrigante. Com base no que Breck havia descoberto no caminho, Nina arriscou:

— É por isso que você tem segurança privada?

Os pequenos olhos dele se aguçaram enquanto os observava se sentarem.

— Algumas pessoas ainda nos chamam de nazistas. É um absurdo. Nem somos descendentes de alemães. — Ele ergueu o queixo. — Meus ancestrais são da Holanda. O nome Borr também é predominante na mitologia nórdica. Borr é o pai do deus caolho Odin, que é o pai de Thor.

Ela teria que o colocar de volta nos trilhos ou aquela entrevista seria tão ruim quanto a de Anna Grable.

— Sr. Borr, pode explicar por que a clínica do seu pai o deixou preocupado com sua segurança?

— Tudo começou porque meu pai queria ajudar casais inférteis. Só que ele decidiu que, em vez de pegar doadores aleatórios, selecionaria homens e mulheres saudáveis e de inteligência superior. — Borr deu de ombros. — Qual é o mal nisso?

A pergunta levou Nina de volta aos seus dias no orfanato, vendo os futuros pais passarem por ela para bajular as outras meninas.

— Aparentemente, algumas pessoas se ofenderam com o fato de os doadores serem exclusivamente caucasianos.

— Você parece aquele repórter falando — disse Borr. — Aquele que escreveu essa história e começou todo o escândalo. Algum troglodita incendiou a clínica logo depois de a história ter sido publicada, então toda a nossa família começou a receber ameaças de morte. Eu estava no ensino médio quando isso aconteceu. Meu pai não aguentou, então ele... — Seus olhos endureceram. — Depois de todos esses anos, ainda somos assediados. Eu nunca vou perdoar aquele maldito repórter. Ele distorceu tudo o que meu pai tentou fazer. Pintou-o como uma espécie de fanático racista. Meu pai era um visionário. Um homem da ciência. Estava tentando fazer a humanidade avançar, selecionando uma progênie geneticamente vantajosa.

Ela ficou boquiaberta. Borr, um produto de sua educação, acreditava estar falando algo totalmente razoável. Relutante em dissuadi-lo disso tão cedo no processo de entrevista, ela engoliu a réplica que estava na ponta da língua e redirecionou sua linha de questionamento.

— Algum registro foi salvo depois que a clínica foi incendiada?

— Você não é a primeira a perguntar sobre isso. Filhos adultos de alguns dos clientes dele entraram em contato comigo ao longo dos anos em busca de informações sobre seus pais biológicos. — Borr acenou com a mão desdenhosa. — Lembro a eles que isso foi há mais de trinta anos, antes que houvesse uma nuvem digital. Meu pai guardava os registros em papel em caixas de arquivo. Ele fez *backup* deles em disquetes de cinco polegadas. Infelizmente, ele armazenava esses arquivos e discos no local. — Borr afundou na cadeira. —

Graças a esses incendiários, não sobrou nada dos registros.

Sua mente se rebelou com o pensamento de outro beco sem saída depois de ter chegado tão longe.

— Você não tem nada? Algum caderno perdido que ele possa ter levado para casa?

— Nada.

— E um parceiro de negócios ou um investidor na sua clínica?

— Meu pai era um cientista incomum por ter meios independentes. Quando ninguém quis fazer parceria com ele, ele simplesmente fundou a clínica por conta própria.

— Ele tinha funcionários? Um advogado? Um contador?

— Sim para todos os três, mas eles não têm nenhuma informação sobre as identidades dos clientes do meu pai. Acredite, eu tentei. Parece que meu pai se esforçou muito para garantir o anonimato dos doadores e futuros pais. As coisas eram diferentes naquela época. Havia muito mais liberdade para que tais acordos fossem mantidos em sigilo.

Nina tentou entender a enormidade do problema.

— Por quanto tempo a clínica funcionou? Você pelo menos sabe quantos bebês nasceram?

— A clínica ficou aberta por cerca de três anos. Não tenho certeza de quantas gestações bem-sucedidas houve, mas, pelos comentários que ele fazia de vez em quando durante o jantar, calculo algo entre cinquenta e cem. Os casais que criaram os filhos não tinham vínculo biológico com seus bebês — continuou Borr. — Os embriões foram criados a partir de esperma e óvulos de doadores, depois implantados na mãe ou, em alguns casos, em uma barriga de aluguel.

— Há mais alguma coisa que possa nos ajudar?

— Acho que fui muito útil, especialmente porque você não me contou do que se trata. Agora é minha vez

de fazer perguntas.

Ela se preparou para o inevitável.

Os olhos muito claros de Borr ficaram calculistas.

— Eu vi vocês quatro no noticiário. Vocês estão investigando aquele *serial killer*, o Cifra. — Ele fez uma pausa como se esperasse uma reação. Não obtendo nenhuma, continuou: — Eu não sou um homem estúpido, agente Guerrera. Dado quem vocês estão perseguindo e dada sua visita urgente e não anunciada à minha casa para perguntar sobre os registros do meu pai, só posso concluir que vocês têm um suspeito. Alguém que foi concebido como parte do Projeto Borr.

Wade interrompeu antes que Nina pudesse responder.

— Não podemos confirmar nem negar isso, sr. Borr.

Borr soltou uma risada ofegante.

— O que tomarei como confirmação absoluta. — O sorriso morreu em seus lábios. — Tenho apenas um pedido. Mantenha a clínica fora disso. Se a notícia de que os experimentos do meu pai tiveram alguma coisa a ver com isso se espalhar, toda a nossa família se tornará pária novamente.

— Não compartilhamos nossas pistas de investigação com ninguém — garantiu Wade.

— Mais cedo ou mais tarde, a verdade será revelada, como diz o ditado. Sempre é. — Borr apontou um dedo ossudo para eles. — Eu quero que vocês entendam uma coisa. Essa vai ser uma dificuldade para todos que nasceram como resultado da clínica. Se um deles for um assassino psicótico, o resto cairá sob suspeita. A vida dessas pessoas vai ser interrompida. Eles serão acusados de serem produtos de um experimento de eugenia conduzido por um cientista louco. Esses são os tipos de coisas que fui forçado a ouvir durante toda a minha vida.

Algo na maneira como ele falou despertou as anteninhas de Nina.

— Por que você?

Ele se encolheu.

— Eu não me expressei bem. — Ele disse isso um pouco rápido demais.

— Você foi uma das crianças concebidas na clínica?

Borr olhou para eles com tanto veneno que Nina pensou que ele poderia enxotá-los para fora da casa como Anna Grable tinha feito. Ela manteve sua posição, esperando-o. Por fim, ele pareceu murchar.

— Minha mãe era estéril. Foi uma das razões pelas quais meu pai começou a estudar fertilidade.

Aquilo estava ficando cada vez mais interessante.

— Então o dr. Borr não é seu pai biológico?

Borr balançou a cabeça com firmeza.

— Ele usou seu próprio esperma, mas encontrou uma doadora de óvulos que era uma cientista da Nasa. Ela não tinha interesse em se tornar mãe, mas estava disposta a contribuir com seus óvulos. — Ele engoliu em seco. — Eu fui o primeiro protótipo. Meu pai implantou com sucesso o embrião na minha mãe. Infelizmente, ela morreu pouco depois de me dar à luz.

— Sinto muito.

Ele fez um aceno de desdém para a expressão de condolências.

— A questão é que algumas pessoas descobriram como eu nasci, e outras foram extremamente indelicadas. Meu pai sempre esperou grandes coisas de mim. Ele achava que eu me tornaria presidente, curaria o câncer ou projetaria cidades. Em vez disso, ele teve um filho com um QI acima da média, mas que era normal em muitos aspectos e sofria de problemas de saúde. Acredito que fui uma decepção para ele.

Ela sentiu um formigamento percorrer seu corpo. Seus sentidos ficaram em alerta máximo, sinalizando que

ela estava na trilha de alguma coisa.

— Ele maltratava você?

Ela se lembrou do perfil anterior de Wade, no qual ele supôs que o Cifra havia sido abusado por uma figura paterna. Sabia que Borr não era seu suspeito, mas talvez eles tivessem mais em comum do que a forma como tinham vindo ao mundo.

— Ele quase não me notava — disse Borr. — Só estou contando isso porque tenho uma espécie de parentesco com as outras pessoas que vieram da clínica. Eles são todos adultos agora e deveriam ter permissão para levar uma vida normal, livre de expectativas de grandeza ou, se o Cifra for um deles, suspeitas de maldade ou de questionamentos sobre sua saúde mental.

— Eu concordo, sr. Borr. Biologia não é destino — disse Wade. — Talvez seja algo que seu pai deveria ter considerado ao selecionar potenciais doadores.

Borr enrijeceu.

— Acredito que é hora de todos vocês irem embora.

— Suas palavras estavam cobertas de gelo. — Já abusaram da minha hospitalidade por tempo suficiente.

— Nós apreciamos sua...

— Gregory vai acompanhar vocês. Não voltem a menos que tragam um mandado de busca.

Eles seguiram Gregory pela casa até a porta da frente. Ereto e empertigado em suas roupas pretas de soldado tático, ele silenciosamente os conduziu até a van que os esperava.

Quando todos entraram no banco de trás e afivelaram o cinto, Nina refletiu que haviam deixado as duas residências com uma nota amarga e de mãos vazias. Não era um bom dia para o FBI.

O motorista conduziu a van pelos elaborados portões da frente e voltou ao tráfego da estrada.

— Isso não acabou bem — disse Nina, a ninguém em particular.

— Conseguimos tudo o que podíamos — disse Wade.
— Eu o observei de perto. Ele não estava ocultando informação.

— Eu o observei também — disse Kent. — E estou convencido de que ele é totalmente conivente com o preconceito do pai. Ele pode mentir para si mesmo o quanto quiser, mas é exatamente isso que acontece quando você seleciona apenas candidatos da sua própria raça para o programa. — Ele soltou um suspiro exasperado de contrariedade. — Progenie geneticamente favorecida uma ova.

Nina deu um sorriso disfarçado para Kent. Ele era exatamente o tipo que o dr. Borr teria escolhido, embora ele jamais fosse ser conivente com o homem ou seu projeto.

Kent sorriu de volta, reconhecendo seu sentimento compartilhado. Ela notou Wade observando a comunicação silenciosa com uma expressão de avaliação franca.

— Enviei uma mensagem para Buxton — disse Breck, alheia à troca. — Ele está nos ligando agora.

Ela estendeu o telefone para que todos pudessem ouvir.

— Vocês podem falar livremente? — perguntou Buxton.

— Estamos seguros — disse Wade. — Vá em frente.

— Me contem as notícias. — Como sempre, Buxton não perdia tempo com sutilezas.

Wade, como agente principal de sua equipe, forneceu uma visão geral das informações que tinham obtido com o filho do dr. Borr. Buxton ficou furioso ao saber que os registros da clínica haviam sido destruídos no incêndio, o que tornava inútil sua única pista promissora para identificar o Cifra.

Desta vez, ele havia escorregado pela rede de arrasto sem nem fazer esforço.

— Alguma das outras pessoas na lista de Fanning foi entrevistada? — Breck queria saber. — Como foi com eles?

O som de papéis sendo afastados precedeu a resposta de Buxton.

— Agentes de campo locais contataram todos eles pessoalmente. Alguns sabiam sobre o Projeto Borr; outros não. Os pais que os criaram aparentemente tomaram suas próprias decisões sobre o quanto dizer a eles.

Nina fez uma careta.

— Aposto que isso gerou algumas discussões familiares constrangedoras para aqueles que não sabiam.

— Sem dúvida — disse Buxton. — Depois que vocês nos ligaram, pesquisamos o dr. Borr e a clínica. De acordo com o dr. Borr, as crianças deveriam representar um grande salto para a humanidade, mas nossas entrevistas de campo e verificações de antecedentes não revelaram nada de incomum sobre os que nasceram como fruto desse programa. Alguns eram extremamente brilhantes e talentosos, mas outros viviam vidas comuns e pareciam ser... medianos.

Nina ficou fascinada com as implicações.

— Então o projeto do dr. Borr não garantia nada. Na verdade, seu próprio filho admitiu que não correspondeu às expectativas do pai.

— Pela lei das médias, uma certa porcentagem da população ficará nas faixas logo acima e abaixo do QI médio de cem — disse Buxton. — Entre os entrevistados, havia um artista, um dentista, algumas donas de casa, alguns professores, um cientista aeroespacial e um zelador.

Nina se inclinou contra o encosto de cabeça, processando a informação enquanto a van avançava pelo tráfego intenso.

— Então, agora temos um assassino, possivelmente com um QI alto, que acredita ser superior a todos os outros?

Wade respondeu a ela:

— Se os pais dele lhe contaram sobre a clínica, então sim.

— O que o torna ainda mais perigoso — disse Buxton, colocando em palavras os pensamentos que giravam na mente dela. — Vamos nos encontrar amanhã cedo na sala de reuniões.

— Como as outras equipes estão progredindo, senhor? — Nina perguntou, esperançosa de que a tarefa tivesse feito progresso em outras frentes durante sua ausência.

— Os criptoanalistas continuam trabalhando no poema — disse Buxton. — Ainda não há avanços. Esta não é uma equação matemática, um anagrama ou um código, então não é realmente sua área de especialidade. Vocês todos deveriam quebrar a cabeça juntos no caminho de volta. Talvez cheguem a alguma conclusão.

Ela faria sua missão desvendar aqueles versos estúpidos antes que eles passassem pelo posto de controle em Quantico.

— Você conseguiu alguma foto de Anna Grable, agente Breck? — perguntou Buxton.

— Eu tirei seis antes de ela me pegar — disse Breck. — Vou trabalhá-las na imagem de computador que temos, usando algoritmos preditivos para melhorá-la ainda mais. Quando chegarmos, teremos uma imagem melhor para acompanhar.

— Devemos mostrar para Sorrentino? — Nina perguntou, ansiosa pelo progresso.

Wade respondeu imediatamente.

— Não é uma boa ideia. Eu não confio nele para ficar quieto. Ele não evitaria chantagear alguém se reconhecesse a imagem nem deixaria de aceitar um

suborno para nos levar pelo caminho errado. Eu também não recomendo sair mostrando pelo clube de luta. Todos nós sabemos o que aconteceu da última vez que começamos a farejar por lá.

Ele não precisava mencionar Chandra Brown pelo nome para que todos entendessem a mensagem.

Breck assentiu em compreensão.

— A imagem deve ser boa o suficiente para ajudar a equipe a revisar os suspeitos do clube de luta para eliminar alguns deles. Vou direcionar para eles assim que finalizar. Acho que isso é o melhor que vamos conseguir.

A culpa inundou Nina. Ela estava tão determinada a perseguir essas pistas, e agora tinham perdido um dia inteiro. Precisavam compensar isso.

— Senhor, eu gostaria de falar com ele mais uma vez.

Ela se encolheu por dentro ao pensar no que ele lhe diria. Suas últimas mensagens foram grosseiras e provocativas. Agora que ele havia mostrado o primeiro minuto do vídeo, iria provocá-la implacavelmente. Mas ela havia decidido que lidaria com o que ele dissesse, desde que isso a deixasse um passo mais perto de colocá-lo atrás das grades pelo resto de sua vida miserável.

Para sua surpresa, Buxton concordou prontamente.

— Vou fazer com que o Crimes Cibernéticos coloque os perfis dele de volta no ar. Temos um silêncio sepulcral desde o vídeo, o que é perturbador, porque significa que ele provavelmente está ocupado fazendo outras coisas ou criou novos perfis que ainda não conhecemos.

— Improvável — disse Breck. — Se ele criasse um novo perfil, não teria seu público. Seus seguidores não poderiam encontrá-lo, a menos que ele deixasse claro que havia migrado e, nesse caso, nós o encontraríamos também.

Kent opinou:

— Acho que ele está ativo offline, o que não é bom para nós. Autorizo Guerrera a entrar em contato, mas vá em frente e reative-o esta noite. Ele pode fazer algo para nos alertar.

— Vamos torcer para um novo desdobramento — disse Buxton. — O prazo dele está chegando até nós como um caminhão desgovernado. Precisamos de algo para tirá-lo da pista antes que nos atinja em cheio na cara.

Capítulo 36

NINA AFUNDOU no banco estofado da van, grata pela generosidade de Buxton. Conseguir um motorista e uma das melhores vans do Bureau oferecia o espaço e a privacidade de que precisavam para levar a investigação adiante enquanto estavam em trânsito.

— Vamos detalhar o perfil — disse Kent a Wade. — Teremos mais a oferecer à equipe que está trabalhando nos lutadores de MMA.

— Podemos ser mais definitivos sobre a idade dele agora — disse Wade. — Com base nos anos em que a clínica estava aberta, ele tem entre 32 e 34 anos.

O que significava que o Cifra tinha entre 22 e 23 anos quando a atacara, onze anos antes. Ela realmente havia sido sua primeira vítima? Nina manteve os pensamentos para si mesma, ouvindo os dois criadores de perfil trocarem ideias.

Kent lançou um olhar para Breck, que estava sentada ao seu lado.

— A imagem gerada por computador a partir do perfil de DNA e a memória de Guerrera também nos dizem que ele é um homem branco, com aproximadamente um metro e oitenta de altura, pele clara e olhos azuis. Isso combinaria com o tipo físico da irmã.

— Qual é a maneira mais rápida de diminuir a lista de Sorrentino? — Nina interrompeu, ansiosa para passar

a discussão da teoria para a informação acionável. —
Alguma coisa para facilitar a vida da força-tarefa?

Wade falou rapidamente:

— Depois de eliminar todo mundo que não esteja na faixa etária correta, não corresponde à descrição física e não estava lutando durante os ataques, eles devem procurar um homem que não esteja em um relacionamento estável, seja um solitário e tenha um trabalho bem abaixo de suas capacidades, apesar do QI.

Kent assentiu.

— O temperamento dele impediria o avanço na carreira.

— Ele será agressivo com os outros no clube — continuou Wade. — Até no vestiário. Ele é arrogante e deixa claro para quem quiser ouvir que ele é superior. E também vai gostar muito das reações do público. A equipe deve procurar os favoritos dos fãs.

— Ele teve que manter um perfil discreto quando era o Maníaco da Beltway — continuou Kent. — Então provavelmente se alimentou dos espectadores durante suas lutas, mas agora que mudou seu MO, ele não precisa mais se esconder. Mesmo assim, a necessidade de adulação sempre fez parte do personagem.

— Ele precisa de adulação? — indagou Nina, curiosa sobre esse aspecto de seu adversário. Ele sempre parecera extremamente confiante para ela.

— Apesar da arrogância e do sentimento de superioridade, ele é claramente um homem inseguro — disse Wade. — O que o faz querer dominar todos ao seu redor. A violência nos combates de jaula é uma maneira de ele afirmar o controle sobre outros homens, mas não há uma maneira socialmente aceitável para ele dominar fisicamente as mulheres. — Ele ergueu as sobrancelhas. — E ele sente muita raiva das mulheres.

— Por quê? — Nina se perguntava o que poderia tê-lo levado a tanta raiva.

— Ele pode ter sido rejeitado por meninas desde muito jovem, pode ter visto o pai abusar da mãe e passado a acreditar que é assim que as mulheres devem ser tratadas, ou sua mãe pode tê-lo maltratado. — Kent deu de ombros. — Qualquer que tenha sido a dinâmica familiar, é seguro considerar que ele teve um relacionamento disfuncional com um ou ambos os pais adotivos.

Incapaz e sem vontade de mergulhar fundo o suficiente para empatizar com um assassino sádico, Nina deixou que os perfiladores escavassem o cérebro dele. Ela se esgueirou no banco ao lado de Breck, que já havia enviado a imagem atualizada gerada por computador para a força-tarefa e estava mastigando um mix de castanhas.

Ela se lembrou da promessa de decifrar a pista com os versos antes que chegassem.

— Você pode puxar aquele poema? Eu gostaria de ver se alguma coisa que descobrimos hoje deixa alguma ponta solta.

— Claro. — Breck parecia mais feliz com seu laptop funcionando. Ela o abriu para que Nina pudesse ver e clicou em um ícone na área de trabalho.

Nina leu os versos novamente.

***EM SILÊNCIO, ELA ESPERA, NOITE E DIA.
VIVENDO COM O GUARDIÃO DA LUZ.
ELA OS VÊ CHEGAR, ELA OS VÊ IR. O QUE
TEM NO CORAÇÃO NINGUÉM PODE SABER.***

— Não são exatamente pentâmetros iâmbicos — disse Breck.

— A equipe de Criptoanálise achava que o segundo verso poderia se referir a um faroleiro — disse Nina, lembrando sua reunião anterior. — Por que você não

pesquisa os faróis famosos dos Estados Unidos no Google?

Ambas examinaram uma longa lista de estruturas, de Puget Sound, em Washington, a Key West, na Flórida. O número de opções era assustador.

— Vamos começar com a Costa Leste — Nina sugeriu.

Mais alguns cliques as deixaram ainda com dezenas de faróis a serem considerados.

Breck balançou a cabeça.

— Eu me sinto como um cão de caça com uma infecção sinusal tentando seguir esse rastro de pistas.

Em particular, Nina concordou, mas decidiu continuar.

— Pode me passar algumas dessas nozes? Estou morrendo de fome.

Breck entregou-lhe o saquinho.

— Eu já comi todas as nozes. São as únicas que valem a pena, na minha opinião.

— Eu não sou exigente. Aprendi a comer o que quer que fosse colocado na minha frente quando era criança.

— Ir de casa em casa, às vezes não tendo o suficiente, havia curado Nina de qualquer frescura com comida.

— Eu não. Prefiro passar fome...

Nina imaginou que apenas alguém que nunca havia experimentado a verdadeira fome diria uma coisa dessas.

— Isto, por exemplo. — Breck ergueu um amendoim.

— As pessoas pensam que eu amo amendoim porque sou da Geórgia. Um fazendeiro de amendoim é eleito presidente e, de repente, todo mundo do nosso estado parece estar louco pelos malditos amendoins. — Ela riu um bufo irônico. — Os verdadeiros sulistas sabem que a única maneira de um amendoim ser bom é se for fervido na casca em água salgada. Caso contrário, coma as nozes primeiro.

— Eu experimentei torta de nozes uma vez — disse Nina. — Não posso dizer que achei uma maravilha.

— Ah... Deus abençoe — disse Breck. — Você deve ter cravado os dentes em algo da seção de congelados do supermercado. — Ela estremeceu. — E não poderia ter sido uma torta de nozes de verdade, a menos que viesse fresca do forno e houvesse *bourbon* nela.

— *Bourbon*?

— É assim que eles fazem a torta em Savannah, de onde eu venho. Na verdade, se você quiser provar a melhor torta de *bourbon* e noz-pecã, você tem que ir ao restaurante Pirate's House ao lado do rio Savannah, é...

— Breck parou, boca aberta, olhos arregalados. — Ai. Meu. Deus.

Nina agarrou seu braço.

— O quê?

— Espere um segundo. — Ela digitou furiosamente, então um sorriso enorme surgiu, as bochechas rosadas enquanto ela empurrava o computador para mais perto de Nina.

A imagem de uma estátua preencheu a tela. Nina estudou a jovem e o cachorro homenageados em bronze. Os braços da garota estavam acima da cabeça, segurando algo que parecia uma bandeira balançando ao vento.

— Tem que ser isso — Breck sussurrou. — Droga. Minha mãe nunca teria me perdoado se eu não tivesse chegado a essa conclusão.

— Chegado ao quê? — disse Wade. Ele e Kent sem dúvida tinham ouvido a mudança de tom e estavam ansiosos para ouvir o que estava acontecendo.

Breck olhou para eles, olhos verdes brilhantes.

— Esta é uma estátua de Florence Martus, a *Garota Acenando*.

Kent cruzou os braços.

— Finja que nunca ouvimos falar de Florence Martus e nos conte.

Breck apontou para a primeira linha do poema enquanto ela explicava.

— Por mais de quarenta anos, Florence saudou todos os navios que chegavam ao porto de Savannah. De dia, ela acenava com um lenço em saudação, à noite, ela usava uma lanterna.

Nina releu a abertura.

EM SILÊNCIO, ELA ESPERA, NOITE E DIA.

O dedo de Breck moveu-se para a segunda linha.

— Ela nunca se casou e morava com seu irmão, que era o faroleiro da Ilha de Elba.

VIVENDO COM O GUARDIÃO DA LUZ.

Nina percebeu o entusiasmo de Breck enquanto pulava para a próxima parte.

ELA OS VÊ CHEGAR, ELA OS VÊ IR.

— Florence acenou para os navios, quer fossem entrando no porto, quer partindo para o mar — continuou Breck.

— E a última linha? — Nina perguntou enquanto lia.

O QUE TEM NO CORAÇÃO NINGUÉM PODE SABER.

O sorriso de Breck se alargou.

— Reza a lenda que Florence nunca se casou, porque se apaixonou por um marinheiro que prometeu voltar para buscá-la um dia, mas nunca voltou. Ninguém sabe se tem algum fundo de verdade nisso.

— O que tem no coração ninguém pode saber — disse Nina. — Tudo se encaixa.

— Vamos entrar em contato com a força-tarefa — disse Wade. — Precisamos de alguém do escritório local de Savannah para ir até essa estátua imediatamente. — Ele puxou o celular do bolso e o entregou a Breck, permitindo que ela levasse o crédito.

— Vou ligar para Savannah agora — disse Buxton, pelo viva-voz, depois de ouvir sua explicação rápida. — Em breve teremos uma resposta. Volto a falar com vocês em seguida.

Eles trocavam ideias de um lado para o outro enquanto esperavam, tentando descobrir como o Cifra poderia ter ido de Boston a Savannah tão depressa. Eles concluíram que ele teria que voar. Enquanto discutiam a melhor maneira de rastrear possíveis voos e aeroportos, o telefone tocou.

— Venha aqui.

A voz de Buxton entregou seu entusiasmo.

— Bingo.

Essa simples palavra deu a Nina mais esperança do que ela sentiu em dias.

— O que eles encontraram?

— Enviei um JPEG para o e-mail da agente Breck — disse Buxton. — Estava em uma folha de sulfite padrão lacrada em um envelope colado ao pé da plataforma da estátua. A Equipe de Recuperação de Evidências local está analisando para obter provas forenses neste exato momento. Enquanto isso, eles fizeram uma cópia para nós examinarmos.

Breck acessou o servidor privado do FBI e abriu o arquivo no seu e-mail.

— Recebido. — Ela deu um zoom.

Nina observou a imagem ampliada. Um quadrado que consistia em um mosaico fragmentado de linhas irregulares com ângulos agudos preenchia a parte

superior do cartão. Cada espaço segmentado continha números impressos.

— Os criptoanalistas acham que contém uma imagem oculta — disse Buxton. — Eles estão trabalhando nisso agora, mas vocês podem tentar a sorte no resto da viagem.

— Ao contrário do poema, isso parece envolver matemática, então eles provavelmente serão mais rápidos na resolução — disse Breck, o desapontamento evidente em seu tom. — Cada forma dentro das linhas tem um número diferente.

— E há centenas de números — disse Buxton.

— Vamos trabalhar nisso até chegarmos lá, o que será em cerca de uma hora — disse Nina.

— Como a agente Breck apontou, isso parece mais um problema para os criptoanalistas. — O tom de Buxton não admitia discussão. — Vocês todos já fizeram o suficiente por um dia. Vejo vocês no *briefing* amanhã de manhã. Quero todos vocês descansados e na melhor forma. — Ele fez uma pausa. — E mais uma coisa. Arrumem uma mala nova antes de virem. Vocês estarão na estrada outra vez assim que decifrarmos o novo código.

Capítulo 37

NINA HAVIA subido o último lance de escadas para encontrar Bianca esperando por ela. Novamente. A garota devia ter uma câmera configurada para monitorar sua vaga de estacionamento no prédio. Nada que Bianca fizesse a surpreenderia.

Ela passou por sua rotina habitual de destrancar a porta e desativar o alarme antes de jogar sua pasta no minúsculo *hall* de entrada, onde ficou encostada na parede. Bianca a seguiu para dentro.

— Todas as redes sociais do Cifra estão de volta no ar — disse Bianca, sem preâmbulos. — Não é inteligente, se você quer saber a minha opinião.

Nina levantou uma sobrancelha.

— Eu sei que você não gosta disso, Bi, mas precisamos do Cifra online de novo. O Crimes Cibernéticos pode derrubar tudo de novo, se necessário.

Ela verificou as redes sociais do Cifra no caminho para seu apartamento. Ele ainda não havia postado a pista que levaria à estátua da *Garota Acenando*, em Savannah. Pelo menos eles ainda estavam à frente dos caça-fantasmas até agora.

— Bem, não me culpe. — Bianca empurrou o laptop aberto sobre a mesa da cozinha de Nina para encará-la. — A tabela de classificação que ele postou no Facebook está conseguindo mais visualizações do que nunca.

— Espere. — Nina se inclinou para a frente, percebendo algo que ela não havia notado antes. — Por

que o FBI está nesta lista?

Ela se lembrou de quando Breck lhe mostrou pela primeira vez a classificação que o suspeito criou com as cinco principais pessoas ou grupos que participavam de seu “jogo”. Julian Zarran ainda ocupava o primeiro lugar, seguido pelo Time FBI, em segundo lugar, e a Turma da Cerveja, em terceiro. A Onda Rosa havia sido substituída pela equipe que anteriormente estava no fim da lista.

— Acho que ele queria incluir os federais, então deu um nome a vocês e os colocou no lugar — disse Bianca.

— E quem é este em quarto lugar? Um grupo de estudantes universitários da George Washington. Eles se chamam de Dork Side.

Bianca desviou o olhar.

— Não faço ideia.

— Parece um nome que você e seus amigos inventariam. — Nina estreitou os olhos. — E, da última vez que verifiquei, você frequentava a Universidade George Washington.

— Ok, tudo bem. — Bianca ergueu as mãos. — Somos nós.

— Como você entrou na tabela de classificação dele?

— A Turma da Cerveja entrou resolvendo uma pista, e Zarran entrou oferecendo uma recompensa — disse Bianca. — Todo mundo na lista basicamente interagiu com a postagem dele e retuitou com comentários sobre como iam acabar com ele.

Bianca podia ter um QI nas proximidades do de Einstein, mas não era páreo para um psicopata.

— Deixe-o em paz — disse Nina. — Ele é...

Uma batida na porta interrompeu antes que ela pudesse começar a conversar de verdade. Praguejando, Nina se levantou para abrir.

A sra. Gomez estendeu uma caçarola de vidro cheia de empanadas.

— Para você — ela disse e marchou para dentro, passando por Nina.

— Sra. G, você realmente não deveria. Eu não estou com tanta fome. — Ela olhou para o prato que a sra. Gomez tinha agora colocado no centro da mesa. O aroma de carne marinada em molho de adobo era inebriante. — E, mesmo se eu estivesse, isso é comida suficiente para uma família de dez.

— Ela cozinha quando está chateada — disse Bianca. — Não saiu da cozinha desde que o vídeo foi divulgado.

A sra. Gomez deu a Bianca um olhar sombrio, mas não disse nada.

— É melhor você aceitar — disse Bianca. — Ela fez algo para todos no prédio.

— Você precisa comer — disse a sra. Gomez. — Manter as suas forças.

Quando a sra. Gomez apontou para a bandeja fumegante cheia de pastéis em forma de meia-lua, Nina notou seus olhos inchados e vermelhos e as olheiras embaixo deles.

Nina estendeu a mão para tocar seu braço.

— Não se preocupe comigo, sra. G.

— *Ay, mi hija* — disse a mulher, com a voz trêmula. — Não suporto ver o que aquele *cabrón* fez com você.

— Por que não se senta com a gente? — disse Nina.

A sra. G tirou um lenço do bolso do avental e assoou o nariz.

— Estou com comida no forno. — Ela se dirigiu para a porta, fez uma pausa e se virou para Nina. — Se as empanadas não fizerem você se sentir melhor... — ela puxou uma tequila do outro bolso do avental e colocou a garrafa na mesa ao lado da caçarola — ... experimente isso. — Ela começou a chorar e foi embora.

Nina virou-se para Bianca.

— Que diabos?

— É com isso que eu tenho lidado desde que o vídeo foi lançado. — Bianca deu-lhe um sorriso irônico. — Ela acha que você é filha adotiva dela também, sabe?

Nina rapidamente se desligou do calor que se espalhava por ela, mudando para um interrogatório suspeito, que era muito mais familiar para ela do que preocupação maternal.

Ela mirou seu melhor olhar sensato em Bianca.

— Estávamos discutindo como você e sua equipe vão desistir desta investigação.

— Hum... não — disse Bianca. — Nós estávamos falando sobre o quanto eu já ajudei. Sério, eu deveria estar na folha de pagamento do FBI. De que outra forma você saberia sobre as últimas novidades na Cifralândia?

Nina revirou os olhos. Ótimo, uma nova palavra adicionada ao léxico da internet.

— E agora?

— Sabe aquele idiota em Boston que tentou vender o envelope que encontrou colado em uma lata de lixo, colocando em leilão no eBay?

Nina fez que sim.

— Você me mostrou a listagem.

— O Cifra acabou de postar a pista no *feed* dele — disse Bianca. — Com um comentário de que o FBI não deveria ter permissão para manter isso em segredo. Diz que não é um jogo justo.

Nina gemeu. Todo o esforço necessário para localizar o vendedor do eBay e recuperar o envelope só tinha lhes dado uma vantagem de vinte horas. Eles usaram o tempo para localizar o quebra-cabeça que o Cifra havia colocado em Savannah, mas quanto tempo ele esperaria antes de postar esse na internet também?

Capítulo 38

NINA ESTAVA sentada no canto da sala lotada da força-tarefa no monitor ao lado da equipe de Crimes Cibernéticos, o primeiro copo de café da manhã descansando na mesa ao lado do *mouse pad*. Ela encarou a tela enquanto lia a mensagem.

CIFRA: ACHA QUE PODERIA TRAPACEAR E ESCONDER AS PISTAS DOS MEUS FÂS? EU DECIDO O QUE LANÇAR E QUANDO LANÇAR. NÃO VC, GAROTA GUERREIRA.

Quatro horas atrás, antes do amanhecer, uma equipe de caça-fantasmas havia descoberto que o poema do Cifra se referia à estátua da *Garota Acenando* e prontamente entrou na internet para reclamar que nenhuma pista adicional havia sido plantada lá. Em poucos minutos, o Cifra respondeu postando o quebra-cabeça no Facebook, Instagram, Twitter e Pinterest.

— Toda vez que avançamos, o filho da puta nivela o campo de jogo — disse Kent.

— Porque ele quer o caos — disse Wade. — Ele precisa de cobertura para o que está fazendo, e isso significa uma multidão. Se alguém do público não descobrir logo, ele vai postar a solução para o quebra-cabeça da imagem antes ou depois de atacar novamente, para causar o máximo de confusão.

— O que significa que precisamos resolver a maldita coisa primeiro, para que possamos passar a perna nele — disse Kent.

— Os criptoanalistas trabalharam nisso a noite toda.
— Ela olhou para o canto oposto. — Espero que estejam chegando perto.

Kent seguiu seu olhar.

— Enquanto isso, precisamos mantê-lo ocupado.

Nina começou a digitar.

— Que tal agora?

FBI: TEMOS UMA FORÇA-TAREFA INTEIRA NO SEU
RASTRO. NÓS VAMOS PEGAR VOCÊ.

CIFRA: NÃO SE EU PEGAR VOCÊ PRIMEIRO,
GAROTA GUERREIRA.

— Ele está tentando incomodá-la — disse Kent. —
Fique na mensagem.

FBI: VOCÊ PODE SE ENTREGAR COM SEU ADVOGADO.
NADA DE RUIM VAI ACONTECER.

CIFRA: VOCÊ ACHA QUE ESTOU COM MEDO
DE VOCÊ? DO FBI? O DR. JEFFREY WADE NÃO
APRENDEU NADA COM O ERRO DELE.

Franzindo o cenho, Wade se aproximou.

— Digite exatamente o que eu digo.

Nina atendeu.

FBI: AQUI É O DR. WADE. A QUE ERRO
VOCÊ ESTÁ SE REFERINDO?

CIFRA: DUAS PALAVRAS: CHANDRA BROWN.

Wade xingou.

— Ele está me provocando agora.

Kent cutucou seu ombro.

— Vá em frente e pergunte a ele sobre Chandra.

Depois de dar uma longa olhada em ambos os
perfiladores, ela elaborou a mensagem seguinte curta e
objetiva.

FBI: VOCÊ A MATOU?

CIFRA: TENHO ASSUNTOS A RESOLVER.
NÃO TENHO MAIS TEMPO P/ CONVERSAR.

Ele não respondeu a mais nenhuma mensagem.

Nina se afastou do teclado.

— Ele está brincando com a gente e desperdiçando nosso tempo. Ele disse que a próxima morreria em quatro dias. Já foram três.

— O que me faz pensar... — disse Kent. — Por que essa nova quebra de padrão? No passado, suas pistas sempre levavam diretamente a um corpo.

— Foi uma distração — disse Wade. — Ele deve precisar de tempo extra para colocar a próxima vítima na fila.

Nina imaginou o Cifra nas ruas, caçando. Ele os fez perseguir o próprio rabo enquanto perseguia outra garota. A frustração a atormentava.

— Cada pista fica progressivamente mais difícil — disse Wade.

— A primeira era uma cifra de substituição rudimentar. A seguinte operou com o mesmo princípio, mas adicionou uma camada extra de cálculo e mudou parte do código. Depois disso, temos um poema, um desvio completo para ele. Desta vez, ele nos dá algo que parece combinar arte e matemática.

— Ele está se exibindo — disse Kent.

— Concordo — afirmou Buxton. Ele tinha vindo atrás deles.

— Eu estava seguindo as mensagens diretas. Ele está nos enrolando enquanto prepara sua próxima morte. Temos toda a mão de obra de que precisamos, o que está acabando é o tempo. Eu gostaria de debater algumas ideias sobre como proceder com a investigação, agora que temos uma noção melhor sobre com quem estamos lidando. — Ele fez um movimento amplo com o braço em direção ao enorme espaço e as dezenas de funcionários em suas estações de trabalho. — Temos recursos, vamos usá-los.

— Podemos tentar outra busca pelos pais biológicos do Cifra? — Nina perguntou. — O Projeto Borr incluiu doadores em potencial de todo o mundo, em todo os Estados Unidos ou apenas na área de Washington, DC?

— Não sabemos — disse Kent. — Não há como continuar a busca.

— Podemos obter algumas novas pistas se contarmos ao público sobre a conexão com o Projeto Borr — disse Breck, juntando-se à discussão. — Mas quanto vamos dizer ao público neste momento da investigação, se é que podemos dizer alguma coisa?

Buxton parecia precisar de um antiácido.

— Não quero divulgar informações sobre o Projeto Borr, a menos que seja absolutamente necessário. — Ele ergueu os olhos para o teto. — Imagine como os blogueiros, tuiteiros e teóricos da conspiração reagiriam. Rumores correriam soltos sobre superpredadores perseguindo meninas. — Ele balançou a cabeça. — E os outros filhos adultos do projeto, pessoas perfeitamente normais, podem receber muitas reações que não merecem.

Era semelhante ao que o filho do dr. Borr tinha dito a eles, e ela concordou. No entanto, particularmente, sentia que eles estavam com tempo contado até que a informação vazasse, especialmente agora que vários agentes dos escritórios locais do FBI em todo o país haviam entrevistado crianças do Projeto Borr.

Ela estava se preparando para discutir isso com o grupo quando o criptoanalista principal, Otto Goldstein, veio até eles, vibrando com intensidade.

— Me dê algumas boas notícias sobre esse quebra-cabeça — disse Buxton, uma pitada de desespero em sua voz.

Goldstein sorriu, seus óculos grossos de aro metálico brilhando sob as luzes fluorescentes.

— Nós resolvemos.

Capítulo 39

Jato Gulfstream do FBI Em algum lugar no Meio-Oeste

NINA SENTOU-SE ao lado de Wade ao redor da pequena mesa, em frente a Kent e Buxton. Breck estava sentada do outro lado do corredor, seu laptop estava em uma mesa dobrável, apoiada pelo braço da poltrona.

Buxton pressionava botões no controle remoto da televisão de bordo.

— Noticiário nacional — ele murmurou, passando pelos canais até encontrar o que queria.

Nina reconheceu Amy Chen, a âncora sênior. A legenda abaixo de sua mensagem dizia: EXCLUSIVO. CIENTISTA RECEBE RECOMPENSA DE UM MILHÃO DE DÓLARES.

— *A seguir, ouviremos o cientista que decifrou o código* — disse Chen, para a câmera. — *Comigo no estúdio está a diretora executiva assistente aposentada do FBI, Shawna Jackson, para nos dar uma visão privilegiada do progresso desta investigação de alto risco. Tudo isso e muito mais enquanto trazemos a você a cobertura contínua, logo após o intervalo.*

— Shawna esclareceu tudo comigo antes de concordar em continuar — disse Buxton, sobre o

burburinho de um comercial de detergente para lavar louça. — Dado o que fez por nós, eu não poderia pedir que ela não falasse.

A rede de televisão havia contatado Shawna para comentar uma hora antes, quando um cientista na Califórnia havia concordado em fornecer sua solução para o quebra-cabeças de Savannah em uma entrevista exclusiva ao vivo. Shawna havia feito um acordo no qual ela concordava em discutir alguns detalhes da investigação em troca de se manter nessa pauta por uma hora para que Buxton e a equipe de Quantico pudessem ter uma vantagem inicial em direção ao próximo destino. Buxton pedira a Shawna que negociasse uma suspensão de 24 horas, mas o canal de notícias recusou.

Chen estava de volta à tela, Shawna sentada ao lado dela.

— *Antes de falarmos com a ex-diretora executiva assistente* — Chen começou —, *vamos ouvir o dr. Charles Farnsworth, que estuda espectroscopia em seu laboratório de pesquisa na Califórnia.* — A tela se dividiu para revelar um homem corpulento com calvície e bigode espesso. — *Diga-nos, dr. Farnsworth, como o senhor descobriu o significado por trás da pista? E qual é a resposta?*

As bochechas de Farnsworth ficaram coradas enquanto ele olhava fixamente para a câmera.

— *Dr. Farnsworth?*

Nina reconheceu os sinais do medo de falar em público. O homem obviamente havia acabado de perceber que seus quinze minutos de fama estavam diante dele, e estava longe de estar preparado.

Chen jogou-lhe uma tábua de salvação.

— *Talvez você possa nos contar sobre seu trabalho primeiro?*

Chen não havia chegado ao topo de sua profissão sem aprender como persuadir um entrevistado nervoso.

Farnsworth pareceu aliviado.

— *Eu estudo a interação entre matéria e radiação eletromagnética* — disse ele.

Chen parecia estar lutando contra um enorme revirar de olhos.

— *Pode colocar isso em termos que o pessoal de casa entenda, doutor?*

— *Eu estudo o espectro de luz.*

— *Ok, e como isso ajudou com a pista?*

Farnsworth, até então assustado, entusiasmou-se com o assunto.

— *Os números de três dígitos dentro das linhas representam as ondas eletromagnéticas, expressas em terahertz, do intervalo de frequência das cores detectáveis pelo olho humano.*

Chen piscou, então falou com paciência exagerada.

— *Doutor, a maioria dos nossos espectadores não estuda a luz. Poderia nos explicar de uma forma mais simples?*

Farnsworth pensou por um momento.

— *Cada número representa uma cor.*

— *Obrigada, doutor.* — Chen sorriu, aparentemente pondo fim ao jargão do cientista e pronta para lançar sua bomba na plateia atenta. — *Usamos as descobertas do dr. Farnsworth para preencher os espaços no diagrama* — disse ela, encarando o público novamente, enquanto a tela dividida escurecia por um instante. — *Aqui está o que a imagem revela.*

Nina se inclinou para a frente junto com o resto de sua equipe enquanto a imagem estilizada de um pássaro vermelho-alaranjado brilhante contra um pano de fundo azul e verde preenchia a tela. Chamas amarelas saíam de suas asas e penas da cauda.

— Parece uma fênix para mim — disse Chen, virando-se para Shawna. — A diretora assistente executiva aposentada Jackson é próxima de Nina Guerrero e entrou em contato com a equipe de Quantico. O que eles pensam sobre a imagem?

— Eles estão operando sob a suposição de que é uma fênix — disse Shawna.

— O que eles vão fazer agora?

— Primeiro, precisam determinar a que local isso se refere. Existem cidades chamadas Phoenix no Arizona, Illinois, Louisiana, Maryland, Michigan, Nova York e Oregon. E isso apenas nos Estados Unidos.

— Certamente ele está se referindo ao Arizona — disse Chen, franzindo a testa. — É a única cidade grande do grupo mencionado.

— Parece provável — disse Shawna. — Mas estamos trabalhando com todas as possibilidades.

Nina tirou os olhos do monitor para olhar para Wade, que havia recomendado o Arizona como o local mais provável. Ele havia estudado os padrões passados do Cifra e — como Chen — concluiu que ele parecia preferir cidades grandes onde pudesse se misturar. Nina pensou ter visto um sorriso melancólico no rosto de Wade enquanto ele se concentrava em Shawna.

— Também vejo que essa pista não fornece detalhes sobre onde o assassino atacará — disse Chen.

— No passado, ele nomeou o local exato onde um corpo foi encontrado — disse Shawna. — Desta vez, é uma cidade inteira e, se for Phoenix, Arizona, isso significa mais de quinhentos quilômetros quadrados de terreno urbano e desértico.

— Parece que ele está sendo mais esquivo. Não há como cobrir esse tipo de área. — Chen gesticulou em

direção à câmera. — *O que a população pode fazer para ajudar o FBI?*

— *Relatar qualquer comportamento suspeito* — disse Shawna. — *Temos um número de 0800 para receber denúncias.*

— *Aqui vamos nós* — disse Kent. — *Vinte mil ligações de excêntricos, teóricos da conspiração e médiuns se comunicando com os espíritos das garotas mortas... e, talvez, apenas talvez, uma pista válida em algum lugar no meio disso tudo.*

Chen tocou o ouvido e arregalou os olhos.

— *Nossa equipe de redes sociais está relatando uma nova postagem na página do Cifra no Facebook.* — Chen deu um breve aceno de cabeça, então voltou-se para a câmera. — *Estamos colocando agora. Fazemos um alerta para as imagens fortes que vamos exibir.*

Nina olhou para a imagem que de repente preencheu a tela. Uma jovem segurando um grande cartaz tinha sido fotografada do pescoço até a cintura, apenas as mãos nuas e uma parte esguia de seu abdome eram visíveis para a câmera. Na superfície branca do quadro, letras maiúsculas grossas, escritas à mão com um marcador preto, transmitiam uma mensagem.

VENHA ME PEGAR, GAROTA GUERREIRA. TENHO SEIS HORAS DE VIDA.

Nina sentiu o peso do olhar de todos sobre ela nos confins do avião. Como Wade e Kent haviam dito, a obsessão do Cifra por ela era o que o estava conduzindo. Ele havia começado com ela e continuaria até terminar.

Ele não queria apenas matá-la: queria possuí-la, controlá-la e, finalmente, destruí-la por completo.

Ela. Nina Guerrera. A Garota Guerreira.

Ela olhou para cima e viu Kent observá-la com olhos estreitos, sem dúvida lendo a determinação em sua expressão e interpretando-a corretamente. Ele murmurou a palavra “não”, balançando a cabeça devagar.

Mas ela já tinha se decidido. Meninas haviam sido mortas em DC, San Francisco e Boston. Desta vez, havia uma vítima viva. Alguém que poderia ser salva. Custasse o que custasse, Phoenix não se tornaria outro terreno de matança para o Cifra.

Capítulo 40

Três horas depois

Centro de Operações de Emergência, Phoenix, Arizona

NINA EXAMINOU o COE, todo *high-tech*. Alojadas junto à academia de treinamento do corpo de bombeiros, as novas instalações contavam com tecnologia de ponta. Agentes do FBI do escritório local de Phoenix misturavam-se com detetives e supervisores de patrulha, bem como oficiais do Departamento de Polícia de Phoenix. Uma série de técnicos civis e pessoal de apoio se espalhava pelo amplo espaço — um cenário típico de sala de guerra que estava se tornando muito familiar para ela.

Assim como em Boston, ela havia se juntado a um detetive da polícia local, desta vez da divisão de Homicídios do DP de Phoenix. Seu novo parceiro, Javier Perez, tinha um corpo atlético que era exibido em calça social cinza e uma camisa polo azul-marinho. Seu cabelo preto grosso e pele caramelo eram como os dela. Ele era o oposto de Delaney, o policial irlandês corpulento de Boston.

Graças ao disque-denúncia, centenas de ligações inundaram o centro assim que a notícia foi ao ar. Dezenas de detetives, agentes e policiais de patrulha foram designados para seguir as pistas mais promissoras canalizadas para o COE pelos responsáveis por atender a população no disque-denúncia.

Como as outras equipes, Nina e Perez receberam uma pilha de formulários com pistas que precisariam ser averiguadas. Buxton fez sinal para ela se aproximar antes de sair. Ela rapidamente examinou a folha que ele lhe havia entregado. A pessoa que ligara havia se identificado como uma garota de dezesseis anos que morava em um abrigo, o que atendia a dois dos critérios do Cifra para a escolha de vítimas. Então ela indicou que sua amiga havia desaparecido depois de entrar em um trailer com um estranho. Por fim, disse que achava ter reconhecido uma tatuagem tribal no pulso da garota que estava segurando a placa. Sua amiga desaparecida tinha a mesma tatuagem. Os cabelos da nuca de Nina se arrepiaram quando ela leu isso.

— Meu carro está no estacionamento — disse Perez.

— Precisa de mais alguma coisa antes de sairmos?

Ela pegou uma pasta de couro da mesa.

— Estou bem assim.

Enquanto Nina o seguia em direção à porta, Kent parou na frente dela. Ele baixou a voz.

— Não faça isso.

— Fazer o quê?

— Tudo o que você estava pensando no avião. Eu vi seu olhar.

— Não sei do que você está falando.

— O suspeito quer que você faça algo imprudente. Que cometa um erro.

— Perez e eu vamos verificar nossas pistas. O mesmo que você e o seu parceiro.

Ele lançou um olhar na direção de Perez.

— Eu não gosto da aparência dele.

— Ainda bem que você não foi colocado para trabalhar com ele, então.

Perez juntou-se a eles.

— Algum problema?

Os dois homens trocaram olhares de avaliação.

Ela revirou os olhos.

— Quando vocês dois terminarem de medir forças, eu vou estar no estacionamento.

Perez a alcançou no corredor. Ela percebeu que ele a observava de modo especulativo, mas não disse nada até parar ao lado de um Tahoe preto na primeira fila de vagas de estacionamento.

— O abrigo não fica longe daqui — disse ele, enquanto caminhava até a porta do motorista.

Depois de pôr o cinto, ela abriu sua pasta para tirar o registro de chamada que Buxton lhe dera.

— A pessoa é Emma Fisher, uma jovem de dezesseis anos, atualmente hospedada com a mãe no abrigo do centro para mulheres e meninas.

Perez parou na rua.

— A mãe de Emma sabe que ela ligou para fazer a denúncia?

Nina examinou a página.

— Não me parece. Diz que Emma viu a matéria no noticiário e pediu para usar o telefone na recepção. — Ela olhou para Perez. — Aposto que ela não quer que a mãe saiba que ela saiu ontem à noite.

Perez assentiu.

— Como você quer lidar com a entrevista?

— Vou assumir a liderança. Ela pode se sentir mais confortável conversando com uma mulher.

— Entendi — disse ele, sorrindo. — Vou ser o tipo forte e silencioso.

Em dez minutos, eles chegaram a um prédio térreo em estilo colonial feito de tijolos à vista em uma das ruas

laterais menores. Depois de estacionarem em um espaço reservado para a polícia, empurraram as portas de vidro de um saguão e caminharam até a recepção.

— Vocês estão com a polícia? — perguntou uma mulher mais velha, de cabelo curto e grisalho, pequena e magra como um passarinho.

Nina abriu suas credenciais.

— Sou a agente especial Guerrero, e este é o detetive Perez.

Os olhos da mulher se arregalaram atrás dos óculos retangulares.

— Guerre... você é Nina Guerrero? — Sua mão esbelta se agitou no peito. — Meu Deus.

Nina sentiu uma onda de calor queimar dentro de si. Como tantas outras pessoas, essa mulher vinha acompanhando a história. O que significava que ela provavelmente tinha visto o vídeo. Nina desviou os olhos para Perez, e o calor se intensificou quando ela percebeu que ele também tinha visto. Essa era sua nova realidade.

Ela se endireitou.

— Onde podemos falar em particular com Emma Fisher?

A mulher se recuperou.

— Vou pedir a uma das funcionárias que a acompanhe até uma sala de entrevista. Temos várias. — Ela pegou um rádio portátil em cima da mesa.

Nina ficou em silêncio, recusando-se a fazer contato visual com Perez.

— Vá para a sala três — disse a mulher, apontando para a esquerda. — Emma vai estar lá em breve.

Eles seguiram por um corredor largo ao longo de uma fileira de pequenas salas alinhadas na parede interna. A sala três estava destrancada, e Perez seguiu Nina para dentro. Era um local espartano, com uma poltrona puída, de um lado, e duas cadeiras estofadas, do outro.

— Olá? — Uma voz feminina tímida soou do vão da porta.

Nina se virou para ver uma garota cujos olhos pintados de delineador preto acrescentavam um aspecto endurecido ao seu rosto jovem.

— Emma?

A garota acenou com a cabeça, e Nina gesticulou em direção ao divã.

— Eu sou...

— Eu sei quem você é — cortou Emma.

Nina lutou contra o calor crescente mais uma vez e gesticulou para o lado dela.

— Este é o detetive Perez. Gostaríamos de fazer algumas perguntas sobre sua ligação. Sua mãe está por perto?

Emma sentou-se.

— Minha mãe está desmaiada na cama.

— Tudo bem — disse Nina. — Você se importa se gravarmos esta entrevista?

Emma deu de ombros.

— Preciso que você responda em voz alta — disse Nina, enquanto Perez colocava um gravador digital na mesa de centro de carvalho arranhada entre eles. — Para ficar registrado.

— Sim, pode gravar.

— Por que você não começa me contando o que aconteceu ontem à noite?

— A Trina brigou feio com a mãe dela.

— Quem é Trina?

— Trina Davidson. Eu a conheci há mais ou menos uma semana, e nós começamos a andar juntas porque somos as únicas garotas aqui que não usam fraldas.

Nina assentiu.

— A que horas foi essa discussão ontem à noite?

— Umas nove ou mais. Após a explosão, Trina e eu decidimos sair para... dar uma volta.

Nina deu uma olhada nas manchas de nicotina que amarelavam as unhas lascadas de Emma.

— Você queria fumar.

— Tanto faz. — Ela tratou o comentário como se não fosse nada demais. — Enfim, a gente virou a esquina, mas a Trina só tinha um cigarro, então eu fui à loja de conveniência do outro lado da rua para comprar outro maço. Estava esperando na fila do balcão, quando olhei pela janela e vi um cara se aproximar da Trina.

— Como ele era?

— Era do tipo motoqueiro. — Emma deslizou as mãos para cima e para baixo em seus braços. — Era tatuado, dos ombros aos pulsos. Tinha a cabeça raspada e um cavanhaque preto.

Nina deslizou os olhos para Perez. Não era nada como nenhuma das descrições anteriores. Mas, por outro lado...

— Ele era grande? — Nina perguntou.

— Alto e bem fortão. — Emma apontou com o queixo para Perez. — Como ele.

— O que ele fez quando se aproximou da Trina?

— Deu outro cigarro para ela. Ficou conversando. Ela sorriu muito. Acho que ela estava meio que a fim dele.

— O que aconteceu depois?

— A mulher idiota no balcão estava demorando uma eternidade com os meus cigarros. Não encontrava a minha marca. Então eu pedi outra coisa.

Nina reprimiu um suspiro.

— Com a Trina.

— Ah, tá. Ela foi com ele para uma coisa grande, parecida com um trailer, estacionado naquele terreno baldio ao lado.

— Você diz um trailer — ela perguntou. — Desses que as pessoas moram dentro?

— Isso, desses que as pessoas usam quando estão viajando pelo interior. Era tudo preto, até as janelas. Me

assustou, não sei por quê.

Porque seus instintos de sobrevivência entraram em ação, pensou Nina.

— O que aconteceu depois? — continuou ela.

— Trina entrou no trailer com ele e eu voltei para o abrigo. — Seus olhos marejaram. — Essa foi a última vez que eu a vi.

— Você contou a alguém sobre isso ontem à noite?

— Não. Eu pensei que talvez a Trina realmente tenha gostado desse cara. Não sei.

— Então, quando você decidiu que deveria dizer alguma coisa?

— Hoje de manhã. — Duas trilhas pretas de delineador deslizaram pelas bochechas de Emma quando as lágrimas começaram. — Eu estava assistindo à TV na sala de jantar, e aquele cientista falou sobre a pista ser uma fênix. Eu sabia que era sobre esta cidade. Eu simplesmente sabia. — Ela sufocou um soluço. — Então eu vi a foto daquela garota segurando a placa e reconheci a tatuagem dela. Quero dizer, muitas pessoas têm tatuagens tribais nos pulsos, mas a da Trina é exatamente como a da TV. Só para ter certeza, eu procurei por ela e ela não estava no café da manhã, então fui ver com a mãe dela.

— O que a mãe dela disse?

— A Trina não voltou ontem à noite. A mãe dela imaginou que ela havia fugido pela milionésima vez. Eu não disse nada sobre isso para ela. Fui até a recepção e pedi para usar o telefone. Eles me fizeram dizer por quê, e eu disse que tinha uma informação para o disquedência.

— Você viu o trailer indo embora ontem à noite? — disse Nina.

— Não. Fui olhar no estacionamento hoje de manhã. Não estava mais lá.

Nina pegou um lenço de papel de uma caixa na mesinha e o estendeu.

— Alguns detetives virão em breve para conversar mais com você. Estou muito feliz por você ter ligado, Emma. Você fez a coisa certa.

— Não, eu não fiz. — Emma pegou o lenço. — Se eu tivesse feito a coisa certa, eu teria chamado alguém mais cedo. Tipo ontem à noite. Agora ela provavelmente está morta. E a culpa é minha.

— Não se culpe. Você ligou. Isso é o que importa agora. — Ela pensou em algo. — Falando em ligações, a Trina tem celular?

Com sorte, eles poderiam encontrar o sinal e obter uma localização.

— Ninguém aqui tem dinheiro pra comprar celular. É por isso que eu tive que usar o telefone da recepção para ligar para vocês.

— Você pode nos dar mais informações sobre o motoqueiro? Conseguiria desenhar alguma das tatuagens dele ou descrevê-las com detalhes? Alguma palavra ou imagem específica de que você se lembre?

— Estava escuro e eu estava bem longe. Não consegui ver nada específico.

— Talvez uma placa ou qualquer desenho no trailer?

— Como eu disse, estava escuro. — Ela apertou os lábios. — Olha, eu já disse tudo o que eu sabia. Você não deveria estar procurando por ela?

Nina se levantou.

— Eu sei que você está preocupada com a Trina, e nós também. Temos que dar prosseguimento com o que você nos disse. Os outros detetives vão querer falar com você, com a sua mãe e com a mãe da Trina também.

— A mãe da Trina vai me matar. — Emma cruzou os braços. — Ela é má.

— Ninguém vai matar você. Tenho certeza de que ela vai entender.

Emma parecia ainda na dúvida.

— Você vai me dizer se encontrar a Trina?

— Vamos avisar.

Depois de repetidas garantias de que a resposta da polícia impediria a mãe de Trina de a estrangular, eles saíram juntos. Nina esperou enquanto Perez ligava para o COE a fim de atualizá-los e solicitar uma entrevista de acompanhamento e serviços de apoio para a Emma e a mãe de Trina.

Nina o ouviu pedir uma verificação de contato a respeito de um trailer preto.

— Boa ideia. Se tivermos sorte, alguém que estacionou um trailer ilegalmente em um terreno de propriedade do município pode estacioná-lo em qualquer outro lugar onde não deveria.

— Ou ele poderia ter recebido uma multa de trânsito — disse Perez. — Vale a pena tentar.

Nina fez um sinal afirmativo com a cabeça para ele em apreciação.

— O Cifra não teria nenhum motivo para suspeitar de que a gente estaria procurando um trailer. Ele não sabe que a Emma o viu conversando com a Trina, muito menos levando-a para dentro de um trailer.

— Se esse é o nosso cara em outro disfarce — disse Perez. — Mas pode ser algum outro *cochino* pervertido.

Ela concordou que qualquer adulto que atraísse um adolescente era imundo e nojento, e sabia que muitas garotas tinham tatuagens no pulso, mas sentiu que era o Cifra. Sentiu nos seus ossos.

— Existe um acampamento para trailers por perto?

— Nenhum perto do centro.

— Para onde você iria se tivesse um trailer e quisesse manter alguém contra a vontade lá dentro? Onde há muito espaço aberto e privacidade para os olhares indiscretos?

— Os estacionamentos de trailers nas cidades próximas estão lotados. Os veículos ficam bem perto uns dos outros.

— E os parques?

— Não é permitido durante a noite — disse ele. — Os parques fecham ao escurecer.

— Se este é o suspeito, ele teria pensado em alguma solução. Ele plantou essa pista em Savannah para garantir que a nossa atenção estivesse focada no outro lado do país enquanto ele se instalava aqui.

Perez puxou um celular apitando do bolso.

— É o COE. — Ele pisou com a ponta do pé em uma pedra no chão solto e arenoso enquanto ouvia. — Direto. A agente Guerrero e eu vamos verificar. Ele desligou e sorriu para ela. — Acertei em cheio.

Perez a atualizou enquanto eles se afastavam do centro da cidade.

— A unidade de patrulha no distrito de Maryvale-Estrella recebeu relatório de um trailer estacionado ilegalmente ontem à noite — disse Perez, abrindo caminho entre os carros na rua. — Maryvale foi duramente atingida durante a recessão. Muitas empreiteiras deixaram terrenos vazios para trás quando foram embora.

— O que o patrulheiro viu?

— Passou de carro e encontrou o veículo dentro de uma área cercada. Ele falou com o vigia noturno, que respondeu que o dono do terreno informou ter dado permissão para o trailer estacionar lá por dois dias. Então o policial anotou o nome do segurança e foi embora.

— Eles estão verificando a história?

— O policial não incluiu o nome da empresa de segurança. Alguém no COE agora está rastreando o proprietário do terreno. Não é um processo fácil. Enquanto isso, podemos dar uma olhada.

Nina agarrou a maçaneta da porta quando Perez fez uma curva um pouco rápido demais.

— Você acha que o suspeito, quando viu a viatura da patrulha policial, resolveu ir para outro lugar?

— O oposto — disse Perez. — Ele provavelmente acha que os policiais não vão incomodá-lo de novo, pois acham que ele tem permissão para estar lá. É propriedade privada, então ele corre mais risco do Departamento de Zoneamento do que da polícia. — Perez encolheu os ombros. — E, quando o Zoneamento chegar até ele, ele planeja estar longe, então acha que ganhou tempo e não terá pressa de sair.

Nina esperava que Perez estivesse certo. Durante a viagem para Maryvale, ele contou sobre Phoenix e sua história peculiar. Era a primeira vez dela no Vale do Sol, e ela gostava da *vibe* típica do sudoeste americano que a cidade tinha.

Perez parou o Tahoe em frente a uma cerca aramada no beco sem saída de uma rua deserta. Ele não estava brincando sobre a recessão econômica. Parecia que os construtores tinham removido suas retroescavadeiras e betoneiras da área no meio do projeto de construção. Ao longo dos anos, algarobas e arbustos ressecados haviam tomado os terrenos cobertos de terra solta.

Um enorme trailer preto se destacava contra um cenário de paisagem desértica marrom a cerca de vinte metros da cerca.

Nina olhou em volta.

— Você vê algum sinal do vigia?

— Não. Talvez ele só trabalhe à noite.

— Esse trailer corresponde à descrição da Emma — disse Nina. — O que você acha?

Perez apoiou a mão no quadril.

— Nós vamos encontrar uma garota de dezesseis anos fugitiva, ou outra das vítimas do assassino.

Ela se lembrou de seu voto particular de fazer o que fosse preciso. Apertando os dentes, ela correu para a cerca e passou a mão pelos elos de metal.

— Você vê uma abertura em algum lugar?

— Há um portão, mas está trancado.

Ela sacudiu a cerca.

— Bem resistente. — Nina então enfiou o pé e começou a se erguer.

— Acho que o FBI não se preocupa com detalhes menores, como mandados de busca — disse Perez.

— Somente investigativos — disse ela por cima do ombro. — Não de entrada no veículo.

Ele subiu atrás dela na cerca. Seus sapatos engraxados pousaram com um baque surdo ao lado dela e levantaram uma nuvem de poeira.

Ela se aproximou do veículo.

— As janelas estão todas cobertas como Emma disse. Não apenas com as cortinas fechadas; parece que algo as está cobrindo por dentro. — Nina balançou a cabeça. — Não estou gostando. — Ela foi para a porta do trailer.

— Que diabos você está fazendo?

— Pensei ter ouvido alguma coisa. — Ela levantou a voz. — Trina?

Um berro abafado seguido de batidas rítmicas emanou do veículo.

— Tem que ser ela — disse Nina. — Eu acho que ela está chutando alguma coisa.

Perez pegou o celular.

— Eu vou ligar.

Ela puxou a arma do coldre.

— Dane-se isso. — Ela tinha ouvido o que lhe soou como um grito agudo e abafado. O som que uma garota faria com uma mordaca na boca. Não queria esperar por reforços.

Já Perez hesitou.

— Agente Guerrero?

— Agora tenho circunstâncias urgentes. — Ela marchou em direção ao veículo avantajado. — Eu vou entrar.

— Se ele está aí com ela, é uma situação de refém. Precisamos de tática...

— Me dê cobertura pela janela de trás! — ela gritou por cima do ombro quando chegou aos degraus da porta do trailer. Assim que estendeu a mão para o trinco, ocorreu a ela que esse era exatamente o tipo de ação imprudente sobre a qual Kent a havia alertado.

Capítulo 41

NINA OUVIU Perez xingando atrás dela enquanto puxava o trinco desgastado da porta. Trancado.

— FBI, abra a porta.

— Mmmmf!

A resposta foi seguida por batidas frenéticas.

Nina levantou o pé e chutou a porta de metal. Ela conseguiu um amassado, mas a porta não cedeu.

— Trina, ele está aí dentro com você? — Ela pensou em uma maneira de se comunicar. — Chute duas vezes se estiver sozinha.

Dois chutes responderam em rápida sucessão.

Nina se virou para Perez.

— Eu disse para você dar cobertura pela janela traseira.

— Eu não vou deixar você entrar sozinha — disse ele.

— Os reforços estão a caminho.

— Eu não vou esperar. — Ela mirou outro chute na porta. E outro.

— Por que você não me deixa fazer isso?

Ignorando-o, ela deu outro chute. A porta cedeu. Nina a abriu e subiu os dois degraus internos para a cabine principal. Ela ouviu um gemido choroso vindo do quarto nos fundos.

— Abaixese — Perez sussurrou.

Pelo canto do olho, ela viu o cano da Glock dele ligeiramente acima de sua cabeça. Ela se agachou e

avançou, permitindo que ele tomasse uma posição mais alta e evitasse um fogo cruzado.

A divisória que separava o compartimento traseiro estava aberta, e Nina viu pernas nuas afastadas e algemadas sobre uma cama *queen size* que dominava o espaço apertado. As algemas haviam sido aparafusadas à parede com ganchos de aço de calibre pesado. Nina se aproximou, os olhos correndo em todas as direções antes de se fixar no rosto da garota.

Lágrimas escorriam debaixo de uma bandana preta dobrada para cobrir seus olhos e amarrada atrás da cabeça. Muco deslizava de seu nariz avermelhado para pingar sobre duas faixas de fita adesiva prateada que cobria sua boca. Seus pulsos também haviam sido algemados a ganchos. Nina podia ver que uma das pernas da garota estava perto o suficiente da mesa de cabeceira embutida para permitir que ela a chutasse.

A garota balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Mmmmf!

— Me dê cobertura — disse Nina por cima do ombro enquanto guardava a arma. — Você está segura agora. — Ela ofereceu tranquilidade enquanto se aproximava da cama. — Sou a agente especial Nina Guerrero, FBI. Não vou deixar ele a machucar mais. — Nina puxou a bandana; em seguida, agarrou a fita e descolou-a com um som alto.

Os olhos da garota estavam loucos de terror.

— Me ajuda!

Nina se concentrou na questão mais crítica.

— Onde ele está?

— Ele disse que voltaria logo — respondeu a garota.

— Você tem que me tirar daqui.

O som das sirenes alcançou o veículo.

— Fale para eles desligarem as sirenes — Nina pediu a Perez. — Quero tirá-la daqui e pegá-lo quando ele

voltar.

— Não vai ser bem assim — disse Perez. — Todas as unidades disponíveis estão a caminho. E vi pessoas de outro bairro descendo a rua e andando na nossa direção. Eles vão ter montado uma barraca de *tamales* aqui em vinte minutos.

O Cifra veria a multidão e escaparia sem ser visto. Ela fechou os olhos e praguejou antes de se voltar para a garota.

— Onde está a chave para destravar as algemas?

— Ele levou as chaves.

Nina ouviu o som de metal batendo do lado de fora quando os policiais que responderam ao chamado escalaram a cerca de arame.

— Veja se alguém tem alicates — ela pediu a Perez.

Depois que ele saiu, ela acariciou a bochecha da garota. Correspondia à descrição de Emma, mas Nina precisava ter certeza.

— Você é Trina Davidson?

Ela assentiu.

— Onde está minha mãe?

— Ela está no abrigo. A polícia vai trazê-la para nos encontrar quando partirmos.

— Para onde você vai me levar?

— Para o hospital. Você precisa ser examinada.

Trina começou a tremer.

— Você pode me cobrir com alguma coisa?

— É claro. — Ela tirou sua jaqueta de operações. Estava cobrindo Trina com ela quando Perez enfiou a cabeça na porta.

— O resgate está aqui. Eles têm alicates.

Ele desapareceu e dois paramédicos subiram os degraus, enchendo o espaço apertado com seus equipamentos.

— Com licença. — Um deles passou por ela com um enorme conjunto de tesouras na mão. Quando ele se inclinou para o pé de Trina, ela gritou.

Nina colocou a mão no antebraço do paramédico.

— Espere um segundo.

Ela passou por ele para se ajoelhar no colchão ao lado de Trina.

— Olhe para mim, querida.

O olhar de Trina encontrou o dela.

— Eles estão aqui para ajudar você. Não conseguimos destravar as algemas, então precisamos cortar a parte de metal que as prende à parede.

Os olhos de Trina voltaram para o paramédico e ela choramingou.

— Qual o problema, Trina?

— Você pode ficar comigo? — ela sussurrou.

— Vou estar bem aqui. Apenas se concentre em mim. Não se preocupe com o que eles estão fazendo. Sei que não é o melhor momento, mas quero fazer algumas perguntas. Tudo bem?

Serviria ao duplo propósito de distrair Trina e reunir informações o mais rápido possível para lançar um alerta de busca para o Cifra.

Quando Trina balançou a cabeça em concordância, Nina adotou um tom suave.

— Como ele era?

— Como um daqueles caras motoqueiros. Ele era enorme. Muito forte. Tinha tatuagem nos braços, cabeça raspada e um cavanhaque preto.

Um tinido metálico alto fez Trina pular. O gancho havia se partido ao meio. Um dos pés de Trina agora estava livre.

Nina pediu mais detalhes enquanto o socorrista trabalhava no outro tornozelo.

— E os olhos dele?

— Não consegui ver — disse Trina. — Ele usava óculos escuros.

Outro estalo alto de metal se partindo e Trina conseguiu juntar as pernas. O socorrista moveu-se para seu pulso.

— Como ele falava? — Nina perguntou. — O que ele disse?

Trina balançou a cabeça com veemência.

— Não quero repetir as coisas que ele me disse.

O terceiro gancho foi cortado com um estalo alto. Trina apertou a mão livre sobre o peito, segurando o blusão de Nina.

— Sinto muito — disse o socorrista. — Mas eu tenho que chegar ao outro pulso dela.

Ele se inclinou sobre Trina, que enfiou o corpo em posição fetal debaixo da jaqueta. Nina estendeu a mão e Trina a apertou com os nós dos dedos brancos.

— Droga — disse o paramédico, grunhindo. — Este está em um ângulo ruim. Sinto muito, mas não tem outro jeito de alcançar. — Ele moveu a perna, e montou em Trina, com um joelho de cada lado para se ajeitar.

Trina se debateu histericamente.

Nina agarrou o braço do médico e o puxou para longe da garota.

— O que você pensa que está fazendo?

Ele soltou um suspiro exasperado.

— Tentando soltá-la.

Ela manteve o braço dele entre os dedos.

— Você precisa encontrar uma posição diferente.

Um fragmento de memória cintilou na mente de Nina. A pressão das pernas masculinas pesadas prendendo-a. Aprisionando-a. Onze anos antes, o monstro a havia montado da mesma maneira, mantendo-a imóvel, forçando-a a se submeter. Ele provavelmente tinha feito o mesmo com Trina quando a algemou.

— Eu não gosto disso mais do que você — disse o socorrista. — Mas não vejo outra maneira de cortar essa coisa. — Ele estendeu a tesoura para ela. — Talvez ela fique melhor com você.

Nina pegou a tesoura de metal e olhou para Trina. A garota estava com os olhos arregalados, desesperada, em pânico total. Ela teria que posicionar seu corpo sobre o de Trina, como o paramédico havia feito para chegar à última algema. Nina lutou para conter uma sensação distorcida de *déjà vu*, revivendo seu próprio ataque tanto da perspectiva de Trina quanto da do Cifra enquanto se preparava para montar na garota.

— Ouça, eu quero soltar você, mas só vou conseguir se você cooperar. Você me ajuda ficando quieta?

Trina simplesmente a encarou, sem vontade ou incapaz de falar.

Agarrando as hastes com firmeza, ela se inclinou sobre a garota e alinhou as lâminas afiadas ao longo da borda do metal. Ela apertou. Depois de um esforço considerável, Nina foi recompensada com um estalo alto. Trina se levantou, empurrando Nina para o lado, lutando para sair da cama improvisada. O paramédico a agarrou, o que alimentou sua histeria, e Trina começou a se debater e a arranhá-lo.

— Pare com isso! — Ele agarrou os pulsos da garota. — Estamos tentando ajudar.

Algo no íntimo de Nina estalou. Ela recuou com o braço e deu uma cotovelada no ombro do paramédico. Forte.

Ele soltou a garota e se virou para Nina.

— O que você está fazendo, cacete?

Ela estava saindo da linha, mas não se importava. Havia reagido por reflexo quando o viu agarrar os pulsos de Trina. A garota estava traumatizada, e as atitudes

dele não estavam ajudando; estavam tornando as coisas infinitamente piores.

Trina jogou os braços em volta do pescoço de Nina e soluçou. Nina achou que já havia feito perguntas o suficiente por enquanto.

— Você pode tratá-la na ambulância? — disse ao paramédico, por cima do ombro de Trina, ignorando sua expressão indignada e mantendo-o focado na tarefa. — Quero levá-la ao hospital antes que ela entre em choque.

Nina pediu aos homens que se afastassem e a deixassem colocar Trina em pé. Apoando-a com um braço em volta da cintura, Nina pegou um cobertor que o segundo socorrista lhe ofereceu e cuidadosamente o arrumou para cobrir a cabeça de Trina como um capuz, deixando apenas uma pequena parte de seu rosto visível.

— Ninguém consegue ver quem você é — ela disse para a garota, que assentiu.

Caminharam até um mar de curiosos segurando os celulares em riste atrás da fita amarela que isolava a cena do crime.

Nina os ouviu chamando seu nome quando a viram. Ela colocou Trina às pressas na traseira de uma ambulância que esperava ali e disse a Perez que iria com ela para o hospital. O detetive concordou em levar a mãe de Trina para encontrá-las no pronto-socorro.

Depois que as portas se fecharam, o segundo paramédico sentou-se na parte de trás, ao lado de Nina. Ele sorriu para Trina, tentando acalmá-la enquanto verificava seus sinais vitais.

Satisfeita com o atendimento dele, Nina avaliou a situação. Não pegariam o Cifra naquele dia, mas pelo menos ele não havia feito outra vítima. O que trouxe outro pensamento à sua mente enquanto a ambulância avançava pelas ruas da cidade. Ele com certeza se vingaria pela fuga de Trina.

E quando ele visse o vídeo de Nina escoltando a garota para fora do trailer, saberia para onde direcionar sua fúria.

Capítulo 42

O AROMA PICANTE de *carne asada* misturado com cebolas salteadas e pimenta *jalapeño* flutuava pelo Centro de Operações de Emergência. Nina retribuiu o sorriso de Perez enquanto afundava os dentes no succulento *burrito*. Ele havia pedido comida de um restaurante chamado Casa Cruz Cocina, um lugar no sul de Phoenix que, Perez garantia a ela, tinha a melhor comida mexicana da cidade.

— Mais molho vermelho? — ofereceu Kent, desviando a atenção de Nina do detetive bonitão de homicídios.

— Está bom assim.

Do outro lado da sala, Buxton conversava profundamente com Steven Tobias, o chefe de polícia de Phoenix. Embalagens de comida mexicana estavam espalhadas no centro da mesa de conferência retangular. Todos se serviram à vontade e colocaram em pratos de papel.

Buxton virou-se para o grupo e ergueu a voz para ser ouvido acima do burburinho no recinto.

— Vamos repassar o que temos até agora. Gostaria de começar com a declaração da vítima. — Ele gesticulou em direção à Nina. — A agente especial Guerrero tomou a dianteira e fez a entrevista no hospital.

Depois que os paramédicos empurraram a maca de Trina para o pronto-socorro e a transferiram para um leito de hospital, as enfermeiras caíram sobre eles como uma torrente. Nina resistiu ao ataque de médicos

cutucando e mexendo, observando as respostas de Trina a perguntas sobre vários ferimentos em seu corpo. Ela havia feito o possível para manter a garota calma enquanto uma enfermeira examinadora especial administrava o kit de estupro. O maior desafio provou ser a mãe de Trina, que entrou no quarto como um demônio, gritando para todos ao alcance de sua voz, quando não estava chorando histericamente sobre a cama da filha. Nina teve a sorte de ter alguns minutos a sós com Trina para fazer mais algumas perguntas antes de passar o bastão de investigação para um detetive de Phoenix.

Consciente de que todos esperavam seu relatório, Nina engoliu depressa e enxugou a boca com um guardanapo de papel.

— A vítima é Trina Davidson, de dezessete anos, residente temporária no abrigo para mulheres do centro da cidade com a mãe. Ela nunca tinha visto o suspeito antes da noite passada e não teve nenhum contato prévio com ele em nenhuma plataforma de rede social.

— Ela indicou por que o suspeito a deixou sozinha no trailer? — perguntou Buxton.

— Ela me disse que tentou escapar enquanto ele a algemava na cama. Quando ela tentou dar um golpe nele, ele bloqueou o soco. Com isso, o punho dela voou para trás e acertou uma webcam que estava presa a uma prateleira acima da cama. Ele ficou maluco quando a câmera quebrou. Ela acha que ele planejava transmitir ao vivo o assassinato dela.

Nina notou Wade fazendo anotações em seu tablet.

— Trina acha, mas não tem certeza, que ele terminou de amarrá-la na cama e saiu para encontrar uma câmera substituta. Ela ouviu uma moto saindo, mas não o tinha visto andando de moto antes.

Buxton olhou ao redor da mesa.

— Temos alguma informação sobre a moto?

Todos balançaram a cabeça.

Nina continuou:

— O trailer tem uma minigaragem embutida. É grande o suficiente para uma moto maior ou uma Vespa, mas não comporta um carro. O espaço estava vazio, mas a perícia descobriu uma mancha de óleo no chão lá dentro.

— Devia estar andando de Harley — um dos policiais de Phoenix murmurou. O detetive ao lado dele riu.

— Ele tinha saído há cerca de meia hora quando o detetive Perez e eu aparecemos. O que significa que ele provavelmente voltou quando as luzes já estavam piscando e as sirenes, berrando. Meu palpite é que ele deu meia-volta com a moto e se mandou de lá antes de chegar perto da cena.

Buxton assentiu.

— O que mais a vítima disse sobre o suspeito?

— Ela disse que ele usava luvas de couro preto o tempo todo. É outubro, mas aqui em Phoenix está cerca de 30°C lá fora. Ele não usaria luvas por causa de frio.

— Ele deve saber que temos o seu DNA — disse Breck, falando pela primeira vez. — Então, por que usar luvas?

— Tentando esconder as impressões digitais? — sugeriu Perez.

Nina considerou.

— Talvez estejam em um banco de dados criminal em algum lugar.

— Há muitas profissões que também exigem impressões digitais — disse Wade.

— Quando eu estava na Marinha, eles tiravam as nossas — disse Kent. — Talvez ele esteja nas Forças Armadas.

— Ele usou esparadrapo — disse Nina, lembrando outro detalhe. — Cobriu uma laceração na coxa dela com esparadrapo. Acho que não queria que ela sangrasse

antes de ele voltar. Ele poderia ser um médico de combate ou um médico militar?

— Buscaremos nossos contatos nas Forças Armadas para ver se eles podem ajudar — disse Buxton. — Mas não estou com muita esperança. Vamos passar para o perfil do suspeito. Como podemos acrescentar ao que temos?

Essa pergunta foi dirigida a Wade.

— Eu não acho que essa vítima tenha sido pré-planejada como as outras — disse Wade. — Ele foi para a locadora de trailers vestindo sua roupa de motociclista. Foi até o terreno de moto... poderia ter sido uma Harley. — Ele dirigiu um sorriso irônico para o policial que havia brincado sobre a moto mais cedo. — Queria ter certeza de que caberia na minigaragem. Ainda não encontramos a moto, então não sabemos onde ele a conseguiu, mas suponho que também seja alugada. Ele é esperto demais para ser parado em uma moto roubada, e duvido que tenha atravessado o país desde Washington, DC, ou Savannah.

— Por que você acha que ele não visou Trina especificamente? — perguntou Buxton.

— Meu melhor palpite é que ele planejava ficar de olho no abrigo, mas Trina caiu no seu colo inesperadamente — disse Wade. — Estava na faixa etária e demográfica e simplesmente apareceu dando sopa na frente dele. Quando a outra garota a deixou sozinha para comprar cigarros, ele não pôde deixar a oportunidade passar.

— Um narcisista provavelmente pensaria que era seu dever — disse Kent. — Ele é tão superior que jamais seria pego. Ele é mais esperto do que o resto de nós, meros mortais.

Nina virou-se para Kent.

— De onde você acha que vem isso?

— Ele provavelmente ouviu desde a infância que é especial — disse Kent. — Que é melhor. Então começou a se sentir no direito. Quando as coisas não saem do jeito que ele acha que deveriam, ele naturalmente procura alguém para culpar. Não seria possível que ele simplesmente não estivesse à altura. Tinha que ser culpa de outra pessoa. E essa outra pessoa deve ser punida.

— E a câmera? — Buxton perguntou do outro lado da mesa.

As sobrancelhas grossas e cinzentas de Wade se uniram.

— Ele sente que seu público ainda está crescendo, então precisa de um show maior. Ele não recebeu as mil curtidas que exigiu para exibir os próximos sessenta segundos do vídeo anterior, então pensou em criar um novo em que ele ia postar de uma forma ou de outra. Só que não funcionou.

Nina apreciou que Wade se referisse ao vídeo sem mencioná-la pelo nome. Todos na sala sem dúvida tinham visto, mas ela não precisava da distração de discuti-lo na frente deles. Ainda assim, Nina tomou um gole de café frio do copo de papel na frente dela para esconder o rubor que aqueceu seu rosto.

— E você concorda com o agente Kent que ele precisará culpar alguém? — Buxton perguntou a Wade.

— Culpa e punição — disse Wade. — Um tema recorrente para ele. Eu acredito que ele foi punido severamente quando criança. Acredito que por uma figura paterna. Ele descarrega sua frustração em meninas, então algo crucial pode ter ocorrido durante a adolescência dele. Talvez com uma garota daquela idade, ou talvez com o pai que o puniu. Ele ficou preso nessa fase de desenvolvimento e está fixado nela de certas maneiras.

Buxton abriu a boca para fazer outra pergunta, quando um agente sentado ao lado dele chamou sua

atenção.

— Senhor, temos atividade na página do Facebook do suspeito.

O chefe Tobias pediu a um de seus técnicos de informática:

— Coloque na tela.

Os dedos do técnico voaram sobre um teclado, e um dos monitores pendurados na parede passou do azul-royal sólido para a página do Cifra.

— Aumente o volume — disse Tobias.

A silhueta de uma figura masculina encapuzada apareceu em frente a uma parede branca lisa quando a transmissão ao vivo de um vídeo começou.

— *Ela se intitula Garota Guerreira* — disse ele.

O medo gelado se espalhou por Nina ao som daquela voz.

— *Eles a chamam de heroína. Mas eu sei a verdade.*

A sala ficou completamente silenciosa. Todos os olhos fixos na tela.

— *E agora é hora de o mundo saber.*

O coração de Nina disparou. Do que ele poderia estar falando?

— *Ninguém a queria. Nem mesmo seus pais. Eles a jogaram em uma lixeira. Jogaram fora com o lixo.* — Ele se inclinou para a frente. — *Porque Nina Guerrera é um lixo. E eles sabiam.*

Sua risada profunda deixou os nervos dela em frangalhos.

— *O que vocês acham da sua heroína? Esperem até vê-la como eu a vejo. Nada revela o caráter como a dor e, como vocês estão prestes a ver, ela não mostra nada além de fraqueza.*

O suor pinicava seu couro cabeludo enquanto ela estudava suas próprias feições. Consciente de que alguns

olhos na sala haviam se desviado secretamente em sua direção, ela se manteve ereta, com o olhar fixo à frente.

— *Vou mostrar o resto do vídeo* — a forma escura e sem feições disse para a câmera. — *Vocês verão exatamente quem estão considerando um exemplo para suas filhas. Vocês vão vê-la implorar por misericórdia, rastejar como um cachorro por sua vida miserável. Ela não é nenhuma heroína. Ela é uma garotinha assustada.* — Sua voz caiu para um sussurro. — *Descartável e inútil.*

A imagem parou, substituída por um quadro congelado de Nina quando era uma garota de dezesseis anos. A segunda parte do vídeo começou, retomando exatamente onde o anterior havia terminado. O monstro tirou o cigarro da pele nua da garota, deixando-a ofegante e choramingando na mesa de aço.

O estômago de Nina revirou em protesto. A sala sumiu, e tudo o que ela podia ver era o espetáculo hediondo que se desenrolava diante dos seus olhos. Sua respiração acelerou, equiparando-se com a de seu eu mais jovem, separada, mas fundida em agonia.

— *Isso foi apenas o começo* — disse ele para a garota. — *Eu tenho muito mais planejado para você.* — Ele se inclinou para a frente e pressionou a ponta em sua outra omoplata. Em seguida, esperou com infinita paciência enquanto ela uivava de dor, lutando desesperadamente contra suas amarras. Então ele a queimou uma terceira vez, no centro de suas costas, os círculos chamuscados de carne formando um triângulo. Ele deixou cair o cigarro no chão e recuou, examinando seu trabalho com fria objetividade enquanto ela implorava que ele parasse. Alheio às súplicas, ele se aproximou e colocou as mãos enluvadas ao redor da garganta da garota. Então começou a apertar enquanto narrava para a câmera.

— *Respiração. Um instinto primitivo.* — Ele falava clinicamente, como um professor de anatomia discutindo funções corporais. — *É por isso que o afogamento simulado é tão eficaz. O corpo fica privado de oxigênio e luta para sugar mais. Mas não há ar para inspirar. Depois de um tempo, você começa a desmaiar.*

Ele aliviou seu aperto, e o corpo se contorceu enquanto ela lutava para encher seus pulmões com grandes goles ofegantes.

— *Mas então, você ganha um pouco de ar* — disse ele. — *Apenas o suficiente para manter você consciente... para que você possa experimentar plenamente da próxima vez.* — Ele apertou de novo. — *Se eu continuar assim, você vai começar a ter espasmos incontrolláveis, até que chega uma hora em que você morre.* — Ele a soltou e se afastou para vê-la se debater. — *Mas eu não quero isso. Ainda não.*

Sem pensar conscientemente, Nina agarrou a borda da mesa de conferência para se equilibrar. Ela sentiu as mãos grandes do monstro envolverem sua garganta, ouviu a voz dele ecoar na sua cabeça, sentiu a presença maligna ao seu redor.

Sufocando-a.

Nina se levantou cambaleando e se afastou da mesa. Ela registrou um movimento com o canto dos olhos e viu Kent começar a se levantar. Wade agarrou seu braço, puxando-o de volta para a cadeira.

— *Deixe-a ir* — disse Wade para Kent. — *Dê a ela um momento.*

O vídeo ainda era reproduzido na tela. Ela se afastou. Seus pés de chumbo começaram a se mover mais rápido, levando-a para longe do espetáculo de horror.

Nina empurrou a porta e saiu para o corredor. Afundando contra a parede, deslizou para baixo até que seu traseiro encontrou o piso de ladrilhos lisos. Sua

cabeça caiu nas mãos, lágrimas se acumulando como uma tempestade.

Havia prometido a si mesma que nunca mais permitiria que ele a fizesse chorar. Havia escapado dele onze anos antes, mas ele conseguia torturá-la como se ela estivesse nua de novo na sua frente. O desamparo voltou e, junto com ele, a angústia de saber que um monstro a controlava. Ele decidia se ela respiraria mais uma vez ou não.

Nina começou a tremer. Depois de um longo momento, percebeu que não estava mais tremendo de medo, mas de raiva. Não lhe entregaria seu poder. Nunca mais. Ele estava atacando, tentando recuperar o que havia perdido. O Cifra culpava Nina por essa perda e estava executando sua punição.

Ela sentiu que estava em uma bifurcação na estrada. Se suas suposições sobre o material do clube de luta estivessem corretas, o Cifra era um lutador. Ele continuaria batendo nela, vindo para ela de todos os ângulos. Como os combatentes de artes marciais mistas que ela tinha visto na televisão, ele mudava constantemente de tática, usando uma variedade de técnicas para mantê-la desequilibrada.

Ela havia sido treinada em judô, em que um lutador usa o próprio impulso do oponente contra ele. Teria que tentar essa abordagem para ter alguma esperança de derrotar o Cifra. Isso significava permitir-se abrir a guarda, deliberadamente tornar-se vulnerável para encontrar as fraquezas dele. Pela segunda vez naquele dia, ela se lembrou de seu voto silencioso.

O que fosse preciso.

Então assim seria. Ela iria derrotá-lo. Ou morreria tentando.

Capítulo 43

O CIFRA SE levantou, tirou a capa de chuva com capuz e a deixou cair no chão acarpetado. O show de Nina Guerrera havia terminado, e ele estava excitado. Olhou para o relógio antiquado da lareira e forçou sua mente para a tarefa em mãos. Não havia tempo para mimar-se. Ele caminhou em direção às escadas para o andar superior, passando por cima do corpo do velho esparramado ao lado da mesa da sala de jantar.

Meia hora antes, o velho havia respondido à sua batida na porta da frente. A visão do velho era melhor do que o esperado, porque, assim que deu uma olhada no estranho à sua porta, ele tentou fechá-la. A televisão estava ligada na sala de estar, e um retrato falado bastante preciso do Cifra como um motoqueiro tatuado estava na tela. Alguns golpes fortes na cabeça acabaram com as preocupações do velho. Em caráter permanente.

Ele ficou satisfeito com a escolha. Depois de observar várias casas diferentes na vizinhança, havia encontrado a casa de um homem idoso. Estava preparado para lidar com um casal, mas o homem aparentemente era viúvo. Muito melhor. Ninguém voltaria para casa enquanto ele ainda estivesse ali.

Então subiu os degraus para o quarto principal, entrou no banheiro e ligou o chuveiro. Enquanto a água esquentava, tirou as luvas de couro preto, revelando o par de luvas nitrílicas azuis por baixo. Ele tirou a roupa

com a eficiência conferida pela prática e entrou sob o chuveiro ajustável. A água quente escorria por suas costas marcadas. Molhou uma toalhinha, torceu-a e esfregou os braços. A pele ficou em carne viva enquanto todos os vestígios das tatuagens temporárias rodopiavam pelo ralo a seus pés em um vórtice multicolorido.

Por que os velhos sempre preferiam toalhas em vez de esponjas? Talvez o tecido fosse mais suave em suas peles ressecadas, ou talvez fosse apenas uma falta de capacidade de adaptação. Eles haviam crescido com toalhas de rosto, e, caramba, era isso que iam usar.

Cifra deslizou uma barra verde e branca de sabonete Irish Spring no pano molhado e voltou ao trabalho. A água morna não o acalmou. Só uma coisa o acalmaria agora.

Vingança.

Levando as mãos ao queixo, começou a puxar os restos do cavanhaque colado. Satisfeito, desligou a água e saiu para examinar os resultados no amplo espelho do banheiro. Ele se flexionou, admirando os resultados que anos de treinamento e luta intensos haviam produzido. Sua pele muito clara brilhava com gotas úmidas que corriam em riachos sobre seus músculos bem definidos, poderosos, mas sem volume desnecessário. Seu corpo, agora bem barbeado da cabeça aos pés, era uma tela em branco na qual ele poderia pintar qualquer personagem que desejasse.

Ele se enxugou e caminhou até o armário principal. O velho era encurvado, mas alto. A calça de veludo cotelê marrom deixava seus tornozelos expostos porque ele era ainda mais alto, para melhor mostrar as meias de compressão esticadas sobre suas panturrilhas grossas. Os sapatos ortopédicos eram muito pequenos, mas garantiam que ele se lembrasse de mancar um pouco. Muito mais confortável do que a pedra que ele havia

colocado no sapato em Georgetown, quando estava disfarçado de entregador manco.

Pensamentos de DC o deixaram no limite. No momento em que viu Nina naquele vídeo viral, tinha planejado todo esse esquema. Havia escolhido a pequena latina fugitiva para atrair Nina para seu jogo, no qual ele fazia as regras e decidia o resultado. Durante anos ele pensou na garota que conheceu como Nina Esperanza, aquela que tinha escapado.

Agora, graças à Nina, havia duas. Ela o havia desafiado duas vezes, então teria que pagar duas vezes. Primeiro, ele levaria alguém querido para ela. Então, ele a levaria.

Nina tinha visto o que ele fizera com as outras garotas, mas elas eram desgarradas. Não tinham ninguém próximo. Isso estava prestes a mudar. Mas quem? Ela não tinha família. Não era casada.

Isso lhe fez parar por um instante. Ela não se relacionava com um homem desde o contato com ele? Por causa dele? Ele a havia alterado tão profundamente que ela não podia suportar o toque de um homem? Quando fez a pergunta durante a primeira troca de mensagens diretas, ela se recusara a responder. Cifra tinha certeza de que era o único homem que a havia tocado intimamente. O pensamento ameaçou despertar seu desejo, e ele o reprimiu.

Terminou de abotoar a camisa e estendeu a mão para o boné de lã em cima da cômoda. Por que todo velho tinha um daqueles malditos bonés? Por acaso vinham pelo Correio junto com o cartão da previdência? Ele puxou-o sobre a cabeça careca, satisfeito por cobrir o couro cabeludo até que seu cabelo loiro e grosso voltasse a crescer.

Em seguida, empurrou os enormes óculos bloqueadores de luz azul do homem no nariz, distorcendo o tom de seus olhos. Se os agentes da Administração de

Segurança de Transporte lhe pedissem para tirá-los, ele reclamaria sobre seu glaucoma e ameaçaria com uma ação judicial. Adorava ser um velho mal-humorado.

Seu antigo disfarce estava no chão do banheiro, a pele descartada de uma cobra. Não podia mais usar a persona do motociclista e não podia voar para DC com a mesma identidade que tinha usado para ir de Atlanta a Phoenix, e que havia deixado no trailer. O disfarce de hoje duraria um dia ou dois, mas levaria apenas cinco horas para voar para o aeroporto de Dulles, e então ele desapareceria.

Ele encontrou a carteira do homem na cômoda junto com as chaves do carro. Perfeito. Com bastante teimosia, poderia abrir caminho pela segurança do aeroporto como o sr. William Winchell, um rabugento de 86 anos que não aceitava nenhuma piada de espertinhos. Podia, inclusive, sacudir o punho para eles.

Ele colocou a carteira no bolso junto com as chaves e desceu para pegar seu celular e a webcam. A TV ainda estava ligada, e ele decidiu pegar uma atualização rápida antes de levar o Buick do sr. Winchell para o aeroporto.

Aquela mulher do FBI estava no ar de novo. A que disse que era próxima de Nina Guerrero. Ela era bastante atraente, mas com certeza muito mais velha que Nina. Ele leu o nome na parte inferior da tela.

DIRETORA EXECUTIVA ASSISTENTE APOSENTADA DO FBI SHAWNA JACKSON. Uma funcionária de alto escalão no Bureau. Talvez Nina a admirasse. A tivesse como exemplo. Quisesse ser como ela. Uma ideia começou a tomar forma. Ele usou seu celular para acessar o Google. Fez uma busca pelo perfil dela no Instagram e clicou. Shawna morava nos subúrbios de Washington, DC. Como Nina. Interessante. Ele percorreu seus posts.

Em menos de sessenta segundos, seu plano mudou em uma nova direção. Shawna apareceu em uma fotografia tirada em uma cerimônia com Nina, que

estava recebendo um prêmio de ação comunitária por orientar uma garota adotiva em risco chamada Bianca Babbage. A pequena adolescente também estava na foto, seu rosto jovem emoldurado por longos cabelos escuros com uma mecha azul.

Ele digitou o nome de Bianca tão rápido que quase deixou cair o celular. Encontrou a conta dela no Instagram primeiro. Então, voltou um mês no *feed* e a viu se preparando para começar o semestre de outono na GWU. Nina em pé com ela, toda sorrisos, na frente de um prédio de apartamentos. Essa garota era claramente muito importante para Nina. Alguém com quem ela se importava profundamente. Ele empurrou o celular de volta para o bolso enquanto seus instintos predatórios vinham à tona. Ele havia sentido um rastro.

Alvo na mira.

Capítulo 44

E M VEZ de seu assento habitual na pequena mesa com Wade, Kent e Buxton, Nina optou pela poltrona ao lado de Breck, enquanto o Gulfstream subia à altitude de cruzeiro. Ela instintivamente procurou uma presença feminina reconfortante em Breck, que forneceu refúgio do ambiente carregado de testosterona do outro lado da cabine. Phoenix estava atrás deles agora, mas as consequências do que o Cifra havia feito pairavam no avião como uma nuvem tóxica.

Nina estava plenamente consciente de que milhões haviam assistido ao vídeo. Tinham visto o monstro destruí-la, esmagar seu espírito, arruinar sua alma enquanto, lenta, metódica e completamente, ele destruía cada grama de dignidade que ela possuía. Agora que tinha algum espaço privado, Nina reuniu coragem para perguntar a Breck o que estava na sua mente.

— Ele foi até o fim?

Felizmente, Breck entendeu a pergunta sem a necessidade de maiores explicações.

— Buxton deu a ordem e cuidamos para que o vídeo fosse encerrado depois de apenas onze minutos. Em seguida, colocamos todas as contas de redes sociais do Cifra offline de novo.

Na próxima chance que tivesse, compraria para Breck um julepe de menta, ou o que quer que bebessem na Geórgia. Ela pigarreou, determinada a ouvir o pior.

— Chegou até o estupro?

A pele pálida de Breck ficou rosa, depois carmesim.

— Chegou.

Consciente de que estava custando a Breck fornecer detalhes, ela ainda precisava saber exatamente o que o mundo tinha visto. E o que ainda estava por vir, porque tinha certeza de que o Cifra não havia terminado o show.

— Me conte.

Breck se inclinou tão perto dela que suas cabeças quase se tocaram.

— Depois que você saiu, o vídeo continuou por um tempo com ele sufocando você até quase a morte, depois dando um tapa até que você acordasse completamente. Então ele... — Breck levou a mão à boca. — Ah, Nina, você quer mesmo ouvir isso?

— Quero. — Seu coração estava martelando no peito, mas ela se obrigou a ouvir.

Breck parecia preferir estar em qualquer outro lugar. Depois de uma longa pausa, endireitou os ombros e olhou Nina de frente.

— Ele começou a bater em você — disse Breck, sua voz tensa pela emoção. — Muito forte. Por toda parte. E continuou fazendo você falar. Fazendo você implorar por misericórdia. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Então ele ficou de costas para a câmera e abriu a frente da capa. O corpo dele estava completamente coberto pelo tecido escuro, até o capuz ainda estava na parte de trás da cabeça. Eu não conseguia ver nada, exceto suas mãos e pés. Então ele subiu em cima da mesa e se deitou sobre as suas costas e... e estrangulou você por trás, falando no seu ouvido enquanto a estuprava. — Suas últimas palavras saíram como um sussurro sem fôlego. — Era isso o que estava acontecendo quando derrubamos o filho da puta.

O suor pinicava o couro cabeludo de Nina e umedecia suas palmas. Ela reprimiu a repulsa pelas imagens que voltavam a ela como uma torrente para se

concentrar em algo que Breck havia mencionado. O Cifra tinha falado com ela. Ela havia esquecido esse detalhe.

— Dava para ouvir o que ele estava dizendo para mim?

Breck balançou a cabeça.

— Muito baixo para o microfone pegar. Você se lembra do que ele disse? É importante?

— Não tenho certeza. A Análise Forense de Vídeos poderia melhorar o som?

— Absolutamente. — Breck parecia aliviada por ter algo construtivo para fazer enquanto pegava seu laptop e abria. Colocou-o na mesa de apoio presa ao braço do assento. Enquanto o computador ligava, ela se virou para Nina e colocou a mão em seu braço com gentileza.

— Você quer ir lá atrás e dormir um pouco? É um voo longo para Dulles.

Breck estava oferecendo a ela uma saída. Uma desculpa perfeitamente boa para recuar. Ninguém a culparia por estar com *jet lag* depois de tantas viagens pelo país e emocionalmente esgotada depois que o vídeo havia ido ao ar. Ela poderia facilmente dizer que precisava descansar, voltar para a sala privada na parte traseira do avião e se esconder do mundo por algumas horas enquanto lambia suas feridas.

Isso podia ser exatamente o que ela queria fazer, mas era o oposto do que precisava. Havia mais garotas como Trina por aí, e, se pretendia salvá-las, seria muito melhor se apressar.

Ela cobriu a mão de Breck com a dela, dando-lhe um breve aperto antes de interromper o contato.

— Na verdade, prefiro trabalhar.

Ela se levantou e caminhou até a outra mesa, examinando os homens, um por vez. Kent havia saído para o corredor a fim de encontrá-la depois que ela deixara a sala de conferências de Phoenix e permanecido

ao seu lado desde aquele momento. Quando ela foi ao banheiro, ele ficou de sentinela do lado de fora da porta. Aonde quer que ela fosse, ele estava nos seus calcanhares, uma sombra superprotetora e pensativa. Agora, ele a observava em silêncio a partir de seu assento.

Wade falou com ela brevemente, oferecendo-se como uma caixa de ressonância, mas não insistiu no assunto quando ela recusou. Ele não pareceu surpreso ou ofendido quando ela gravitou para Breck, que não tinha formação em psicologia.

Buxton estava estranhamente quieto, mantendo suas opiniões para si mesmo. Ela não tinha dúvidas de que o chefe havia falado com seus superiores sobre esse novo desenvolvimento. O entusiasmo pelo resgate de Trina havia sido passageiro, e a vingança do Cifra foi rápida e devastadora para toda a equipe. E para o Bureau.

Eles pararam de falar quando Nina se levantou, observando-a enquanto ela se aproximava.

— Estou pronta — disse ela, sem preâmbulos.

Wade a encarou.

— Para quê?

Ela havia passado anos escorando suas paredes internas. Sua mudança de nome legal refletia o fato de que não acreditava mais em esperança. Ao longo de sua infância, ninguém havia lutado por ela. Quando um sistema de assistência social quebrado falhara completamente, Nina decidira lutar por si mesma. Como adulta, agora lutava pelos outros. Havia aprendido a confiar apenas em si mesma. Hora de tentar algo diferente.

— Pronta para fazer o que for preciso para pegar esse cretino — disse ela. — Está claro que o Cifra sabia muito sobre mim antes de me levar. Também está claro que há detalhes de que não me lembro. Detalhes que podem nos apontar na direção certa. — Ela gesticulou

para Wade e Kent, preparada para fazer algo que nunca tinha feito. — Estou pedindo a ajuda de vocês. Eu preciso me lembrar.

Os dois perfiladores trocaram olhares.

— Por onde você gostaria de começar? — Wade perguntou.

Ela pensou por um momento, aliviada por não terem perguntado se tinha certeza ou se queria esperar. Talvez eles também sentissem a pressão do tempo.

— Não tenho certeza. Algum tempo antes do sequestro.

— Ele ficou fascinado pelas cicatrizes nas suas costas — disse Kent. — Por que não começamos por aí?

Nina se sentou ao lado de Wade, em frente a Kent e Buxton, que permaneceram em silêncio. Ela se dirigiu a Kent.

— Você quer saber como eu as consegui?

Wade se mexeu com desconforto, já ciente dos detalhes de seu arquivo. Ela tinha certeza de que era uma das muitas razões pelas quais ele duvidava de sua adequação para o Bureau. Não era uma história bonita, nem a lançava sob a melhor luz.

Kent assentiu.

— Devido aos comentários do Cifra sobre as marcas, acredito que seja o melhor lugar para começar.

Nina não tinha sugestões melhores. Então, voltou no tempo mentalmente, trazendo à tona uma dor há muito enterrada, preparada para contar um dos piores incidentes de sua vida.

— Eu tinha dezesseis anos — começou. — O Serviço de Proteção à Criança me colocou em um lar adotivo com um casal sem filhos. Eles eram um pouco mais velhos, com quase cinquenta anos, então as autoridades deram a eles uma garota do ensino médio para criar. Na época, eu os achava velhos como dinossauros.

— O que aconteceu no dia em que você se machucou? — Kent perguntou, mantendo-a no caminho certo.

— Quando voltei da escola, havia um homem estranho na casa. Eu nunca o tinha visto antes. Ele fedia como se não tomasse banho há uma semana, seu cabelo estava comprido e oleoso, e ele era enorme e peludo, como um urso pardo. Estava gritando com Denny, meu pai adotivo. Parecia que ele havia socado Denny algumas vezes. Minha mãe adotiva estava fora de casa. Não faço ideia de onde.

As memórias tornaram-se mais vívidas à medida que ela prosseguia com a história.

— O urso deu uma olhada em mim e disse que sabia como Denny poderia pagar a dívida.

Os olhos de Kent endureceram em lascas de gelo azul.

— Denny me disse para ir para o quarto com o urso. Eu recusei. Tentei correr, mas eles me pegaram. O urso disse que me ensinaria qual era o meu lugar. Disse a Denny para me segurar, então ele pegou uma faca e cortou minha camiseta e meu sutiã.

Ela notou as mãos de Buxton apertarem antes que ele as deslizasse para debaixo da mesa.

— Denny me segurou forte, virada com as costas nuas para o urso, que tirou o cinto. Era um daqueles de couro trançado. Ele prometeu me bater até eu desmaiar ou ir com ele sem reclamar; mas, de qualquer forma, eu iria para o quarto. Ele começou a me bater, mas eu não cedi, então ele virou o cinto e bateu com o lado da fivela. Foi isso que provocou todos os cortes.

Kent parecia querer bater em alguma coisa, mas não a interrompeu.

— Por fim, eu disse que faria o que ele quisesse — ela continuou, surpresa com a calma em sua própria voz.

— Antes que o urso pudesse me arrastar, enfiei a mão no

bolso de Denny, onde sabia que ele guardava uma faca dobrável. Decidi esfaquear aquele filho da puta na garganta assim que ele me pegasse sozinha. Infelizmente, coloquei a mão no bolso errado e peguei o isqueiro do Denny. O urso agarrou meu pulso e me puxou pelo corredor até o quarto. Eu disse que estava menstruada. Ele não se importou. Eu disse que tinha que fazer xixi. Ele não se importou. Eu disse que estava prestes a vomitar e comecei a vomitar, então ele me deixou ir ao banheiro.

Mesmo com a pouca idade, ela havia aprendido a pensar rápido depois de ter que se defender sozinha de um monte de pessoas muito maiores do que ela.

— Entrei no banheiro e procurei por uma arma. Não havia tesoura. Não havia nada afiado. Então eu vi uma lata de *spray* de cabelo da minha mãe adotiva. Fiquei em posição, segurando o bocal em direção à porta. Liguei o isqueiro de Denny e segurei a chama bem embaixo do bico da lata. Quando o urso abriu a porta, eu apertei e joguei o *spray* flamejante direto em seu rosto nojento e peludo. A barba dele pegou fogo. Enquanto ele corria em círculos gritando e batendo no rosto tentando apagar o fogo, eu me mandei.

Ela meio que sorriu com a memória.

— Passei direto pelo Denny, que vinha pelo corredor para ver o que estava acontecendo. Continuei até chegar à faixa de pedestres na rua. A escola primária já tinha dispensado os alunos quando eu saí da casa, então eu sabia que uma guarda de trânsito estaria lá.

— O que a guarda de trânsito fez? — perguntou Kent.

— Ela colocou o colete em cima de mim e chamou a polícia. Eu ainda não tinha vestido uma camisa. Menos de cinco minutos depois, os policiais apareceram. Assim como uma ambulância. Acontece que ela disse ao

atendente da emergência que eu estava sangrando muito.

— O que a polícia fez?

— Os policiais estavam fazendo muitas perguntas. Enquanto eu estava contando a eles o que tinha acontecido, um dos paramédicos colocou algo nas minhas costas que queimou como o inferno. Deve ter sido um antisséptico. Não pensei, apenas reagi. Girei e soquei o cara o mais forte que pude. Ele era grande, então não deve ter machucado, mas ele agarrou meu pulso. Tenho certeza de que ele só queria me impedir de dar outro golpe, mas, quando senti sua grande mão em volta do meu pulso, perdi o controle. Comecei a chutá-lo e a acertá-lo com a minha mão livre.

— O que ele fez?

— Ele era forte como os diabos. Reflexos rápidos também. Agarrou meus dois antebraços e me puxou para ele para que eu não pudesse chutar seu saco, que era onde eu estava mirando. O outro paramédico e os dois policiais se juntaram. Foram necessários os quatro homens para me conter. Eles finalmente pararam um pouco, então o cara que colocou o antisséptico nas minhas costas me disse para me acalmar. Eu absolutamente pirei quando ele disse isso. Ele agarrou meu braço com força suficiente para deixar hematomas, então se aproximou do meu rosto e me deu uma ordem...

Seu corpo se ergueu. Ela se virou para Wade, a boca formando palavras que não vinham.

Suas sobrancelhas franziram.

— O quê?

— Trina — ela conseguiu dizer.

— O que tem a Trina? — Kent parecia completamente perplexo.

Uma cascata de memórias a atravessou, lavando a névoa e trazendo clareza.

— Aquele paramédico que veio ao local do crime em Phoenix. Ele teve que cortar as algemas de Trina para soltá-la. Ela não parou de surtar e ele acabou agarrando os pulsos dela. — Nina desviou o olhar, envergonhada por sua reação exagerada. — Eu meio que perdi a cabeça quando ele fez isso.

Ela não mencionou que tinha dado uma cotovelada no paramédico. Buxton leria sobre isso em seu relatório em breve, e ela enfrentaria qualquer disciplina que o Bureau aplicasse.

— O que houve com o paramédico? — perguntou Kent.

— Foi algo que ele disse. — Ela estava puxando fragmentos dos cantos da sua mente, costurando-os em um padrão. — Ele gritou com Trina. Disse a ela que estávamos tentando ajudá-la.

— Eu não entendo o significado — disse Kent.

— Foi por isso que eu reagi. — Ela estava praticamente vibrando de agitação. — Quando o paramédico de Fairfax se aproximou do meu rosto, ele me disse que eles estavam tentando me ajudar. Disse que eu deveria aprender a ser meu próprio mestre.

— Ser seu mestre? — Kent foi quem percebeu primeiro. — Estranha escolha de palavras.

Nina sentiu alívio por eles estarem entendendo agora.

— Exatamente.

A testa de Wade se enrugou em confusão.

— Qual é o significado?

Tudo tinha voltado para ela de repente. O peso do corpo dele esmagando suas costas, prendendo-a na mesa. O cheiro almiscarado de seu suor. A sensação do hálito quente contra sua orelha enquanto ele falava.

— Isso é o que o Cifra ficava sussurrando no meu ouvido.

Capítulo 45

NINA SAIU apressada pelo corredor enorme do Gulfstream. Breck, que aparentemente estava absorta em seu computador, olhou para cima com surpresa.

Incapaz de conter a agitação, Nina se sentou no banco vazio ao lado de Breck.

— Temos uma pista. — Quando Breck simplesmente continuou a olhar para ela, Nina bateu a palma da mão na mesa. — Uma pista, juro-por-Deus, puta-que-pariu, totalmente-genuína.

Ela sentiu a presença de Wade atrás dela.

— O paramédico que tratou os ferimentos nas costas de Nina há onze anos — disse ele como explicação.

Ela e Wade passaram os dez minutos seguintes contando a Breck sobre sua epifania enquanto os outros ouviam, respondendo às perguntas de toda a equipe à medida que iam chegando. Ela deveria estar mentalmente esgotada, mas se sentiu completamente energizada, e sua excitação provou ser contagiosa. O torpor que tomou conta da equipe meia hora atrás foi substituído pelo fervor.

Buxton apanhou sua pasta de couro e tirou o telefone via satélite que levavam a bordo.

— Vou ligar para a força-tarefa.

Seu supervisor estava na sua área de atuação. Buxton distribuiu tarefas a várias equipes de agentes de campo e analistas. Era como se a maior agência de

aplicação da lei dos Estados Unidos estivesse prendendo a respiração coletivamente, esperando por aquele momento. Esta era a segunda vez que tinham uma pista viável para perseguir, e, como antes, Buxton não perdeu tempo para trazer todos os recursos à sua disposição.

Nina o ouviu incumbir uma das equipes de rastrear relatórios da polícia e do pessoal de resgate que tinha respondido à ligação da guarda de trânsito para a emergência. Esse era o resultado que ela estava mais ansiosa para ver.

— As coisas estão se encaixando — disse Kent. — Como o resíduo da fita médica e uma escala de trabalho variável, com muito tempo de folga entre os turnos.

— Vou garantir que esses turnos sejam cruzados com as datas de sequestros e assassinatos — disse Buxton com os dedos sobre o fone antes de retomar sua conversa.

Breck se inclinou em direção ao laptop novamente.

— Um paramédico teria conhecimento das cenas de crime e de como cobrir seus rastros da análise forense. — Seus dedos começaram a tamborilar regularmente no teclado. — Ele pode ter obtido acesso a computadores do governo municipal para identificar alvos potenciais no sistema também.

Wade se acomodou em um assento do outro lado do corredor.

— Ainda não tenho certeza de como ele escolhe suas vítimas, mas isso vai ficar mais claro daqui para a frente. Ele pode variar seus métodos, o que faria sentido, dado o aparente componente aleatório de outros aspectos dos crimes.

Em quinze minutos, Buxton interrompeu a discussão em andamento com uma atualização.

— A equipe que revisou os registros descobriu que a polícia não listou os nomes dos paramédicos no seu relatório. No entanto, como o chamado envolveu um

ferimento em uma menor sob custódia do Estado, o Corpo de Bombeiros do Condado de Fairfax manteve os registros.

— Temos um nome? — Nina perguntou.

— Os dois paramédicos que responderam ao chamado foram Halberd Falk e Brian Dagget, ambos ainda no trabalho. Falk foi transferido para um quartel de bombeiros em Franconia, mas Dagget ainda trabalha no quartel de Springfield.

Dois nomes possíveis. A equipe do FBI estava muito mais perto do que naquela manhã.

Buxton acenou para Breck.

— Eles enviaram fotos do registro de funcionários de ambos os paramédicos para o banco de dados da força-tarefa. Por que você não acessa o arquivo e damos uma olhada?

Breck abriu um link para o servidor seguro do FBI e passou o mouse para um dos ícones de pasta criados pela força-tarefa. O coração de Nina batia tão forte que ela achou que poderia explodir enquanto esperava a primeira imagem carregar.

Quando o rosto do homem apareceu, ela soltou um suspiro que não percebeu que estava prendendo.

Dagget era branco, com cabelos loiros e olhos azuis. A imagem condizia com aquela gerada no programa preditivo de DNA. Tinha sido ele? Ela não podia ter certeza.

Breck passou o dedo na tela *touchscreen* e mostrou a foto seguinte. Aquele era o momento da verdade. Se Falk não correspondesse à descrição preditiva, eles saberiam que era Dagget.

A imagem de um homem ganhou a resolução total na tela, e Nina deu um suspiro audível ao olhar para outro homem com cabelos loiros e olhos azuis. Falk poderia ser primo de Dagget. Ela se aproximou, o nariz quase

tocando a tela, prestando atenção especial na área ao redor dos olhos. A única parte do Cifra que ela já tinha visto sem disfarce.

— E então? — Kent disse no silêncio, enquanto todos observavam sua reação.

Ela esperava ter a mesma resposta visceral que tivera quando havia olhado para a imagem gerada pelo fenótipo, mas não teve. Os homens eram muito parecidos? Era isso?

— Droga. Eu não consigo ter certeza. — Uma ideia surgiu. Ela virou os olhos para Breck. — Você tem acesso à lista de nomes que o Sorrentino nos deu?

O rosto de Breck se abriu em um sorriso.

— Um momento.

Todo mundo estava de volta em um padrão de espera enquanto Breck passava o mouse pela área de trabalho, abrindo vários arquivos.

— Aqui — anunciou ela, girando a tela levemente para que Nina pudesse ver. — Coloquei os nomes em uma planilha do Excel e, então, tudo o que eu preciso fazer é classificar em ordem alfabética.

Wade espiou por cima do ombro de Nina.

— Eu juro, se esses dois caras brigarem no clube, eu digo que vamos prendê-los de qualquer maneira e resolver isso mais tarde.

— A esta altura, eu não descartaria essa hipótese — disse Buxton.

Mais alguns cliques e a planilha se deslocou, reorganizando as colunas. Havia apenas um nome correspondente. Apenas um suspeito. Nina soltou um longo suspiro.

Halberd Falk era o homem dele.

Buxton, que estava segurando o telefone via satélite com a mão sobre o receptor novamente, colocou-o de volta ao ouvido e começou a disparar novas instruções.

Uma grande mão quente pousou no ombro de Nina; ao erguer os olhos, viu Kent olhando fixamente para ela.

— Você está bem?

Surpreendendo-se, ela não sentiu a necessidade de se afastar do contato.

— Estou bem, obrigada.

E ela realmente estava. Havia enfrentado seus demônios para encontrar a peça que faltava. Ela se virou para Wade.

— E obrigada, também.

Ela se sentia como sua verdadeira parceira. O homem que ela achava que não tinha coração. O homem que havia tentado bloquear sua entrada no Bureau. O homem que ela agora considerava um aliado e um amigo.

— Você fez todo o trabalho pesado. — Wade corou um pouco e acrescentou: — Obrigado por confiar em mim depois do que fiz com você.

Kent olhou de um para o outro, tentando ler o subtexto.

— O que você fez com ela, Wade?

Nina respondeu por ele.

— O que ele achava que tinha que fazer... no momento. — Ela deu a Kent um olhar com o intuito de comunicar que, para ela, o assunto estava encerrado.

Breck soltou um gritinho animado.

— Vocês nunca vão acreditar nisso. — Ela olhou para eles. — Adivinha qual é o nome de luta dele?

Wade suspirou.

— Se você me disser que é Cifra, eu vou...

— Odin — disse Breck. — Como o deus da mitologia nórdica.

A conexão atingiu Nina com um sobressalto.

— O filho do dr. Borr mencionou Odin.

— Borr era o pai de Odin — disse Wade. — Isso faz todo o sentido. Falk teria considerado o dr. Borr como seu verdadeiro pai. O homem responsável por criá-lo, de

certa forma. Diabos, até onde sabemos, ele poderia ter sido o pai biológico de Falk se tivesse decidido usar seu próprio DNA mais uma vez.

A mente de Nina girou com as implicações.

— Falk provavelmente também assimilou todas as filosofias de eugenia do dr. Borr. Mesmo que Borr tenha morrido antes que Falk tivesse idade suficiente para conhecê-lo, ele poderia ter lido sobre o pai.

— O filho de Borr não disse que Odin era um deus de um olho só? — Kent não perguntou a ninguém em particular.

— Ele disse — respondeu Wade, aparentemente com seu conhecimento de mitologia nórdica na ponta da língua. — Ele supostamente sacrificou um de seus olhos para que pudesse ver tudo, saber tudo.

Um calafrio percorreu Nina.

— Meu colar com o olho de deus — ela sussurrou, sua mão subindo para a garganta, por instinto, onde antes a dele havia se demorado. — E aquele comentário que ele fez quando estávamos mandando mensagens sobre como ele estava sempre de olho.

— Eu poderia escrever uma dissertação sobre esse cara — Wade murmurou.

Nos vinte minutos seguintes, eles se reuniram para rever os casos anteriores sob uma nova perspectiva.

— Estamos recebendo relatórios agora — Buxton gritou, interrompendo-os. — São apenas preliminares neste momento. Quando terminarem, saberemos até o nome de solteira da professora da pré-escola desse cara.

Era assustador quanta informação o Bureau poderia acumular em uma hora com esses tipos de recursos.

— A pontuação dele nos testes de admissão no programa de socorristas foi muito alta — começou Buxton. — Ele também é um lutador muito bom pelo que ouvimos. — Seu dedo percorreu a página de notas. — É um sujeito solitário. Vive sozinho em uma casa na zona

oeste do condado de Fairfax. Estamos recebendo um mandado de busca para a propriedade agora. Devemos ser capazes de executá-lo hoje à noite.

— Ele está de serviço hoje? — perguntou Kent.

— Ele está atualmente de licença do trabalho — disse Buxton.

— Disse ao seu supervisor que precisava cuidar de uma tia doente em Boise.

— Deixe-me adivinhar — disse Nina, revirando os olhos. — Nenhuma tia?

— Bingo.

— Qual é o horário de turno dele? — perguntou Breck.

— Seu esquadrão trabalha dois dias, e tem dois dias de folga, e se trabalha mais dois dias, tem quatro dias de folga. — Buxton permitiu um sorriso raro. — Eles combinaram as datas. Todos os sequestros ocorreram no início de um intervalo de dois ou quatro dias.

— Quanto eles verificaram? — perguntou Wade. — Sabemos sobre a época do sequestro de Guerrera?

— Ele tinha acabado de voltar ao trabalho após uma suspensão disciplinar — disse Buxton. — Brigou com um bombeiro no vestiário do quartel. Quebrou o nariz do cara.

Wade assentiu.

— Isso contaria como um estressor precipitante. Sua carreira estava em risco, o que o faria sentir pressão.

— Aposto que foi quando ele começou a lutar na gaiola — disse Kent. — Conscientemente ou não, ele estava tentando encontrar uma saída para sua agressividade.

Nina sentiu um arrepio quando outra peça se encaixou com perfeição.

— Isso explicaria as evidências encontradas no meu caso. Se ele fosse titular do clube durante a suspensão,

teria que comprar luvas de MMA. Tenho certeza de que Sorrentino teria vendido um par para ele.

Ela reconheceu a sensação de impulso. A fundamentação do caso estava crescendo.

— Algo mais sobre sua vida pessoal? — perguntou Wade.

Buxton consultou suas anotações.

— Nunca se casou, sem filhos que saibamos. Os pais são ambos falecidos. Sua mãe morreu de aneurisma quando ele tinha cinco anos, e seu pai caiu da escada da casa da família quando Falk tinha 21 anos. Buxton arqueou uma sobrancelha. — Apenas os dois estavam lá quando aconteceu. Foi considerado um acidente.

Wade falou com absoluta certeza.

— Não tenho dúvidas de que o pai abusava dele. Falk o empurrou escada abaixo.

— Ele herdou a casa — disse Buxton. — Mas comprou uma casa mais perto do trabalho.

Nina levantou um dedo.

— Espere um segundo. — Algo sobre a linha do tempo desencadeou um pensamento. — Se Falk tem 32 anos agora, então, onze anos atrás, ele teria 21.

— Dependendo da data — disse Buxton. — Qual é o seu argumento, agente Guerrero?

— Quando exatamente o pai dele morreu?

Buxton olhou para baixo novamente.

— Vinte e oito de setembro.

— Falk tratou minha lesão de cinco seis dias depois — disse ela, com o coração batendo forte. — Provavelmente seu primeiro dia de volta após o enterro. — Ela olhou para Wade. — E da suspensão disciplinar, que deve ter sido o motivo de ele estar em casa com o pai. Foi quando tudo aconteceu.

— Outro estressor precipitante — disse Wade, a voz aumentando à medida que ele se animava. — Se o

primeiro assassinato foi seu pai, Falk estaria no limite, imaginando se alguém descobriria o que ele fez.

— E uma vez que um predador age em cima de suas fantasias pela primeira vez, tudo muda — disse Kent, continuando de onde Wade havia parado. — Ele coça a coceira, mas depois não consegue parar porque a coceira continua voltando. Suponho que ele fantasiou assassinar o pai por anos antes de finalmente fazê-lo.

Os olhos cinzentos de Wade estavam fixos nos de Nina.

— Ele estava sob extrema pressão no trabalho e na vida pessoal quando conhece você. Ele vê que você foi abusada e coloca você na categoria de vítima. Então você luta com ele enquanto ele está tentando tratar seus ferimentos, e algo se encaixa. Ele não pode tolerar o desrespeito de alguém que ele vê como inferior.

Ela tentou ver da perspectiva de Falk.

— Então eu escapo dele, e ele não aguenta. Ele é superior em todos os sentidos, eu não deveria ter sido capaz de desafiá-lo.

Wade assentiu.

— É um desafio para todo o sistema de crenças dele. Para acertar as coisas, ele deve colocar você no seu lugar, controlar todos os aspectos da sua vida, incluindo sua morte.

A mente de Nina chegou a uma conclusão nauseante.

— Então, todas aquelas outras garotas...

— Foram substitutas — Wade terminou para ela. — Até que ele encontrasse você de novo.

Nina queria gritar, se enfurecer contra a injustiça daquilo tudo. Não poderia saber o que tinha posto em movimento no dia em que havia escapado de um tipo de inferno apenas para encontrar outro, mas sentiu o peso disso na sua alma. Tantas vidas destruídas. Tanta dor e sofrimento.

— Temos que encontrar esse maldito — disse ela. — Temos que detê-lo. — Estava preocupada com a profundidade das informações que haviam reunido em um período tão curto de tempo. — Com toda essa movimentação de agentes, a notícia pode acabar chegando até ele. Não quero assustá-lo.

— Eles estão mantendo as perguntas discretas — disse Buxton. — Nenhuma razão para acreditar que ele já saiba que estamos atrás dele.

— Temos o suficiente para prendê-lo agora? — perguntou Breck.

Buxton balançou a cabeça.

— O procurador dos Estados Unidos quer uma correspondência de DNA.

— O que significa que precisaremos de um mandado de busca para fazer um teste de *swab* bucal — disse Nina.

— Os agentes da força-tarefa estão escrevendo uma declaração juramentada agora — disse Buxton. — Mesmo correndo, levará algumas horas para concluir a papelada. Em seguida, precisarão que um juiz federal emita o mandado de busca. Realisticamente falando, vai levar cerca de três ou quatro horas até que o tenhamos nas nossas mãos.

— Se tivermos sorte. — Nina gemeu. — Caso contrário, teremos que esperar até de manhã.

— Eu não vou deixar isso acontecer — disse Buxton. — E, enquanto esperamos, entrei em contato com a Equipe de Resgate de Reféns. Eles vão enviar uma equipe para executar o mandado.

Ela ficou impressionada. A ERR, alocada com eles na academia em Quantico, executava prisões de alto risco e operações de vigilância, entre muitas outras tarefas e atribuições táticas. O fato de estarem sendo trazidos naquele estágio crítico demonstrava o compromisso do

Bureau em capturar o Cifra. Claramente, Buxton não queria correr riscos. Pela primeira vez, ela apreciou o impacto que o caso estava tendo em sua carreira. Todos, do diretor para baixo, estariam assistindo. Não era de se admirar que suas feições mostrassem sinais de tensão e fadiga.

— Esperamos encontrá-lo em casa esta noite quando cumprirmos o mandado de busca — continuou Buxton. — Então poderemos levá-lo para interrogatório e fazer um *swab* bucal para coletar o DNA dele.

— Nós alertamos o público? — disse Wade. — Não podemos deixá-lo sequestrar outra garota.

— Assim que tivermos uma solução sobre a localização, a ERR o colocará sob vigilância constante até que estejamos prontos para partir. — Buxton ergueu um ombro. — Eu não gosto disso, mas é o melhor que podemos fazer antes de termos um mandado.

— E não temos ideia de onde ele está agora? — perguntou Kent.

Buxton balançou a cabeça.

— Não deve voltar ao trabalho por dois dias. Não está no clube de luta. Não há tia em Boise. — Ele deslizou os óculos de leitura e esfregou a ponte do nariz. — Ele é um fantasma.

Nina fumegava em silêncio. Ela poderia enfim dar um nome a seu inimigo, mas não poderia colocar as mãos nele. Onde ele estava? Mais importante, o que ele estava fazendo?

— Vamos pousar em menos de uma hora — disse Buxton, interrompendo seu devaneio. — Quero que cada um de vocês vá para casa e coloque seu equipamento de ataque. Assim que o mandado for emitido, vou enviar uma mensagem de ação com o local do posto de comando, onde vocês se apresentarão para um *briefing* pré-operação com a ERR. Este é um esforço em grupo

que envolverá o máximo de pessoas de que pudermos dispor, pessoal. Vamos pegar esse imbecil hoje à noite.

Apesar do pronunciamento do agente especial supervisor, uma sensação de mau presságio tomou conta de Nina. Falk estava por aí em algum lugar, alimentado pela raiva e quaisquer demônios que o possuíssem. E ela não tinha dúvidas de que ele estava à caça. Seriam capazes de alcançá-lo antes que ele encontrasse seu próximo alvo?

Capítulo 46

ASSIM QUE chegou ao seu apartamento, Nina foi para o quarto a fim de arrumar seu equipamento antes de tomar um banho rápido. Com a eficiência conferida pela prática, ela colocou uma camisa tática preta, calças, botas e sua jaqueta do FBI na cama ao lado da Glock e dois cartuchos extras. Preparada e pronta, ela poderia sair em dois minutos assim que Buxton mandasse a mensagem.

Estava sentada à mesa da cozinha enquanto o cabelo secava, tomando café com seu laptop na frente dela, quando a batida característica de Bianca a interrompeu. Apertando o cinto do robe de cetim curto, ela caminhou até a porta para encontrar sua jovem vizinha na soleira. Ela cruzou os braços.

— Por que demorou tanto?

Bianca cruzou os braços para trás, então insistiu quebrando o quadril de lado.

— Preciso de uma atualização sobre a investigação.

— A investigação é problema meu — disse Nina. — Não seu.

— É um problema de todos. — Bianca passou por ela, puxou uma das cadeiras da cozinha e se sentou. — Ninguém está seguro enquanto aquele lunático estiver por aí, e, pelo que posso dizer, vocês não estão mais perto de pegá-lo do que estavam há uma semana. — Ela traçou um dedo ao longo da marca do FBI na pesada caneca de cerâmica. — Você tem mais café?

— Bi, agora não é uma boa hora. Estou esperando uma mensagem do meu chefe. Quando eu receber, vou ter que sair.

— Sem problemas. Eu vou quando você for. Enquanto isso, você pode me servir uma xícara.

Nina cedeu.

— Você vai ter que tomar puro, porque estou sem leite.

— Pode ser. — Bianca acenou com a mão em gesto de desdém. — Eu só preciso de cafeína.

Nina virou-se para o balcão e tirou a jarra da cafeteira. Em seguida, abriu um armário, procurando uma caneca.

— Desde quando você assiste a lutas de MMA em gaiolas? — Bianca queria saber.

Ela se virou para ver Bianca olhando para o seu laptop aberto. Nina correu para a mesa e colocou a mão na tampa para fechá-lo.

Bianca levantou uma sobrancelha de *piercing*.

— Quem é Halberd Falk?

Nina fechou os olhos. A garota era intrometida e esperta demais.

— Ninguém, Bi. Só esqueça que você já o viu.

A verdade viria à tona mais tarde, e Bianca logo saberia exatamente quem ele era. Mas não ouviria isso da boca de Nina.

Bianca estreitou os olhos.

— Ele tem algo a ver com o caso, não tem?

O cérebro enorme de Bianca estava processando os fatos como um cubo mágico, e, como sempre, as peças logo se encaixariam perfeitamente.

— Fique fora disso, Bi.

Bianca se endireitou na cadeira, olhos brilhantes.

— AI, MEU DEUS! Halberd Falk é o Cifra. — Ela levou as duas mãos à boca. — E vocês vão prendê-lo, não

é? É por isso que você tem que sair. Essa é a mensagem que você espera do seu chefe.

Nina suspirou.

— Eu não posso confirmar nem negar...

— Ok, beleza. — Bianca enxotou Nina com as duas mãos. — Vá se vestir. Eu quero assistir ao vídeo de qualquer maneira. — Ela abriu o laptop novamente. — Prometo que não vou falar nadinha sobre isso para ninguém. — Bianca fez um gesto de X na frente da boca.

Nina poderia pegar o computador e levá-lo para o quarto, mas Bianca iria apenas pesquisar Falk no Google e assistir no celular. Nina soltou um suspiro, entrou no banheiro e começou a enxugar o cabelo.

— Puta merda, Nina — Bianca gritou para ela da cozinha. — Você tem que ver isso.

Com o cabelo úmido grudado na testa, Nina pendurou a toalha no cabide antes de caminhar pela sala com os pés descalços para encontrar Bianca com os olhos arregalados na frente do computador.

— O que foi?

— Quantas imagens dessa luta você viu?

— Apenas os primeiros dois segundos. Você chegou antes que eu pudesse assistir mais.

A voz de Bianca baixou a um sussurro com o espanto.

— Olhe para as costas dele.

Ela se sentou na outra cadeira e fez sinal para o laptop.

— Me deixe ver.

A filmagem obviamente havia sido feita discretamente por alguém na plateia que estava sentado em um lado da gaiola metálica. Bianca havia parado o vídeo depois que os dois adversários, que estavam de frente para a torcida, giraram para ficar um de frente para o outro. As costas largas de Falk estavam agora voltadas para a câmera.

A parte superior de seu torso maciço exibia uma arte corporal única. O desenho se estendia por todo o espaço das costas até a cintura em um padrão geométrico reproduzido ali com habilidade.

— Três triângulos entrelaçados — disse Nina.

— Isso não é tudo — disse Bianca, sua voz trêmula. — Veja o que acontece quando eu faço isso. — Ela usou o polegar e o indicador na tela *touchscreen* do laptop para expandir a imagem, ampliando as omoplatas tatuadas.

Nina apertou os olhos quando a imagem ficou um pouco fora de foco.

Bianca clicou em algumas teclas.

— Agora olhe de novo.

Quando a imagem clareou, Nina sentiu seu queixo cair. Entre as intrincadas marcas pretas do desenho, ela distinguiu cicatrizes circulares.

— Queimaduras de cigarro — ela respirou, incapaz de processar completamente o que estava vendo. — Três. — Ela tentou encaixar isso na imagem mental que tinha do monstro. Ele não tinha feito aquelas marcas em si mesmo. A tatuagem escondia as marcas de tortura há muito cicatrizadas.

— Elas formam um triângulo nas costas dele — disse Bianca. — Mas a tatuagem cobre.

— O que esse símbolo significa? — Nina murmurou.

— Já vou descobrir. — Bianca estava com o celular na mão, os polegares trabalhando no minúsculo teclado. — Esse é o símbolo de Odin. Ele é um deus nórdico.

— Claro — disse Nina, a mente em disparada. — É por isso que ele fez a forma de um triângulo nas minhas costas. É porque ele se vê como Odin, filho de Borr.

— É porque ele é uma aberração. — Bianca voltou ao foco normal. — Observe o que ele faz a seguir. — Ela tocou no ícone de seta no centro do quadro para dar *play* no vídeo.

O oponente de Falk lançou um ataque brutal, e o ataque combinado o derrubou no chão. Falk se levantou e ficou ereto, preparando-se para receber outro ataque.

— Ele nem tenta evitar os golpes — disse Nina, franzindo a testa. — Ele quer apanhar.

— É como se ele estivesse provocando o outro cara — disse Bianca. — Ele fica lá e o deixa derrubá-lo algumas vezes. Nem vacila ou tenta sair do caminho. Ele apenas... leva.

— Como punição — disse Nina, uma teoria tomando forma. — Quando foi essa luta?

— Quatro dias atrás.

— Logo após o assassinato de Boston — disse Nina. — Ele estava se punindo por me deixar chegar até ele. Ele mostrou fraqueza.

Os olhos de Bianca ainda estavam na luta.

— Agora ele se levanta do chão e destrói o outro cara em cerca de vinte segundos. — Ela balançou a cabeça. — O cara é louco de pedra, mas é um fodão.

Falk permitiu que um oponente menos habilidoso o machucasse antes de revidar. *O que isso dizia sobre o Cifra?*, Nina se perguntou. Wade imaginava que ele havia sido punido severamente por uma figura de autoridade — provavelmente uma figura paterna — quando jovem. Alguém certamente o havia torturado anos antes. As queimaduras eram prova disso. Assim como seu desejo de se identificar com o dr. Borr, um homem que ele poderia idolatrar e assumir como pai substituto.

Nina sentiu como se estivesse compreendendo melhor a psique dele, mas a verdadeira compreensão estava fora de alcance. O que os criadores de perfil fariam com isso?

— Tenho que me vestir. — De repente, ela estava ansiosa para chegar a Quantico bem antes do *briefing*

pré-autorização. — Você pode ficar aqui até eu sair, se quiser.

— Isso aí. Vou assistir a algumas das outras lutas. Assustador é pouco para esse cara.

— Você não tem ideia — ela murmurou baixinho.

Nina voltou para o banheiro e ligou o secador para terminar o cabelo. Os fios curtos não precisavam de muito trabalho para alcançarem o visual despenteado que ela preferia. Ela desligou o secador e largou a escova, examinando os resultados no espelho.

Vozes emanavam da cozinha, chamando sua atenção. Ela distinguiu as notas mais suaves da fala de Bianca, mas não conseguiu identificar o barítono masculino que estava conversando com ela. Não parecia ser Jaime.

— Quem está com você, Bi? — ela perguntou.

— Agente Taylor — Bianca disse. — Diz que seu chefe o enviou aqui.

Nina caminhou até a sala de estar, apertando firmemente seu roupão fino. Um homem alto vestido de azul Hoover estava na cozinha. Seu cabelo escuro bem aparado, o rosto bem barbeado e óculos de armação preta compunham o clássico soldado. Todo o seu comportamento gritava assunto de Estado, até o colarinho branco engomado.

— Quem mandou você? — Ela perguntou.

— AES Buxton — disse ele, puxando as credenciais e abrindo-as para mostrar. Ele tinha um sotaque que ela não conseguia identificar.

Ela se aproximou e olhou para a identificação federal. Ele estava designado para o escritório local de Washington, mas ela não o reconhecia. Não era muito surpreendente, já que cerca de 1.700 funcionários federais trabalhavam no escritório local de DC.

Ainda assim, algo a incomodava.

— Por que Buxton não me mandou uma mensagem? — ela perguntou. — Eu olhei o celular o tempo todo em

busca de mensagens.

— Ele está tentando entrar em contato com você — disse Taylor. — Deve haver algo de errado com o seu celular. Fui designado para vir buscá-la. Houve um grande desenvolvimento no caso do Cifra. — Ele olhou para Bianca, que era muito lenta em esconder seu olhar de ávido interesse, e acrescentou: — Atualizo as informações no caminho.

— Bi, encontro você mais tarde — disse ela, então se virou e estendeu a mão para Taylor, com a palma para cima. — Posso pegar seu celular emprestado? Quero falar com Buxton.

— Eu deixei no carro — disse Taylor. — Você pode ligar para ele no caminho.

A sensação incômoda não ia embora. Ela tentou conciliar os fatos. Se Buxton não pudesse contatá-la por mensagem ou telefone e precisasse dela para uma operação crítica, o que ele faria? Ela não tinha um número de telefone fixo, então ele poderia enviar um agente do escritório local do FBI mais próximo para contatá-la e transmitir a mensagem. Mas por que ele faria o agente levá-la ao ponto de encontro? Não era eficiente. Tinha que encontrar uma maneira sutil de testar Taylor.

— É melhor eu me arrumar, então — ela disse suavemente. — Não posso deixar o AES esperando. Você sabe o que eles dizem, não envergonhe... — Ela deliberadamente parou, lançando a Taylor um olhar significativo.

— O chefe — ele concluiu após um momento de hesitação.

— Exatamente. — Ela mostrou-lhe um sorriso brilhante para esconder o medo que a perfurava, cortava até o osso. Todo agente do FBI sabia que a expressão correta era “Não envergonhe o Bureau”.

Taylor era um impostor.

Seu foco mudou para Bianca, que ainda não tinha saído. Nina não podia deixar Taylor suspeitar de que ela já o havia desmascarado, então entrou no jogo para ganhar tempo.

— Só me dê uma licencinha enquanto eu me visto.

Primeiro objetivo, tirar Bianca. Segundo objetivo, pegar a arma no quarto. Ela se virou para Bianca.

— Volte para o seu apartamento, Bi.

— Mas eu...

— Não — disse Nina, um pouco mais severa do que pretendia.

Ela deveria tentar comunicar um sinal de socorro a Bianca de alguma forma? A garota era um gênio e adorava códigos. Será que ela entenderia a dica e pediria ajuda quando chegasse ao apartamento?

Nina desconsiderou a ideia assim que esta tomou forma na sua mente. Se o homem na frente dela era quem ela acreditava que era, a única chance de Bianca era sair imediatamente. Se ele suspeitasse que a garota havia sido avisada, não a deixaria ir. Nina apontou firmemente para a porta quando Bianca lhe deu um olhar suplicante.

Bianca fez beicinho, fechando a porta atrás dela com um pouco mais de força do que o necessário.

— O que é isso? — Taylor disse da cozinha.

Ele estava curvado sobre o laptop aberto na mesa da cozinha, olhando para a tela.

— Nada. — Ela se apressou do *hall*, com o pulso acelerado. Tinha que passar pela cozinha e pela sala para chegar ao quarto. Taylor estava diretamente no seu caminho.

Todo o seu corpo ficou tenso quando ele se endireitou.

— Você é fã de MMA?

— Na verdade, não. — Ela diminuiu a distância entre eles em três passos largos e fechou o computador firmemente. — Apenas fazendo pesquisa.

Ele tirou os óculos de aro preto do nariz e olhou para ela com frios olhos azuis. Desta vez, quando falou, não havia sotaque falso para obscurecer a voz que ela temia.

— Mentirosa.

Capítulo 47

A EMOÇÃO do combate aguçou os reflexos de Falk. Ele estendeu a mão antes que a cadela tivesse tempo de reagir, os dedos agarrando sua garganta esguia. Seu corpo vibrava com a antecipação de uma luta. Ela atacou com o pé descalço, apontando para a borda externa de seu quadríceps. Ele antecipou o movimento com facilidade, mudando de posição antes que o golpe acertasse.

— Chega disso. — Ele apertou, olhando em seus lindos olhos castanhos, vendo-os se arregalar de pânico. Leu o terror em cada puxão e espasmo de seu corpo enquanto ela se debatia.

Ela não era páreo para ele, física ou mentalmente. Lutaria com ele com todas as suas forças, mas sua dança só tinha um resultado possível. E ambos sabiam disso.

Dez minutos antes, ele tinha vindo buscar Bianca, mas o destino interveio, mudando seus planos. Ele acessou o servidor municipal do condado de Fairfax por uma espécie de porta dos fundos, como fazia há anos, explorando uma vulnerabilidade que lhe dava uma entrada pelo sistema do Corpo de Bombeiros. Encontrar o endereço de Bianca levou menos de quatro minutos depois que ele chegou ao seu computador pessoal.

Ficou óbvio pelos posts de Bianca que ela idolatrava Nina Guerrera. Outro agente do FBI seria alguém em quem a garota confiaria facilmente. Alguém com quem ela iria sem questionar, ainda mais se ele dissesse que

Nina o havia enviado para buscá-la. Ele havia planejado acrescentar algo sobre Shawna Jackson para ajudar a convencê-la da história. Não devia ser difícil enganar uma garota de dezessete anos, certo? Ele já havia feito isso inúmeras vezes antes.

Quando bateu na porta de Bianca disfarçado de agente especial, a sra. Gomez o informou de que Bianca estava no apartamento ao lado com ninguém menos que Nina Guerrero.

Destino. O que você quisesse chamar. Aquele momento havia mudado tudo. O FBI teve o cuidado de esconder os endereços residenciais de seus agentes, mas Nina havia caído no seu colo.

Ele pensou em sair para voltar no meio da noite e pegar Nina às escondidas, mas não podia arriscar que Bianca ouvisse da sra. Gomez que um agente estava procurando por ela. Ela poderia perguntar a Nina sobre isso, e o jogo terminaria. Ele tinha que agir agora ou perderia a oportunidade.

Seu novo plano era levar as duas. Ele poderia facilmente dominar duas mulheres cujo peso total combinado fosse menor que o dele. E havia aprendido a não deixar a Garota Guerreira chegar perto de suas bolas. Ele a incapacitaria primeiro, usando o elemento surpresa, então a pequena Bianca seria uma presa fácil.

Mais uma vez, o destino alterou a trajetória de seu caminho. Uma vez dentro da cozinha, ele viu aquele maldito computador. Havia apenas uma razão para Nina estar assistindo a um vídeo de uma luta sua.

O FBI havia descoberto quem ele era.

A informação não tinha ido a público — disso ele tinha certeza. O que significava que ele tinha que decretar um de seus planos de contingência antes que a caçada nacional começasse. Não haveria mais quebra-cabeças e pistas. Agora, era hora de o jogo chegar ao fim. E isso significava o fim de Nina Guerrero.

Ele não se importava mais com Bianca. No momento em que o FBI percebesse que sua agente mais famosa estava desaparecida, não faria diferença se Bianca contasse sua história do agente Taylor ter vindo para buscá-la. Falk já estaria longe. E teria seu prêmio só para ele.

Mas, primeiro, precisava acabar com essa luta. Por mais que gostasse de brincar com ela, estava perdendo um tempo valioso.

Nina ficou mole com o estrangulamento. Ele afrouxou um pouco o aperto, permitindo que o ar alcançasse o cérebro privado de oxigênio. Não seria bom matá-la agora. Ele se inclinou para perto, ansioso para ouvir e sentir a respiração dela contra seu ouvido.

Sem aviso, ela apontou um golpe de palma no seu pomo de Adão. Seus reflexos entraram em ação e ele se inclinou para trás a fim de diminuir o impacto do que deveria ter sido um golpe devastador.

Aproveitando ao máximo sua distração momentânea, ela bateu a palma da outra mão no seu esterno. Ele perdeu o controle sobre Nina quando ela deu um passo para o lado e saiu de seu alcance.

Falk cambaleou atrás dela, mas Nina chegou ao balcão. Ele a viu puxar um cutelo do bloco de facas e parou em seu caminho quando ela girou, balançando a lâmina em um amplo arco ao seu redor.

— Isso não vai ajudar, pequena — disse ele. — Você está apenas atrasando o inevitável.

— Foda-se.

— Tão articulada. Exatamente o que eu esperaria de um lixo descartável.

Os olhos dela se estreitaram em fendas, deixando claro que as provocações estavam tendo o efeito desejado. Ele a queria furiosa para além da razão. As lutas de gaiola o haviam ensinado que os oponentes alimentados pela raiva animal não eram capazes de

processos de pensamento mais elevados que envolvessem coisas como estratégia, contra-ataques e técnica adequada. A força bruta o levaria longe, mas a lógica fria e o controle calculista venceriam a partida.

— Lembra do nosso tempo juntos, Garota Guerreira?
— ele disse, esquivando-se de um golpe violento da faca.
— Penso nisso todas as noites. Às vezes eu vejo o vídeo.
— Ele deixou um sorriso brincar em seus lábios. — E ouvir você implorar por misericórdia me faz gozar sem nem me tocar.

Foi a gota d'água. Ela avançou, metal brilhando quando ela brandiu o cutelo em direção à cabeça dele. Falk esperou até o último momento, então levantou a mão direita para pegar o antebraço dela enquanto a esquerda agarrava um pedaço do roupão de cetim.

Ele torceu o pulso de Nina, e a faca caiu no chão de ladrilhos. Ela tirou o braço da mão dele e girou seu corpo esguio em um círculo apertado. Então se afastou, deixando-o a segurar o roupão vazio enquanto corria para o quarto, nua.

Ele não tinha dúvidas de que ela estava indo buscar a arma, que provavelmente estava na mesa de cabeceira. Ele correu atrás dela, a adrenalina o percorrendo por inteiro.

Ela fechou a porta do quarto atrás de si, e ele colidiu com ela sem nem diminuir o passo. Nina quase havia chegado à mesa quando ele se lançou sobre ela. O impulso levou os dois para o chão acarpetado em uma pilha emaranhada ao lado da cama. Ele usou o corpo para prendê-la no chão, embaixo dele. Ela havia cometido um erro tático. O tamanho superior de Falk lhe dava uma tremenda vantagem em todas as formas de luta no solo.

Mesmo que a derrota fosse iminente, Nina lutou como uma mulher possuída. A Garota Guerreira sabia o que a esperava se falhasse, e ela se recusava a se render.

Ele se moveu sobre o corpo dela até ficar bem em cima, seus rostos a centímetros de distância, ambos respirando pesado.

— Esta é a melhor preliminar que eu já tive — ele sussurrou. — Obrigado, Garota Guerreira.

Pela primeira vez desde que a batalha havia começado, ele leu o medo primitivo nos olhos dela. Não mais focada apenas em lutar contra ele, ela abriu a boca para pedir ajuda. Ele não permitiria.

Ele recuou a mão e acertou um tapa no seu rosto com toda a sua força. A cabeça dela virou para o lado, e ela ficou imóvel.

Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta e tirou uma agulha hipodérmica carregada com a mistura que havia planejado para Bianca. Felizmente, as duas mulheres eram pequenas. Injetar em Nina uma dose para uma mulher de tamanho normal poderia ser fatal.

Ela começou a lutar novamente, seus movimentos descoordenados dizendo a ele que ainda estava atordoada com o golpe na cabeça. Se ele agisse rápido, não teria que correr o risco de fazê-la desmaiar com outro golpe. O coquetel à base de cetamina exigia uma injeção intramuscular. Ele afundou a agulha na coxa dela e pressionou o êmbolo para baixo.

Por uma fração de segundo, ela abriu os olhos, então sua agitação parou e as pálpebras se fecharam. Um suspiro profundo escapou de seus lábios entreabertos quando ela se acalmou debaixo dele.

Ele colocou a boca na dela, sentindo o gosto de sangue acobreado. Seus dentes deviam ter cortado o interior da bochecha quando ele a atingiu. Ele intensificou o beijo, gemendo com uma mistura inebriante de prazer e antecipação. Ela era ainda mais deliciosa do que ele se lembrava.

Então se forçou a parar e foi se levantando devagar. Falk a examinou enquanto ela estava deitada a seus pés,

a pele cor de caramelo brilhando com suor. Ele a queria bem ali, naquele momento, mas seria paciente. Primeiro, precisava levá-la embora. Uma vez que estivessem seguros no esconderijo, ele teria todo o tempo que quisesse para apreciá-la.

E o mundo teria um novo espetáculo para assistir.

Capítulo 48

WADE OLHOU ao redor do interior escuro do Suburban.

— Alguém conseguiu entrar em contato com Guerrero?

Ele recebeu a mesma resposta negativa de antes.

— Fico feliz que ela tenha ficado de fora — disse Buxton, pisando no acelerador para acompanhar a falange de veículos do FBI que se dirigia para a residência de Falk. — Se ela não tivesse saído, eu provavelmente iria tirá-la da operação de qualquer maneira.

Guerrera havia enviado uma mensagem para Buxton 45 minutos antes para dizer que havia contraído uma intoxicação alimentar e não voltaria ao serviço até que avisasse. Ninguém tinha ouvido notícias desde então.

Wade não gostou disso. Nina Guerrero era a única pessoa no Bureau que queria Falk mais do que ele. Se ele tivesse intoxicação alimentar, apareceria para cumprir o mandado de busca carregando um saco de vômito, se necessário. Tinha certeza de que ela sentia o mesmo.

— Não podemos enviar alguém para ir ao apartamento dela ver como ela está?

Buxton balançou a cabeça.

— Esta operação precisa de todos os agentes. Não há ninguém sobrando.

Kent estava no banco de trás ao lado dele.

— E quanto à delegacia local? — questionou. — Solicitar uma verificação de bem-estar de um carro-patrolha na área. Ela era policial do condado de Fairfax até dois anos atrás, tenho certeza de que eles estariam de acordo com isso.

Os olhos escuros de Buxton o espiaram pelo espelho retrovisor.

— Nós não pedimos à polícia para ver como está um agente com dor de barriga.

— Vocês dois já pararam para pensar que talvez ela não quisesse vir? — Breck disse do banco do passageiro na frente. — Talvez “intoxicação alimentar”... — ela fez aspas no ar — ... seja a saída dela.

— De quê? — disse Wade.

— Você estava assistindo ao vídeo com o resto de nós? — retrucou Breck. — Ela provavelmente nunca mais vai querer estar debaixo de um mesmo teto com aquele imbecil. — Ela estremeceu. — E eu não a culpo.

— Então você acha que isso é uma forma de ela se esquivar de encontrar o Falk? — disse Kent. — Eu não acredito.

— Estamos quase na casa de Falk — disse Buxton. — Se não recebermos mais mensagens dela quando terminarmos aqui, vou pedir à polícia local que passe na casa dela. — Ele lançou a Wade e Kent um olhar duro por cima do ombro. — Satisfeitos?

Não realmente, mas teria que servir.

Buxton tocou no fone de ouvido.

— Quando? — disse ele. — Vou notificar a equipe. — Ele inclinou o volante, ultrapassando um carro mais lento em uma curva na rodovia. — Não, nós não abortamos.

Ele bateu no fone de ouvido, encerrando a comunicação, e virou-se para Breck.

— Ligue o seu iPad. Falk tem um site agora. Ele está se preparando para transmitir uma mensagem ao vivo.

Breck abriu a aba do tablet.

— Qual é o endereço?

— Tem um link no Twitter dele — disse Buxton. — Voltou a funcionar.

— Ele está em casa? — disse Wade. — Podemos encontrar a localização?

— Eles estão trabalhando nisso — disse Buxton.

Breck segurou o iPad e tocou no ícone para o modo de tela cheia.

— Dá para vocês verem?

A pergunta foi dirigida a Wade e Kent. Buxton manteve os olhos na estrada. Esta busca não pararia por nada.

Wade acenou com a cabeça em resposta quando viu uma figura masculina vestindo uma capa preta na frente da câmera.

— *Eu sou aquele que vocês chamam de Cifra* — disse ele. — *Bem-vindos ao meu santuário.*

— Eu realmente espero que ele esteja em casa — disse Kent. — Eu adoraria que ele tivesse uma reunião próxima e pessoal com o ERR. — Seu olhar melancólico dizia que ele desejava ser o batedor de porta da equipe para a missão daquela noite.

Wade estava absorto em observar Falk. O jeito calmo e seguro do homem era inquietante. Sempre que um sociopata estava relaxado e satisfeito, alguém estava sofrendo. Certo de que Falk não teria se dado ao trabalho de criar um site a menos que tivesse algo dramático para mostrar ao mundo, Wade se viu prendendo a respiração.

— *Permitam que eu mostre* — disse Falk, pegando a câmera de qualquer local estável em que estava situada. Não mais no quadro, seu braço musculoso se projetava da manga larga para gesticular em direção à parede oposta. — *Eu mesmo construí essa estrutura* — disse ele. — *Tem tudo de que eu preciso.*

A parede estava coberta com um material espumoso texturizado verde-claro.

— *À prova de som* — disse Falk, aproximando a câmera o suficiente para se ver mais detalhes. — *E há mais isolamento atrás do drywall. Sem interrupções esta noite.*

A luz fluorescente iluminava do alto, banhando a cena com um brilho estranho. Wade imaginou uma longa luminária retangular de estilo industrial. O espaço lembrava um prédio de construção pré-fabricado, e o interior parecia ter o tamanho de uma garagem para dois carros.

O show de cinema *verité* continuou enquanto Falk girava em círculo, mostrando todas as quatro paredes planas.

— *E agora, a atração principal.* — Ele colocou a câmera de volta no suporte e inclinou a lente para baixo pela primeira vez.

— Não!

Wade ouviu o grito gutural de Kent antes que sua mente processasse por completo o que ele estava vendo.

Nina Guerrera estava deitada com os braços e pernas abertos sobre uma mesa de madeira no centro do espaço. Ao contrário do vídeo anterior, desta vez ela estava virada para cima. Também estava inconsciente ou morta.

— O que está acontecendo? — Buxton disse enquanto manobrava o SUV em torno de um trator.

— Falk tem Guerrera. — Wade mal conseguiu dizer as palavras através de sua garganta dolorosamente apertada. Enquanto seu chefe amaldiçoava, os punhos de Wade se fecharam com tanta força que ele sentiu as unhas cravarem nas palmas das mãos.

Ainda se dirigindo ao seu público invisível, Falk caminhou até Guerrera.

— *Tenho uma visita especial esta noite.* — Sua voz estava rouca. — *E quando ela acordar, o mundo vai ver o que acontece com a Garota Guerreira.*

— Acelera — disse ele a Buxton. — Precisamos chegar lá antes que ele comece com ela.

— *Mas, primeiro, a grande revelação.* — Falk estendeu a mão e puxou o capuz da capa para baixo para expor seu couro cabeludo, que tinha uma penugem loira equivalente a um dia de crescimento. Enquanto ele continuava a puxar o tecido para baixo, um par de olhos azul-cristal em um rosto angular esculpido espiou seus espectadores. — *Chega de disfarces.* — Ele deixou a roupa grossa cair no chão. — *Meu nome é Halberd Falk.* — Um sorriso feroz tomou seu rosto sorrateiramente. — *Eu sou o futuro da raça humana.*

Despido até a cintura, a parte inferior do corpo envolta em jeans, o torso musculoso de Falk trazia as marcas de uma briga recente. Guerrera tinha lutado.

— *Não se preocupe mais com o DNA* — disse Falk, aproximando-se dela. Ele se inclinou para lamber a bochecha dela com um lânguido golpe de sua língua.

Agradecido por ela ainda estar inconsciente, Wade se inclinou, distinguindo os triângulos entrelaçados abrangendo os dorsais ondulantes de Falk. Fotos de Falk em suas lutas de MMA tinham sido divulgadas durante o *briefing* do mandado de busca. Wade havia pesquisado o desenho, concluindo que eles estavam certos sobre o complexo de deus de Falk. Sua arte corporal o marcava como um ser poderoso e divino, muito acima da mesquinha justiça mortal.

— *Não há mais luvas nitrílicas também* — Falk continuou. — *Desta vez, é carne sobre carne.* — Ele se aproximou do outro lado da mesa para que seu corpo enorme não bloqueasse a visão e estendeu a mão para tocar a base da garganta de Guerrera. A ponta de seu

dedo traçou uma linha vagarosa pelo centro de seu corpo inerte. Ele fez uma pausa na cintura estreita, abrindo a palma da mão e os dedos para cobrir todo o seu abdome, de quadril a quadril. — *Tão pequena* — ele sussurrou, antes de sua grande mão se mover implacavelmente em direção à união das pernas abertas.

— Tire suas mãos imundas dela. — As palavras de Kent estavam cheias de ameaça. Ele desviou o olhar da tela para olhar diretamente para Wade. — Vou caçar aquele filho da puta até encontrá-lo — disse ele em voz baixa destinada apenas aos ouvidos de Wade. — E então eu vou matá-lo. Devagar.

Ele entendia exatamente como Kent se sentia. Memórias do caso Chandra Brown inundaram sua mente. As últimas horas de Chandra deviam ter sido assim. Se ele tivesse ouvido, poderia ter evitado a morte. E agora Guerrero teria o mesmo destino porque ele não conseguiu ler a situação corretamente. Outra vez. Era um perfilador treinado. Ele pensou que tinham mais tempo, pensou que enfim o haviam derrubado. Ele deveria ter previsto que Falk partiria para cima de Guerrero naquela noite. Deveria ter insistido para que fossem dar uma olhada nela. Ele nunca se perdoaria.

Ele sussurrou sua própria promessa para Kent.

— Eu vou ajudar você a se livrar do corpo.

Capítulo 49

NINA PISCOU, incapaz de entender o torpor em seus membros de chumbo e a sensação de algodão em sua boca.

— A Garota Guerreira finalmente acordou?

Aquela voz. Um fluxo de imagens veio até ela, trazendo consigo uma cascata de horror. A briga no seu apartamento. Estrelas explodindo na sua cabeça depois de um tapa que fez os dentes machucarem o rosto. Uma agulha penetrando em sua coxa.

O monstro a tinha levado.

Seus olhos se abriram completamente quando a adrenalina foi despejada em sua corrente sanguínea, dissipando as teias de aranha da mente. Ela tentou se sentar. O componente lógico de seu cérebro estava finalmente sendo ativado. Começou a sentir as partes de seu corpo. Ela sentiu dores nos tornozelos e nos pulsos. Inclinando a cabeça para cima, viu os lacres de plástico pretos que a prendiam a ganchos de aço perfurados na superfície de madeira de uma bancada tosca. Ela tentou flexionar o braço, mas ele a havia prendido com tanta força que ela mal conseguia se mover.

— Você não vai escapar desta vez — disse Falk, seguindo seu olhar. — Seus colegas agentes do FBI sem dúvida estarão arrombando a porta da minha casa neste exato momento. Mas não é onde estamos. Ninguém sabe onde estamos. — Ele cruzou os braços, olhou para ela

com aqueles olhos frios e vazios e sussurrou: — Ninguém está vindo para salvar você.

Ele pairava acima dela, eclipsando a luz fluorescente no alto.

— Você me desafiou duas vezes, garotinha descartável. Agora vai sofrer duas vezes mais do que as outras. — Ele descansou a palma da mão no seio esquerdo de Nina. — Seu coração está batendo forte. — Ele gemeu, fechando os olhos como se quisesse saborear a sensação. — Você está absolutamente apavorada. — Ele se inclinou, roçando os lábios dela com os seus. — Como deveria estar.

O contato parecia um ataque pior do que qualquer surra que ela já tivesse levado. O hálito dele era quente na sua pele, cheirava vagamente a menta. O cheiro de sabonete fresco se agarrava a ele. Ele obviamente tinha tomado banho e removido os restos do disfarce de agente do FBI, incluindo o cabelo preto falso.

Falk endireitou a postura e tirou a mão.

— Esperei muito para ter você de novo. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Nada a me dizer?

Ela o observava com um olhar duro. Não ia jogar o jogo dele.

— E seus fãs? — Ele gesticulou para a direita. — Não tem nada a dizer a eles?

Ela virou a cabeça para ver uma pequena câmera montada em um tripé no canto da sala. A lente estava inclinada em direção à mesa, e a pequena luz vermelha estava acesa. Ela respirou fundo. O monstro estava gravando cada segundo de qualquer fantasia doentia a que ele estava prestes a se entregar.

— Estou transmitindo ao vivo — disse ele. — O mundo vai ver você clamar pela minha misericórdia. E eu não vou mostrar nenhuma. Depois de um tempo, você vai implorar pela morte. Mas a morte não virá até que eu esteja satisfeito.

O medo a invadiu, roubando seus últimos vestígios de esperança. Buxton e o resto da força-tarefa estariam na casa de Falk, mas ele tinha sido esperto demais para isso. Levou-a para outro lugar. Ela estava totalmente sozinha. E estava nas mãos de um louco.

— Eu estou no controle, você me entende? — Ele bateu no peito nu com o punho. — Eu decido quando você morre. Eu decido como você morre. Eu sou seu deus.

Ela olhou para ele. Era um homem enorme, poderoso e estava determinado a destruí-la. Tinha sido biologicamente projetado para ser superior.

Nina, por outro lado, não herdara nenhum traço especial. Não tinha pedigree. A sua pura força de vontade e a vontade de quebrar as regras é que a tinham feito atravessar seus percalços. Quando ela aceitou a verdade de sua situação, a determinação se apoderou dela. Não sobreviveria àquela noite. Talvez nem sobrevivesse à próxima hora. A única escolha que lhe restava era morrer em seus próprios termos.

O Cifra queria que ela rastejasse. Queria degradá-la de todas as maneiras possíveis. Ela não lhe daria isso. Ele tomaria tudo o que Nina tinha quando terminasse com ela, incluindo sua vida. Mas não tomaria sua humanidade.

Assim que fez essa promessa para si mesma, a situação ficou mais simples. Seu foco, mais claro. Ela faria tudo ao seu alcance para escapar. Ficaria de olhos abertos para a menor oportunidade. Se isso não acontecesse, morreria lutando contra ele, não implorando.

Falk se abaixou para pegar uma caixa de ferramentas preta do chão e a colocou na mesa ao lado dela. Ela só podia virar a cabeça para observar seus movimentos.

Falk abriu as duas travas.

— Vou mostrar a você o que eu tenho reservado para as próximas horas. — Ele levantou a tampa e pegou os objetos dentro. Um por um, ele começou a remover os itens e colocá-los em uma fileira ao lado dela. Um alicate, um furador, pinças jacaré, um cinzel e um torno.

Cada ferramenta que ele colocava sobre a mesa conjurava imagens cada vez mais horríveis até que o estômago dela revirou. O que quer que ele tenha injetado nela, combinado com o terror abjeto que a percorria, enviou uma rajada de bile no fundo de sua garganta.

Sua visão ficou ligeiramente embaçada, depois recuperou o foco.

— Eu vou vomitar.

Ela sentiu subir pela garganta e virou a cabeça para o lado. Ele a prendera com tanta força que ela não conseguia se levantar da mesa. Puta merda. Ela ia se engasgar com seu próprio vômito.

Pelo menos Nina não morreria pelas mãos dele. O destino interveio para lhe dar uma saída. Ela não tentou segurar quando a primeira onda de náusea a atingiu.

Falk largou o alicate.

— Não se atreva a vomitar.

Ela suspirou e sua boca se encheu de um líquido azedo.

Os olhos dele se estreitaram.

— Pare com isso.

O corpo dela estremeceu quando mais fluido surgiu.

Praguejando, ele vasculhou a caixa de ferramentas até que tirou um par de tesouras de lata. Inclinou-se sobre ela e cortou a amarra de seu pulso direito, então alcançou a nuca e a puxou para frente, tentando elevar sua cabeça e virar para o lado.

Com o braço esquerdo ainda amarrado para baixo, ela só conseguia levantar o corpo alguns centímetros. Algum líquido respingou na superfície de madeira ao lado dela, mas a maior parte ficou na sua boca.

— Pare com isso ou você vai aspirar.

Sua única resposta foi outro suspiro convulsivo.

— Merda. — Ele estendeu a mão sobre ela e cortou a outra amarra. Uma vez que ambos os braços estavam livres, ele a puxou para cima em uma posição sentada e bateu nas costas dela com a mão enorme.

Nina vomitou o conteúdo restante de seu estômago, tossindo e cuspiendo. Sua cabeça clareou o suficiente para perceber que Falk estava respondendo automaticamente ao seu treinamento de socorrista. Ela permitiu que ele cuidasse do seu corpo, o que liberou sua mente para considerar sua situação. Ambas as mãos estavam soltas, o que oferecia novas opções.

Ela só tinha alguns segundos para formular um plano e só teria uma chance de agir. ganhando tempo, forçou mais tosses enquanto examinava seus arredores imediatos. Ela se recusou a deitar naquela mesa e deixar o monstro fazer qualquer coisa vil que houvesse planejado para ela.

Nina fingiu uma enorme náusea seca, dobrando-se e agarrando a barriga. Ele tinha uma das mãos em sua coxa e a outra nas costas. Ela fingiu outra náusea, e, como previu, ele bateu nas suas costas com força. Ela foi junto com a força do golpe, permitindo que ele conduzisse a parte superior de seu corpo para baixo. Ela estendeu a mão para se preparar e agarrou o furador. Antes que ele soubesse o que Nina havia feito, ela cravou a ponta afiada no centro de seu estômago.

Ele cambaleou para trás, xingando enquanto olhava para o ferimento sangrando. Com uma velocidade sobrenatural, estendeu a mão e agarrou o pulso dela.

Ela tentou puxar o braço, mas não era páreo para ele.

— Puta do caralho — ele disse com os dentes cerrados. Ele flexionou o poderoso antebraço, apertando

a mão dela e tirando com força a ferramenta de seu alcance.

Ela precisava distraí-lo ou ele a jogaria contra a mesa e a prenderia novamente. Ela se lembrou do que Wade havia dito quando elaborou o perfil do Cifra, antes que descobrissem sua identidade. Ela fundiu esse conhecimento com o que tinha visto no vídeo da luta.

— Com que frequência seu pai batia em você, Falk?

Ele fez uma pausa, ainda segurando o pulso dela, mas não respondeu.

— É por isso que você tortura garotas? O papai estragou tanto você que o seu não sobe sem...

— Calada. — Segurando-a no lugar com uma das mãos, ele apertou a outra e a puxou de volta para bater em seu rosto.

Ela manuseou o pedaço cortado de lacre plástico das amarras na palma da mão até que sua borda irregular se projetasse como a lâmina de um estilete. Antes que os nós dos dedos dele colidissem com seu nariz, ela mergulhou a ponta afiada do lacre em um daqueles olhos azul-gelo que a fitavam.

Ele uivou e a soltou, batendo as duas mãos sobre o olho ferido. Ela agarrou as tesouras de lata e rapidamente se curvou para cortar as amarras de ambos os tornozelos. Quando ela saiu do lado oposto da mesa, ele cambaleou pela sala, urrando como um touro ferido.

Ela segurou o pedaço afiado de plástico em uma das mãos e a tesoura na outra, mantendo a mesa entre eles. Ele estendeu a mão para agarrá-la, e ela se esquivou para trás.

— Vou passar o resto da noite esfolando você viva — disse ele. — E então eu vou foder você enquanto morre.

Ela examinou a sala, localizando a porta atrás dele. Não havia janelas ou outras vias de fuga. Ele era mais forte, maior e mais inteligente. Mas ela usaria muito bem

seus genes abaixo do padrão para continuar lutando com todas as suas forças.

Ela se moveu para a esquerda, puxando-o em sua direção. Ela o deixou chegar mais perto. O sangue escorria entre os dedos da mão dele, apertada firmemente sobre o olho. Ele era tão perigoso quanto qualquer animal ferido.

Ela esperou até que ele estivesse quase a uma distância de ataque e disparou para a direita enquanto ele se lançava sobre ela. Droga, ele era rápido. As lutas de MMA haviam afiado seus reflexos no fio da navalha. Ela o havia julgado mal. Se sua percepção de profundidade não tivesse sido comprometida pela perda de visão em um olho, ele teria segurado o braço dela. Em vez disso, a mão se fechou no ar onde ela já não estava.

Ele rugiu em frustração, lançando mais palavrões para ela. Nina ignorou as palavras e se concentrou nos movimentos de seu corpo. Cada ondulação de seus músculos tensos telegrafava seu próximo movimento, permitindo a ela a vantagem de uma fração de segundo que fazia a diferença entre a vida e a morte. Continuou contornando a mesa, para então correr para o outro lado quando ele a alcançava. Pouco a pouco, Nina acabou com a porta às suas costas.

— Está trancada — disse ele. — Nem tente.

O coração dela afundou no peito. Havia se esforçado tanto para se posicionar... Tudo por nada. Por quanto tempo poderia manter essa dança? Ela desviou os olhos para a mesa. Agora estava perto o suficiente para alcançar mais ferramentas. Olhou para o que achou que lhe serviria melhor.

— Essa tatuagem não esconde as queimaduras de cigarro nas suas costas, Falk. Foi o papai que fez? Seu filho geneticamente modificado foi uma decepção?

Com um urro de guerra, Falk lançou seu corpo sobre a mesa. Ela pegou o cinzel e o segurou na vertical,

inclinando-o em direção a ele. O impulso manteve seu corpo descendo enquanto o peito era empalado na borda afiada do cinzel.

Eles caíram no chão, o grande volume de Falk caindo sobre ela com um baque pesado. Um gemido gutural escapou dos lábios dele quando o ar deixou seu corpo.

Agarrado em sua mão, o cabo de plástico do cinzel a espetava. O resto tinha penetrado no torso dele logo abaixo da articulação da caixa torácica. Ela estava com dificuldades para respirar com o enorme volume de Falk pressionando-a. Nina não conseguia encher os pulmões.

Soltou o cabo e tentou empurrá-lo. Ele não se mexeu. Merda, ela conseguiu sobreviver apenas para que ele a matasse por asfixia depois de estar morto.

Nem. Ferrando.

Ela empurrou novamente. Nada. O sangue que escorria do peito dele formava uma poça entre seus corpos. Talvez ela pudesse escorregar por debaixo dele. Ela se contorceu para espalhar o sangue ao redor e começou a se mover para o lado. Conseguiu alguns centímetros. Então, usou as pernas para ganhar força e empurrou de novo. Devagar, seu corpo deslizou sob o dele.

Ela estava deitada no chão, sugando grandes goles de ar.

De repente, o braço musculoso caiu em seu peito. Ele a arrastou em sua direção.

— Você... é... minha. — As palavras saíram como uma aspereza gutural.

Ela curvou as pernas para cima, plantando as solas dos pés contra o quadril dele.

— Nunca. — Ela se afastou.

Ele rolou e rastejou de barriga para ela. Ela cambaleou para trás, mãos e pés escorregando no chão encharcado de sangue. Ele estendeu a mão e a agarrou. Ela dobrou o joelho, mirou com cuidado e dirigiu o

calcanhar direto para o nariz dele. Com cada grama restante de força que possuía, Nina lançou o pé em direção ao alvo. Um barulho alto partiu o ar quando o acertou, levando os ossos do septo dele para dentro do cérebro.

O impulso do golpe jogou a cabeça dele para trás, e corpo o seguiu, até que caiu no chão. Ele se contorceu, então ficou imóvel.

Ela caiu de costas, ofegante.

A porta se abriu e uma coluna de operadores da Equipe de Resgate de Reféns vestidos de preto entrou gritando comandos. A cacofonia de botas trovejantes e o ribombar de vozes estrondosas quebraram a quietude que havia enchido o ar momentos antes. A equipe tática se espalhou para tomar conta do espaço em questão de segundos.

Um dos homens apontou um rifle para a cabeça de Falk, enquanto outro se ajoelhou ao lado dele para verificar seus sinais vitais. Nina sabia que não encontrariam nenhum sinal de vida. Se Falk tivesse algum fôlego, teria se assegurado de matá-la antes de sucumbir.

Um agente se agachou ao lado dela.

— Onde você está ferida, agente Guerrero?

Ela percebeu a aparência que devia ter naquele momento.

— É o sangue do Falk.

Quando ela respondeu, um segundo homem caiu de joelhos do outro lado dela.

— Nina — disse ele, a voz cheia de emoção.

Ela se virou para ver Kent examinando-a, uma expressão que ela não conseguia identificar, retesando as linhas duras de seu rosto áspero.

— Eu estou bem, de verdade. — Era uma mentira, mas ela se deleitava com a dor.

Significava que estava viva.

Capítulo 50

Dois dias depois

Edifício J. Edgar Hoover, Washington, DC

NINA ESTAVA sentada à mesa redonda reluzente no canto mais distante do espaçoso escritório do diretor do FBI. Entrelaçou os dedos no colo para evitar torcê-los. Ela só encontrara pessoalmente o diretor Thomas Franklin em uma ocasião antes, quando se formara na academia em Quantico.

Sua expressão era grave. Por outro lado, ele não era conhecido por rir. O boato em torno do Bureau era que o homem nunca deixava o modo de trabalho. Até seu pijama era engomado.

Ele se recostou em sua cadeira de couro preto, um aspecto de cansaço cobrindo seus olhos.

— Essa foi a coletiva de imprensa mais longa que já fiz. — Ele balançou a cabeça prateada. — Havia repórteres de todo o mundo. Parece que todos no planeta estão acompanhando essa história.

Ela não tinha ideia do que dizer, então segurou a língua. Nina obviamente havia custado a ele muito sono e também um rol considerável de recursos.

— Eles estavam mais interessados em como conseguimos rastrear o Cifra — continuou ele. — Fiquei satisfeito com a rapidez com que a equipe se adaptou quando sua casa ficou vazia.

A equipe havia se encontrado com ela após o exame médico para contar o que havia acontecido. Depois de terem ficado de mãos vazias ao chegar na residência de Falk, eles decidiram verificar a casa onde ele havia crescido. Fotos de satélite mostraram um galpão na extremidade da propriedade cercado por árvores.

— Em primeiro lugar, estou profundamente impressionado com o seu desempenho ao longo desta investigação. Você teve que lidar com coisas que ninguém deveria ter que enfrentar, e fez isso com o mundo observando em tempo real.

Ela se contorceu desconfortavelmente com o lembrete. Ainda não tinha se acostumado com as pessoas olhando para ela quando achavam que ela não estava olhando ou interrompendo todas as conversas quando ela entrava em uma sala.

— Você mostrou bravura exemplar ao enfrentar Halberd Falk, especialmente considerando o que ele fez com você no passado — continuou Franklin.

— Obrigada, senhor.

— Sua coragem merece um reconhecimento especial — disse Franklin. — Eu vou presenteá-la com o Escudo da Bravura em uma cerimônia oficial na próxima semana.

Ela ficou atordoada. O diretor Franklin a havia submetido a uma das maiores honras do FBI. O Escudo da Bravura era concedido por atos corajosos no cumprimento do dever envolvendo uma força-tarefa, operação secreta, situação grave ou um confronto de crise associado aos casos de maior prioridade do Bureau. Aquele caso provavelmente se encaixava em todas as partes dessa descrição.

Ainda assim, ela não se sentia digna.

— Senhor, eu fiz o que era necessário para sobreviver. Qualquer outro agente teria feito o mesmo.

— Você fez mais do que sobreviver — disse ele. — Você superou um grande trauma pessoal sob extrema pressão e usou seu treinamento e inteligência para impedir um assassino que continuaria a tirar vidas. — A preocupação franziu sua testa. — Não, agente Guerrero, nenhum outro agente poderia ter resolvido este caso. Tinha que ser você.

Um calor subiu por seu pescoço enquanto ela alisava o vinco em sua calça, dando a si mesma uma desculpa para desviar o olhar de seus olhos penetrantes.

— Há outra razão pela qual eu queria falar com você — disse ele, misericordiosamente mudando de assunto. — O agente especial de supervisão Buxton solicitou uma extensão para sua atribuição temporária na Unidade de Análise Comportamental.

Ela virou a cabeça.

— Como eu poderia ajudar a UAC, senhor?

— Houve uma série de sequestros na área metropolitana de DC por vários meses. O escritório local de Washington está à frente do caso. Acredito que você esteja familiarizada com os detalhes?

Ela estava intimamente familiarizada com eles.

— Minha equipe está liderando a investigação.

— Não houve muito progresso — disse Franklin. — O AES Buxton acredita que vocês quatro poderiam dar uma olhada no caso com novos olhos, aplicar algumas das mesmas técnicas que usaram no caso Falk.

— Nós quatro?

— Você, Kent, Wade e Breck. — Ele juntou os dedos. — Se as coisas correrem bem, a equipe pode até se tornar permanente.

A possibilidade a intrigava. O agente especial supervisor Conner, seu atual chefe no escritório local de

Washington, não era fã de seus métodos pouco ortodoxos de investigação. Buxton, por outro lado, parecia levar em conta sua experiência anterior de policiamento e de vida, em vez de vê-la apenas como a integrante mais jovem da equipe.

Franklin interrompeu sua reflexão.

— Eu não queria mencionar isso na frente de qualquer pessoa dentro de sua cadeia de comando por causa do que você sofreu recentemente. Dado tudo o que aconteceu, eu também poderia transferi-la para algo menos... estressante, em vez disso. Algo que a mantivesse fora dos olhos do público.

— Acha que eu preciso sair do campo?

— Nem um pouco — respondeu ele. — Estou lhe oferecendo uma escolha.

Ela poderia ajudar na investigação do sequestro fora de Quantico, retornar à sua missão anterior no escritório local de Washington ou solicitar uma transferência para um trabalho administrativo. Ok, certo.

Ela se endireitou.

— Por favor, avise ao AES Buxton que vou me apresentar em Quantico na primeira hora da manhã.

Franklin a observou por um longo momento. Deu a ela um leve aceno de cabeça antes que os cantos de sua boca se curvassem.

Talvez os rumores não fossem verdadeiros, afinal. Aquilo parecia um sorriso de verdade.

— Tenho uma ordem final — disse ele, ficando sério novamente. — A força-tarefa coletou uma enorme quantidade de dados sobre seu histórico. Assim que soubemos que Falk estava ciente das circunstâncias do seu nascimento, Buxton enviou equipes por todas as vias de investigação possíveis. Os membros da força-tarefa obtiveram declarações do catador de lixo que encontrou você quando criança, da assistente social que escolheu o seu nome, de cada um de seus familiares adotivos vivos,

da maioria dos seus professores e de todos os médicos de pronto-socorro que atenderam você toda vez que você foi ao hospital durante a sua infância.

Ela se sentou, paralisada, imaginando dezenas de seus colegas agentes espalhando-se por todo o condado de Fairfax, rastreando todos que haviam impactado sua vida.

— Parece que foram muito meticulosos.

— Algumas dessas informações não foram incluídas em nenhum relatório oficial — disse Franklin. — Suspeito que muito disso seja completamente desconhecido para você. — Ele fez uma pausa como se escolhesse suas próximas palavras cuidadosamente. — Acredito que é seu direito ver o que reunimos. Afinal, é a história da sua vida até a data da sua emancipação, aos dezessete anos.

A história da sua vida. Não era exatamente o tipo de história que você leria para as crianças na hora de dormir.

— Aqui está uma cópia do arquivo inteiro — disse Franklin, empurrando para ela a grossa pasta de papel pardo que estava na mesa ao lado dele. — Essa é para ficar com você.

— Obrigada, senhor. — Ela pegou a pasta grossa, apertando-a contra o peito.

— Boa sorte, agente Guerrera.

Ela se levantou, entendendo que estava sendo dispensada, e saiu pela porta. O assistente administrativo deu-lhe um breve aceno de cabeça enquanto ela passava pela área de espera externa.

Nina caminhou pelo corredor largo, passos ecoando no piso de ladrilhos. A área estava estranhamente deserta, dando a ela a oportunidade de refletir sobre o que o diretor tinha lhe dito sobre o arquivo. A pasta parda parecia enormemente pesada. O conteúdo não pesava só em seus braços, mas também em sua mente.

Dentro estavam os detalhes da sua infância. Cada pedaço de dor, humilhação e abuso cuidadosamente documentado em texto clínico simples. Os relatórios ali dentro seguiam sua trajetória de lixo descartável à Garota Guerreira. Ela havia atravessado um caminho sombrio para alcançar a luz. Poderia trilhar o mesmo caminho agora da perspectiva de seu eu adulto, aprendendo coisas novas sobre as pessoas que anteriormente controlavam sua vida. Quais haviam sido seus motivos, suas agendas ocultas, seus segredos? Por que a atormentavam? As respostas que ela ansiava quando criança estavam contidas no tesouro de documentos agora em sua posse.

Ela passou pela sala de cópias e parou. Deu alguns passos para trás e entrou, encontrando o que procurava ao lado da copiadora. Não havia ninguém por perto.

Ela hesitou por um longo momento. Chegando a uma decisão, atravessou a sala e deu as costas para a copiadora. Colocou a pasta de papel pardo na mesinha à sua esquerda. Abriu-a, pegou as primeiras folhas de papel e as posicionou. Isso levaria um tempo.

Respirando fundo, começou a alimentar o triturador com as páginas e a colocar, por fim, seu passado no lugar ao qual ele pertencia.

Capítulo 51

Estrada de Tijolinhos Amarelos Academia do FBI, Quantico

NA MANHÃ seguinte ao encontro com o diretor, os pés de Nina bateram na terra irregular ao longo da trilha sinuosa. O sol da manhã manchava o chão por entre as altas árvores da Virgínia. Ela deveria ter esperado. Deveria ter dado a seu corpo uma chance de se recuperar do trauma que Falk havia infligido. Mas essa jornada não era para seu corpo. Era para sua alma. Desta vez, ela completaria a jornada pela Estrada de Tijolinhos Amarelos.

Ela chegou cedo para ter certeza de que haveria tempo suficiente para terminar o percurso, tomar banho no vestiário e se apresentar a Buxton para seu primeiro *briefing*. Alguns quilômetros depois, no entanto, começou a ter dúvidas. Coberta de hematomas, seu corpo doía a cada passo.

Ela chegou ao obstáculo seguinte e parou. A trincheira tinha cerca de 7 metros e meio de comprimento e dois metros de largura. Apenas para deixá-la interessante, os instrutores sempre a mantinham cheia de água barrenta. Uma série de troncos apoiados uns contra os outros formava uma barreira baixa projetada para forçar os corredores a rastejar. Para

seguir em frente, ela tinha que estar disposta a afundar na lama.

— Damas primeiro.

Ela olhou para ver Wade correndo em sua direção no sentido oposto.

— O que você está fazendo aqui?

— Ouvi de um dos instrutores que você estava aqui esta manhã. Fiquei pensando que nunca tivemos a chance de terminar o percurso da última vez, então decidi me juntar a você.

Ele havia corrido a partir da linha de chegada como antes, pulando os obstáculos para encontrá-la.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Vamos ser parceiros — disse ele. — Os parceiros se apoiam.

— Você não tem que fazer isso.

— Sim, eu tenho.

Dando uma pequena sacudida na cabeça, ela entrou na trincheira; a água fria provocou um choque no seu organismo. O fundo viscoso sugou seus pés quando ela os apoiou para seguir em frente. Deu outro passo, então se abaixou sobre suas mãos e joelhos. Com o corpo meio submerso no lodo, ela rastejou.

Wade caiu ao lado dela, a água suja espirrando em seu rosto e pingando na boca. Ele cuspiu e continuou.

O corpo dela tremia de frio e fadiga quando chegaram ao outro lado e desceram. Ele sorriu para ela, os dentes totalmente brancos em contraste com a lama do rosto.

Ela emergiu da lama, mas não saiu ilesa. Estava manchada, suja, mas não sozinha. Wade tinha passado por aquilo com ela.

Nina se recompôs e forçou as pernas a correr, determinada a continuar. Após a provação, um banho seria sua recompensa. Ela esfregaria seu corpo da cabeça aos pés. E talvez se sentisse limpa novamente.

Então viu a parede à frente, bloqueando seu caminho.

A parede era seu maior desafio no percurso. Ela era baixa, com pouco mais de um metro e meio de altura. Nina era a menor em sua turma de recrutas da polícia, assim como na turma de estagiários do FBI. Seu tamanho sempre tinha sido um revés contra o qual ela aprendera a lutar e a compensar de outras maneiras.

Apesar de todo o seu treinamento, toda a sua habilidade, Falk quase a havia massacrado. Ela não poderia tê-lo dominado. Apenas o pensamento rápido a havia salvado.

Ela considerou o obstáculo adiante.

— Você vai ficar aí e olhar para ele a manhã toda?

Ela se virou para ver Kent vários metros atrás dela, alcançando-os a toda velocidade. Com a experiência de Kent nas Forças Especiais, ela imaginou que ele poderia fazer o percurso duas vezes no tempo que ela levava para completá-lo uma vez.

Ela se virou de frente para Wade.

— Você convidou toda a maldita unidade?

Ele não parecia nem remotamente querer pedir desculpas.

— Posso ter enviado uma mensagem ou duas.

Nina revirou os olhos e voltou sua atenção para a parede, sem responder a Kent. Ela tirou os dois homens de sua mente e pulou. Seus dedos agarraram o topo da barreira, mas deslizaram logo em seguida. Ela caiu com tudo de bunda no chão.

— Você consegue — disse Kent, sorrindo para ela. — Da próxima vez, volte e comece a correr, coloque o pé na parede e lance seu corpo para cima. Deixe eu lhe mostrar. — Ele trotou em direção à barreira e saltou, plantando um pé na lateral para impulsionar seu corpo para cima. Suas mãos seguraram o topo, e ele flexionou os braços poderosos enquanto puxava a parte superior

do corpo. Suas pernas o seguiram, e, em um movimento fluido, ele desapareceu do outro lado.

Ele deu a volta e gesticulou em direção à barreira.

— É tudo uma questão de técnica.

— Ter um metro e oitenta e quatro também não faz mal a ninguém — disse ela.

— Vamos, Guerrera — disse Kent. — Mostre do que você é capaz.

Ela ficou feia. Ela correu em direção à parede, plantou o pé e conseguiu segurar bem no topo desta vez. Ela ergueu o corpo e jogou um braço por cima, lutando para não cair para trás.

Nina sentiu a barreira tremer e, de repente, Kent estava pendurado ao lado dela, segurando-se em uma posição de flexão de braços para que pudesse treiná-la a alguns centímetros de distância.

— Use os pés.

Ela chutou a parede com os tênis até que as pontas de borracha ficassem firmes o suficiente para impulsioná-la mais alto. Com os músculos queimando, conseguiu se erguer apenas o suficiente para levantar a parte superior do corpo. Depois disso, usou a gravidade para terminar o trabalho.

Caiu pesadamente do outro lado. Um segundo depois, Kent caiu ao lado dela. Wade veio em seguida.

Faltavam apenas alguns obstáculos. Eles continuaram o percurso. Enquanto Wade e Kent conversavam, ela economizava o fôlego para o desafio seguinte.

O cabelo vermelho brilhante de Breck se destacava enquanto ela vinha correndo na direção deles. Era óbvio que ela vinha do final do percurso, como Wade.

Nina olhou para seu novo parceiro.

— Sério, Wade?

— Que bom que você apareceu nos últimos três quilômetros! — Wade gritou para Breck de longe, em

tom provocador.

Ignorando a farpa, Breck andou até o lado de Nina, acompanhando seu passo.

— Como está minha garota?

Ela devia estar parecendo como um caso de caridade naquele momento da corrida. Cada músculo de seu corpo gritava para ela parar. Estava machucada, dolorida e exausta.

— Eu me sinto ótima.

Breck lançou-lhe um olhar duvidoso.

— Docinho, você está com uma cara péssima.

Wade desferiu uma litania de observações.

— Você está favorecendo a perna esquerda, estremece toda vez que usa o braço direito e está ofegante.

— Não importa — disse ela. — Vou terminar.

— E estamos com você por todo o caminho — disse Kent.

Ela percebeu que eles precisavam que ela aceitasse sua ajuda. Se ia fazer parte dessa unidade *ad hoc*, teria que mudar sua maneira de fazer as coisas. Ao longo dos anos, ela aprendera a não depender de ninguém além de si mesma. Outros a haviam decepcionado muitas vezes. Agora ela tinha que descobrir como fazer parte de uma equipe.

Considerou as três pessoas que a cercavam enquanto se aproximavam do final do percurso. Um novo sentimento que não conseguia identificar surgiu nela, renovando suas forças. Juntos, todos eles iam conseguir. Quando cruzaram a linha de chegada, ela percebeu qual era a sensação.

Confiança.

Ela pensou no que o juiz tinha dito a ela em sua audiência de emancipação todos aqueles anos antes. A

audiência que não só havia mudado seu nome, mas a trajetória de sua vida.

As circunstâncias a tornaram muito independente em tenra idade, srta. Esperanza. Mas permita que os outros a ajudem quando for preciso. Lembre-se disso.

Ela havia se lembrado das suas palavras, mas só agora finalmente entendia o que o juiz estava tentando dizer. A mesma lição que aprendera na Estrada de Tijolinhos Amarelos.

Nina havia se tornado uma guerreira que não precisava mais lutar suas batalhas sozinha.



AGRADECIMENTOS

Meu marido, Mike, tem me apoiado incondicionalmente em todos os meus esforços. O melhor parceiro e amigo que alguém poderia querer, ele é minha rocha.

Para o meu filho, Max, que todos os dias me mostra o mundo através dos olhos de uma criança. Como sou abençoada.

À minha família, seja por laços de sangue ou de amizade, sou eternamente grata pela compreensão e paciência ao longo dos anos.

À minha agente, Liza Fleissig, que compartilha minha visão e faz milagres acontecerem. Seus conselhos, apoio e excelente profissionalismo me ajudaram a superar muitos obstáculos inesperados na estrada. E tem havido alguns obstáculos...

À minha outra agente, Ginger Harris-Dontzin, cujos olhos perspicazes e mente igualmente perspicaz têm sido tremendamente úteis à medida que ideias rudimentares lutam para tomar forma.

Aos homens e às mulheres do FBI, que se dedicam a defender seu lema: "Fidelidade, Bravura, Integridade". Um agradecimento especial para a Diretora Adjunta Jana Monroe, Agente Especial da Reserva John Iannarelli e Agente Especial da Reserva Jerri Williams.

À Megha Parekh, minha editora de aquisição na Thomas & Mercer, por sua orientação em todas as partes

do processo. Sinto-me grata e abençoada por seu apoio e vontade de dar uma chance a uma nova voz.

Minha editora de desenvolvimento, Charlotte Herscher, que emprestou seu grande talento para tornar esta história melhor. Suas observações incisivas e seu olhar atento aos detalhes foram inestimáveis.

À incrível equipe de profissionais de marketing, edição e arte da Thomas & Mercer, sou incrivelmente abençoada por ter profissionais tão talentosos ao meu lado.